Programa de Pós-Graduação em

LINGUÍSTICA

ANÁLISE COGNITIVO-FUNCIONAL DA IRONIA CONSTRUCIONAL [SÓ QUE X_{ADV}] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPRESSÃO DE PONTO DE VISTA POR MEIO DE IRONIA

São Carlos
2026

Daniel William Ferreira de Camargo

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE COGNITIVO-FUNCIONAL DA IRONIA CONSTRUCIONAL [SÓ QUE X_{ADV}] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EXPRESSÃO DE PONTO DE VISTA POR MEIO DE IRONIA

Daniel William Ferreira de Camargo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profª. Drª. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

São Carlos/SP
2026

Camargo, Daniel William Ferreira de

Análise cognitivo-funcional da ironia construcional [só que XAdv] no português brasileiro: expressão de ponto de vista por meio de ironia / Daniel William Ferreira de Camargo -- 2026.
189f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
Banca Examinadora: Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, Cássio Florêncio Rubio, Renato Miguel Basso, Diogo Oliveira Ramires Pinheiro, Marcelo Módolo
Bibliografia

1. Gramática de construções. 2. Ironia construcional. 3. Perspectivação. I. Camargo, Daniel William Ferreira de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

UFSCar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado do(a) candidato(a) Daniel William Ferreira de Camargo, realizada em 29/05/2026.

Comissão Julgadora:

Prof(a). Dr(a). Flavia Bezerra de Menezes Hirata Vale (UFSCar)

Prof(a). Dr(a). Cássio Florêncio Rubio (UFSCar)

Prof(a). Dr(a) Renato Miguel Basso (UFSCar)

Prof(a). Dr(a). Diogo Oliveira Ramires Pinheiro (UFRJ)

Prof(a). Dr(a). Marcelo Módolo (USP)

O Relatório de Defesa produzido pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação.

Aos meus pais, Nair e William, cheiro de brisa a mais fresca, abraço de calor o mais quente, palavra de significado o mais rico, gosto de café com bolo de cenoura o mais saboroso, olhar de mergulho o mais imperscrutável, e sincero, e desinteressado – enfim, colo de amor o mais puro, e doce, e sempiterno.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus único, meu refúgio e fortaleza, socorro sempre bem presente, que tem escrito, com amor, graça e misericórdia sobejantes, cada uma das linhas da minha narrativa chamada vida.

À minha família, sobretudo aos meus pais, William e Nair, e ao meu irmão, Murillo, com quem estarei sempre em falta na integridade, no incentivo, no desvelo e no amor, porque copiosos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, que, desde a Iniciação Científica até o Doutorado, é a responsável pela minha feliz incursão científica, tendo-me ensinado, com paciência e generosidade, não só o bê-á-bá como também tudo o mais do fazer pesquisa linguística.

Aos professores Cássio Florêncio Rubio, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; Diogo Pinheiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Marcelo Módolo, da Universidade de São Paulo – USP; e Renato Miguel Basso, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, os quais, na condição de membros titulares desta banca, aquiesceram, com olhar atento e crítico, mas generosamente humano, em compô-la.

Às professoras Joceli Catarina Stassi-Sé, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar; e Taísa Peres de Oliveira, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, as quais, na condição de membros suplentes desta banca, aquiesceram, também com olhar atento e crítico, mas generosamente humano, em compô-la.

Aos professores Alexander Bergs, da Universidade de Osnabrück; Claudia Lehmann, da Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt; Lieven Vandelanotte, da Universidade de Namur; e Vera Tobin, da Case Western Reserve University, com os quais, muito mais do que *e-mails*, troquei experiências e conhecimentos que contribuíram para redundar no refinamento deste estudo.

À Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, instituição que é não apenas a construtora de toda a minha formação acadêmica mas também a eterna “pequena notável”, já nada pequena, a conquistar, dia após dia, ainda mais reconhecimento e destaque.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – IFSULDEMINAS, mais especialmente ao Câmpus Muzambinho, que me realiza tanto profissionalmente, ao conceder-me a honra de compor seu quadro docente, quanto academicamente, ao ter-me incentivado à continuidade da minha qualificação por meio de afastamento integral.

Ao Grupo de Estudos Sociofuncionalistas – Gesf, que, integrando pesquisadores de diferentes e grandes universidades, constitui rico espaço de aprendizagem nos estudos linguísticos através da troca regular de experiências.

A todos os meus companheiros de percurso, que comigo partilharam o turbilhão de gozos, exigências e prazos da pós-graduação.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, dentro ou fora da academia, contribuíram para o meu amadurecimento pessoal, intelectual e profissional.

“Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito, a influência do povo é decisiva.”

Machado de Assis

RESUMO

Neste trabalho, investiga-se, com base em fatores tanto formais quanto funcionais, a ironia como marcador de ponto de vista no âmbito de [só que X_{Adv}] na perspectiva da Linguística Cognitiva, mais especificamente segundo o paradigma da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006). Graças às propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade, de Traugott e Trousdale (2013), caracterizamos [só que X_{Adv}] no que concerne à sua forma e à sua função e, à luz de Lehmann e Bergs (2021), afirmamos seu estatuto de ironia construcional, cuja interpretação irônica, uma vez enraizada no imaginário coletivo, é instantaneamente reconhecida. Ademais, em virtude da ironia inerentemente presente no esquema, a construção mostra-se um caso prototípico de perspectivação, com base na Teoria do Ponto de Vista (Tobin; Israel, 2012). Para tanto, adotando uma metodologia que, com dados sincrônicos e qualitativos, contempla o uso real do português brasileiro contemporâneo, fazemos uso das microamostras NOW e Web/Dialetos d'O Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2016) em duas grandes rodadas de busca. Nesse sentido, através da etiqueta *só que ADV* e do filtro *Brasil*, nossos achados revelam tratar-se de construção (i) mais esquemática, porque atestamos não apenas *só que não*, *só que nunca* e *só que sim* mas também variações com algum tipo de intensificador/reforçador ou modalizador e *só que jamais*; (ii) mais produtiva, porque, para além da diversidade de advérbios possíveis no *slot* X, combinações como *só que infelizmente não*, com modalizador de valor avaliativo, manifestam a capacidade do esquema de continuar licenciando instâncias; e (iii) menos composicional, porque a soma das várias partes que compõem as construções instanciadas pelo esquema em questão não é suficiente para que se estabeleça seu real sentido. Acrescente-se que [só que X_{Adv}] configura uma ironia construcional, visto que envolve estrutura formal esquemática, associação convencional com efeito irônico e desvio interpretativo em relação ao sentido literal. Nota-se também, no que diz respeito à realização discursiva, uma escalaridade de negação, que vai da mais modulada à mais categórica e obedece à seguinte gradação: *só que talvez não < só que não = só que também não < só que não mesmo < só que nunca = só que jamais*. Por fim, elucida-se mudança de perspectiva operada pela ironia presente na construção, que consiste na passagem de um nível inferior, correspondente ao semântico, a um nível superior, relativo ao pragmático. Tal perspectivação, entretanto, é diferente da demonstrada por Tobin e Israel (2012) e dá-se, justamente por constituir uma ironia construcional, de modo direto e automatizado, sem que seja necessário esforço inferencial extra do interlocutor, conforme Lehmann e Bergs (2021). Esperamos, assim, contribuir para o enriquecimento dos estudos linguísticos no português escrito de variação brasileira, na medida em que, ao investigar e documentar uma construção estabelecida em diferentes registros e contextos, tencionamos revelar a ironia como um componente sofisticado da comunicação cotidiana, já que extravasa o sentido previsível ao "dissimular" efeitos literários, retóricos e sociais, e, por isso mesmo, como uma ferramenta essencial para formar e expressar pontos de vista.

Palavras-chave: Cognitivismo; Gramática de Construções; Só que X; Ironia construcional; Perspectivação.

ABSTRACT

The present study investigates, based on both formal and functional factors, irony as a marker of viewpoint in the construction [só que X_{Adv}] within the framework of Cognitive Linguistics, more specifically according to the Construction Grammar paradigm (Goldberg, 1995, 2006). By applying the properties of schematicity, productivity, and compositionality, proposed by Traugott and Trousdale (2013), this work characterizes [só que X_{Adv}] with respect to its form and function. Moreover, drawing on the insights of Lehmann and Bergs (2021), it asserts its status as a construction irony, whose ironic interpretation, once embedded in the collective imagination, is immediately recognized. Furthermore, owing to the inherent irony in [só que X_{Adv}], this construction emerges as a prototypical case of perspectivization, based on the Theory of Viewpoint (Tobin; Israel, 2012). To that end, adopting a methodology that, with synchronic and qualitative data, accounts for that actual use of contemporary Brazilian Portuguese, we make use of O Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2016), specifically the NOW and Web/Dialects subcorpora, and conduct two search rounds. In this context, using the tag *só que ADV* and the *Brazil* filter, the findings indicate that the construction is (i) more schematic, evidenced not only by the presence of constructions such *só que não*, *só que nunca*, and *só que sim*, but by *só que jamais*, along with variations incorporating some type of intensifier/reinforce or modalizer; (ii) more productive, since, beyond the diversity of adverbs that may fill the slot X, combinations such as *só que infelizmente não*, with an evaluative modalizer, reveal the schema's capacity to continue licensing new instances; and (iii) less compositional, as the mere sum of the parts constituting the constructions instantiated by the relevant schema is insufficient to establish their full meaning. Moreover, [só que X_{Adv}] should be analyzed as a constructional irony, insofar as it involves a schematic formal structure, a conventionalized association with an ironic effect, and an interpretive shift away from literal meaning. From a discursive standpoint, the construction also exhibits a scalar pattern of negation, ranging from more mitigated to more categorical forms, in the following gradation: *só que talvez não* < *só que não* = *só que também não* < *só que não mesmo* < *só que nunca* = *só que jamais*. Finally, the analysis highlights the perspectival shift brought about by the irony encoded in the schema, which involves a movement from a lower semantic level to a higher pragmatic one. However, such perspectivization, unlike what is elucidated by Tobin and Israel (2012), occurs automatically, requiring no extra inferential effort on the part of the interlocutor, since it constitutes a case of constructional irony, as proposed by Lehmann and Bergs (2021). Thus, this study aims to contribute to the advancement of linguistic studies in written Brazilian Portuguese variation, insofar as, by investigating and documenting a construction that has become established across different registers and contexts, it seeks to reveal irony as a sophisticated component of everyday communication. This is because it exceeds predictable meaning by dissimulating literary, rhetorical, and social effects and, therefore, functions as an essential tool for shaping and expressing viewpoints.

Keywords: Cognitivism; Construction Grammar; Só que X; Construction irony; Perspectivization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de estrutura simbólica de uma construção 30
Figura 2 – Definições acerca do vocábulo *ironia* 47
Figura 3 – Modelo construcional de "Tell me about it" 65
Figura 4 – Meme "Ninguém nunca disse" 68
Figura 5 – Pronome pessoal *eu* 70
Figura 6 – Esquematização de piada segundo a Teoria da Mesclagem Conceptual 81
Figura 7 – Esquema genérico da mesclagem conceptual 82
Figura 8 – Esquema básico da ironia 87
Figura 9 – Conceptualização de "Que dia bonito!" – DB 88
Figura 10 – Interface do usuário n'O Corpus do Português 93
Figura 11 – Extrato parcial de busca de *só que ADV* no NOW 94
Figura 12 – Extrato da entrada *só que pela* 95
Figura 13 – Ocorrência de *só que né* 101
Figura 14 – Ocorrência no texto-fonte 101
Figura 15 – Extrato parcial de busca de *só que ADV* no Web/Dialetos 104
Figura 16 – Níveis de esquematicidade: versão inicial 119
Figura 17 – Extrato completo de *mas né* na microamostra NOW 121
Figura 18 – Extrato completo de *porque né* na microamostra NOW 123
Figura 19 – Extrato parcial de *mas né* na microamostra Web/Dialetos 123
Figura 20 – Extrato parcial de *porque né* na microamostra Web/Dialetos 123
Figura 21 – Extrato parcial de *mas só que* na microamostra Web/Dialetos 125
Figura 22 – Níveis de esquematicidade: versão intermediária 132
Figura 23 – Níveis de esquematicidade: versão final 140
Figura 24 – Frequência de *nunca jamais* na microamostra NOW 149
Figura 25 – Frequência de *jamais nunca* na microamostra NOW 149
Figura 26 – Frequência de *nunca jamais* na microamostra Web/Dialetos 150
Figura 27 – Frequência de *jamais nunca* na microamostra Web/Dialetos 150
Figura 28 – Escalaridade de negação das ironias construcionais [só que X_{Adv}] 151
Figura 29 – Relação entre negação e ironia 152
Figura 30 – Esquema da integração conceptual de (23) 156
Figura 31 – Representação de afastamento de foco e adoção de perspectiva de nível mais alto em (23) 158

Figura 32 – Conceptualização de (23) com base na luz da Teoria do Ponto de Vista 162
Figura 33 – Configuração da ironia construcional *só que nunca* 162
Figura 34 – Esquematização das ironias construcionais de contraexpectativa com valor negativo 163
Figura 35 – Esquema da integração conceptual de (6)..... 164
Figura 36 – Configuração da ironia construcional de contraexpectativa com valor positivo.....165

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dimensões das construções 31
Quadro 2 – Amostra de ocorrências de *só que não* 96
Quadro 3 – Ocorrências particulares: *só que não mesmo, só que não, né?* e *mas só que não* 100
Quadro 4 – Ocorrências de *só que nunca* 102
Quadro 5 – Ocorrências de *só que sim* 103
Quadro 6 – Outros casos do esquema *só que não* 104
Quadro 7 – Ocorrências de *só que né* 106
Quadro 8 – Outras ocorrências de *só que nunca* 108
Quadro 9 – Ocorrência de nova microconstrução: *só que jamais* 110
Quadro 10 – Quadro-resumo de resultados 111
Quadro 11 – Microconstrução *só que não* e suas variações: com intensificador/reforçador ou modalizador 131
Quadro 12 – Construções e respectivas funções 139
Quadro 13 – Construções com intensificador/reforçador ou modalizador 139
Quadro 14 – Construções e funções: quadro geral 145
Quadro 15 – Classificação de *só que não mesmo, só que também não* e *só que talvez não* em relação a *só que não* quanto à força de negação 147
Quadro 16 – Classificação de *só que nunca* e *só que jamais* em relação às demais ironias construcionais quanto à força de negação 148
Quadro 17 – Síntese das teorias mais influentes de ironia 154
Quadro 18 – Divergências epistemológicas entre Tobin e Israel (2012) e Lehmann e Bergs (2021) 160

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência de *só que* X_{Adv} 130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 18

1.1 Linguística Cognitiva – LC 18

1.1.1 Contextualização 18

1.1.2 Principais modelos de significação 21

1.1.3 Definição 23

1.2 Gramática de Construções – GC 24

1.2.1 Contextualização 24

1.2.2 Definição 28

1.2.2.1 Processos de mudança linguística 32

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO [SÓ QUE X_{ADV}] 37

2.1 Do operador de foco *só que* 37

2.2 Da construção [só que X_{Adv}] 38

CAPÍTULO 3

IRONIA 45

3.1 Definição 45

3.1.1 Da tradição 45

3.1.2 Da pragmática 48

3.1.3 Afinal, o que é ironia? 56

3.2 Ironia construcional 59

3.2.1 Abordagens de orientação cognitiva 61

CAPÍTULO 4

PONTO DE VISTA & PERSPECTIVA 67

4.1 A multimodalidade da perspectiva 67

4.1.1 Do meme e da piada: textos de estrutura sintética 67

4.1.2 Dos textos narrativos (não) ficcionais: robustez de estrutura 72

4.2 Afinal, o que é perspectiva? 76
4.3 Teoria dos Espaços Mentais 79
4.3.1 Caracterização 79
4.3.2 Ironia como fenômeno de ponto de vista 84

CAPÍTULO 5
METODOLOGIA 92
5.1 Passo a passo metodológico 92
5.2 Resultados obtidos 96
5.2.1 Microamostra NOW 96
5.2.2 Microamostra Web/Dialetos 103
5.2.3 Resultados efetivos 111

CAPÍTULO 6
ANÁLISE 112
6.1 Dos pontos de vista formal e funcional 112
6.1.1 Propriedade de esquematicidade 112
6.1.1.1 Rede construcional: versão inicial 118
6.1.2 Propriedade de produtividade 119
6.1.2.1 Rede construcional: versão intermediária 129
6.1.3 Propriedade de composicionalidade 132
6.1.3.1 Rede construcional: versão final 138
6.2 A ironia construcional [só que X_{Adv}] 141
6.2.1 Graus de intensidade de negação da ironia construcional [só que X_{Adv}] 144
6.3 A ironia construcional como fenômeno de ponto de vista 153
6.3.1 Perspectivação de [só que X_{Adv}] com valor negativo 153
6.3.2 Perspectivação de [só que X_{Adv}] com valor positivo 163

CAPÍTULO 7
CONSIDERAÇÕES FINAIS 167
7.1 Síntese dos achados 167

REFERÊNCIAS 170

APÊNDICE A – Extrato completo de busca de *só que ADV* no NOW 180
APÊNDICE B – Extrato completo de busca de *só que ADV* no Web/Dialetos 182

INTRODUÇÃO

São diversos os trabalhos que propõem investigar e descrever as escolhas no âmbito de uma língua. No caso do português, o cenário não é outro. Para satisfazer as diferentes situações comunicativas advindas das inúmeras, simultâneas, incessantes e cotidianas interações ininterruptamente travadas pelo falante, alguns usos perdem força, ao passo que outros se firmam e outros mais emergem, o que constitui a dinâmica própria de uma língua viva.

Desse incontável inventário de usos, destacamos *só que não*. Sua natureza se constitui de traços tão particulares, entre os quais o da articulação, o da negação/reiteração e o da ironia, que podemos, com isso, exemplificar a força criadora partilhada pela língua e pelo falante.

Observemos ocorrência bastante prototípica:

> (1) Barato, **só que não**
> Primeiramente, o valor cobrado pela Fiat vale para a carroceria de duas portas sem nenhum opcional. Ou seja, sem ar-condicionado, travas elétricas ou direção hidráulica. Quer todos esses itens e as portas traseiras? Aí o preço já passa dos R$ 30 mil. O carro das fotos, completo inclusive com rodas de liga leve e rádio com entrada USB custa R$ 31.793. Um Uno Vivace com a mesma configuração custa R$ 33.477 (70, https://www.icarros.com.br/noticias/testes-e-comparativos/fiat-palio-fire:-preco-nao-e-tudo/16186.html, 2014, grifo nosso).

Nesse exemplo, faz-se, inicialmente, uma afirmação positiva ("Barato"), logo depois revertida pela construção "só que não". O efeito irônico decorre justamente dessa negação abrupta e da ausência posterior de conteúdo explicativo explícito, o que leva o interlocutor a, de maneira inferencial, reconstruir o sentido contrário da afirmação inicial.

Na verdade, de forma condensada, a construção recupera um conteúdo verbal anteriormente expresso no texto, sem precisar repeti-lo integralmente. Tal fenômeno, aqui referido como encapsulamento, envolve o verbo/locução verbal da porção textual anterior ou, na ausência de marcação verbal, como é o caso aqui, de formas genéricas como *ser* e *estar*:

> (1) [É/Está] Barato, **só que não** [é/está]

Portanto, a afirmação de que "[é/está] barato" é refutada ironicamente por meio do encapsulamento do mesmo verbo *ser*, na terceira pessoa do presente do indicativo – o que seria equivalente semanticamente a uma afirmação como "Não é/está barato". Consegue-se, então, um efeito de sentido um tanto peculiar, uma vez que, ao mesmo tempo que se suaviza a negação, fazendo-a, de acordo com Barbee (1995 *apud* Attardo, 2000), soar polida, ela é reforçada, enfatizando-se a mensagem.

Nesse sentido, Camargo (2017), que procedeu a uma investigação funcional da construção, considerando fatores semânticos, sintáticos, pragmáticos e discursivo-textuais, faz as seguintes asseverações:

> Partindo do pressuposto de que a construção esteja se gramaticalizando [...], analisamos nossos dados balizando-nos por critérios que julgamos suficientes para nos permitir confirmar ou não o estatuto da expressão. Assim, constatamos se tratar de construção com posição fixa na sentença e de natureza formulaica, já que ela deixa de fazer sentido quando se desconsidera alguma de suas partes. Além disso, todas as ocorrências coletadas demonstraram a quebra de expectativas que *só que não* é capaz de operar, ao invalidar sempre a afirmação ou porção textual imediatamente anteriores. [...]. Ademais, quase metade das ocorrências obtidas está associada a gêneros textuais como a coluna, o artigo de opinião e o editorial – de origem jornalística –, o que nos mostra a aderência da expressão a ambientes também mais formais. Vale dizer que, a princípio, imaginávamos que a construção em estudo se restringiria a um uso muito coloquial, informal – suposição que caiu por terra quando percebemos seu emprego em contextos como jornais e revistas de prestígio (Camargo, 2017, p. 111).

No entanto, é sobre a ironia intrínseca à construção, o que faz dela uma ironia construcional à luz de Lehmann e Bergs (2021), que gostaríamos de jogar luz neste momento. A esse respeito, Camargo (2017) diz o seguinte:

> Outro aspecto importante é o fato de a ironia ser componente intrínseco à construção. Em outros termos, a ironia, em todos os casos, provoca o encapsulamento promovido por *só que não*, que, implicitamente, retoma apenas o verbo da primeira porção textual ou formas como *ser* e *estar*, que são genéricas (Camargo, 2017, p. 111).

Fica-nos clara, então, a completude de uma construção como essa: além de estabelecer relação de contraste por quebra de expectativas, ela veicula ironia por natureza e, justamente graças ao componente irônico, conduz a argumentação. Em outras palavras, nota-se que a construção *só que não* refuta uma proposição anterior e, simultaneamente, confere caráter irônico ao enunciado.

Ainda nesse aspecto, conforme Camargo (2017), existem pesquisas linguísticas que já se puseram a investigar aspectos não só da construção *só que não* mas também de *só que nunca* e de *só que sim*, como a de Gervasio (2016), cuja dissertação de mestrado se baseia no panorama da Linguística Cognitiva e tem como objetivo explicar, por meio da mesclagem conceptual, o processo de construção de sentido com *corpus* constituído de postagens extraídas da rede social *Facebook*, uma vez que,

> ao estudarmos dados advindos de interações que se dão em um ambiente virtual, somos incitados a compreender que a mudança linguística implementada pelo internetês #SQX [*só que não*, *só que sim* e *só que nunca*] [...] é, de um modo geral, decorrente da necessidade de emergência de novos pareamentos de forma-sentido – construções –, com vistas a novas formas de dizer, de se expressar (Gervasio, 2016, p. 90).

Nesse âmbito, são exemplos:

> (2) Parabens vc esta no Facebook e seus pais estão orgulhosos de você voce tem. Muito valor sabia **soquenunca** (Gervasio, 2016, p. 77, grifo do autor).
>
> (3) Nooooossa! Que sonho! É sonhar demais?! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk... **SoQueSim** Cada um tem sua mania, seus gostos, suas vontades e seus prazeres. A vida ja é tão difícil... maquiagens e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita...e amo maquiar. Posso fazer disso profissão. Então, vou continuar postando essas maravilhas lindas...pq nós merecemos sonhar e ficarmos lindas e vaidosas (Gervasio, 2016, p. 71).

Assim, apesar das diferentes implicações semântico-pragmáticas provocadas pelas construções em questão, é consensual a percepção de um modo de dizer irônico. Todos os casos aqui apresentados são claramente irônicos, de (1) a (3). No entanto, a depender da situação comunicativa, tal intenção pode soar mais ou menos explícita – mecanismos como o exagero, o eufemismo e a inadequação contextual podem cumprir com a função de revelar ou não o sentido irônico impresso a uma declaração.

Portanto, cognitivamente, em qualquer que seja a interação, a ironia implicará a constituição de um ponto de vista sempre diferente daquele que se estabeleceria em um contexto desprovido de traços irônicos em algum grau. Em outros termos, o modo como determinado enunciado é processado e decodificado pelo interlocutor demonstra estar associado ao fenômeno da ironia, razão pela qual podemos dizer que ela é responsável por uma mudança de perspectiva: avaliar uma ironia envolve "uma construção mista dinâmica de um evento a partir de dois pontos de vista distintos" (Tobin; Israel, 2012, p. 31)[1].

Além disso, para uma construção fazer sentido, é preciso interpretar os sinais que compõem os enunciados com relação à interação social: o sentido se constrói não em si mesmo, mas sempre para alguém. Dessa maneira, fazer sentido envolve assumir um papel e uma perspectiva; afinal, trata-se de interpretar relações no mundo, produzindo-se um conhecimento social (Chiavegatto, 2009).

A título de exemplificação, considerando os mesmos casos de (1) a (3), se fossem veiculados sem as construções *só que não*, *só que sim* e *só que nunca* respectivamente, o entendimento, que chamamos também de ponto de vista, seria distinto, no sentido de tomar

[1] No original: "[...] a dynamic blended construal of an event from two distinct viewpoints".

direção contrária ou no de faltar-lhe ênfase, pois não haveria ironia a conduzir os processos cognitivos de decodificação, como se vê a seguir:

> (1a) Barato, ~~**só que não** [é/está]~~.
>
> (2a) Parabens vc esta no Facebook e seus pais estão orgulhosos de você voce tem. Muito valor sabia ~~**soquenunca [tem]**~~.
>
> (3a) Noooooossa! Que sonho! É sonhar demais?! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk... ~~**SoQueSim [é]**~~ Cada um tem sua mania, seus gostos, suas vontades e seus prazeres. A vida ja é tão difícil... maquiagens e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita...e amo maquiar. Posso fazer disso profissão. Então, vou continuar postando essas maravilhas lindas...pq nós merecemos sonhar e ficarmos lindas e vaidosas.

Para tanto, escolhemos recorrer aos pressupostos da Linguística Cognitiva, consoante a qual esse tipo de comportamento expresso pelas ironias construcionais *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*, a partir de então referidas como [só que X_{Adv}][2], marca um ponto de vista pelo qual o falante espera que o interlocutor o compreenda.

Na verdade, pretendemos acrescentar à investigação morfossintática empreendida por Camargo (2017) uma camada de análise – possível, neste caso, por meio da Gramática de Construções, herdeira da Linguística Cognitiva, com vistas ao pareamento forma-função. A esse respeito, analisam-se qualitativamente ocorrências sincrônicas de [só que X_{Adv}] em *corpus* contemporâneo do português brasileiro.

Sustenta-se, dessa maneira, a hipótese de que a construção [só que X_{Adv}] exerça o papel de indicador de um ponto de vista irônico. Nesse âmbito, nosso objetivo geral consiste em estabelecer uma rede de construções a qual marque um ponto de vista irônico do falante no que se refere ao conteúdo expresso no enunciado, por meio dos seguintes objetivos específicos:

---

[2] É inegável a ação de [só que X_{Adv}], refutando ou reiterando, sempre sobre um conteúdo anterior, mas postulamos que o caráter irônico é inerente à construção, e não na relação entre ela e tal conteúdo. Assim, a qualquer que seja o tipo de antecedente a que a construção estiver adjungida, seja uma propriedade, seja um evento, seja uma proposição, seja uma ilocução, seja um conteúdo multimodal, [só que X_{Adv}] será responsável por conferir ironia, uma vez que apresenta valor semântico-pragmático já estabelecido, independentemente do preenchimento contextual. Por isso, neste estudo, consideramos como construção apenas [só que X_{Adv}], embora fosse possível uma abordagem em que o conteúdo sobre o qual opera fosse interpretado como *slot*. A bem da verdade, optamos por não levar em conta explicitamente o antecedente sobre o qual [só que X_{Adv}] incide em sua representação esquemática, porque parece ser uma prática, no âmbito da comunidade construcionalista, esse tipo de omissão. Um exemplo seriam os trabalhos que investigam construções parentéticas. Apesar de os parentéticos serem também relacionais, não é comum vermos a inclusão do contexto a eles associado em sua representação. Trata-se, em suma, de um recorte de objeto.

i) caracterizar [só que X_{Adv}] no que se refere tanto à forma quanto à função, tendo em vista as propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade;

ii) buscar evidências do estatuto de ironia construcional de [só que X_{Adv}] e afirmá-lo como tal;

iii) demonstrar a ironia como gatilho para a mudança de perspectiva verificada em [só que X_{Adv}].

Assim, com base na construção [só que X_{Adv}], tencionamos atestar a ironia como marcador de ponto de vista irônico, "para mostrar por que a ironia é difícil, é inquietante, tem uma vítima e está sujeita à proliferação em determinado tipo de discurso" (Tobin; Israel, 2012, p. 44)[3]. Mais do que isso, precisamente "porque a ironia é escorregadia e produtiva, é possível construir ironias em que pontos de vista proliferam, algumas vezes de maneira ambígua ou desestabilizadora"[4] (Tobin, 2020, p. 247 e 248).

Desse modo, para além de descrever fenômenos, temos a oportunidade de elucidá-los a partir de um corpo de conceitos que nos permita entender o funcionamento da língua.

Esta tese, pois, discorre, no **Capítulo 1. Fundamentação**, sobre Linguística Cognitiva e Gramática de Construções, com vistas a assentar o alicerce da pesquisa. O **Capítulo 2. Construção [só que X_{Adv}]** apresenta as idiossincrasias da construção em questão como objeto de estudo. No **Capítulo 3. Ironia**, por sua vez, tecem-se considerações a respeito da diversidade, da complexidade e da conceituação da ironia nas suas múltiplas manifestações, dado se tratar de uma das grandes características da construção em estudo, e expõe-se o conceito de ironia construcional. Em seguida, o **Capítulo 4. Ponto de Vista & Perspectiva** estabelece a ironia como fenômeno de ponto de vista e perspectiva a partir de [só que X_{Adv}] – abordagem adotada como categoria de análise. Por seu turno, no **Capítulo 5. Metodologia**, trata-se dos princípios metodológicos regentes do tratamento dos dados e dos dados obtidos por meio d'O Corpus do Português. No **Capítulo 6. Análise**, investigam-se, qualitativa e sincronicamente, as ocorrências coletadas conforme os objetivos e a metodologia adotados, o que não nos impede, todavia, de, ao longo do trabalho, em outros capítulos ou seções, também discutir a natureza de algumas das construções encontradas. Por fim, o **Capítulo 7. Considerações finais** tem o caráter de sintetizar nossos achados.

---

[3] No original: "[...] to show why irony is difficult, why it is unsettling, why it typically has a victim, and why it is subject to proliferation in certain discourse contexts".

[4] No original: "Because irony is both slippery and productive, it is certainly possible to construct ironies in which viewpoints proliferate, sometimes in ambiguous or destabilizing ways".

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, não temos a pretensão de esgotar a literatura existente acerca de cada um dos tópicos que julgamos pertinente discutir. Nosso intento, a bem da verdade, é, ao tocar em determinados conceitos, reunir argumentos sólidos o suficiente para embasar esta investigação, de maneira a atribuir-lhe legitimidade.

1.1 Linguística Cognitiva – LC

1.1.1 Contextualização

Como modelo teórico, a Linguística Cognitiva – LC surge nos EUA na década de 1970 como crítica a certos aspectos do gerativismo. Um deles diz respeito à exclusão de questões interacionais do escopo da gramática gerativa[5].

Insatisfeitos com as limitações do paradigma chomskyano, sobretudo no que tange ao tratamento do significado, John Ross, Paul Postal e George Lakoff desenvolveram o que se convencionou chamar de Semântica Gerativa, pautada pela teoria semântica clássica, com vistas a incorporar o significado à análise linguística (Borges Neto, 2004).

Entretanto, também essa nova abordagem se mostrou insuficiente. Posteriormente, percebeu-se que um dos motivos pelos quais o modelo não frutificara alude, na verdade, à concepção semântica adotada, em que as representações mentais são simbólicas e adquirem significado a partir de sua relação com outros símbolos ou com a realidade externa e em que a razão independe do corpo (Ferrari, 2011).

Tendo em vista, nesse sentido, que se estava buscando conceber uma perspectiva não modular da linguagem, passaram-se a considerar estudos também vinculados a áreas ligadas à mente e ao cérebro em alguma medida, a fim de chegar a um modelo semântico-cognitivo, com a relação entre linguagem e realidade sendo mediada pela cognição. Esse novo modelo propõe, assim, que as estruturas mentais são intrinsecamente significativas, em virtude da conexão com a experiência associada ao corpo.

Nesse contexto, é válido dizer que a teoria contida em Realismo Interno (Putnam, 1981) é uma das propostas filosóficas a fundamentar o novo paradigma. Isso porque, nela, não há nem descrição objetivamente correta da realidade nem acesso privilegiado à realidade de um ponto

---

[5] A propósito do gerativismo, uma teoria modular, não só a linguagem é tida como módulo independente dos demais módulos cognitivos como também, no interior da própria linguagem, os módulos são autônomos. No entanto, uma vez parte da cognição humana (Langacker, 1987), a linguagem humana não constitui fenômeno separado de outros processos balizados na cognição.

de vista externo, o que Lakoff e Johnson (1980, 1999) chamarão, mais tarde, de Realismo Experiencialista ou Experiencialismo – perspectiva segundo a qual a experiência corporal e a experiência individual e coletiva determinam a cognição e, mais especificamente, a linguagem.

Desse modo, se, por um lado, o surgimento da LC herda discussões oriundas da Semântica Gerativa, por outro os estudos de categorização, desenvolvidos por Eleanor Rosch (1978) e por Rosch e Mervis (1975), contribuíram decisivamente para o enraizamento do novo modelo, cuja consolidação institucional ocorre entre o fim da década de 1980 e o início dos anos de 1990, com a fundação da *International Cognitive Linguistics Association*. Além de Gilles Fauconnier e Eve Sweetser (1996), com contribuições para os estudos de espaços mentais e de integração conceptual, destacam-se, no contexto norte-americano, George Lakoff (1987; 1980, com Johnson; 1989, com Turner) e Ronald Langacker (1987, 1990) e, no europeu, John R. Taylor (1995).

Assenta-se, portanto, a hipótese da mente corporificada ("corpo na mente", conforme Johnson [1987]), em que todas as chamadas faculdades cognitivas superiores – conceptualização e raciocínio – recrutariam habilidades cognitivas as quais operam na nossa experiência sensório-motora e no monitoramento de emoções. Isso implica dizer que "todo o nosso funcionamento cognitivo superior é moldado por nossas habilidades de perceber coisas, manipular objetos, mover nossos corpos no espaço e avaliar nossa situação" (Johnson, 2007, p. 11)[6]. Em outras palavras, nossa cognição é ancorada no corpo.

Ressalte-se também o forte componente cultural a compor a cognição. Nesse âmbito, Tomasello (1999, 2008) conduziu uma série de pesquisas que demonstram e atestam essa relação, cujos achados são:

- aprendizagem social por meio de transmissão deliberada e atuação pedagógica;
- imitação de ações e maneiras, de estilos de ação;
- gesticulação para informar;
- alternância de perspectiva, olhando-se para a mesma coisa ou evento sob o ângulo de outro agente;
- aumento do *ground* comum ao se comunicar, para compartilhar com outros e construir um conjunto de coisas comumente conhecidas;
- consciência de grupo (sentimento de pertencimento e interdependência);
- cultura cumulativa.

[6] No original: "It sees meaning and all our higher functioning as growing out of and shaped by our abilities to perceive things, manipulate objects, movie our body in space, and evaluate our situation".

Dessa maneira, tais processos evidenciam como a linguagem se mostra indissociável de outros aspectos do pensamento, sendo produto da interação entre as faculdades mentais e o contexto ou, em outros termos, sendo resultado da interação entre cognição (mente) e experiência (percepção).

Logo, a cognição é tanto não modular, justamente porque não há distinção entre faculdades mentais – o que há é um bloco único agindo de maneira integrada –, quanto corporificada, porque não existe cognição dissociada de corpo. Em decorrência disso, a significação, que é a atribuição de sentido à realidade, é coletiva, uma vez que é produzida sempre em interação com o mundo, e também moldável, no sentido de ser suscetível não só às intenções mas também às escolhas efetivas do falante:

> Partindo-se da ideia de que as estruturas linguísticas não são rígidas, mas maleáveis, que se amoldam continuamente às necessidades localizadas de expressão e comunicação, considera-se que o significado dos enunciados é: 1o. guiado pelas formas linguísticas; 2o. uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem; e 3o. validado no contexto comunicativo (Chiavegatto, 2009, p. 81).

Nesse âmbito, a língua constitui instrumento de expressão de pensamentos e de interação com o mundo, haja vista a gramática, ancorada em conhecimentos, passar a ser considerada um conjunto de princípios gerais e processuais, e não mais regras que operam sobre palavras e sentenças (Chiavegatto, 2009).

Em tempo, já estabelecida a noção de que, para o cognitivismo, a interação com o mundo se dá por meio de estruturas mentais, sendo a linguagem um dos seus vários meios de conhecimento, destaque-se uma capacidade cognitiva fundamental: categorização – processo pelo qual identificamos, classificamos e nomeamos diferentes entidades pertencentes a uma mesma categoria.

Tal capacidade, tendo em vista a imensa diversidade de entidades constitutivas do mundo, se assenta sobre protótipos, que são representações mentais dessas mesmas entidades, de onde emerge o que conhecemos como esquemas imagéticos (Lakoff, 1987; Lakoff; Johnson, 1987, 1990) ou como padrões esquemáticos, responsáveis por, com base em domínios imagéticos, dar forma à experiência balizada no corpo.

Ainda a esse respeito, cada categoria corresponde a uma estrutura prototípica, porque baseada em protótipos, os quais, de acordo com Geeraerts (1988), têm as vantagens da flexibilidade e da estabilidade, visto que as categorias são adaptáveis aos inúmeros contextos em que são empregadas, além de proporcionar a interpretação de novas experiências. Convém dizer, todavia, que a Teoria dos Protótipos (Rosch, 1975) envolve algumas divergências, como

discute Lakoff (1987), mas que, propositadamente, desconsideraremos para não fugir ao nosso interesse de pesquisa.

Cumpre fazer constar ainda que a maior preocupação da LC é não como as línguas conceptualizam o mundo nem como as pessoas conceptualizam o mundo na língua delas; é, na verdade, como estas conceptualizam a experiência (do mundo) na língua delas (Foolen; Yamaguchi, 2016) – daí a noção também central de conceptualização, que consiste no processo pelo qual a mente humana estrutura e organiza experiências, pensamentos e percepções do mundo, formando conceitos e apreendendo a realidade.

A significação, por sua vez, configura processo posterior, mas igualmente relevante, dado que, estabelecidos os conceitos mentais, é o responsável pela atribuição de significado a palavras, frases ou símbolos na língua, constituindo a relação entre os conceitos e as formas linguísticas eleitas para representá-los.

1.1.2 Principais modelos de significação

É nos anos de 1980 que surgem diferentes propostas teóricas dedicadas à significação. Inúmeros processos de construção de sentido são aventados e discutidos com a cognição e a experiência como base – operações importantes nesse âmbito.

A Semântica de Frames, concebida muito antes do nascimento do modelo cognitivo, é, assim, uma dessas propostas. Fillmore (1976, 1982, 1985), já na década de 1970, demonstrou que a semântica de condições de verdade não abarcava o significado das palavras e que era necessária, então, uma semântica de compreensão.

Um caso clássico é a palavra *bachelor*, que, em português, traduziríamos como *solteirão*. Em uma abordagem semântica, tal palavra seria descrita, grosso modo, como composta de um conjunto de traços *+humano*, *+masculino*, *+adulto*, *-casado*. Embora, contudo, sejam esses os aspectos a definir um termo como *solteirão*, o mesmo não vale, por exemplo, para *papa*, uma vez que uma palavra, qualquer que seja ela, evoca sempre um arcabouço de conhecimentos inter-relacionados e culturalmente embasados. No caso em questão, quando as expectativas sociais de uma idade apropriada para o casamento não são satisfeitas, é possível identificar a extrapolação dessa faixa etária por determinado indivíduo (Ferrari; Avelar; Pinheiro, 2020).

Outro elemento relevante consiste no fato de os *frames* serem abertos, ativados a partir de um ponto de vista, na medida em que, se nossa cognição é ancorada no corpo, ela é também dotada de certo ponto de vista.

Nesse contexto, a título de exemplificação, tomemos as palavras *coast* e *shore*, no inglês. Apesar de ambas se referirem à mesma faixa geográfica, esta indica a região limítrofe à terra e ao mar na perspectiva do mar (por exemplo, um cruzeiro); já aquela, na perspectiva da terra (por exemplo, uma viagem de carro). Em português, a mesma ideia pode ser expressa pela dupla *terra*, em "Terra à vista", como teriam gritado nossos descobridores, e *solo*, como anseiam paraquedistas prestes a aterrissar (Ferrari; Avelar, Pinheiro, 2020).

Complementarmente, Lakoff (1987) é outro grande nome do período na discussão acerca dos conceitos de metáfora, de metonímia e de categorização. Quanto à metáfora, havia apenas a definição clássica, muito influenciada por Aristóteles: a de que se tratava de um ornamento linguístico tipicamente associado à linguagem literária. Ainda hoje, porém, em muitos dos bancos escolares, o conceito é aventado como mera figura de estilo, com lugar secundário, como se não integrasse o domínio geral da língua.

Ganha corpo, então, a Teoria da Metáfora Conceptual. Lakoff e Johnson, em *Metáforas da vida cotidiana* (2002), quebram alguns paradigmas nesse sentido. Uma vez apresentada como parte efetivamente integrante do sistema conceptual, ela consiste em um instrumento cognitivo, conceptual, já que pensamos por metáforas: "Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica" (Lakoff; Johnson, 2002, p. 45 e 46). Isso significa que a metáfora não é característica apenas de uma linguagem mais rebuscada, como a literária; na verdade, ela o é de todo o nosso sistema conceptual, refletindo-se, portanto, na linguagem comum.

Assim, metáfora conceptual é uma estrutura conceptual que constitui nossa maneira de conceber diferentes conceitos e que pode ser evidenciada a partir de diferentes expressões linguísticas no uso cotidiano da linguagem, como quando relacionamos o amor à ideia de uma viagem ou jornada.

Metaforicamente, os apaixonados seriam os viajantes aventureiros, e o relacionamento amoroso, um veículo que, a depender do tipo, implicaria metáforas mais ou menos adequadas, como pular de paraquedas no caso de um avião. Os objetivos do casal, por sua vez, seriam conceptualizados como o destino da viagem, e os dissabores de um relacionamento, como as dificuldades associadas ao roteiro dessa aventura (Lakoff; Johnson, 2002).

Ainda nesse aspecto, em linhas gerais, há dois domínios semânticos: *origem* e *alvo*, mas empregamos a palavra de um domínio como sendo do outro e vice-versa, demonstrando haver projeção da estrutura do domínio-origem em uma estrutura afim do domínio-alvo. O exemplo que conceptualiza o amor como sendo uma viagem revela não se tratar de simples transferência semântica de uma categoria para outra, porém uma espécie de analogia entre a estrutura interna

de cada um dos domínios, relacionando-se cognição e mundo. Ademais, a projeção é sempre unidirecional: parte-se de experiências concretas para a conceptualização de entidades abstratas.

Metonímia, por seu turno, embora também uma figura de estilo na gramática tradicional, é um fenômeno igualmente conceptual. Baseando-se em relações de proximidade entre esquemas imagéticos, ele redunda na substituição de um termo por outro por haver algum tipo de ligação, como causa pelo efeito, parte pelo todo, continente pelo conteúdo, qualidade pela espécie, singular pelo plural e indivíduo pela classe. No entanto, diferentemente da metáfora, a metonímia ocorre no interior de um mesmo domínio, enfatizando determinada categoria por referência a outra categoria de mesmo domínio (Lakoff, 1987).

Acrescente-se que também Langacker participa desse momento linguístico. Ao discutir a codificação linguística do espaço (*Space Grammar*), ele acaba por desenhar sua Gramática Cognitiva (1987, 1988), assim como Talmy (1985, 1998) o faz com relação a sistemas imagéticos.

Fauconnier, cuja teoria será apresentada em capítulo posterior, dado o interesse da presente pesquisa nos seus postulados, desenvolve a Teoria dos Espaços Mentais (1994, 1997), depois aprimorada (2002, com Turner). Dá-se forma, então, à Teoria da Mesclagem Conceptual – arcabouço teórico que abarca princípios dos estudos tanto de Langacker quanto de Lakoff (Pinheiro; Ferrari, 2020).

1.1.3 Definição

Define-se a LC pela adesão à premissa de que fenômenos linguísticos podem ser explicados por meio do recurso à cognição geral, o que quer dizer que, pela significação, mobilizamos diferentes faculdades ou módulos, como já vimos dizendo, para a construção de sentido. Além disso, assume-se que léxico e sintaxe, em vez de constituir módulos independentes, formam um contínuo de construções, desde elementos mais específicos até padrões mais abstratos – continuidade léxico-sintática que está ancorada na hipótese de pareamento entre forma e função e que pode se dar de acordo com padrões gerais ou esquemas.

Aliás, tendo em vista que os princípios que norteiam análises cognitivas são *primazia da semântica, indissociabilidade entre significado e conhecimento de mundo* e *linguagem como meio de interpretação, construção e organização do conhecimento*, chegamos às seguintes constatações:

- a linguagem é, na verdade, conhecimento;
- a língua deve lidar sempre com contextos reais;

- a categorização do conhecimento reflete as experiências compartilhadas pelos indivíduos.

Em suma, sendo a linguagem uma ferramenta cognitiva, trata-se de uma linguística que busca

> produzir evidências convergentes sobre o papel da cognição na organização das línguas naturais, mostrando a dinâmica das relações entre linguagem e cognição, entre sociedades e culturas e entre o sujeito e aqueles que com ele compartilham a fantástica capacidade de "embutir" pensamentos em linguagem, transmitindo a fascinante experiência de viver na interação com seus semelhantes (Chiavegatto, 2009, p. 94).

A propósito, conforme Chiavegatto (2009),

> o nome mais adequado para a linguística cognitiva que praticamos no Brasil é um composto do social e do cognitivo que estão pressupostos nas análises: *linguística sociocognitiva*. Ela é herdeira do funcionalismo internalista, que vê nos processos cognitivos internos e nas interações socioculturais as razões para as construções gramaticais, lexicais ou discursivas se apresentarem como se apresentam (Chiavegatto, 2009, p. 85 e 86).

Assim, a LC redefine a linguagem como parte da cognição, fundamentada em metáforas, categorias prototípicas e processos de construção gramatical. Frise-se também que o olhar cognitivo, cujo objetivo é validar sempre conceptualmente explicações acerca de escolhas linguísticas (Dancygier, 2017), trouxe para o campo de estudos linguísticos muitas propostas úteis às análises, dentre as quais se destaca a Gramática de Construções – nossa próxima discussão.

1.2 Gramática de Construções – GC

1.2.1 Contextualização

Com raízes nos trabalhos desenvolvidos por Fillmore, Kay, Lakoff e Langacker, na década de 1980, sobretudo na Universidade da Califórnia, em Berkeley, a Gramática de Construções – GC configura-se como um dos paradigmas vinculados à LC. Seu objetivo central é representar o conhecimento linguístico do falante ao procurar responder a uma clássica questão chomskyana: "O que o falante sabe quando sabe uma língua?".

Poderíamos dizer, em resposta a esse questionamento, que, sem nenhum tipo de filiação por ora, o falante precisaria, conforme o senso comum:

- conhecer palavras;
- reconhecer diferentes naturezas de palavra;
- combinar palavras;
- perceber nuanças propositais entre o que se diz e o que se pretende de fato dizer em determinados contextos;

- adequar a língua a cada uma das inúmeras situações comunicativas;
- identificar expressões idiomáticas.

Tal enumeração, apesar de longe de esgotar-se, parece concentrar a essencialidade do conhecimento linguístico fundamental para um bom desempenho como usuário da língua.

A esse propósito, fazendo-se um adendo, sabe-se que o estudo inaugural da GC leva Fillmore, Kay e O'Connor (1988) a lidar diretamente com expressões idiomáticas total ou parcialmente abertas no inglês e a estabelecer uma tipologia segundo três parâmetros: *codificação/decodificação*, *gramatical/extragramatical* e *substantiva/formal*, o que ressalta o grau de importância das expressões idiomáticas para o exercício pleno da competência linguística. Isso porque, para os estudiosos, construções gramaticais complexas têm as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas que itens lexicais.

Ainda com relação à pergunta inicial, porém, que nos levou a arrolar conhecimentos tidos como imprescindíveis para a assimilação de determinada língua por um falante, impõe-se-nos outra questão: "Como tais conhecimentos são estruturados e acessados na mente humana?".

Tradicionalmente, o modelo que elucida o fenômeno de assimilação linguística é conhecido como Dicionário e Gramática (Taylor, 2012). Nesse contexto, consoante a teoria, fazem-se necessárias duas "listas": uma que contenha todas as palavras da língua e uma que contenha todas as regras sintáticas da língua. De posse disso, os procedimentos a ser executados são ligar os sintagmas nominais às funções semânticas e transformar as representações sonoras em sons efetivos.

Combinam-se, portanto, dicionário e gramática como instrumentos efetivos de apreensão estrutural de dada língua – noção que, grosso modo, se aproxima da fundamentação da tradição gerativista, em que léxico e gramática são tratados como entidades dissociadas.

Em clara oposição a essa abordagem, contudo, estabelece-se a GC. Isso se deve ao fato de que, para esta, o conhecimento que o falante reúne a respeito da língua se resume a apenas um: rede de construções.

Assim sendo, toda e qualquer produção linguística só é possível em virtude de construções: "[...] a rede de construções captura nosso conhecimento gramatical como um todo, ou seja, tudo é construção" (Goldberg, 2006, p. 18)[7]. Dito de outro modo, a língua se compõe

[7] No original: "[…] the network of constructions captures our grammatical knowledge of language *in toto*, *i.e.* it's constructions all the way down".

de construções ou pareamentos forma-função como unidades básicas, organizadas sempre em rede (Lakoff, 1987; Goldberg, 1995, 2006).

Além disso, não há distinção entre léxico e gramática, porque entendidos como um contínuo que vai das palavras às sequências maiores. Logo, a diferença entre uma construção lexical e uma gramatical reside, agora, no grau de complexidade de cada uma (Goldberg, 1995). Também não há prevalência de forma sobre função ou vice-versa, dado que o objetivo é dispensar um tratamento mais holístico aos fenômenos linguísticos, o que significa que tanto as propriedades formais quanto as funcionais têm igual grau de importância e que o conceito de unidirecionalidade *função* > *forma* deixa de ter validade.

Nesse sentido, saliente-se que a concepção de língua como rede se mostra bastante adequada ao arcabouço da LC, afinal outros aspectos da cognição também assim se estruturam; revela-se, pois, que, em termos de organização, a língua não difere dos demais módulos cognitivos.

Do ponto de vista da CG, trata-se de um modelo metafórico de representação do conhecimento linguístico do falante como sendo um inventário estruturado de unidades simbólicas, conforme Ferrari (2011):

> O paradigma denominado Gramática de Construções propõe que as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado (Ferrari, 2011, p. 129).

De acordo com Pinheiro e Ferrari (2020), a GC não constitui um modelo único e homogêneo, mas uma família de abordagens que compartilham princípios basilares, embora com variações teóricas e metodológicas: *Cognitive Grammar*, *Radical Construction Grammar*, *Cognitive Construction Grammar*, *Sign-Based Construction Grammar*, *Fluid Construction Grammar*, *Embodied Construction Grammar* e *Berkeley Construction Grammar* – modelos chancelados pelo seminal *The Oxford handbook of Construction Grammar*, de Thomas Hoffman e Graeme Trousdale (2013).

Apesar dessa heterogeneidade, é possível organizar tais abordagens com base em dois eixos centrais: (i) relação entre cognição geral e cognição linguística e (ii) relação entre conhecimento linguístico e uso efetivo da língua:

> De maneira geral, a distinção entre esses dois grupos está associada à oposição clássica entre linguística formal (ou formalismo) e linguística funcional (ou funcionalismo). Em termos simples, a GC de Berkeley e a GC Baseada em Signos são modelos associados à tradição da linguística formal, ao passo que a GC Cognitiva, a GC Radical, a GC Fluida, a GC Corporificada e a Gramática Cognitiva filiam-se à tradição da linguística funcional (Pinheiro, 2025, p. 107).

Podem-se, portanto, delinear dois grandes grupos, como já se sabe. O que mais nos interessa neste trabalho, porém, é o de viés funcionalista, que será referido como Gramática de Construções Baseada no Uso – GCBU. Essa vertente, vale dizer, considera a gramática como composta de unidades simbólicas que emergem da experiência linguística concreta dos falantes e que se estruturam a partir de operações da cognição geral.

Independentemente, contudo, das diferenças existentes entre as linhas que compõem o que se convencionou chamar de GC, o paradigma, quando concebido por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e enriquecido por Kay e Fillmore (1999), objetiva, acima de tudo, explicar as irregularidades linguísticas, haja vista pressupor que, uma vez esclarecidas, o mesmo raciocínio possa ser aplicado às suas regularidades. Desse modo, define-se um conjunto único de critérios, válido para todos os tipos de estrutura linguística em todos os tipos de análise, dos mais simples aos mais complexos, incluindo-se morfemas, palavras, expressões, padrões parcialmente preenchidos e padrões não completamente especificados ou esquemáticos (Goldberg, 2006).

A esse respeito, diz-se o seguinte:

> [...] a unidade básica da gramática é a construção; a estrutura semântica é projetada diretamente na estrutura sintática; a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre esses nós são representadas na forma de hierarquias de herança[8]; a estrutura da língua é moldada pelo uso (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 21).

Nesse âmbito, as expressões idiomáticas têm um lugar especial, como já referimos. É com elas que Fillmore, Kay e O'Connor (1988) inauguram a perspectiva da GC: no modelo tradicional, isto é, no do Dicionário e Gramática, essas expressões constam de um apêndice, dado que operam ora no léxico, ora na gramática; já no paradigma construcional, a partir desse tipo de expressão, os linguistas puderam mapear o funcionamento da língua e concluir que não parecia coerente relegar parte tão significativa a um apêndice, como se realmente fosse uma estrutura à parte.

Expressões idiomáticas, segundo Hilpert (2014), são reveladoras, porque estão em todos os lugares – também no cotidiano da língua –, constituem mais do que mera sequência linear fixa de palavras e se mostram produtivas.

Em síntese, esse hiato foi o que motivou a emersão da teoria, cujos princípios se interessam justamente pela relação forma-função, como já se disse. Afinal, apenas léxico e gramática de maneira integrada podem, com a profundidade devida e suficiente, justificar o

---

[8] À luz da GC, *hierarquia de herança* refere-se a uma estrutura que descreve como uma construção herda propriedades gramaticais de outras construções, o que pode incluir aspectos como concordância, ordem dos itens e relação entre sujeito e verbo, por exemplo. Diz respeito, portanto, ao compartilhamento de propriedades entre uma construção descendente e suas construções ascendentes.

fenômeno, o que acaba sendo extensível a todas as demais unidades estruturais da língua. Em outras palavras, somente uma rede de construções é capaz de elucidar todo o conhecimento linguístico em sua completude.

1.2.2 Definição

Convém esclarecer que o termo *construção*, conquanto frequente em gramáticas pedagógicas e estruturalistas, nem sempre significa o que a GC o entende como sendo de fato: "Construção é uma generalização que os falantes fazem a partir de um determinado número de encontros com formas linguísticas" (Hilpert, 2014, p. 9).

Nesse aspecto, uma das definições mais difundidas é a de Goldberg (1995):

> C é uma construção se e somente C é definido como um pareamento forma-significado <Fi, Si>, de maneira que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não são estritamente previsíveis pelas partes componentes de C ou por outras construções previamente estabelecidas (Goldberg, 1995, p. 4)[9].

Em linhas gerais, o que Goldberg (1995) propõe é que uma construção se caracteriza por três elementos fundamentais: (i) pareamento entre forma e função, (ii) constituição como unidade de conhecimento linguístico armazenada na mente do falante e (iii) obediência ao critério da imprevisibilidade, seja na forma, seja no significado – critério que se refere à impossibilidade de deduzir o sentido ou a estrutura formal de uma construção a partir da simples soma de suas partes componentes. Nesses casos, o significado global da construção só é compreensível como unidade holística e, por isso, precisa ser mentalmente armazenado como tal.

Aliás, no que se refere a (iii), como observam Croft e Cruse (2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021), a derivação não convencional do significado deveria ser tratada como "a evidência mais forte de que as construções são objetos sintáticos independentes (Croft; Cruse, 2004, p. 251 *apud* Lehmann; Bergs, 2021, p. 315)[10], isto é, formas linguísticas que não podem ser reduzidas a regras composicionais tradicionais e devem ser tratadas como entidades gramaticais autônomas.

A título de exemplificação, consideremos uma expressão como "A cobra vai fumar". Pretende-se dizer não o sentido literal obviamente; o que se busca, a bem da verdade, é assinalar confusão, conflito em algum grau por algum motivo em algum contexto. Dessa forma, o sentido

---

[9] No original: "C is a construction if C is a form-meaning pair 〈Fi,Si〉 such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions".
[10] No original: "[…] the strongest pieces of evidence for constructions as independent syntactic objects".

conotativo, que não pode ser deduzido da soma das partes componentes, extrapola o sentido denotativo – daí o sentido real ser não previsível.

Destaque-se também que a imprevisibilidade não se relaciona só ao que seja semântico mas também ao que seja pragmático, com base em Fillmore, Kay e O'Connor (1988 *apud* Lehmann; Bergs, 2021), e contextual, consoante Östman e Trousdale (2013 *apud* Lehmann; Bergs, 2021).

Goldberg (2006), todavia, atualiza seus termos, deixando de lado o critério da imprevisibilidade em certas ocasiões, como quando há alta recorrência:

> Um dado padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível por meio de suas partes componentes ou por meio de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, até mesmo os completamente previsíveis, desde que ocorram com uma frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5)[11].

Conforme Lehmann e Bergs (2021), a frequência é um critério um tanto controverso, haja vista não ser possível mensurar a suficiência de dada frequência. Entretanto, uma ocorrência como "Que horas são?", considerando-se a perspectiva baseada no uso (Bybee, 2013), pode ser, nos termos de Goldberg (2006), também uma construção. Isso porque, "quanto mais frequentemente uma expressão substantiva ou um padrão são empregados, mais provavelmente eles estejam entranhados no repositório mental do usuário da língua" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 316 e 317)[12], o que significa dizer que toda expressão já cristalizada se configura como construção, mesmo sendo altamente previsível, composicional.

Nesse sentido, construções (morfemas, estruturas sintáticas, expressões idiomáticas e padrões textuais) são unidades simbólicas e convencionais da gramática – unidades, porque são tão idiossincráticas (Goldberg, 1995) ou tão frequentes (Goldberg, 2006) que estão enraizadas na mente dos usuários; simbólicas, porque constituem signos associados a um pareamento forma-função; e convencionais, porque são compartilhadas por determinado grupo de falantes em uma mesma comunidade.

> Independentemente de suas partes constitutivas, a construção, como entidade teórica, representa um esquema abstrato, um modelo capaz de reunir semelhanças entre elementos de mesma natureza, tornando-se, assim, essencial para descrição efetiva de padrões não usuais, especialmente complexos, e padrões regulares, básicos, da língua, sem necessidade de ter de derivar um padrão de outro (Gonçalves, 2016, p. 197).

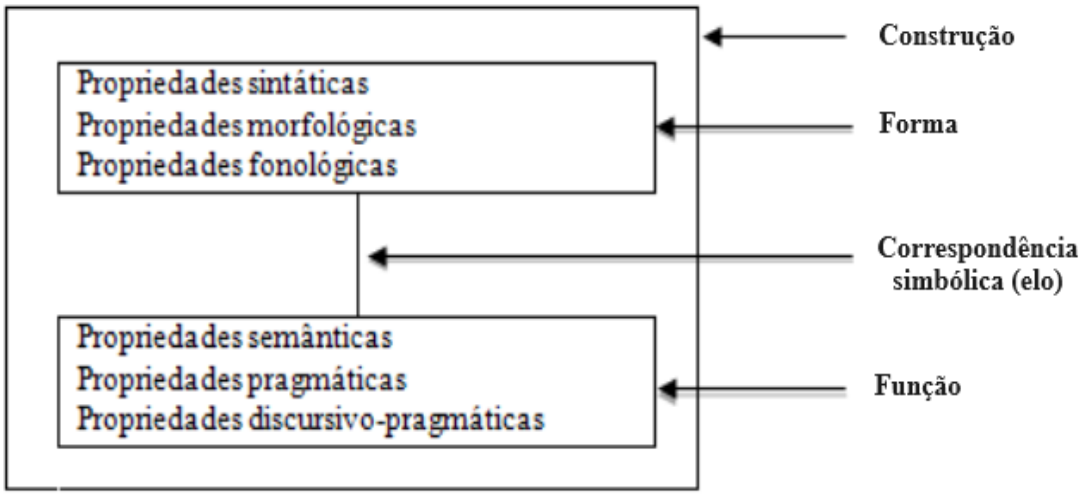
---

[11] No original: "Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency".

[12] No original: "The more often a substantive expression or a pattern is encountered, the more likely it will be entrenched in the language user's mental repository".

A Figura 1, a seguir, sintetiza essa definição.

Figura 1 – Modelo de estrutura simbólica de uma construção



Fonte: adaptada de Croft (2001, p. 18).

Em tempo, vale acrescentar que *construções* são abstrações que se instanciam por meio de *construtos*. Isso quer dizer que a realização física, material, concreta, instanciada, corporificada de uma *construção*, a qual é sempre imaterial, cognitiva, abstrata, é chamada de *construto*: "Crucialmente, [...] construtos são o que falantes/redatores produzem e o que ouvintes/leitores processam" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 16)[13], ajudando a moldar a representação mental da língua (Bybee, 2010). Dessa maneira, uma construção é uma generalização com base em construtos do mesmo tipo.

Assumindo, portanto, o termo *construção* o conceito de unidade gramatical básica, *língua*, por conseguinte, "define-se como conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas" (Rosário; Oliveira, 2016, p. 239).

Ainda no tocante à definição de construção, Traugott e Trousdale (2013) apresentam uma classificação em termos de três dimensões: *tamanho*, *natureza fonológica* e *conceito*, conforme elucida o quadro a seguir.

[13] No original: "Crucially, [...] constructs are what speakers/writers produce and what hearers/readers process".

Quadro 1 – Dimensões das construções

Dimensão *tamanho*	**Atômica**	**Complexa**	**Intermediária**
	Construções monomorfêmicas = São as menores unidades, como palavras isoladas.	*Unidades de chunks analisáveis* = São combinações maiores e plenamente analisáveis, como expressões idiomáticas.	*Unidades parcialmente analisáveis* = São construções com partes fixas e outras abertas, sendo parcialmente esquemáticas, mas ainda reconhecíveis como padrão.
Dimensão *especificidade fonológica*	**Substantiva**	**Esquemática**	**Intermediária**
	Construções fonológica e completamente especificadas = São formas fixas, memorizadas, com configuração fonológica definida.	*Abstrações* = São padrões gerais, abstratos, sem forma fonológica específica.	*Entre especificação e abstração* = São casos em que há mescla: parte é fonologicamente fixa e parte é abstrata.
Dimensão *conceito*	**Plena**	**Procedural**	**Intermediária**
	Construções lexicais = Têm conteúdo conceitual completo, como substantivos e verbos.	*Construções gramaticais* = São instruções de uso, guiando como organizar a informação sem carregar conceito pleno, como partículas gramaticais.	*Way-construction*[14] = São parcialmente conceituais e procedurais.

Fonte: adaptado de Traugott e Trousdale (2013, p. 12 e 13).

O quadro demonstra que as construções linguísticas são de diferentes tipos, distribuindo-se por um contínuo em três dimensões principais, a saber, *tamanho* (de palavras a padrões complexos), *especificidade fonológica* (de expressões fixas a abstrações esquemáticas) e *conceito* (de significado lexical cheio a instruções gramaticais).

[14] Trata-se de estrutura bastante comum no inglês que, cunhada por Jackendoff (1990), consiste: (i) em um verbo, (ii) no termo *way* precedido de um determinante possessivo correferencial com o sujeito e (iii) em uma frase direcional, como "Frank found his way to New York" (Goldberg, 1995, p. 199). Ver Israel (1996), Traugott e Trousdale (2013) e Perek (2016).

Pode-se afirmar, então, que a GC não vê a língua como rigidamente dividida entre léxico e gramática, mas como uma rede de construções distribuídas ao longo dessas dimensões: "Em suma, a construção ou um inventário de construções contém itens com características das três dimensões em questão. Na maioria dos casos, uma construção pode ser caracterizada de acordo com todas as três dimensões" (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13)[15].

1.2.2.1 Processos de mudança linguística

Para a GC, a regularidade e a instabilidade da língua, com a emergência de novos significados, são justificadas e moldadas pelas diferentes interações dos falantes de um mesmo grupo em um determinado contexto (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017). Desse modo, mudanças linguísticas são comuns e ocorrem com frequência (Rosário; Oliveira, 2016).

A depender do estofo teórico em uso, são vários os paradigmas que se põem a explicar tal fenômeno. No funcionalismo de raiz norte-americana, a gramaticalização e a lexicalização se mostram bastante produtivas, no sentido de lidar com a mudança linguística – embora seu foco, vale dizer, seja a emergência de determinados itens da língua.

No que concerne à gramaticalização, por exemplo, há estudiosos que consideram se tratar de processo de redução, por haver perdas como erosão fonética, e também aqueles que veem como sendo processo de expansão, por haver ganhos como expansão pragmática e semântica. A verdade, porém, é que constituem olhares complementares, porque "muitos aspectos da chamada gramaticalização por expansão decorrem de fatores da gramaticalização por redução. Por exemplo, a erosão fonética (redução), quando ocorre, normalmente acarreta ganhos de ordem semântico-pragmática (expansão)" (Rosário; Oliveira, 2016, p. 242).

Todavia, em uma perspectiva construcional, como é o caso aqui, o interesse recai, em caráter de igualdade, tanto sobre construções atômicas quanto sobre aquelas complexas. A língua, nesse âmbito, tida como rede, apresenta diferentes graus de instabilidade, responsáveis por conduzir, consoante Traugott e Trousdale (2013), a dois grandes processos de mudança linguística, que são, na verdade, tentativas de ressignificar a gramaticalização e a lexicalização clássicas: *construcionalização* e *mudança gramatical*.

Em linhas gerais, a *construcionalização* resulta na emergência de um novo pareamento forma-função, o que quer dizer uma nova construção ou um novo nó na rede linguística, tendo em vista a possibilidade contínua de formação de nós. Esse processo se dá, geralmente, "por

[15] No original: "In sum, the 'constructicon', or inventory of constructions, contains items that have characteristics of all three dimensions mentioned above. In most cases, a construction can be characterized on all three dimensions".

meio de neoanálises e analogias no campo pragmático, passando pelo campo semântico e, por último, pelo campo formal" (Rosário; Oliveira, 2016, p. 243), e pode ser tanto gramatical quanto lexical.

A esse mesmo respeito, há a *construcionalização de natureza gramatical*, que se caracteriza pelo desenvolvimento gradual de mudanças, de caráter gramatical/procedural, e a *construcionalização de natureza lexical*, que consiste no desenvolvimento, às vezes instantâneo, de um par forma-função com papel lexical/referencial.

Já a *mudança construcional*, ao afetar a forma ou a função de construção já existente, não necessariamente provoque a criação de outra construção. Em outros termos, trata-se de alteração da constituição interna – seja da forma, seja da função – de construção já conhecida sem que haja o surgimento de outro nó linguístico.

Frise-se que esse processo costuma seguir alguns passos, desde a inovação, passando pela convencionalização, construcionalização e pós-construcionalização, até a redução de forma (Traugott; Trousdale, 2013), e pode ocorrer antes ou depois do processo de construcionalização – distinção pela qual é possível afirmar o seguinte:

> [...] os autores assumem como fundamental uma compreensão mais detida, fundamentada e abrangente do processo de mudança, visto que buscam compreender, de maneira bastante rigorosa, os processos que concorreriam – em um sentido mais estrito – para a emergência de novos padrões construcionais e de esquemas abstratos a que estariam vinculadas as novas construções instanciadas na língua (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 19).

Assim, Traugott e Trousdale (2013) contribuem com um avanço significativo para o estudo da mudança linguística. Diferentemente de abordagens centradas apenas em processos de gramaticalização e de lexicalização, que tendem a separar gramática e léxico, esses autores defendem um modelo integrado, alinhado à perspectiva construcional.

Nesse sentido, três elementos são tidos como fundamentais em qualquer análise: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*.

A *esquematicidade* faz referência ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção – escopo construcional. Em outras palavras, trata-se de abstrações apreendidas de maneira inconsciente pelos falantes, o que significa dizer que existem construções das mais esquemáticas/abstratas, com mais *slots*, às menos esquemáticas/abstratas, com menos *slots*.

> A esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve, na sua essência, abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não. [...].
> Na nossa perspectiva linguística, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, sejam procedurais ou lexicais [...]. Eles são abstrações entre

> conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas umas às outras na rede construcional. Os graus de esquematicidade dizem respeito aos níveis de generalidade ou de especificidade e à extensão na qual partes da rede são ricas em detalhes (Langacker, 2009 *apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 13 e 14)[16].

À guisa de exemplo, o padrão altamente esquemático *Sujeito* + *Verbo* + *Objeto* em "Eu comi bolo" constitui a estrutura a partir da qual os falantes produzem não só a ocorrência em questão como também parte substancial das demais em língua portuguesa (Rosário; Oliveira, 2016). Sob essa ótica, então, pode-se concluir, de acordo com Goldberg (2006), que os falantes têm conhecimento tanto sobre itens específicos quanto acerca dos esquemas correspondentes.

A *produtividade*, por seu turno, diz respeito à capacidade de um esquema de instanciar novas construções – vitalidade construcional. Nesse aspecto, Bybee (2003) distingue dois tipos de frequência relacionados ao conceito: frequência *type* (ou frequência de construção), que constitui o número de diferentes elementos a ocupar determinado *slot* de uma construção, e frequência *token* (ou frequência de construto), que constitui o número de vezes as quais um mesmo elemento ocorre no uso.

De modo geral, quanto mais produtivo um esquema, maior sua capacidade de sancionar padrões construcionais, que tendem a ser, por sua vez, menos esquemáticos/abstratos – fenômeno que se relaciona diretamente ao conceito de extensibilidade. Isso nos permite afirmar, pois, que produtividade e esquematicidade caminham lado a lado: quanto maior a produtividade, maior também o grau de extensabilidade de um esquema.

> Produtividade é uma palavra que tem sido empregada de diversas maneiras. Barðdal (2008) oferece uma valiosa visão geral e uma análise de diferentes usos do termo. Na nossa perspectiva, a produtividade é gradiente. Refere-se a (esquemas parciais) e diz respeito à (i) sua "extensibilidade" (Barðdal, 2008), ou seja, à extensão na qual eles sancionam outras construções menos esquemáticas, e (ii) extensão na qual eles são constrangidos (Boas, 2008 *apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 17)[17].

---

[16] No original: "Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction. A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not. [...].
In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful [...]. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network. Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail (Langacker 2009)".

[17] No original: "Productivity is a term that has been used in a number of different ways. Barðdal (2008: chapter 2) provides a valuable overview and analysis of a number of different uses of the term. In our view the productivity of a construction is gradient. It pertains to (partial) schemas and concerns (i) their 'extensibility' (Barðdal 2008), the extent to which they sanction other less schematic constructions, and (ii) the extent to which they are constrained (Boas 2008)".

Por fim, a *composicionalidade* se refere ao grau de transparência entre forma e função – alinhamento construcional. Em termos mais claros, uma construção é composicional quando o significado do todo pode ser previsto a partir do significado de suas partes.

> Construcionalmente, a composicionalidade é mais bem entendida em termos de correspondência ou falta de correspondência entre aspectos da forma e aspectos do significado (ver Francis e Michaelis 2003 sobre incongruência e falta de correspondência). Se um construto é semanticamente composicional, então, desde que o falante tenha produzido uma sequência convencional sintaticamente e o ouvinte compreenda o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá falta de correspondência entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19)[18].

Nesse contexto, são dois os tipos de composicionalidade: a *semântica*, que se define pela soma do significado das partes no significado global: "[...] uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes é recuperado no significado do todo" (Rosário; Oliveira, 2016, p. 246), e a *sintática*, que é a manutenção das propriedades gramaticais das subpartes dentro da construção maior, "no sentido de que, quanto mais composicional [uma construção], mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de uma categoria-fonte" (Rosário; Oliveira, 2016, p. 246).

Tomando, portanto, as presentes considerações, pretendemos proceder a uma discussão que integre forma e função – noções essencialmente complementares. Dessa maneira, para abordar mais uma parte do todo que tencionamos construir, filiamo-nos à LC e ao paradigma da GC, mais propriamente à GCBU, que compartilham vários pressupostos funcionalistas, dentre os quais se destacam a relação entre forma linguística, o uso do falante em situações comunicativas reais (Bybee, 2010), a indissociação léxico-gramática, porque no mesmo nível, e "a presença crescente, na literatura, do adjetivo composto 'cognitivo-funcional' ou 'funcional-cognitivo'" (Pinheiro; Ferrari, 2020, p. 596).

Mencione-se ainda que cada um desses quadros teóricos surge como resposta a determinado aspecto próprio do gerativismo: a Linguística Funcional, por discordar da separação entre competência e desempenho; a Linguística Cognitiva, por discordar da distinção entre os processos cognitivos relativos à linguagem e aqueles não linguísticos; e a Gramática

---

[18] No original: "From a constructional point of view, compositionality is best thought of in terms of match or mismatch between aspects of form and aspects of meaning (see Francis and Michaelis 2003 on incongruence and mismatch). If a construct is semantically compositional, then as long as the speaker has produced a conventional sequence syntactically, and the hearer understands the meaning of each individual item, the hearer will be able to decode the meaning of the whole. If it is not compositional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole".

de Construções, por discordar das generalizações linguísticas conhecidas pelo falante na forma de regras gramaticais ou derivações sintáticas (Pinheiro; Ferrari, 2020).

Assim, na medida em que, como já se sabe, construções constituem signos que são não apenas definidos como pareamento forma-função mas também compartilhados por falantes, *só que não* é claramente uma construção, condição extensível a *só que sim* e *só que nunca*, cujas propriedades são elucidadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

A CONSTRUÇÃO [SÓ QUE X_{ADV}]

Neste capítulo, imbuídos das premissas da LC e da GC, pretendemos expor e examinar as propriedades de [só que X_{Adv}], mais especificamente de *só que não*, *só que sim* e *só que nunca*.

2.1 Do operador de foco *só que*

Segundo Longhin-Tomazi (2003), *só que*

> é um operador de foco, que acrescenta uma circunstância em geral nova, não considerada até o momento, e que a apresenta como sendo a única que se justifica adicionar. Esse elemento contrasta com tudo mais no tipo de conclusão que autoriza e é suficiente para tornar inválida uma generalização previamente considerada (Longhin-Tomazi, 2003, p. 206).

Além disso, a autora identificou diversos traços comuns entre *só que* e as conjunções adversativas prototípicas, o que evidencia uma relação de igualdade ou invariância entre eles, e constatou que, à semelhança dessas conjunções, *só que*:

> - articula segmentos autônomos – apropriando-se de uma das funções da conjunção (a de ligar sentenças), *só que* e as conjunções adversativas abonadas pela gramática partilham o fato de conectar sintagmas;
> - introduz o dado mais relevante – na verdade, o que prevalece é sempre a oração introduzida pela partícula adversativa, sendo a oração inicial apenas um pretexto;
> - sustenta uma relação coesiva entre os componentes que liga – como um conector, *só que* ajuda a atribuir sentido a um enunciado ao estabelecer ligação entre os termos veiculados pelas sentenças;
> - configura contraste entre A e B – tendo em vista a natureza adversativa da perífrase, ela opõe um evento a outro e, mais do que isso, determina aquele que deve sobressair (Longhin-Tomazi, 2003 *apud* Camargo, 2017, p. 44, grifos do autor).

Entretanto, tal relação de contraste, ainda consoante Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017), expõe algumas especificidades, o que distancia *só que* do tipo de articulação promovido pelo conjunto de conjunções de natureza adversativa conhecidas:

> Para interpretar os enunciados coordenados por *só que*, é necessário reconhecer que a perífrase acrescenta a um enunciado prévio e autônomo uma circunstância nova, não mencionada, que é suficiente para cancelar pressuposições comuns aos participantes da interação. Esse esquema básico de funcionamento, identificável em todas as ocorrências de *só que*, é o que chamei de invariabilidade. Acontece que, nos diferentes contextos de uso, cancelar implica, entre outras coisas, comparar, refutar, surpreender e argumentar, do que resultam os vários tipos de *só que*, que chamei de variabilidade (Longhin-Tomazi, 2003, p. 150 *apud* Camargo, 2017, p. 46, grifos do autor).

Dessa maneira, ainda que *só que* esteja isolado no sentido de ser a única construção do gênero a apresentar cinco diferentes acepções, denominadas por Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017) de (i) marcador de diferença, (ii) marcador de refutação, (iii) marcador de

acontecimento inesperado/indesejado, (iv) marcador de contra-argumentação e (v) marcador da não satisfação de condições, ela se aproxima das demais conjunções adversativas pela característica comum de cancelamento de inferência convencional, dentre as quais se destaca *mas* (Camargo, 2017).

Nesse contexto, *só que* e o já referido *mas*, grosso modo por exercerem função parelha, podem ser tidos como sinônimos, ressalvadas as especificidades de cada um. Tomemos, a título de ilustração, uma ocorrência como (4):

> (4) A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando "vem revelar aquilo que já se sabia, **só que não** tínhamos provas nem evidências" (3, https://g1.globo.com/politica/noticia/apos-revelacao-de-memorando-da-cia-deputados-e-senadores-cobram-abertura-de-arquivos-militares.ghtml, 2014, grifo nosso).

Em (4), o que há é o operador de foco *só que* acrescido da partícula *não*. Nesse caso, é possível reconhecer aproximações funcionais entre *só que* e *mas*, como demonstra (4a):

> (4a) A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando "vem revelar aquilo que já se sabia, **mas não** tínhamos provas nem evidências".

Convém ressaltar, contudo, que, em virtude da focalização idiossincrática de *só que*, a recíproca pode não se aplicar, conforme Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017).

Saliente-se, a propósito, que, embora nosso interesse não recaia sobre esse tipo de uso diretamente, é do articulador *só que* que provavelmente tenha se originado o esquema [só que X_{Adv}], no qual estão inseridas as construções *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*. Tendo em vista que tais construções apresentam o mesmo comportamento – ainda que com diferenças semântico-pragmáticas –, há razões consistentes para agrupá-las sob o rótulo [só que X_{Adv}], que as caracteriza, nos termos já discutidos, como um fenômeno de natureza construcional.

2.2 Da construção [só que X_{Adv}]

Como já se referiu, Camargo (2017) realizou investigação acerca de *só que não*, tendo-lhe feito descrição semântica, sintática, pragmática e discursivo-textual.

Capaz de refutar de modo único uma porção textual imediatamente anterior, sua circulação em território nacional parece ter tido início entre o fim de 2011 e o início de 2012.

A princípio restrita às redes sociais, ambientes mais dinâmicos e inovadores justamente pela linguagem menos monitorada, a construção extrapolou seus limites e começou a se fazer

perceber também em outros espaços. Hoje, seu uso não mais se limita ao universo cibernético; jornais e revistas, tradicionalmente com tratamento linguístico mais sóbrio, também se mostram receptivos, o que demarca a versatilidade de *só que não* (Camargo, 2017).

Ademais, o autor atestou uso amplamente difundido – provavelmente, em razão de fatores pragmáticos, identitários, humorísticos e interacionais, para além de economia formal, materializada, muitas vezes, por meio das iniciais *sqn* acompanhadas de *hashtag*, a saber, #sqn –, relevância e claro efeito pragmático e comunicativo.

É difícil, no entanto, precisar como a estrutura tenha emergido. Uma das hipóteses, de influência/convergência pragmático-discursiva, é a de que se trataria de uma reinterpretação da piada do não ou *not joke* – datada do início dos anos de 1990, a piada teria se popularizado com uma comédia chamada *Quanto mais idiota, melhor* (*Wayne's World*, no original), lançada em 1992 nos Estados Unidos.

Nesse âmbito, um exemplo prototípico seria (5):

> (5) What a totally amazing, excellent discovery – not! (1992; *Wayne's World apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores).
>
> Em tradução livre: Que descoberta totalmente incrível e excelente – não!

Nele, refuta-se a proposição – positiva ou neutra – antecedente e, como consequência, surpreende-se o interlocutor.

> Normalmente, o *não* pós-sentencial também se caracteriza por ser um elemento foneticamente muito perceptível, acentuado e, com frequência, alongado. [...]. A declaração anterior, primeiro, sugere alguma mensagem boa ou positiva, que é, então, repentina e surpreendentemente negada e revogada por *não*. Isso cria um efeito ou surpresa e também um certo nível de ironia ou sarcasmo (Bergs; Pentrel, 2025, p. 21)[19].

A esse respeito, o ator e roteirista do filme, Mike Myers, comenta, em entrevista concedida por ocasião do aniversário de 25 anos da produção, em 2017, o uso pós-sentencial de *não*:

> Indagado pelo entrevistador sobre se ele havia criado "aquela piada" ou a observado primeiro, Myers responde que a notou e a usou pela primeira vez quando era adolescente em Ontário. Em outras palavras, ele nega ter "engendrado" espontaneamente aquela estrutura. Além disso, Meys ressalta na entrevista que a estrutura é uma expressão do sarcasmo de 1990: "Eu vou concordar com você, mas eu não estou de fato concordando com você. Essa seria a matemática da coisa". O entrevistador, então, acrescenta "que é uma construção muito simples que pode transformar qualquer um em comediante, desde que siga a fórmula. Você conduz

[19] No original: "Typically, extrasentential *not* would also be a phonetically very noticeable, stressed, and often phonetically elongated element. [...] The previous statement first suggests some good or positive message, which is then suddenly and surprisingly negated and retracted by extrasentential *not.* This creates an effect or surprise and also a certain level of irony or sarcasm.".

> alguém por – um caminho e –", ao que Myers responde: "Vem a negação final. Sim, eu adoro quando as coisas têm uma versão caseira" (Bergs; Pentrel, 2025, p. 24)[20].

O *não* pós-sentencial, aliás, se dá de forma independente, fora da oração. Pullum e Huddleston (2012 *apud* Bergs; Pentre, 2025) já haviam observado esse fenômeno e o chamaram de *não final não integrado*.

> Essa construção é encontrada, principalmente, na fala da geração mais jovem (tendo sido popularizada e, talvez, iniciada por personagens de um esquete de comédia da televisão americana), mas é reproduzida, ocasionalmente, em textos jornalísticos recentes. Como uma forma humorística de sinalizar ironia ou falta de sinceridade, acrescenta-se um "não" final enfático após uma oração, revogando a asserção feita (Pullum; Huddleston, 2012 *apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 19)[21].

Ainda no que tange à sua origem, Bergs e Pentre (2025) asseveram que parte considerável das ocorrências pode ser encontrada tanto no filme em questão quanto em séries como *Os Simpsons* e *Beverly Hills 90210*, como se verifica em (6) e (7):

> (6) I'm gonna miss you too. **Not** (1989; *Os Simpsons* [...] *apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores).
>
> Em tradução livre: Vou sentir sua falta também. Não.
>
> (7) So you two are lovers. **Not** (1991; COHA; *Beverly Hills 90210 apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores).
>
> Em tradução livre: Então, vocês são amantes. Não.

Entretanto, muito provavelmente *Wayne's World* não seja a origem do *not* pós-sentencial. Isso porque é possível constatar uma ocorrência em 1989, em *Os Simpsons*, anterior ao filme – apesar de ser inegável o papel da película na popularização da construção.

Vale dizer, a esse propósito, que, se se tratar mesmo de uma reinterpretação pragmático-discursiva do inglês, *só que não* sofreu adaptações para funcionar competentemente no sistema da língua portuguesa. Por um lado, a piada do não envolve aspectos como pausa e entonação ascendente, expressas, no registro escrito, por meio de reticências, maiúsculas e ponto de exclamação, de maneira a destacar a ironia, como se vê em "This suit is black... NOT!"[22]

---

[20] No original: "Asked by the interviewer whether he wrote 'that joke' or observed it first, Myers says that he first observed and used that as an adolescent in Ontario. In other words, he denies actively having 'engineered' that structure. Moreover, Myers also points out in the interview that the structure is an expression of 1990s sarcasm: 'I'm going to comply with you, but I am not really complying with you. That would be the mathematics of it'. The interviewer finally points out that 'it's a really simple construction that can turn anyone into a comedian, so long as they follow the formular. You lead someone down – a path and – ' 'There is the final negation. Yeah, I do love when things have a home version', Myers answers.".

[21] No original: "This construction is found mainly in younger generation speech (popularized and perhaps originated by characters in an American television comedy sketch) but is occasionally echoed in recent journalistic writing. As a humorous way to signal irony or insincerity, a final emphatic not is added following a clause, retracting the assertion made.".

[22] Em tradução livre: "Este/Esse terno é preto... NÃO!".

(Camargo, 2017, p. 53). Por outro, *só que não* dispensa quaisquer marcações gráficas, embora o emprego delas não seja vedado.

Fato é que, independentemente de a procedência de *só que não* não passar de um conjunto de conjecturas, a *internet* desempenhou papel decisivo como espaço de aceleração, visibilização e convencionalização da construção, sobretudo na forma sintética *#sqn*.

Nesse sentido, ainda com relação à ocorrência (4), referida na seção **2.1 Do operador de foco *só que***, façamos outra substituição: a do operador de foco *só que* pela construção *só que não*. Vejamos (4b):

> (4b) A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando "vem revelar aquilo que já se sabia, **só que não** ~~tínhamos provas nem evidências~~".

Há uma clara refutação da proposição imediatamente anterior e, ao mesmo tempo, uma clara perda de todo o conteúdo posterior, isto é, "não tínhamos provas nem evidências". Isso porque *só que não* não admite nenhum tipo de complemento[23], a não ser, de forma implícita, a repetição do verbo/locução verbal da proposição antecedente.

Nesse aspecto, notamos o verbo "saber", constante da porção textual antecedente, também presente na porção introduzida por *só que não*, com a construção incidindo diretamente sobre ele. O que se verifica, então, é o seguinte:

> (4c) A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando "vem revelar aquilo que já se sabia, **só que não** [se sabia].

Primeiro, a construção solicita a repetição do verbo/locução verbal da proposição anterior; depois, como consequência da ironia, promove seu apagamento ao encapsulá-lo na segunda ocorrência; e, por fim, quebra as expectativas do ouvinte. Logo, o verbo "saber" ocorre duas vezes: na oração, de modo explícito, e como complemento de *só que não*, de modo implícito.

Dessa maneira, o encapsulamento é resultado direto da ação irônica, uma vez que a intenção do falante, no âmbito da formulação, é materializada na codificação, o que significa

[23] No âmbito desta pesquisa, o termo *complemento*, a ser empregado reiteradamente a partir de agora, nada tem a ver com a nomenclatura gramatical. Assim, tanto *complemento* quanto *particularização* assumem o sentido de *informação adicional* ou *especificador*.

dizer que, se também a segunda ocorrência do verbo fosse explícita, teríamos o apagamento da ironia.

Retomemos, agora, a ocorrência (1), presente na **Introdução**:

(1) [É/Está] Barato, **só que não** [é/está].

Já se disse que, consoante o caso em questão, quando nem a primeira porção textual apresenta verbo explícito, deve-se recorrer aos genéricos *ser* e *estar*. No entanto, é para o papel da ironia que gostaríamos de chamar a atenção: em todos os casos, qualquer que seja o tipo de marcação verbal, a ironia provocará o encapsulamento operado por *só que não*, por ser intrínseca à construção:

> [...] o seu modo de operar é um tanto peculiar. Isso porque o conteúdo da primeira oração, apesar de não grafado na segunda, é reiterado, só que de maneira não explícita, como já expusemos. É justamente a ação da ironia que confere a peculiaridade do encapsulamento, com a ironia implicando o apagamento informacional (Camargo, 2017, p. 67).

Quanto às construções *só que sim* e *só que nunca*, por sua vez, conquanto o objetivo de Gervasio (2016) não tenha sido proceder a uma descrição tal qual a de Camargo (2017), podemos, em caráter de contribuição às considerações daquele, reconhecer o mesmo mecanismo de encapsulamento, seja do verbo/locução verbal da proposição anterior, seja de formas genéricas como *ser* e *estar*.

Vejamos alguns exemplos:

> (8) É amanhã no ZZZZZZZZ ... Uma superline, em um ambiente único que vai deixar sua noite muito mias divertida…
> O mistério a magia o suspense, a alegria a diversão...
> Já adquiriu seu ingresso para essa instigante aventura?
> Ainda não?! Corre que da tempo...Estou a disposição ZZZZZZZZ Perder uma festa assim? **Soquenunca** (Gervasio, 2016, p. 81).

> (9) Noooooossa! Que sonho! É sonhar demais?! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk... **SoQueSim** Cada um tem sua mania, seus gostos, suas vontades e seus prazeres. A vida ja é tão difícil... maquiagens e coisas de beleza fazem com que eu me sinta bem, me sinto bonita...e amo maquiar. Posso fazer disso profissão. Então, vou continuar postando essas maravilhas lindas...pq nós merecemos sonhar e ficarmos lindas e vaidosas (Gervasio, 2016, p. 71).

Em (8), *só que nunca*, além de veicular ironia, nega de modo contundente a porção textual anterior. A construção requer a repetição do verbo da porção textual imediatamente

anterior, mas a ironia o apaga ao encapsulá-lo, contradizendo as expectativas do ouvinte e reenquadrando-as.

> (8a) Ainda não?! Corre que da tempo...Estou a disposição ZZZZZZZZ Perder uma festa assim? **Soquenunca** [perder].

Reitere-se, entretanto, que a força advinda da negação do advérbio "nunca" não confere impolidez à sentença, como poderíamos supor; pelo contrário, associada à ironia, a negação, independentemente do grau de intensidade, soa polida: "Ao empregar ironia [...], os falantes não são tão obviamente agressivos e conseguem frustrar contra-ataques. A ironia, portanto, desvia um conflito. Uma declaração crítica, quando revestida de forma inofensiva, ajuda falantes e ouvintes a salvar a própria pele" (Barbee, 1995 *apud* Attardo, 2000, p. 15)[24].

Em (9), por seu turno, *só que sim* também veicula ironia; diferentemente de *só que não* e *só que nunca*, porém, reitera a interrogação exclamativa anterior. Nesse caso, portanto, a operação é a mesma, só que com a diferença de que a ironia se dá não pela refutação, mas pela reiteração de que "sonhar é demais". O que se observa é o seguinte:

> (9a) Noooooossa! Que sonho! É sonhar demais?! Kkkkkkkkkkkkkkkkkkkk... **SoQueSim** [é sonhar].

Primeiro, a construção solicita a repetição da locução verbal da porção textual anterior; depois, como consequência da ironia, promove o apagamento de "é sonhar", por meio de encapsulamento, na segunda ocorrência; e, por fim, reitera o conteúdo da porção textual antecedente.

Assim, tendo em vista a similaridade da constituição das construções em questão, a saber, *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*, pode-se dizer, à luz de Camargo (2017), que elas:

- apresentam posição fixa na sentença, situando-se sempre depois de algum conteúdo sobre o qual agir;
- têm natureza formulaica, configurando-se como padrões (semi)prontos;
- veiculam ironia, (i) refutando ou reiterando a porção textual imediatamente anterior, (ii) encapsulando a repetição do verbo/locução verbal principais do conteúdo antecedente ou de formas genéricas como *ser* e *estar* e (iii) operando mudança de ponto de vista, dado que o reconhecimento da ironia estabelece o sentido irônico em detrimento do literal.

---

[24] No original: "When employing irony (...) speakers are not as obviously aggressive and can thwart counter-attacks. Irony, therefore, turns conflict aside. A critical statement, once clothed in an inoffensive way, helps speakers and hearers to save face".

Cabe acrescentar, nesse âmbito, que, no que concerne a *só que não* especificamente, "as palavras *só*, *que* e *não*, cada qual com um significado e função originais, vêm se reinterpretando e se gramaticalizando [...]" (Camargo, 2017, p. 109) ou, parafraseando Traugott e Trousdale (2013), inexiste correspondência completa entre o significado dos elementos individuais e o significado do conjunto.

Isso posto, a função pragmática da construção como negação irônica emerge de um uso contextualmente específico, e não da simples soma do sentido de suas partes individuais – raciocínio extensível às demais construções, consideradas suas particularidades.

Ainda no caso de *só que não*, Camargo (2017) demonstra que "[...] quase metade das ocorrências obtidas está associada a gêneros textuais como a coluna, o artigo de opinião e o editorial – de origem jornalística –, o que nos mostra a aderência da expressão [e pressupõe a mesma disposição no que diz respeito às demais] a ambientes também mais formais" (Camargo, 2017, p. 111).

Nesse cenário, a formação de um padrão mais abstrato e geral observável pela coexistência de ao menos três construções de natureza afim revela, por um lado, seu potencial criativo, sistemático e eficiente e, por outro, sua versatilidade, ao mesmo tempo que contribui, de maneira substancial, para a inovação linguística.

Assim sendo, [só que X_{Adv}][25] configura-se como uma construção especializada na marcação de ironia ou, em outras palavras, como uma ironia construcional – conceito que é apresentado e discutido no próximo capítulo, cujo elemento central é a ironia.

[25] Vale dizer que, a depender do ponto de vista adotado, as construções em análise podem ser interpretadas como operadores metalinguísticos. Isso porque organizam a interpretação discursiva, ao enfatizar tanto a negação (no caso de *só que não* e *só que nunca*) ou a reiteração (no caso de *só que sim*) quanto a ironia, que constitui uma espécie de comentário do próprio falante – ou, em alguns contextos, do próprio ouvinte – acerca de algo por ele dito previamente. Fica, pois, como sugestão de abordagem para outras investigações.

CAPÍTULO 3

IRONIA

Neste capítulo, tratamos das multiformes manifestações da ironia, tendo em vista consistir em elemento próprio da construção [só que X_{Adv}] e, por isso mesmo, acionador de mudança de perspectiva no interlocutor, e apresentamos o conceito de ironia construcional.

3.1 Definição

3.1.1 Da tradição

Ironia vem do grego *eironeía*, que significa *dissimulação*, e registra uma longa tradição de investigação, seja na Filosofia, seja na Retórica, seja na Crítica Literária, seja na Linguística, dado que é recurso tão universal que não há culturas em que não seja usada ou em que precise ser ensinada de maneira sistematizada. Corroborando tal onipresença, Kierkegaard (1991) assevera que, "como os homens da ciência afirmam que não é possível uma verdadeira ciência sem a dúvida, assim também se pode, com inteira razão, afirmar que nenhuma vida autêntica humana é possível sem ironia" (Kierkegaard, 1991, p. 277).

De acordo com o *New dictionary of the history of ideas* (Horowitz, 2004), destaca-se a acepção socrática do termo *ironia*, vinculada ao procedimento dialógico representado nos diálogos de Platão, em que Sócrates, aparentando desconhecimento, formulava perguntas que levavam o interlocutor a questionar as próprias crenças – método posteriormente associado à maiêutica. A esse respeito, seu propósito era não o de ridicularizar o interlocutor, mas o de conduzi-lo rumo a um despertar para o conhecimento.

Segundo Neves (2006), para Aristóteles, o conceito contém diferentes níveis de verdade, sendo a negação uma de suas propriedades mais inerentes. Ainda no século IV a.C., o tratado *Retórica a Alexandre* – atribuído a Aristóteles, mas provavelmente escrito por Anaxímenes de Lâmpsaco – define ironia como *culpar sob a forma de elogio* (ironia satírica) e *elogiar sob a forma de culpa* (ironia cômica).

Mais tarde, na tradição romana, Cícero pondera que nem toda ironia se baseia em dizer o exato contrário do que se pense, limitando essa inversão total ao campo da dissimulação. Quintiliano, por sua vez, concebe o recurso como um tipo de alegoria; sob essa ótica, a concessão irônica consiste em ecoar com falsa aprovação as ideias da vítima, enquanto o conselho irônico recomenda a ela os mesmos disparates que já venha perseguindo (Neves, 2006).

Mais modernamente, no entanto, entre os séculos XVIII e XIX, a ironia ganha dimensão filosófica e estética com o Romantismo, passando a ser definida como uma sensibilidade

enraizada na contradição e, por isso mesmo, como um traço definidor da mente artística (Tobin, 2016). Dito de outro modo, passa a centrar-se na tensão entre perspectivas, entre ideal e real, entre expectativa e limitação.

Nesse mesmo contexto, Goethe – um dos principais representantes do Romantismo europeu e, paradoxalmente, um grande crítico dessa mesma corrente estética – a vê como propiciadora de neutralidade, porque permite um estado de espírito acima do bem e do mal, a ponto de os erros poderem ser vistos com humor. Ainda na perspectiva do arcabouço alemão, Schlegel a conceitua como paradoxo, reflexão crítica, contradição estética, ou seja, como um diálogo de incessantes contradições no pensamento (Neves, 2006).

Convém salientar, a propósito, que parece haver uma forte relação entre ironia e teatro desde os primórdios. Conforme Tobin (2016), "a história da ironia está, na verdade, entrelaçada com a do teatro e da *performance*, mas, em discussões modernas, tem havido a forte insinuação de que a natureza da ironia e a do teatro se ajustem particularmente bem uma à outra" (Tobin, 2016, p. 54)[26], o que talvez explique a definição de *dissimulação*, uma vez que qualquer que seja a atuação envolve certo grau de fingimento.

Todavia, diferentemente do que se possa pensar, embora o drama pareça convocar sempre à conhecida ironia dramática – um dos tipos de ironia[27]–, "seria errado igualar a ironia dramática à ironia no drama, uma vez que esta abrange um espectro extremamente amplo de estruturas irônicas" (Pfister, 1988 *apud* Tobin, 2016, p. 54)[28].

Dessa forma, são vários os elementos próprios da cena dramática que convergem para a construção do efeito irônico. Um deles deles manifesta-se na assimetria de informação, em que o público tem sempre ciência de situações vividas pelos personagens que estes próprios desconhecem. Outro diz respeito ao fato de a própria atuação configurar um fingimento sustentado, estreitamente associado ao eufemismo irônico, à ironia socrática ou ao sarcasmo. Outro ainda é a distância física entre palco e plateia, o que confere aos espectadores uma posição

---

[26] No original: "The history of irony is thus intertwined with the history of theatre and performance, but in modern discussions there has often also been the intimation that the nature of irony and the nature of theatre are especially well fitted to one another".

[27] Conforme Gibbs (1994), são estes os tipos de ironia mais comumente conhecidos, apresentando a característica comum da discrepância entre o que é real e o que é esperado: *dramática*, *situacional* e *verbal*. Constam ainda, além das supracitadas, a *autoironia* e a *ironia do destino*. Acrescente-se que a *verbal* é a única a ser produzida intencionalmente pelo falante; além disso, consiste na relação entre o sentido dos itens lexicais e o contexto, ou seja, na expressão do contrário do que efetivamente se diz, e manifesta vários tipos, como a zombaria, o exagero e a caricatura, cada qual fazendo emergir uma interpretação (Sequeiros, [s.d.]).

[28] No original: "It would be wrong to equate dramatic irony with irony in drama since the latter encompasses an extremely broad spectrum of ironic structures".

de juízo imparcial ao permitir-lhes observar as ações sob um distanciamento criticamente irônico (Tobin, 2016).

Do ponto de vista gramatical, breve consulta ao Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Ironia, 2026) apresenta as seguintes acepções de *ironia*:

Figura 2 – Definições acerca do vocábulo *ironia*

ironia *(sXV cf. FichIVPM)*

princ. loc. orig. etc.

substantivo feminino

1 RET figura por meio da qual se passa uma mensagem diferente, muitas vezes contrária, à mensagem literal, ger. com objetivo de criticar ou promover humor [A ironia ressalta do contexto.]

1.1 LIT esta figura, que se caracteriza pelo emprego inteligente de contrastes, us. literariamente para criar ou ressaltar certos efeitos humorísticos

2 m.q. **asteísmo** (no sentido de 'uso sutil e delicado da crítica irônica')

3 qualquer comentário ou afirmação irônica

4 *p.ext.* uso de palavra, expressão ou acepção de caráter sarcástico; zombaria

5 *fig.* contraste ou incongruência entre o resultado real de uma sequência de acontecimentos e o que seria o resultado normal ou esperado

5.1 *fig.* acontecimento ou resultado marcado por esse contraste ou incongruência *‹uma **ironia** do destino›*

Fonte: Ironia (2026).

Verificam-se duas grandes definições: ironia como contrastes ou ingruências, geralmente envolvendo contrários, e também como sarcasmo ou zombaria.

Rocha Lima (2003) e Bechara (2004), nessa mesma direção, a caracterizam como um acontecimento ou desfecho contrários ao que as circunstâncias fariam supor, ou ainda como a afirmação do contrário do curso de determinada declaração, sendo a contraexpectativa seu traço distintivo.

Fato é, porém, que nem sequer uma dessas definições soa completa. Primeiro, porque, embora os termos *irônico* e *sarcástico* sejam intercambiáveis para muitos, historicamente *sarcasmo* "destaca uma espécie de zombaria ou desprezo que nem todas as ironias verbais utilizam, e argumentativamente pode-se ser sarcástico sem ser irônico" (Tobin, 2021, p. 204 e 205)[29]. Segundo, porque a oposição não se estabelece como critério suficiente para explicitar os mecanismos de criação e de interpretação de construções irônicas. Em outras palavras, a ironia pode não implicar o extremo oposto de um significado materializado, como "Ele é um bom amigo" para significar "Ele é um péssimo amigo" (Tobin; Israel, 2012), e, ainda assim, continuar a ser ironia – apesar de ela sempre envolver, independentemente do tipo, oposição em algum grau.

Nesse âmbito, Gibbs (1986 *apud* Tobin, 2016) apresenta o seguinte exemplo: depois de um motorista deixar de sinalizar uma conversão, outro exclama, em tom evidentemente irônico,

[29] No original: "[...] the term 'sarcasm' highlights a kind of mockery or contempt that not all verbal ironies employ, and arguably one could be sarcastic without being ironic".

“Amo pessoas que dão seta!”. O sentido do enunciado não decorre de mera inversão semântica do conteúdo literal, mas da incongruência entre a avaliação positiva linguisticamente expressa e o comportamento efetivamente observado.

Fica claro, pois, que a ironia não está naquilo que o motorista diz, mas no momento escolhido para dizer o que ele diz. Com isso, ressalta-se que nem sempre um enunciado irônico, como já se afirmou, significa o extremo oposto daquilo que de fato se diz.

Dada, então, a flagrante heterogeneidade do fenômeno, as fundações da Linguística Cognitiva “deveriam, idealmente, explicar se e de que modo a ironia verbal se relaciona com outros tipos de ironia, bem como por que ela é, às vezes, difícil de definir” (Tobin, 2016, p. 58)[30].

Logo, como a ironia envolve algum grau de oposição entre dois significados e uma série de inferências para sua decodificação, a perspectiva pragmática se distancia das abordagens tradicionais, justamente porque leva em conta os elementos que extrapolam o nível do enunciado.

3.1.2 Da pragmática

No que tange à ironia verbal mais especialmente, sobre a qual recai nosso verdadeiro interesse, na Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1964 *apud* Pedro, 2018), a comunicação é composta não apenas de palavras mas também de intenções e ações. Assim, quando se diz, diz-se para além daquilo que se diz.

A esse respeito, Grice (1982) dá grandes contribuições à teoria, dentre as quais se destaca a explicitação dos mecanismos de reconhecimento das intenções por trás do enunciado que se pretende comunicar em uma interação. Apresenta-se, portanto, a noção de implicatura, que tem o sentido figurado como equivalente na tradição clássica: a *implicatura convencional* consiste no significado convencional (literal) de um enunciado, enquanto a *conversacional*, no seu significado “extrapolado”, ou seja, o que se quer dizer não é efetivamente o que se enuncia.

Tendo em vista que um enunciado pode significar mais do que seu sentido literal, há, em qualquer que seja a interação, um princípio geral implícito o qual, inconsciente e cooperativamente, deve ser respeitado pelos seus participantes para que haja comunicação: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado” (Grice, 1982, p. 86). Cunhado de Princípio da Cooperação, ele se dá com base em quatro máximas:

---

[30] No original: “[…] should ideally explain something about whether and in what way verbal irony relates to other kinds of irony, as well as why irony is sometimes very difficult to pin down”.

- *de qualidade*: não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo para o qual você possa fornecer evidência adequada.
- *de quantidade*: faça que sua contribuição seja tão informativa quanto necessário para o propósito corrente da comunicação; não faça de sua contribuição mais informativa do que é preciso.
- *de relação*: seja relevante.
- *de modo*: seja claro, evitando ambiguidades e obscuridade de expressão e sendo breve e ordenado (Grice, 1982).

Ainda de acordo com Grice (1982), vale dizer que, para a produção de ironia, viola-se sempre uma delas, mais especificamente a de qualidade, visto que a ironia verbal se caracteriza pelo oposto daquilo que se diz literalmente. Em outros termos, a violação da máxima em questão é o que permite ao ouvinte inferir o contrário do que se diz, cabendo, então, a ele considerar o falante como comunicando uma proposição relacionada que satisfaria tal máxima (Sequeiros, [s.d.]).

Wilson e Sperber (2005), entretanto, afirmam haver certas incongruências na abordagem pragmática, sobretudo no que concerne à falsidade intencional griceriana.

> Há argumentos bem conhecidos contra essa perspectiva. Ela é descritivamente inadequada, porque interpretações irônicas, citações e alusões não comunicam o oposto do que é dito literalmente. É teoricamente inadequada, porque dizer o oposto do que algo significa é patentemente irracional; nessa perspectiva, é difícil de explicar por que a ironia é universal e aparece espontaneamente, sem ser pensada ou aprendida (Wilson; Sperber, 2005, p. 246).

Grice (1982), entre outros aspectos, não consegue explicar se se trata de recurso linguístico adquirido ou ensinado quando, porém, as inúmeras evidências à disposição sugerem sua interpretação como espontânea, independentemente da cultura. Além disso, para ele, a ironia é tida como desprovida de conteúdo específico, tal qual um dispositivo meramente decorativo, o que, no entanto, não se mostra apropriado. Afinal, um componente cuja função seja apenas adornar não teria por que requerer esforço adicional para ser processado, como já se sabe ser o caso.

Outro problema da abordagem é tomar a ironia como forma indireta de comunicação, uma vez que comunica não o sentido literal, mas seu contrário. Todavia, seu modo indireto de dizer, sabe-se, tem como objetivo proposital causar esforço cognitivo extra e, por conseguinte, provocar efeitos cognitivos adicionais ou diferentes (Sequeiros, [s.d.]).

Nesse contexto, o que leva o falante, em determinadas situações, a preferir fazer uso de um enunciado irônico a ser direto e claro, por exemplo, é ainda inconclusivo. Para Sequeiros ([s.d.]),

> uma forma de comunicação mais indireta, mais vaga e mais fraca pode ser mais adequada, particularmente quando o comunicador não tem intenções claramente demarcadas em mente, ou prefere fornecer uma ideia impressionista do que ele quer dizer (por exemplo, em situações informais, bate-papos com amigos, etc.) (Sequeiros, [s.d.], p. 14)[31].

A esse respeito, Attardo (2000) enumera diferentes hipóteses para tentar elucidar o porquê da preferência pelo recurso da ironia à da transparência da literalidade: humor, status de elevação, agressividade e controle emocional; superioridade; solidariedade e julgamento; igualdade; exclusão; compartilhamento de avaliações.

Para Carston (1981 *apud* Attardo, 2000), trata-se de uma poderosa ferramenta retórica, haja vista pressupor a verdade de uma proposição pressuposta por ser autoevidente. Já conforme Kreuz, Long e Church (1991 *apud* Attardo, 2000), é memorável e oferece maneiras efetivas para falantes atingirem seus fins comunicativos, como zombar, insultar e alegrar. Por fim, à luz de Barbe (1995 *apud* Attardo, 2000), tem a polidez como motivação.

Voltemos, contudo, às discordâncias entre Grice (1982) e Wilson e Sperber (2005):

> Abordagens tradicionais como a de Grice tratam a metáfora e a ironia como tropos, em que ambas são analisadas como desrespeito à máxima de qualidade (os ouvintes precisam derivar algum tipo de implicatura para preservar a aplicação da máxima). Essa implicatura envolve uma proposição que se relaciona com o enunciado produzido, ou seja, uma contradição no caso da ironia e uma comparação no caso da metáfora. Entretanto, a Teoria da Relevância trata a metáfora e a ironia de maneira muito diferente. Nessa abordagem, a metáfora envolve o uso descritivo da linguagem, enquanto a ironia envolve o uso interpretativo. Na verdade, a ironia, ao contrário da metáfora, requer a expressão de uma atitude a uma representação atribuída (Sequeiros, [s.d.], p. 14)[32].

Como se vê, consoante Grice (1982), a metáfora funciona de modo semelhante à ironia, com a única diferença de que aquela se apoia na comparação. O mesmo ocorre com a hipérbole, entendida como um enfraquecimento do sentido literal, e com a subestimação, concebida como

---

[31] No original: "[…] a more indirect, vaguer and weaker form of communication may be more suitable, particularly when the communicator doesn't have clearly demarcated intentions in mind or prefers to provide an impressionistic idea of what he means (e.g. in informal situations, chats with friends, etc.)".

[32] No original: "Traditional accounts (such as Grice's) treat metaphor and irony as tropes, where they are analysed in the same way as overt floutings of the maxim of quality (i.e. where hearers need to derive some kind of implicature in order to preserve the application of the maxim). This implicature involves a proposition that is related to the utterance produced: i.e. a contradiction in the case of irony and a comparison in the case of metaphor. However, a relevance-theoretic account treats metaphor and irony very differently. On this approach metaphor involves descriptive use of language, whereas irony involves interpretive use. Thus, irony, unlike metaphor, requires the expression of an attitude to an attributed representation".

um reforço do literal. Assim, tem-se como de mesma natureza todos esses fenômenos, razão pela qual deveriam receber o mesmo tratamento.

Tal concepção, entretanto, é contestada por Sperber e Wilson (2005), que defendem abordagem distintas, dado que, consoante os autores, se trata de fenômenos distintos.

Desde os anos de 1980, um número de abordagens híbridas tem sido proposto (Tobin; Israel, 2012). Fundamentadas em aspectos da abordagem de Grice (1982), mas com modificações, duas teorias recentes muito influentes são a inadequação relevante (Attardo, 2000), já referida, e a negação indireta (Giora, 1995).

Para Attardo (2000), a ironia configura caso de inadequação relevante, isto é, se uma sentença é tanto inadequada quanto relevante para o contexto, ela é irônica. Dessa maneira, ela é concebida como sendo uma enunciação que o ouvinte pressupõe esteja relacionada ao contexto anterior, mas, de alguma forma, tenha se desviado da enunciação esperada, soando inapropriada.

Para ele, um enunciado é irônico se satisfaz os seguintes requisitos:

i) se a sentença é contextualmente inapropriada;
ii) se a sentença é, ao mesmo tempo, relevante;
iii) se a sentença é construída como tendo sido enunciada de maneira intencional e com ciência da inadequação contextual pelo falante;
iv) se o falante pretende que parte da audiência reconheça os requisitos anteriores[33].

Consideremos, nesse sentido, um exemplo retirado da famosa tira de quadrinhos americanos *Dilbert*, criação do cartunista Scott Adams:

> Os concorrentes da empresa do Dilbert obtiveram os planos de negócios secretos da empresa dele. O quadrinho mostra três pessoas (o quadro está identificado como "Os concorrentes") rindo. Uma delas segura uma folha de papel e diz: "Ó! Olhem só! Eles estão planejando 'utilizar sinergia'. Estamos encrencados agora!" (Attardo, 2000, p. 4)[34].

Nas palavras de Attardo (2000):

> A declaração do concorrente é claramente inadequada para uma situação de riso e diversão, já que sua fala ("Estamos encrencados agora!") só seria apropriada se algo ruim estivesse prestes a acontecer e, portanto, a fala ou o riso seriam inadequados. Por outro lado, podemos salvar a fala da anomalia ao deduzir que o falante esteja sendo irônico. Quando considerado como irônico, o turno inteiro adquire uma relevância específica, ou seja, o público reprocessa a frase "Estamos encrencados agora!" como essencialmente antônima (isto é, "Não estamos encrencados agora!"). Nesse ponto, o público se depara com um problema, a saber, determinar por que os concorrentes estão

[33] A menos que se interprete a sentença como ironia não intencional – caso em que iii) e iv) não têm validade.
[34] No original: "Situation: the competitors of Dilbert's company have obtained Dilbert's company's secret business plans. The cartoons shows three persons (the frame is labeled 'The competitors') laughing. One holds a sheet of paper and is saying: 'Ooh! Look! They're planning to 'utilize sinergy'. We're in trouble now!'".

> tão felizes/divertidos. A presença de uma citação literal (menção) dos planos de negócios secretos direciona a atenção do público para esse aspecto específico e leva à inferência de que a razão para a crença dos concorrentes seja a empresa de Dilbert ser tão ultrapassada quanto a linguagem de seu plano de negócios. Mas quem ou o que é o alvo, o objeto da ironia? Em um nível, a empresa de Dilbert, que está usando frases tão clichês como "utilizar sinergia". Em um nível inferior, qualquer pessoa no mundo não fictício que utilize tais expressões. Note também que o turno inadequado é introduzido e sinalizado como tal para o público por, presumivelmente, marcadores paralinguísticos exagerados ("Ó! Olhem!"), embora a pobreza do meio escrito torne virtualmente impossível discutir as características entonacionais que provavelmente estejam associadas a esses marcadores (Attardo, 2000, p. 4 e 5)[35].

Essa aplicação, contudo, não tem validade para ironias de significado já convencionalizado, também chamadas de ironias construcionais. Isso porque, nesse caso, parece razoável supor que sejam aceitas como apropriadas: "Tão logo seu significado esteja enraizado, parece razoável supor que [as ironias] se tornem apropriadas, no sentido de que suas condições contextuais são atendidas" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 330)[36].

Ademais, como a ironia é preferível ao sentido literal muitas vezes, seria inadequado considerá-la inadequada, porque, durante o processo de seu enraizamento, o sentido irônico se torna apropriado contextualmente (Lehmann; Bergs, 2021) – fenômeno que, a propósito, será discutido mais detalhadamente na seção **3.2 Ironia construcional**.

Attardo (2000) chama a atenção também para a necessidade de diferenciar *marcadores de ironia* de *indicadores de ironia*. Os marcadores – interjeições, *emoticons* e, mais contemporaneamente, *emoji*s – alertam o interlocutor para a presença de ironia, facilitando sua detecção. Cumpre acrescentar, todavia, que um enunciado pode soar irônico ainda que desprovido de tais marcas, o que mostra que são opcionais e, portanto, podem ser omitidas sem que se comprometa o efeito irônico. Os indicadores, ao contrário, são indispensáveis: sua retirada elimina a incongruência semântica[37] e, com ela, a própria ironia.

---

[35] No original: "The statement of the competitor is clearly inappropriate to a situation of laughter and amusement, since his utterance ('We're in trouble now!') is appropriate only if something bad is about to happen, and hence either the utterance or the laughter would be inappropriate. On the other hand, we can salvage the utterance from ill-formedness by inferencing that the speaker is being ironical. When considered as ironical, the entire turn acquires a specific relevance, i.c., the audience reprocesses the sentence 'We're in trouble now!' as essentially antonymous (i.e., 'We're not in trouble now!'). At this point, the audience is faced with a problem, namely to determine why the competitors are so happy/amused. The presence of a literal quote (mention) from the secret business plans directs the audience attention to this particular aspect and leads to the inference that the reason for the competitors' belief is that Dilbert's company is as non-cutting edge as its business plan language. But who or what is the butt, the target of the irony? On one level, Dilbert's company, which is using such hackneyed phrases as 'utilize synergy'. On a lower level, anyone in the non-fictional world who utilizes such expressions. Note also that the inappropriate turn is introduced and signalled as such to the audience by what are presumably exaggerated paralinguistic markers ('Ooh! Look!'), although the poverty of the written medium makes it virtually impossible to discuss the intonational characteristics that are probably associated with these markers".

[36] No original: "As soon as their meaning is entrenched, though, it seems reasonable to assume that they become appropriate in the sense that their contextual conditions are met".

[37] *Incongruência semântica* é uma característica inerente à ironia verbal e conceitua-se como oposição entre o sentido literal e o sentido contextual – daí a definição corrente de que ironia é o contrário daquilo que se diz. Com

À luz do paradigma de Giora (1995), por sua vez, a ironia é um tipo de negação indireta, porque sem marcador explícito. Produzida por uma aparente violação dos requisitos cooperativos para a coerência do discurso, é resultado de um choque entre o significado mais saliente de um enunciado e o seu grau de informatividade apropriada. Logo, um enunciado irônico destaca a diferença entre um estado real de coisas e alguma mensagem implícita sobre um estado mais desejável de coisas.

Conquanto a estudiosa incorpore a hipótese da saliência graduada, refinando suas afirmações iniciais ao sustentar que, no caso de ironias idiomáticas, tanto o sentido literal quanto o não literal são acessados simultaneamente, Lehmann e Bergs (2021) observam que o sentido irônico tende a prevalecer sobre o literal, o qual, em alguns casos, é apenas reativado. Na verdade, pode-se dizer que algumas construções, a exemplo das ironias construcionais, nem chegam a exigir a ativação do sentido literal.

Nesse aspecto, de acordo com Lehmann e Bergs (2021), "padrões sintáticos normalmente associados a um significado irônico representam um problema para algumas das abordagens atuais, cujo foco reside, principalmente, em novas ironias" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310)[38], o que sugere que tais abordagens não sejam capazes de dar conta da completude, em sua complexidade e variedade, das formas irônicas manifestas linguisticamente.

Assim sendo, tanto o paradigma de Attardo (2000) quanto o de Giora (1995), ao adotar a interpretação literal como instrumento sempre útil para chegar ao significado irônico, têm dificuldades para explicar a existência das ironias construcionais (Lehmann; Bergs, 2021), constituindo limitação a ser considerada, haja vista não contemplar parte das operações irônicas.

Nesse âmbito, Wilson e Sperber (2005), também já referidos, propõem uma perspectiva fundamentalmente distinta dos paradigmas em questão – embora reconheçam que a compreensão de informações imbuídas de humor ou ironia careça de atenção, porque não é universal.

> Expectativas de relevância são precisas e previsíveis o suficiente para guiar o ouvinte na direção do significado do falante. [...]. O objetivo é explicar em termos cognitivamente realísticos a que equivalem essas expectativas e como elas podem contribuir para uma abordagem empiricamente plausível da compreensão (Wilson, Sperber, 2005, p. 221).

---

base em Karoui *et al.* (2017), Ghosh *et al.* (2020) consideram que a incongruência semântica seja explícita quando é lexicalizada (palavras, imagens, *hashtags*) e implícita quando um dos termos incongruentes não é lexicalizado e tem de ser reconstruído a partir de referências do contexto.

[38] No original: "Syntactic patterns that are usually associated with an ironic meaning pose a problem for some of the current accounts of irony, whose focus lies primarily on novel ironies".

Em linhas gerais, a teoria explica que há uma clara distinção entre dois diferentes modos de fazer uso da língua. No primeiro, falantes recorrem a enunciações como descrição de estados de coisa no mundo e, por conseguinte, usam a linguagem descritivamente. No segundo, por seu turno, recorrem a enunciações como interpretação de outras representações (enunciados ou pensamentos) e, como consequência, usam a linguagem interpretativamente. Nesse sentido, compete ao ouvinte reconhecer pistas linguísticas – nem sempre presentes explicitamente, porém – que lhe possibilitem identificar se a representação em decodificação foi produzida pela via descritiva ou pela interpretativa, o que constitui decisão substancial no processo de interpretação (Sequeiros, [s.d.]).

Em caráter complementar, a ironia "não envolve nenhuma maquinaria especial ou procedimentos que não os já necessários para abordar o uso básico da linguagem, *o interpretativo*, e uma forma específica de uso interpretativo, *o ecoico*" (Wilson; Sperber, 2005, p. 246, grifos próprios). Enquanto o *uso interpretativo* diz respeito à representação de um enunciado em outro enunciado ou pensamento semelhantes em conteúdo, sendo a fala ou o pensamento reportado o uso interpretativo mais comum, o *uso ecoico* consiste no alcance de sua maior relevância ao expressar a atitude humorística do falante.

Dessa maneira, segundo Sequeiros ([s.d.]), ao ecoar uma representação, o falante se distancia do seu conteúdo e, concomitantemente, sobrepõe-no com uma atitude humorística. Em seguida, o foco de atenção se desloca do conteúdo da representação para o humor.

Convém dizer, em outros termos, que esse paradigma pressupõe que o falante, ao produzir uma sentença, mencione uma proposição em vez de utilizá-la literalmente, mantendo-se, ao mesmo tempo, afastado dela. A proposição evocada pode ser extraída do cotexto[39], de uma norma social, de uma crença geral ou até de um pensamento, sendo necessário que o enunciado irônico apresente semelhança interpretativa com ela para que o ouvinte a reconheça. Nesse ponto, o enunciado original é rejeitado (Lehmann; Bergs, 2021).

Logo, a abordagem em discussão postula que a ironia consiste em uma menção ecoica, cujo objetivo é, diferentemente de transmitir ao ouvinte o conteúdo da proposição anterior, deixar claro que o enunciado foi percebido e compreendido e, com isso, levá-lo a reagir. Assim, a menção ecoica indica a atitude do falante com relação a determinada proposição.

---

[39] Conceito proposto por Bar-Hillel (1970), ele se refere à intervenção de certas unidades linguísticas na significação de outras formas linguísticas presentes em um texto, configurando processo responsável por solucionar ambiguidades.

Para interpretar um enunciado irônico, pois, é preciso, conforme Wilson e Sperber (2005), (i) tratar a proposição como ecoica, (ii) identificar a fonte da opinião ecoada e (iii) reconhecer a atitude do falante quanto a essa opinião.

Todavia, a despeito de a teoria apresentar inúmeras virtudes e parecer descrever uma ampla variedade de enunciados irônicos, ela é passível de críticas, pois não está claro se a menção ecoica constitua sempre uma condição necessária para a ironia. Para Tobin e Israel (2012), em uma sátira como *Modesta proposta*[40] (Swift, 2005), por exemplo, "é difícil ver como a ironia é predeterminada apenas pela menção ecoica: não há norma cultural, declaração anterior ou expectativa no que tange a comer bebês irlandeses sendo ecoadas aqui" (Tobin; Israel, 2012, p. 29)[41]. Há situações em que a ironia pode emergir de um contexto que seja mais amplo ou de inferências contextuais que não envolvam a repetição ou referência a algo dito anteriormente.

Além disso, falta uma explicação acerca da relação entre forma linguística e função irônica, porque, como a teoria se concentra na intenção do falante e na sua atitude no que se refere ao enunciado ecoado, a ênfase recai muito mais sobre a função pragmática – o que o falante pretende comunicar – do que sobre a forma linguística pela qual a ironia se manifesta. Apesar de a ironia poder se dar por meio de uma gama bastante ampla de recursos, tais como entonação, léxico, sintaxe e contexto, a abordagem não detalha como cada um desses recursos contribui para a expressão irônica.

Partindo do conceito de menção ecoica, Kreuz e Glucksberg (1989) desenvolvem a noção de lembrete ecoico, que inclui ecos alusivos a normas sociais nem sempre explícitas em uma dada interação. Em um caso como "Você poderia falar um pouco mais alto, por favor? Meu bebê não está tentando dormir", a extrema polidez lembra o interlocutor de que se trata de um pedido de silêncio e de que a mãe tem certas expectativas no que concerne ao destinatário (Ghosh *et al*., 2020).

Nesse paradigma, enunciados de conteúdo positivo podem ser empregados sarcasticamente; já aqueles de teor negativo podem ser usados de forma sarcástica apenas em certas circunstâncias – dualidade que se explica pelo fato de os interlocutores reconhecerem sarcasmo quando notam que um falante faz alusão a um conhecimento anterior. Em outras

---

[40] Nesse texto, do escritor irlandês Jonathan Swift, o narrador, abordando a miséria da Irlanda do século XVIII, propõe que bebês irlandeses sejam criados e abatidos como carne para consumo humano, o que evitaria, assim, ainda mais pobreza. O leitor competente entenderá que Swift não propõe tal atrocidade, mas que, na verdade, dirige aos senhores ingleses da época uma crítica selvagem e satírica à crueldade do descaso praticado pelos poderosos com relação aos pobres.

[41] No original: "It is difficult to see how the irony [...] is predicated sheerly on echoic mention: there is no cultural norm, prior utterance, or expectation for eating Irish babies being echoed here".

palavras, de um lado, declarações positivas prescindem de indícios explícitos, uma vez que fazem referência a convenções sociais positivas; de outro, declarações negativas, como contrariam normas sociais positivas, demandam aspectos explícitos para que se dê seu reconhecimento.

Kumon-Nakamura, Glucksberg e Brown (2007), também pautando-se pelo conceito de menção ecoica, destacam a ideia de insinceridade – característica que estaria detrás de todo e qualquer discurso irônico. Segundo a teoria, sempre que expectativas são contrariadas, ocorre insinceridade pragmática, mas não se trata de condição suficiente. Afinal, quando a insinceridade é reconhecida na forma de uma mentira, por exemplo, não há veiculação de ironia, ou seja, a insinceridade deve constar do nível pragmático e fazer referência a alguma expectativa que tenha sido violada para mobilizar a ironia.

Frise-se que abordagens alternativas baseadas na insinceridade, as quais, em termos gerais, propõem que a ironia ocorre quando o falante dissimula uma atitude e espera que o público reconheça o fingimento (Clark; Gerrig, 1984; Clark, 1996; Kreuz; Glucksberg, 1989; Kumon-Nakamura; Glucksberg; Brown, 2007), podem lidar a contento com as lacunas das teorias anteriores.

Nesse sentido, no que concerne ao texto satírico de Swift (2005), o escritor finge uma atitude: a de, com caráter de verdade, propor que crianças sirvam como carne para consumo humano. Entretanto, assim como há muitos tipos de menção não irônicos, há muitas formas de insinceridade igualmente não irônicas (Tobin; Israel, 2012).

3.1.3 Afinal, o que é ironia?

A complexidade conceitual da ironia decorre da proliferação de fenômenos categorizados sob esse rótulo. Dentro das ciências cognitivas, a Linguística tende a restringir os estudos à ironia verbal, da qual o sarcasmo[42] é caso paradigmático, e a concentrar-se,

---

[42] Embora *ironia* e *sarcasmo* sejam, para muitos teóricos, sinônimos (Burgers, 2010; Clark; Gerrig, 1984), para outros têm, cada qual, suas particularidades (Attardo, 2000; Kreuz; Roberts, 1993). Pode-se dizer que o sarcasmo se utiliza da ironia, muito mais ampla do que ele, para gerar humor, geralmente áspero, agressivo (Attardo, 2000), dirigindo-se sempre a algo ou alguém (Kreuz; Roberts, 1993) e sendo empregado intencionalmente (Gibbs; Potter; Goldstein, 1995). Para Attardo *et. al.* (2003 *apud* Conz, 2010), o sarcasmo apresenta indícios morfológicos, sintáticos, lexicais ou tipográficos; para William (1984 *apud* Conz, 2010), dá-se por meio de vocabulário incomum; para Rockwell (2004 *apud* Conz, 2010), enunciados sarcásticos são mais declarativos do que interrogativos ou imperativos; para Rastall (2003 *apud* Conz, 2010), o pronome *nós* é mais usualmente empregado em declarações sarcásticas; para Gibbs (2000 *apud* Conz, 2010), enunciados com palavras positivas e intenção negativa tendem a ser sarcásticos, da mesma forma que enunciados com palavras negativas e intenção positiva (Rockwell, 2004 *apud* Conz, 2010). Ivanko, Pexman e Olineck (2004 *apud* Conz, 2010) afirmam que mulheres têm mais tendência a produzir sarcasmo autodirecionado e que homens têm mais tendência a produzir sarcasmo direcionado ao interlocutor. Consoante Kreuz e Roberts (1995 *apud* Conz, 2010), falantes que fazem uso do sarcasmo preferem indicá-lo com adjetivos e advérbios superlativos a usar termos mais moderados.

sobretudo, em compreender e interpretar cognitivamente a forma como o receptor decodifica a intenção irônica a partir de pistas textuais, prosódicas e contextuais. Nessa perspectiva, duas questões, de acordo com Tobin e Israel (2012), merecem destaque.

A primeira diz respeito ao fato de que a ironia é tão diversa, com tipos tão vários de manifestação, que é o nome não de um ente só, mas de ampla classe de fenômenos, uma vez que se faz presente em uma infinidade de ambientes culturais, literários e linguísticos. Em contrapartida, apesar da pluralidade de ironias, a existência de um ponto de vista complexo parece ser característica comum, aproximando-as umas das outras – qualidade que, conforme Fowler (1926 *apud* Tobin; Israel, 2012), as distingue da mera incongruência.

A segunda questão se refere a um aparente paradoxo. Por um lado, sabe-se que a ironia é complexa, tendo em vista que a habilidade para entendê-la surge tarde no desenvolvimento cognitivo – tanto que até adultos apresentam dificuldade para interpretá-la e, prova disso, tendem a achar que as próprias intenções sejam muito mais transparentes do que realmente o são (Keysar, 1994 *apud* Tobin, 2016). Assim, seu potencial para mal-entendidos pode ser tido como um de seus traços definidores.

> [...] a ironia é uma jogada arriscada. Um risco é que o ironista pareça apenas insincero, difícil ou desinteressado. Um risco maior, ou pelo menos um que tem recebido mais atenção crítica e teórica, é que a ironia não seja reconhecida de forma alguma. Embora os falantes e os escritores possam usar uma série de pistas externas – entonação exagerada, partículas de citação, pistas contextuais e afins – para "marcar" (Muecke 1978) suas falas como irônicas, o mal-entendido está sempre à espreita (Tobin, 2021, p. 203)[43].

Por outro lado, a ironia é onipresente. Isso porque ela está em situações as mais diversas, como no efeito trágico ou cômico de um romance do momento, em uma conversa com um amigo via *WhatsApp*, em um *e-mail* enviado ao chefe, em uma música emplacada nacional ou internacionalmente pelas plataformas de *streaming* e nos dizeres estampados em uma camiseta. "Somos, portanto, incapazes de resistir a ela" (Tobin; Israel, 2012, p. 27)[44], não obstante a dificuldade de decodificação com que ela se apresenta a parte considerável dos usuários da língua.

Ressalte-se que, além da justaposição de contrariedades e da presença de um ponto de vista complexo – "conexão intuitiva [que] reflete uma estrutura conceitual genuína e

---

[43] No original: "[...] irony is a risky gambit. One risk is that the ironist will come off as merely insincere, difficult, or unserious. A greater risk, or at least one that has received more critical and theoretical attention, is that the irony will not be recognized at all. While speakers and writers may deploy a range of external cues – exaggerated intonation, quotative particles, contextual clues, and the like – to 'mark' (Muecke 1978) their utterances as ironic, misunderstanding is always just around the corner".

[44] No original: "We are incapable, it seems, of resisting the ironic urge".

compartilhada de modo subjacente" (Tobin; Israel, 2012, p. 27)[45] –, outro elemento que parece ser comum a todas as naturezas de ironia é a relação de cumplicidade entre falante e interlocutor. Consoante Reyes (1994 *apud* Sequeiros, [s.d.]),

> quando uma expressão é ecoada com uma atitude irônica, o falante força o ouvinte a construir significado em comum, em um jogo agradável que destaca a cumplicidade entre ambos. A ironia reforça o relacionamento entre os interlocutores, ativa pontos de vista e conhecimento compartilhado, cimenta as afinidades (Reyes, 1994 *apud* Sequeiros, [s.d.], p. 13)[46].

Em outros termos, o falante, muitas vezes, espera do ouvinte uma ampla oferta de implicaturas francamente intencionais que acabam se tornando pressupostos divididos entre os dois, o que aumenta, então, a cumplicidade entre eles (Sequeiros, [s.d.])[47].

A despeito, pois, do desafio de chegar a uma definição homogênea para fenômeno tão heterogêneo, intrincado e, de modo paradoxal, presente nos mais diversos contextos, a ironia, independentemente do tipo, sempre:

- envolve oposição em algum grau;
- provoca ambiguidade;
- ativa diferentes pontos de vista;
- reforça a cumplicidade entre falante e ouvinte.

A propósito, como se pode perceber, a diversidade e a complexidade inerentes à ironia refletem-se em igual multiplicidade de teorias que buscam elucidá-la em sua totalidade, ainda que, inevitavelmente, cada uma delas deixe alguma lacuna.

Nesse contexto, há também abordagens de viés cognitivo, conforme asseveram Lehmann e Bergs (2021), ainda não mencionadas. Mais especificamente na subseção **3.2.1 Abordagens cognitivas**, apresentamos duas delas:

i) Modelagem cognitiva (Ruiz de Mendoza, 2017; Ruiz de Mendoza; Lozano-Palacio, 2019);

ii) Ponto de vista (Tobin; Israel, 2012; Dancygier, 2017).

---

[45] No original: "[...] intuitive connection [that] reflects genuine, shared, underlying conceptual structure".

[46] No original: "[…] when an expression is echoed with an ironical attitude, the speaker forces the hearer to construct meaning in common, in a pleasant game that highlights the complicity between both of them. Irony reinforces the relationship between interlocutors, activates points of view and shared knowledge, cements their affinities".

[47] Ver Braga e Módolo (2004).

3.2 Ironia construcional

Também objeto de estudo de Veale e Hao (2010), Camp (2012) e Michaelis e Feng (2015), mais recentemente Lehmann e Bergs (2021) procederam a uma investigação que joga luz sobre o já referido conceito de ironia construcional.

A partir de três construções do inglês, quais sejam, "Tell me about it", "XP pro BE not" e "As if", retiradas dos contextos a seguir, estes pesquisadores evidenciam um uso literal *a.* e um irônico *b.*:

> (10) *a.* Okay. So there are websites. There are apps that go beyond an eBay or a Craigslist. Tell me about it.
> *b.* "That's a lot to deal with in a very short time." # "**Tell me about it**" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310, grifo nosso).
>
> Em tradução livre: *a.* Certo. Então, existem sites. Existem aplicativos que vão além de um eBay ou um Craigslist. Me fale sobre isso.
> *b.* "Isso é muita coisa para lidar em tão pouco tempo." # "**Nem me fale**".
>
> (11) *a.* There are a lot of things George Ryan might be, but a coward he is not.
> *b.* But Roger Starr, a former New York City housing administrator and sometime opponent of Ms. Jacobs, keenly noted the steel just beneath her folksiness. # "What **a dear, sweet character she isn't**", he said (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310, grifo nosso).
>
> Em tradução livre: *a.* Há muitas coisas que George Ryan poderia ser, mas covarde ele não é.
> *b.* Mas Roger Starr, um ex-prefeito da cidade de Nova York e ocasional opositor da Sra. Jacobs, notou agudamente o aço por trás de sua simplicidade. # "Que **personagem querido e doce ela não é**", disse ele.
>
> (12) *a.* As if he were a footman or butler, he carried a valise in each hand.
> *b.* I'm a leprechaun, the little guy says finally, Conachail Fiodh Dubhthaigh at your service. – Right. **As if** anyone else in the room could pronounce that (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310, grifo nosso).
>
> Em tradução livre: *a.* Como se fosse um serviçal ou mordomo, ele carregava uma maleta em cada mão.
> *b.* Eu sou um duende, diz o pequeno garoto finalmente, Conachail Fiodh Dubhthaigh à sua disposição. – Certo. **Como se** mais alguém na sala pudesse pronunciar isso.

Em todos os casos, de (10) a (12), *a.* ilustra o uso literal das estruturas em questão, enquanto *b.* exemplifica o mesmo padrão sintático básico, mas imbuído de sentido irônico. Em seguida, reunindo critérios que lhes conferem o estatuto de construções, Lehmann e Bergs (2021) expõem os achados relativos a cada construção individualmente e concluem que o conhecimento acerca de seu uso adequado é armazenado pelos falantes.

No que se refere a (10) “Tell me about it”, por exemplo, trata-se de construção substantiva, porque estrutura de elementos fixos e preenchidos. Apesar de seu uso literal poder ser parafraseado sem comprometer a adequação da construção, o mesmo não se mostra possível quanto ao sentido irônico, o que faz pressupor a preferência por ela a outras aparentemente idênticas e também seu enraizamento linguístico como veiculadora de ironia. Nesse aspecto, das 1.482 ocorrências coletadas pelos pesquisadores, 76% apresentam uso irônico, demonstrando a forte associação da construção a esse tipo de sentido.

Um aspecto particularmente interessante relaciona-se à aquisição da linguagem: considerando o desenho *My little pony: friendship is magic*, voltado para meninas de 4 a 11 anos, os autores observaram que um número significativo de crianças dessa faixa etária não compreende plenamente o efeito da ironia, já que a habilidade de reconhecê-la costuma se desenvolver gradualmente entre os 6 e os 13 anos.

Ainda assim, os roteiristas parecem pressupor que tal uso de “Tell me about it” não implique obstáculos ao público-alvo em termos de compreensão, o que tanto reforça a ideia de que se trata de unidade linguística enraizada no repertório cognitivo dos falantes desde tenra idade quanto atribui à construção um estatuto de familiaridade no plano da ironia (Lehmann e Bergs, 2021). Em outros termos,

> [...] os autores desses roteiros obviamente pensaram que isso não representaria dificuldades para o público, o que pode servir como mais uma indicação de que “Tell me about it” irônico é uma unidade enraizada, familiar, desde uma idade muito precoce (Lehmann; Bergs, 2021, p. 321)[48].

Com relação a (11) “XP pro BE not”, por seu turno, em 95% das 193 ocorrências obtidas, a construção sintática e pragmaticamente independente – aquela não embutida em uma construção sintática maior nem em nenhum contexto pragmático específico para torná-la apropriada – é interpretada de forma irônica. Outros casos, menos numerosos, são aqueles em que a construção é independente sintaticamente, mas embutida em um contexto concessivo, além daqueles em que a construção é parte de um contexto concessivo tanto pragmática quanto sintaticamente. Importante fazer constar, porém, que, em todos os três tipos, a construção pode expressar ironia, conquanto, no primeiro, com independência sintática e pragmática, ela se associe à ironia em muito mais ocorrências.

Acrescente-se ainda que “XP pro BE not” parece preferir conceitos com conotação positiva, o que espelha, na verdade, o comportamento geral da ironia, ao criticar algo ou alguém

---

[48] No original: “[...] the authors of these television scripts obviously thought that it will not pose any difficulties to the audience, which might serve as another hint at ironic *Tell me about it* being an entrenched unit, which is familiar from a very early age on”.

por meio de construções positivas. Fato é que, portanto, "no geral, sua alta frequência *type*, sua forte probabilidade de ser interpretada como irônica e suas características idiossincráticas fornecem ampla evidência de que [a construção] está enraizada no imaginário do falante" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 324)[49].

Por fim, quanto a (12) "As if", demonstra-se que as construções insubordinadas podem ser empregadas ironicamente e que, por isso, podem ser consideradas imprevisíveis em seu significado. A esse respeito, tal imprevisibilidade de significado é sistemática, o que significa que a ironia, sendo inerente à construção, legitima "As if" como construção.

Some-se a isso o fato de, coletadas 589 ocorrências, as construções insubordinadas serem interpretadas de modo irônico em 95% dos casos, corroborando-a como construção com significado irônico. Mostram-se, ademais, altamente produtivas, com alta frequência *type* e baixa frequência *token*, e atraem itens de polaridade negativa com mais frequência se comparadas com as construções insubordinadas elaborativas ou com as subordinadas.

> O desenvolvimento de "As if" para uma expressão idiomática interpretada como irônica por padrão deve ter sido motivado de alguma forma. Uma explicação provável é que "As if" insubordinado autônomo, com seu significado irônico, tornou-se enraizado no *constructicon* do usuário da língua (Lehmann; Bergs, 2021, p. 329)[50].

Isso posto, os pesquisadores afirmam que, quando uma expressão substantiva e esquemática está convencionalmente associada à ironia, ela se qualifica como ironia construcional. Dito de outro modo, construções que mais frequentemente são interpretadas como irônicas do que como literais ou como unicamente irônicas são ironias construcionais.

3.2.1 Abordagens de orientação cognitiva

Como já se disse, Lehmann e Bergs (2021), na análise dos usos literal e irônico de construções do inglês e na sua conseguinte classificação como ironias construcionais, apontam dois paradigmas de viés cognitivo. Cumpre salientar, contudo, que ambos podem ser entendidos como uma extensão da abordagem da menção ecoica, proposta por Wilson e Sperber (2012).

Em linhas gerais, à luz da teoria da modelagem cognitiva (Ruiz de Mendoza, 2017; Ruiz de Mendoza; Lozano-Palacio, 2019), a ironia envolve a ativação de ao menos um cenário

---

[49] No original: "Taken together, its high type frequency, its strong likelihood of being interpreted as ironic and its idiosyncratic features provide ample evidence that *XP pro BE not* is entrenched in the language user's constructicon".

[50] No original: "The development of 'as if' to an idiom that is interpreted as ironic by default must have been motivated somehow. A likely explanation is that stand-alone insubordinate as if with its ironic meaning has become entrenched in the language user's constructicon".

observado e um ecoado. Nesse sentido, quando se processam tais cenários, as suposições que integram o cenário ecoado são invalidadas, devido ao conflito entre eles.

Tal teoria, todavia, não lida tão facilmente com ironias construcionais, pois postula a compreensão irônica como um processo de duas etapas (ativação e cancelamento), o que não corresponde à realidade do fenômeno. Isso porque esse tipo de ironia não depende do processo de cancelamento, por estar já entranhado e ativado o significado irônico (Lehmann; Bergs, 2021).

Ainda de acordo com Lehmann e Bergs (2021), tomemos como exemplo a seguinte publicação: "Fucking Twitter. As if anyone actually cares that you're eating a turkey sandwich for lunch"[51], extraída do antigo Twitter, hoje X:

> [...] tanto o contexto precedente quanto a construção (com seu uso de um item de polaridade negativa) dão suporte suficiente para derivar o significado irônico diretamente, sem recorrer a suposições de um cenário ecoado. Certamente, a declaração alude a um cenário ecoado: alguém se importa com o sanduíche de peru, mas, dado o curso do tempo da compreensão, as suposições seriam canceladas antes que o cenário fosse estabelecido, o que parece ser uma previsão contraintuitiva (Lehmann; Bergs, 2021, p. 331 e 332)[52].

Em suma, o paradigma se junta aos demais já aqui discutidos, mostrando-se igualmente limitado no tocante a ironias construcionais.

Já quanto à teoria do ponto de vista, baseada na integração conceptual (Fauconnier; Turner, 2002; Turner, 2012), tem-se a seguinte dinâmica:

> Essa abordagem vê a ironia como envolvendo a integração conceptual de um espaço-base e um espaço alternativo, que é diferente de seu espaço-base em pelo menos um elemento ou relação. Para entender a observação irônica, o falante precisa afastar-se e adotar uma perspectiva de nível mais elevado a partir da qual a observação é, então, reavaliada (Lehmann; Bergs, 2021, p. 332)[53].

Já se sabe que um modelo teórico deve ser capaz de esclarecer se e como a ironia se relaciona com outros tipos de ironia e também por que é difícil demarcar seus limites. Nesse âmbito, Tobin e Israel (2012) sustentam que, a partir da existência de um ponto de vista complexo sobre determinada situação, é possível articular a semântica das ironias verbais –

---

[51] Em tradução livre: "Maldito Twitter. Como se alguém realmente se importasse que você esteja comendo um sanduíche de peru no almoço".

[52] No original: "[...] the preceding context and the construction (with its making use of a negative polarity item) is supportive enough to derive the ironic meaning directly without recourse to assumptions of an echoed scenario. The utterance certainly alludes to an echoed scenario, i.e. that someone does care about the turkey sandwich, but, given the time course of comprehension, the assumptions would be cancelled before the scenario is set up, which seems to be a counterintuitive prediction".

[53] No original: "It assumes that irony involves the conceptual integration of a base space and an alternative space, which is different from its base in at least one element or relation. For understanding the ironic remark, the speaker needs to zoom out and take on a higher-level perspective from which the remark is then reassessed".

tanto no nível da frase quanto no do discurso – às ironias situacional e dramática e conceber a ironia como um fenômeno de ponto de vista capaz de abranger toda a variedade de suas manifestações:

> Usando o arcabouço da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1985, 1997) e da Gramática Cognitiva (Langacker, 1999), pode-se afirmar que a ironia é, fundamentalmente, um efeito de ponto de vista no qual a conceptualização é simultaneamente acessada de múltiplas perspectivas. [O funcionamento é assim:] Atos de entendimento irônico em geral, incluindo-se ironias verbais, dramáticas e situacionais, envolvem um tipo de reconstrução dinâmica em que a atenção se afasta do conteúdo focado de um espaço mental para um ponto de vista superior a partir do qual o Espaço de Ponto de Vista original é reavaliado. Nesse processo interpretativo, um sentido é acessado de um ponto de vista (o ironizado) e, concomitantemente ou um pouco depois, reacessado de um ponto de vista mais elevado (o irônico) (Tobin; Israel, 2012, p. 27 e 28)[54].

Dessa forma, as ironias situacional, dramática e verbal implicam uma experiência interpretativa ou atitude que advêm de um ponto de vista duplo, como se o observador se afastasse de uma perspectiva inicial para adotar outra, muito mais sofisticada, a partir da qual pudesse observar, com presunção ou simpatia, a original (Tobin, 2016). Nas palavras de Booth (1974 *apud* Tobin, 2016),

> o processo, em alguns aspectos, é mais parecido com um salto ou uma escalada para um nível mais elevado do que com arranhar uma superfície ou mergulhar mais profundamente. O movimento é sempre em direção a um ponto obscuro que se pretende mais sábio, mais espirituoso, mais compassivo, mais sutil, mais verdadeiro, mais moral, ou pelo menos obviamente vulnerável a ainda mais ironia (Booth, 1974 *apud* Tobin, 2016, p. 60)[55].

A esse respeito, para Lehmann e Bergs (2021), ironias construcionais parecem ser mais bem exploradas e elucidadas justamente como fenômeno de ponto de vista (Tobin; Israel, 2012; Tobin, 2016; Dancygier, 2017), no sentido de serem construtoras automáticas de espaço e acionadoras de mudança de perspectiva.

> No caso das ironias construcionais, [...] tanto o processo de integração quanto a mudança de ponto de vista são, agora, inerentes à construção, assim como a atitude distanciada quanto à entidade aludida na mesclagem. Quando os ouvintes encontram uma ironia construcional, eles são instantaneamente levados a mudar sua perspectiva sem recorrer ao significado composicional. O significado composicional, não irônico, ainda pode existir como um fragmento no espaço-mescla de nível inferior, mas não

[54] No original: "Drawing on work in Mental Spaces Theory (Fauconnier 1985, 1997) and Cognitive Grammar (Langacker 1999), we argue that irony is fundamentally a viewpoint effect in which a conceptualization is simultaneously accessed from multiple perspectives. Acts of ironic understanding in general, including verbal, dramatic, and situational ironies, involve a type of dynamic reconstrual in which attention 'zooms out' from the focused content of a mental space to a higher viewpoint from which the original Viewpoint Space is reassessed. In this interpretive process, a meaning is accessed from one viewpoint (the ironized) and then, simultaneously or a little later, re-accessed from a higher viewpoint (the ironic)".

[55] No original: "The process is in some respects more like a leap or climb to a higher level than like scratching a surface or plunging deeper. The movement is always toward an obscured point that is intended as wiser, wittier, more compassionate, subtler, truer, more moral, or at least less obviously vulnerable to further irony".

> precisa ser instrumental no processo interpretativo da construção. O conhecimento sobre quando a construção é usada de maneira apropriada está especificado em um quadro que estrutura o espaço de ponto de vista de nível superior (Lehmann; Bergs, 2021, p. 332)[56].

A título de exemplificação, a ironia construcional (10) "Tell me about it" mescla um espaço-base, no qual o falante 1 dispõe de uma informação e o 2 se mostra alheio, e um espaço alternativo, no qual o falante 2 detém o conhecimento e compartilha a posição. Ambos os espaços são organizados por *frames* que especificam a necessidade de alguém buscar informações quando algo relevante para o discurso em questão não tiver sido explicitado. O aparente descompasso entre o espaço-base e o espaço alternativo desencadeia uma mudança de perspectiva, que, no caso, ocorre de forma natural.

Uma vez enraizado, "Tell me about it" se torna um construtor automático de espaço para a mescla e um gatilho para a mudança de perspectiva – daí o traço tracejado na Figura 3, chamando a atenção para o grau de relevância dessa forma.

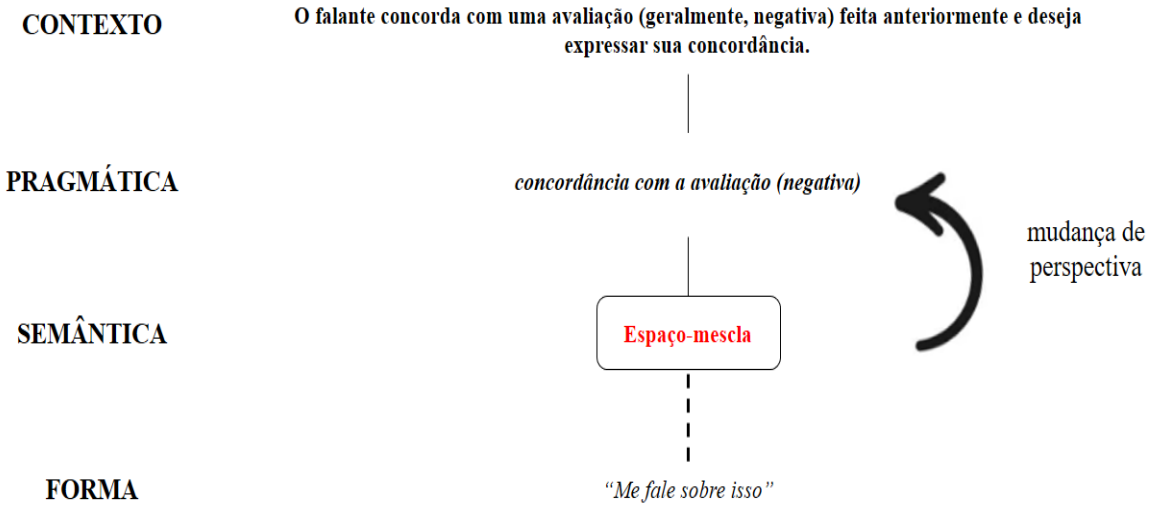
O significado não irônico e composicional permanece como fragmento residual do espaço-base, mas fica em segundo plano. Isso se deve ao fato de que, com a cristalização da construção, emerge um novo *frame*, o qual se associa ao espaço de ponto de vista alternativo e especifica que a construção pode ser empregada em contextos nos quais o falante atual compartilha a avaliação expressa pelo falante anterior (Lehmann; Bergs, 2021).

Desse modo, a íntima relação observada entre forma e função, isto é, as mudanças de ponto de vista que a forma "Tell me about it" desencadeia, é descrita a seguir.

---

[56] No original: "In the case of constructional ironies, […]: both the blending process and the viewpoint shift are now inherent to the construction and so is the distanced attitude towards the entity alluded to in the blend. When hearers encounter a constructional irony, they are instantly prompted to shift their perspective without recourse to the compositional meaning. The compositional, nonironic meaning might still exist as a fragment on the lower-level blended space, but need not be instrumental in the interpretive process of the construct. The knowledge about when the construction is appropriately used is specified in a frame that structures the higher-level viewpoint space".

Figura 3 – Modelo construcional de "Tell me about it"



Fonte: adaptada de Lehmann e Bergs (2021, p. 333).

Fica clara, pois, a existência de formas convencionalmente associadas a uma interpretação irônica e, por isso mesmo, entendidas como irônicas por padrão, o que corrobora o conceito de ironia construcional[57]. O caso em questão, "Tell me about it", constitui uma das estruturas sintáticas interpretadas mais frequentemente como irônicas, revelando ser a ironia um mecanismo cognitivo fundamental.

Em se tratando de [só que X_{Adv}] mais especificamente, Gervasio (2016) e Camargo (2017), como se sabe, já demonstraram o destacado componente irônico intrínseco às construções *só que não*, *só que nunca* e *só que sim* nos contextos em que ocorrem. Por isso, consoante os parâmetros adotados por Lehmann e Bergs (2021), é plenamente plausível enquadrá-las no arcabouço de ironias construcionais.

Na medida em que "há formas sintáticas convencionalmente associadas ao sentido irônico" (Lehmann; Bergs, 2021, p. 335)[58], tais construções, ao evocar uma informação que, depois, é refutada (*só que não*/*só que nunca*) ou reiterada (*só que sim*) de maneira irônica, desencadeiam mudança de perspectiva sobre o ouvinte, o que ilustra a relação entre forma e função. Dito de outro modo, como tanto o processo de mesclagem quanto a mudança de perspectiva são inerentes às construções – da mesma forma que a atitude distanciada o é no

[57] Em Tobin (2021), discute-se o fenômeno do *desbotamento da ironia*, que pode acometer, por exemplo, construções cuja interpretação irônica seja seu significado convencional. Como resultado, elas passam a ter dificuldade para adotar e sustentar uma postura irônica, porque começam a ser usadas de modo sério, em contextos sérios. Isso ocorreria em virtude de três fatores: (i) arranjo complexo de pontos de vista que fundamenta a postura interpretativa irônica, (ii) rotinização de uso e (iii) limitações quanto à nossa capacidade para manter o controle das informações de origem na memória ("memória de origem"). Por fugir ao escopo da presente pesquisa, porém, não trataremos do assunto.

[58] No original: "[...] there are syntactic forms conventionally associated with an ironic meaning".

tocante à entidade aludida na mesclagem –, os ouvintes, quando diante de uma ironia dessa natureza, são, no mesmo instante, levados a mudar sua perspectiva sem recorrer ao significado composicional, o qual, embora possa ainda existir como fragmento combinado no espaço, não constitui instrumento interpretativo.

Apresentado, então, um panorama de teorias que versam sobre ironia, nosso interesse recai sobre a de Tobin e Israel (2012). Sendo o ponto de vista nossa categoria de análise, objetivamos, no próximo capítulo, nos dedicar à perspectivação que a ironia opera.

CAPÍTULO 4

PONTO DE VISTA & PERSPECTIVA

Neste capítulo, tratamos da noção de *perspectivação*, isto é, da mudança de perspectiva experienciada pelo ouvinte a partir da ironia intrínseca à construção [só que X_{Adv}]. Para tanto, valemo-nos do arcabouço conceitual da Teoria do Ponto de Vista (Tobin; Israel, 2012).

4.1 A multimodalidade de perspectiva

4.1.1 Do meme e da piada: textos de estrutura sintética

De modo geral, a noção de *perspectiva* tem sido objeto de estudo da Linguística desde ao menos o início do século XX, uma vez que, "se assumimos que a linguagem é intrinsecamente moldada pela situação comunicativa, a maneira como as locuções indexam seu emissor (ou destinatário) e transmitem suas intenções comunicativas está no cerne da descrição gramatical" (Spronck; Van Linden; Gentens; Sansiñema, 2020, p. 1)[59].

No arcabouço cognitivo mais especialmente, o termo constitui interesse real, "haja vista qualquer elemento da interpretação de um usuário de uma língua em dada situação revelar algum aspecto da perspectiva adotada" (Vandelanotte, 2019, p. 170)[60]. Assim,

> tratar de ponto de vista requer que um conceptualizador, em um evento discursivo, assuma uma posição (por exemplo, em termos de percepção e localização espaço-temporal, de probabilidade e conhecimento, de atitude e sentimento ou de dinâmicas de solidariedade/poder) com relação a um elemento dentro de uma situação ou estrutura de conhecimento descritas. O ponto de vista é, nessa perspectiva, uma noção bastante abrangente, indo muito além da localização espacial e, por extensão, temporal, em direção a ou dentro de uma cena descrita (Vandelanotte, 2018, p 158)[61].

A esse respeito, tradicionalmente uma perspectiva costuma se revelar, em qualquer que seja o grau, por recursos linguísticos pelos quais "o falante apresent[a] a própria perspectiva sobre um evento, a perspectiva de outros, ou ainda mescla perspectivas distintas" (Cezario; Ferrari, 2021, p. 12), como pronome, tempo verbal, aspecto, clítico, escolha lexical e marcação de foco.

---

[59] No original: "[…] if we assume that language is intrinsically shaped by the communicative situation, the way in which locutions index their sender (and/or addressee) and convey their communicative intentions lies at the heart of grammatical description".

[60] No original: "[…] since any aspect of a language user's chosen construal of a given situation reveals some aspect of the perspective being adopted".

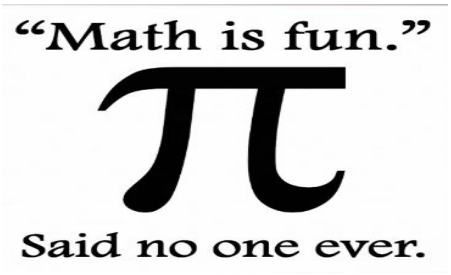
[61] No original: "[...] to speak of viewpoint requires a conceptualizer in a discourse event assuming a position (for instance, in terms of perception and spatiotemporal location, likelihood and knowledge, attitude and feeling, or solidarity/power dynamics) toward an element within a described situation or knowledge structure. Viewpoint is, in this view, a fairly comprehensive notion moving well beyond the spatial and, by extension, temporal, location toward or within a described scene [...]".

Hoje, porém, com o avanço de pesquisas dessa natureza, tem sido possível notar a presença do conceito em diferentes teorias e modelos, incluindo-se gesticulação, olhar, postura e até mesmo combinação imagem-texto, a exemplo dos memes (Vandelanotte, 2019), que configuram poderosa condensação linguística. Isso porque, embora façam uso de número reduzido de elementos, podem apresentar uma multiplicidade de pontos de vista.

> [...] através de exemplos como discurso cinematográfico, meme e vídeo, a análise deixa claro que essas formas de discurso, muitas vezes condensadas, podem apresentar uma considerável complexidade de ponto de vista, o que, claramente, não é exclusivo de formas longas como romances (Vandelanotte, 2018, p. 167 e 168)[62].

Nesse sentido, consideremos o meme a seguir:

Figura 4 – Meme "Ninguém nunca disse"



Fonte: Zazzle (2024).

Nesse tipo de meme, o texto superior envolve uma afirmação – no caso, "Matemática é divertido" – ao passo que o texto inferior é sempre o mesmo – "Ninguém nunca disse". Apesar de o meme conter todos os elementos próprios do discurso direto, simulando um diálogo, empregam-se as palavras *ninguém* e *nunca* no lugar de uma expressão referencial[63] e um advérbio temporal e constrói-se, assim, um significado tido como inapropriado ou ridículo – efeito que se consegue mormente pelo pronome indefinido. Explica-nos Vandelanotte (2019):

> [...] quando os leitores/visualizadores chegam ao texto inferior do meme, a aparente mudança de perspectiva para alguma fonte de discurso real é claramente cancelada, e o objetivo do meme como um todo é expor uma opinião, hábito ou atitude como muito ridículos ou, em algum outro sentido, falhos que ninguém jamais levaria a sério (Vandelanotte, 2019, p. 185)[64].

---

[62] No original: "Across example sources such as film discourse, Internet memes, and video art, the analysis drives home the point that these often condensed discourse forms can show considerable viewpoint complexity, which is clearly not the sole preserve of long forms such as novels".

[63] "Constituem expressões referenciais todas as formas de designação de referentes as quais se diferenciam pelo modo como indicam ao 'coenunciador' (Maingueneau, 2001) como o enunciador pretende que ele identifique e interprete o referente. Nessa atividade essencialmente cooperativa (Grice, 1975), os 'coenunciadores' dispõem de diversas pistas, em parte convencionadas na própria língua, para reconhecer os diferentes espaços ou 'campos dêiticos' (Bühler, [1934]1982) em que se situam os objetos para os quais construirão uma representação mental de referentes" (Cavalcante, 2003, p. 106).

[64] No original: "[...] as soon as readers/viewers get to the bottom text of the meme, the apparent perspective shift to some actual discourse source is quite expressly cancelled, and the point of the meme as a whole is revealed to

Além disso, segundo Dancygier (2017), é o pronome indefinido com valor negativo o responsável por motivar a reinterpretação do meme, o que destaca a negação como importante marcador de ponto de vista, já que é claro o potencial de mudança de ponto de vista por ela operada nesse contexto. Chega-se, então, à conclusão de que a afirmação no topo da imagem não deve ser considerada uma declaração real, mas uma mera representação.

Em síntese, o que essas diferentes instâncias têm em comum é o discurso como marcador de ponto de vista, pois se espera do ouvinte que apreenda o significado geral a partir da perspectiva de um espaço mais elevado, o do Ponto de Vista do Discurso[65]. Tal mecanismo, ainda conforme Dancygier (2017), se refere ao conjunto de pontos de vista que podem ser adotados, expressos ou evocados em um ato comunicativo, criando-se um contexto multifacetado e rico e construindo-se um quadro elucidativo de como esses múltiplos pontos de vista se integram e se coordenam para significar.

De forma complementar, não é novidade dizer que o humor consiste em terreno particularmente fértil para a manifestação de diferentes pontos de vista. A título de ilustração, tomemos declaração da humorista Bridget Christie cuja clara finalidade é zombar do próprio ponto de vista:

> (13) I am a feminist. This means I think that all men are rapists, without exception. Even paralysed men, who can only move one eyeball. All rapists (Dancygier, 2017, p. 10).
>
> Em tradução livre: Eu sou feminista. Isso significa que eu penso que todos os homens são estupradores, sem exceção. Até homens paralisados, que só conseguem mover um globo ocular. Todos estupradores.

Em (13), a comediante feminista faz uso não genuíno do pronome *eu* ao se identificar como feminista, informação que é verdadeira, e, em seguida, ao ridicularizar opiniões contrárias à causa feminista. Dancygier (2017) postula se tratar de uma estratégia: de modo fictício e exagerado, adota-se determinada opinião tida como "incompatível" apenas com o objetivo de evidenciar a real intenção discursiva e invalidá-la.

A interpretação prevalecente é a de que a piadista, declaradamente feminista, não poderia ser partidária de ideias que comprometessem os princípios do movimento que

---

be to expose an opinion, habit or attitude as too ridiculous or in some other sense flawed for anyone ever to contemplate it seriously".

[65] Embora não tenhamos ainda tratado da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1985) nem da Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier; Turner, 2002), a ser apresentadas oportunamente, em seção posterior, Dancygier (2017), ao longo da presente seção, adianta alguns dos elementos e mecanismos delas advindos. Aqui, o objetivo maior é elucidar, sobretudo em textos de estrutura mais sintética, a influência das escolhas linguístico-gramaticais na construção do significado, graças à engenhosa complexidade da integração e coordenação de espaços mentais e pontos de vista.

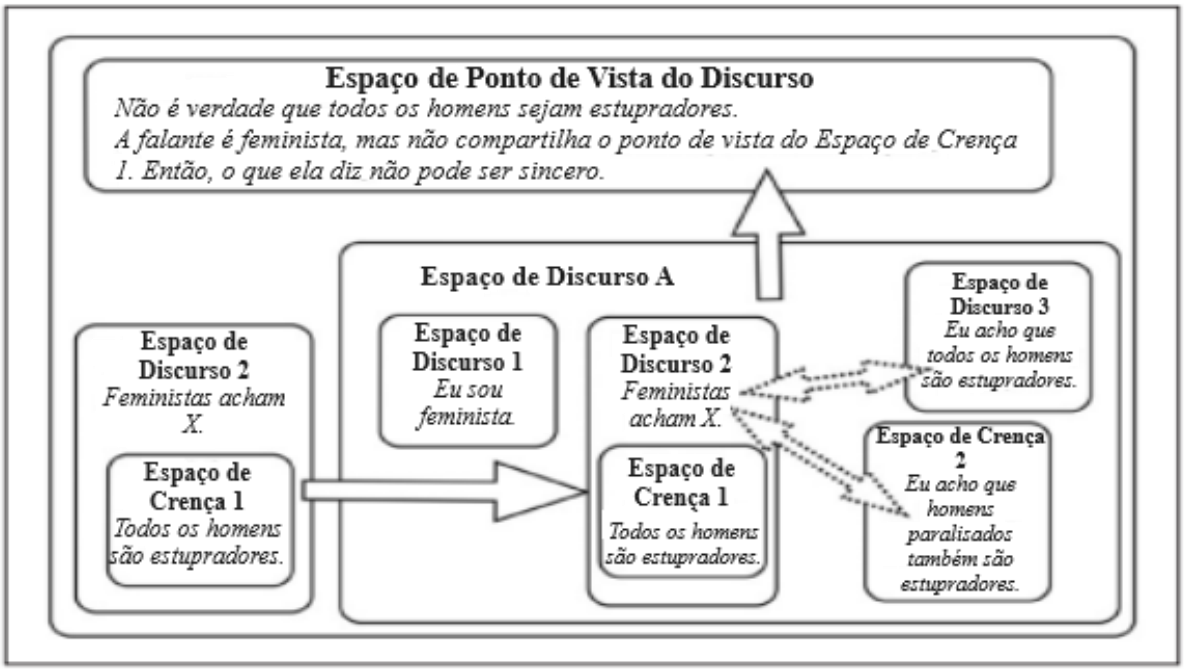
representa, o que seria, no mínimo, um contrassenso. Assim, a falante, identificada pelo pronome *eu*, deve ser interpretada não literalmente, mas de acordo com as características do contexto, porque o tipo de conteúdo expresso reflete, na verdade, um espaço discursivo outro, advindo de pessoas que pensam diferente.

Dancygier (2017) acrescenta, a esse propósito, que esse tipo de exemplo pode ser entendido como uma instância daquilo que Clark (1996) denomina de *atos comunicativos encenados*, baseados em fingimento compartilhado. Tal abordagem propõe que toda atitude não séria pressupõe, em seu escopo, uma atitude séria em correspondência.

Entretanto, além de concordar com Clark – que reconhece as redes estruturadas de crenças e de pontos de vista como essenciais na interpretação tanto de exemplos como (13) quanto de casos imbuídos de ironia (Tobin; Israel, 2012) –, a estudiosa argumenta que a categoria de Ponto de Vista do Discurso propõe um nível necessário de análise, no qual o contraste e a relação entre dois pontos de vista (incluindo-se a decisão sobre qual deles deve ser levado a sério) são conciliados. Dessa forma, o ouvinte precisa estar ciente de ambos os pontos de vista antes de se decidir por aquele a ser efetivamente considerado.

Aliás, só uma rede de pontos de vista exposta em sua complexa engenhosidade é capaz de elucidar o tipo de ambiguidade presente em (13), como se vê a seguir:

Figura 5 – Pronome pessoal *eu*



Fonte: adaptada de Dancygier (2017, p. 11).

Dito de outro modo, a declaração (13)

> incorpora uma opinião comum (embora não justificada) sobre feministas no fluxo textual. Depois de a falante se descrever como feminista (Espaço de Discurso 1), ela passa para um discurso no qual o eu a representa como sendo a favor de reivindicações supostamente feitas por algumas feministas (Espaço de Discurso 2, no qual o Espaço de Crença 1 está encaixado). Isso apresenta o Espaço de Discurso 3 como uma consequência da adoção dos pontos de vista que muitas feministas compartilham. No entanto, à medida que o discurso avança para expressar reivindicações claramente exageradas no Espaço de Crença 2, o ouvinte precisa reduzir o *zoom* para o Espaço de Ponto de Vista do Discurso para decidir se os Espaços de Discurso 2 e 3 de fato representam as crenças da falante (Dancygier, 2017, p. 10 e 11, grifo nosso)[66].

Saliente-se ainda, à luz de Dancygier (2017), o cruzamento entre o pronome de primeira pessoa e os diferentes Espaços de Discurso e de Crença, ilustrado pelas setas pontilhadas. O interlocutor pode conceber que o eu do Espaço de Discurso 1 tenha relação com feministas no Espaço de Discurso 3 e que, por isso, seu conteúdo seja verdadeiro, o que, todavia, não procede, uma vez que o Espaço de Crença 2 não seria julgado genuíno. Logo, anula-se o Espaço de Discurso 2 como se dialogasse com as crenças do falante e, por conseguinte, a declaração do Espaço de Discurso 3, pondo-se em xeque a leitura dêitica do pronome pessoal.

Nesse sentido, é relevante não deixarmos de levar em conta que o que está em análise é um pedaço de texto, e não o contexto na íntegra, o que envolveria, decerto, uma rede muito mais ampla de espaços. Ademais, o sarcasmo expresso pode não ser reconhecido – nesse caso, a rede teria outra configuração, distinta da da Figura 5 –, haja vista o texto não nos esclarecer se as afirmações devem ou não ser levadas a sério.

Fato é, porém, que mesmo expressões simples participam dinamicamente de redes de crenças e de fragmentos de discurso, apesar de a interpretação geral só poder emergir quando de uma visão panorâmica (Dancygier, 2017).

Assim sendo, faz-se preciso reconhecer a importância que a multiplicidade de pontos de vista desempenha em uma situação, bem como os meios linguísticos que possibilitam tal diversidade. Afinal, múltiplos pontos de vista são cruciais para o sentido do discurso, e não só para o sentido da sentença (Dancygier, 2017).

> [...] fenômenos ligados à linguagem e à perspectiva são mais bem tratados em termos de múltiplos pontos de vista, que formam uma rede. Os pontos de vista podem ser motivados por escolhas gramaticais, lexicais ou construcionais, mas também por elementos discursivos que são incorporados ao discurso atual a partir de outros contextos. A multiplicidade cria a necessidade de coesão e, assim, o discurso é compreendido com base em um nível de ponto de vista adicional e mais elevado,

---

[66] No original: "[...] incorporates a common (though not justified) opinion about feminists into the flow of text. After the speaker describes herself as a feminist (Discourse Space 1), she switches to discourse in which I represents her as supporting claims presumably made by some feminists (Discourse Space 2, in which Belief Space 1 is embedded). This presents Discourse Space 3 as a consequence of adopting the viewpoints many feminist share. But as the discourse progresses to express obviously exaggerated claims in Belief Space 2, the hearer needs to zoom out to Discourse Viewpoint Space to decide whether the Discourse Spaces 2 and 3 really represent the speaker's beliefs".

> denominado de Espaço do Ponto de Vista do Discurso [DVS, em inglês]. Trechos de discurso podem ser processados a partir da perspectiva do DVS, até que o desenvolvimento da estrutura do discurso leve a um novo nível. Como o processamento do discurso requer gerenciamento de pontos de vista, formas gramaticais (como artigos e genitivos, mas também outros determinantes, formas de tempo, etc.) podem ter usos que sejam diretamente relevantes para a expressão do ponto de vista. Todos os níveis da estrutura linguística devem ser considerados em uma análise de significado a partir da perspectiva de seu potencial de ponto de vista (Dancygier, 2017, p. 19)[67].

Pode-se dizer, portanto, que a cognição humana está enraizada não apenas no corpo humano mas também, como resultado, inerentemente em pontos de vista. Consequentemente, percebe-se o mesmo com relação à linguagem e à comunicação, o que faz despontar um novo entendimento do papel e da estrutura do ponto de vista e uma metodologia inovadora para investigar escolhas comunicativas em várias modalidades e contextos discursivos (Dancygier; Sweetser, 2014).

4.1.2 Dos textos narrativos (não) ficcionais: robustez de estrutura

No âmbito de uma narrativa, por sua vez, Dancygier (2012) assevera que também a realidade se dá com base em um processo de negociação de múltiplos pontos de vista, manifestos por um rico ferramental para situar eventos no passado e no futuro e marcar a relação temporal entre tais eventos e o presente do ato comunicativo, acrescentam Van Krieken, Sanders e Sweetser (2019).

Capaz, com certa facilidade, de representar diferentes tempos e pontos de vista, um contexto de fofoca em que determinado falante afirme “Não estou dizendo que eu espero que ele peça em casamento, embora ele devesse” manipula uma rede de pontos de vista em apenas uma afirmação.

> Há o ponto de vista epistêmico dela (*eu espero*), o ponto de vista do ouvinte (*você está dizendo que ele vai pedir em casamento*), a rejeição do ponto de vista atribuído pela falante (*não estou dizendo isso*), o ponto de vista emocional do homem (*ele pode estar apaixonado o suficiente para pedir em casamento*), o ponto de vista distanciado

---

[67] No original: “[…] phenomena linked to language and perspective are best treated in terms of multiple viewpoints, which form a network. The viewpoints included can be prompted by grammatical choices, lexical choices, or constructional choices, but also by discourse elements which are incorporated into current discourse from other discourse contexts. The multiplicity creates the need for cohesion, and thus the discourse is understood on the basis of an additional, higher viewpoint level, which I termed Discourse Viewpoint Space. Chunks of discourse can be processed from the perspective of DVS, until developing discourse structure prompts a new level. Because discourse processing requires viewpoint management, grammatical forms (such as articles or genitives, but also other determiners, tense forms, etc.) can have uses which are directly relevant to the expression of viewpoint. All levels of linguistic structure should be considered in an analysis of meaning from the perspective of their viewpoint potential”.

> e marcado pelo tempo passado "devesse" (em vez de "deva"), etc. (Dancygier, 2012, p. 61 e 62, grifos nossos)[68].

Ainda consoante Van Krieken, Sanders e Sweetser (2019), a verdade é que inúmeros estudos mundo afora têm trazido à tona essa questão.

À guisa de exemplo, variações verbais e advérbios temporais podem sinalizar mudanças tanto no tempo quanto no ponto de vista (Irandoust, 1999; Sanders, 2010). A seleção do tempo verbal influencia a distância temporal entre o ponto de vista do narrador e o do personagem, com o passado implicando um distanciamento maior do que o presente (Van Krieken; Sanders, 2016). O discurso indireto livre[69] combina o ponto de vista do narrador com o do personagem, ao articular o passado distal com advérbios temporais proximais (Nikiforidou, 2012); efeito semelhante é conseguido por meio da articulação entre o presente proximal e advérbios temporais distais (Sweetser, 2013).

Nesse contexto, para exemplificar os mecanismos envolvidos na significação operada pelo ponto de vista em narrativas, Dancygier e Sweetser (2014), entre outros autores, costumam recorrer à Teoria dos Espaços Mentais, que auxilia na compreensão da gestão cognitiva dos múltiplos pontos de vista e dos quadros temporais implicados no processamento narrativo[70]. Nesse paradigma, uma narrativa é conceptualizada como uma rede de espaços mentais interconectados por entre os quais falante e ouvinte transitam, conduzidos por indicadores linguísticos que estabelecem as relações entre esses vários espaços.

Em trabalho sobre pontos de vista mesclados e mediados em narrativas jornalísticas, Van Krieken, Sanders e Hoeken (2016) tratam de dois grandes tiroteios – um nos EUA e o outro na Holanda – com base em reportagens do *Washington Post* e do *NRC Handelsblad* respectivamente. A esse respeito, dizem o seguinte:

> A distância conceptual entre o espaço básico e o espaço narrativo oscila entre as histórias e dentro das histórias. Parâmetros que influenciam essa distância incluem escolha da pessoa gramatical (primeira ou terceira), do tempo verbal (presente ou passado) e dos pontos de vista apresentados (de apenas um personagem ou de vários personagens). A distância entre o espaço narrativo e o espaço básico é responsável pela negociação dos pontos de vista em uma narrativa. Em narrativas escritas, a narração no pretérito em terceira pessoa é o padrão, o que representa uma distância

---

[68] No original: "There is her epistemic viewpoint (I expect), the hearer's viewpoint (you are saying he will propose), the speaker's rejection of attributed viewpoint (I'm not saying it), the man's emotional viewpoint (he might be in love enough to propose), the distanced viewpoint marked by the past tense might (instead of may), etc.".

[69] Ver Câmara Jr. (1977).

[70] Também nesta seção, faz-se menção a conceitos próprios das Teorias dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1985) e da Mesclagem Conceptual (Fauconnier; Turner, 2002), que, como já se disse, serão mais detalhadamente abordadas adiante, mas neste mesmo capítulo. Aqui, o propósito é, à semelhança do que ocorre em textos estruturalmente mais enxutos, demonstrar a intrincada articulação de espaços mentais e pontos de vista em textos de estrutura mais robusta.

> epistêmica considerável entre o espaço básico e o espaço narrativo. Nesse caso, o papel dos pontos de vista dos personagens é reduzido, ao mesmo tempo que há amplo espaço para o narrador intervir, comentar e refletir (Krieken; Sanders; Hoeken, 2016, p. 148)[71].

Nesse paradigma, independentemente da situação comunicativa, o espaço básico reflete o ponto de vista do falante. Ademais, a partir desse espaço, outros podem ser abertos através de elementos que atuam como construtores de espaço. Assim, em se tratando de uma narrativa, o primeiro espaço mental incorporado é o espaço narrativo, no qual todos os eventos narrados ocorrem (Krieken; Sanders; Hoeken, 2016).

Sabe-se que uma das categorias linguísticas centrais na representação do tempo e do ponto de vista em textos narrativos é o verbo. Há, no entanto, outras igualmente relevantes, dado que a relação tempo-ponto de vista pode diferir de uma língua para outra.

Nas línguas de sinais, dentre as quais Janzen (2019 *apud* Van Krieken; Sanders; Sweetser, 2019) destaca a americana, recorre-se a expressões faciais, como olhos e boca, e a movimentos corporais, para mostrar transições entre o passado e o presente. Virdee (2019 *apud* Van Krieken; Sanders; Sweetser, 2019), de igual modo, ilustra como a negação pode construir um espaço de ponto de vista alternativo, em que o tempo progride em direção oposta quando em comparação ao espaço-padrão.

Nessa mesma direção, Van Krieken, Sanders e Sweetser (2019) asseveram que, conforme a língua e as características do gênero textual, a base de conhecimentos (*ground*) pode consistir em um espaço:

i) físico, em que a realidade é compartilhada entre narrador e destinatário (narrativas conversacionais);
ii) antecipado e não físico, em que o tempo de narração é projetado, mas não coincide efetivamente com o tempo de leitura (narrativas históricas ou noticiosas);
iii) imaginado e não físico, em que narrador e destinatário atuam como participantes que compartilham uma base de conhecimentos sustentada pelo entendimento mútuo de um tempo hipotético (narrativas ficcionais).

---

[71] No original: “Importantly, the conceptual distance between the Narrative Space and the Basic Space varies between stories and often even within stories. Parameters affecting this distance include choice of grammatical person (first versus third), verb tense (present versus past), and the profiling of one or several character viewpoints (or not). The distance between the Narrative Space and the Basic Space is responsible for the negotiation of viewpoints in narrative discourse. In written narratives, third person past tense narration is the default, which represents considerable epistemic and temporal distance between the Basic Space and the Narrative Space. In this case, the role of characters’ viewpoints is reduced, while there is ample room for the narrator to intervene, comment, and reflect”.

Os pesquisadores afirmam, além do mais, que, em histórias ficcionais escritas, a representação de múltiplos pontos de vista é linguisticamente manifesta de várias formas. Ao passo que o tempo está ancorado na base da narrativa – nível mais amplo do discurso –, os pronomes demonstrativos estruturam a rede de espaços mentais de nível inferior no que tange ao tempo e ao ponto de vista.

Nesse tocante, Dancygier (2017) contribui ao dizer que há uma diversidade de formas gramaticais de modificação, de maneira que, em contextos discursivos específicos, elas convergem para a expressão de pontos de vista, independentemente de outras funções bem descritas.

A título de exemplificação, segundo Tobin (2016), *amanhã*, *mais tarde*, *aqui*, *isto* e *você* são expressões cuja interpretação depende de coordenadas dêiticas vinculadas à situação de enunciação. Até mesmo sentenças julgadas neutras em termos de ponto de vista, como "Maria chutou a bola de futebol" (Tobin, 2016, p. 59)[72], estimulam nosso imaginário, levando-nos a simulações motoras e perceptivas pautadas por um ponto de vista. Assim sendo, tais usos de ponto de vista estão intrinsecamente ligados à estrutura da rede espacial e ao tipo de perspectiva em construção.

Ademais, Dancygier (2017) propõe que a narrativa de ficção se desenvolve dos níveis mais baixos dos acontecimentos em direção a espaços cada vez mais complexos, chamados *espaços narrativos*, e que, ao longo da leitura, de início a fim, o leitor também precisa incorporar eventos específicos, de nível inferior, à história abrangente, de nível superior.

Desse modo, processar pontos de vista que sejam específicos e conectar espaços narrativos que produzam uma história abrangente é o que o leitor deve fazer para compreender a narrativa. Convém ressaltar, porém, que, a despeito de os eventos serem reconstruídos de forma muito semelhante por leitores diferentes, não necessariamente a compreensão geral da história assim ocorra.

Ainda nesse aspecto, de acordo com Dancygier (2017), na novela, o objetivo é a compreensão geral do enredo; já em gêneros de persuasão, como o discurso político, pontos de vista estão sujeitos à manipulação para atender a determinados propósitos retóricos. Como exemplo, apresenta, então, um discurso de Barack Obama em que artigos indefinidos são consistentemente empregados em frases substantivas para representar referentes únicos e acessíveis ao discurso.

---

[72] No original: "Marie kicked the football".

No discurso em questão, Obama alude a importantes eventos históricos: "*Um* homem pousou na lua, *uma* parede caiu em Berlim, *um* mundo foi conectado pela nossa própria ciência e imaginação" (Dancygier; Vandelanotte, 2016, p. 26, grifos nossos)[73]. Os eventos e as pessoas envolvidos são todos familiares, mas se faz referência a eles por meio de artigos indefinidos, o que aumenta o foco sobre o tema do discurso, a saber, a eleição que acabara de vencer[74]: "[...] E *este* ano, *nesta* eleição, ela encostou o dedo em uma tela, e votou [...]" (Dancygier; Vandelanotte, 2016, p. 26, grifos nossos)[75].

Passa-se, portanto, de eventos menos focalizados sob uma ótica histórica, frequentemente introduzidos por artigos indefinidos, para uma perspectivação ancorada no presente da enunciação, caracterizada pelo uso de pronomes demonstrativos. Nesse sentido, os determinantes participam da construção de diferentes modos de referenciação e de enquadramento discursivo dos acontecimentos, o que nos autoriza a dizer que o discurso político prefere artigos indefinidos e pronomes demonstrativos com o claro propósito de construir interpretações marcadas por um ponto de vista a partir de eventos atuais.

Tal aparente incongruência sugere o fenômeno de ponto de vista como "[...] uma estratégia de persuasão, uma estratégia de discurso, não podendo, na verdade, ser tomada no nível de uma sentença" (Dancygier, 2017, p. 7)[76]. Em outros termos, trata-se de artifício discursivo que manipula o ponto de vista dêitico básico e previsível de um evento de fala e o redefine em um nível mais geral, implicando mudança de ponto de vista.

Isso posto, ressalte-se, ainda com base em Dancygier e Vandelanotte (2016), que, mesmo que o espaço narrativo seja o campo mais promissor para a gestão de pontos de vista diversos, igual complexidade comportamental se verifica em contextos mais enxutos, a exemplo do meme "Ninguém nunca disse", que inicia o presente capítulo. Fato é, pois, que, independentemente do contexto, mais ou menos enxuto, há sempre uma complexa rede de pontos de vista.

4.2 Afinal, o que é perspectiva?

Na teoria literária, Niederhoff (2013), ao revisitar a trajetória histórica do conceito de perspectiva, oferece um quadro bastante panorâmico quanto à terminologia. Segundo o

---

[73] No original: "A man touched down on the moon, a wall came down in Berlin, a world was connected by our own science and imagination".
[74] Ver Basso (2019).
[75] No original: "[...] And this year, in this election, she touched her finger to a screen, and cast her vote [...]".
[76] No original: "[...] a persuasive strategy, a discourse strategy, and thus cannot be appreciated at the level of one sentence".

pesquisador, há grande variação nesse sentido, sendo referido ora como perspectiva, ora como ponto de vista, ora como ponto de observação, ora como voz, ora como focalização.

A bem da verdade, trata-se de um termo complexo e controverso, porque, tendo em vista sua origem visuoespacial, verifica-se certa ambiguidade provocada pelas noções de *externo* e de *interno* a ele vinculadas, por exemplo. Dito de outra forma, na narratologia, seu uso não se refere a espaços muito bem definidos, como dentro ou fora de algum objeto inanimado, mas a mentes, dentro ou fora da consciência de um personagem, cujas fronteiras são bem menos facilmente determináveis que as de qualquer objeto físico.

Tal complexidade e controvérsia, a propósito, se coadunam também com o que afirma Lanser (1981 *apud* Niederhoff, 2013): "Diferentemente de elementos textuais como personagem, enredo e imagens, *perspectiva* é, essencialmente, uma relação, e não uma entidade concreta. Como tende a escapar da estabilização na linguagem das 'coisas', tem sido difícil compreender e codificar" (Lanser, 1981 *apud* Nierhoff, 2013, [s.p.], grifo nosso)[77]. A esse respeito, avaliar uma imagem, em termos de perspectiva, implica entendê-la como resultado de uma relação entre um sujeito que vê e um objeto que é visto; com vistas a simplificar a definição, porém, essa relação acabou sendo reduzida a apenas um dos elementos que a compõem.

Considerando, contudo, nosso interesse, não nos atemos às divergências e imprecisões atinentes ao conceito. Nesse aspecto, valendo-nos de Dancygier (2017), adotamos, a partir daqui, a definição de *perspectiva* como rede subjacente de *pontos de vista*, que consistem em estruturas conceptuais pontuais, discursiva e coerentemente orientadas, com o fito de conduzir a uma determinada leitura.

> Minha abordagem, baseada na suposição de que ponto de vista seja uma característica geral e predominante da comunicação, trata perspectiva em termos de redes de pontos de vista orientados pelo discurso e propõe mecanismos que conduzem a interpretações coerentes de várias formas (Dancygier, 2017, p. 2)[78].

Dessa maneira, conclui-se que uma rede de pontos de vista – a realização discursiva da língua – leva a uma perspectiva, noções que se percebem muito claramente, por exemplo, em textos narrativos.

---

[77] No original: "Unlike such textual elements as character, plot, or imagery, point of view is essentially a relationship rather than a concrete entity. As it tends to evade stabilization into the language of 'things', it has been difficult to grasp and codify".

[78] No original: "My approach, based on the assumption that viewpoint is a general and pervasive feature of communication, treats perspective in terms of discourse-driven viewpoint networks and proposes mechanisms which lead to coherent interpretations of various forms".

Ainda nesse âmbito, corroborando a distinção conceitual entre *perspectiva* e *ponto de vista*, Vandelanotte (2019) afirma que

> muitos linguistas e estilistas trabalham com a suposição de que as noções de *perspectiva* e de *ponto de vista*[79] possam ser usadas de forma intercambiável, embora permitindo que certos subcampos tenham suas preferências, com, por exemplo, os linguistas cognitivos falando, principalmente, em "ponto de vista", e os tipólogos, frequentemente, optando por "perspectiva". Parece seguro e sensato não atribuir muita importância a essa prática terminológica divergente, desde que o mesmo conceito subjacente esteja sendo visado. O único risco, no entanto, pode ser que dimensões linguisticamente importantes e úteis sejam ignoradas como resultado de uma vaguidade persistente e de uma inclusão excessiva no uso de "perspectiva" ou "ponto de vista" (Vandelanotte, 2019, p. 172, grifos nossos)[80].

Para não incorrermos, então, na referida "vaguidade persistente" e desprezar "dimensões linguisticamente importantes e úteis" de cada um dos termos em questão, justifica-se o cuidado de delimitarmos e, concomitantemente, diferenciarmos suas fronteiras, dado que ambos "são centrais em todos os tipos de significação, assumem muitas formas diferentes, especialmente entre línguas, e usam estruturas conceptuais para mostrar sua rica complexidade" (Dancygier, 2017, p. 2)[81].

Verdade é que, a todo momento, natural e espontaneamente, de acordo com Tobin (2016), assumimos perspectivas diferentes daquelas próprias da experiência pessoal e imediata. Entretanto, uma vez que a representação dessas outras perspectivas adotadas se torna cada vez mais intrincada, acompanhar as relações estabelecidas dentro dessa rede pode ser desafiador, justamente o que explicaria o modo de ser da ironia. Em outros termos, parafraseando Dancygier e Vandelanotte (2016), na medida em que novas construções – narrativas ou não – emergem em vários contextos e gêneros e, com elas, uma multiplicidade de pontos de vista, tanto nossa aptidão para incorporar outras perspectivas por meio da linguagem quanto sua relativa complexidade podem auxiliar na compreensão do fenômeno da ironia e, como consequência, na perspectivação por ela operada no âmbito da construção [só que X_{Adv}].

---

[79] No original, o autor faz menção a *viewpoint* e a *point of view* como distintos, conquanto, correntemente, sejam tidos e usados como sinônimos no inglês, a não ser em contextos sobremaneira específicos, como é o caso. Em rigor, o primeiro significa "ponto a partir do qual se observa, ângulo de visão"; o segundo, por sua vez, "atitude ou modo de pensar com relação a determinado assunto, opinião" (Marian, 2024, online). Desse modo, neste trabalho, sempre que nos referirmos a *ponto de vista* – tradução que vale para ambos os termos –, deve-se considerar o sentido atribuído a *viewpoint*, ou seja, "ângulo de visão".

[80] No original: "Many linguists and stylisticians work on the assumption that the notions of perspective, viewpoint and point of view can be used interchangeably, while allowing for certain subfields to have certain preferences, with, for instance, cognitive linguists mostly talking about 'viewpoint', and typologists often opting for 'perspective'. It seems safe and sound not to attach too much importance to such differing terminological practice insofar as the same underlying concept is being targeted. The one risk, however, might be that linguistically important and useful dimensions get glossed over as a result of a lingering vagueness and all-inclusiveness in the use of 'perspective' or 'viewpoint'".

[81] No original: "[...] are central to meaning of all kinds, that they take many different forms, especially across languages, and use conceptual structures showing rich complexity".

É nesse contexto, pois, que a Linguística Cognitiva oferece ferramentas capazes de ajudar a homogeneizar esse entendimento. A maior delas, indubitavelmente, se refere à Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1985) e à Teoria da Mesclagem Conceptual, um aperfeiçoamento daquela (Fauconnier; Turner, 2002) – já referidas inúmeras vezes ao longo do capítulo, mas mais bem tratadas na seção seguinte.

4.3 Teoria dos Espaços Mentais

4.3.1 Caracterização

A Teoria dos Espaços Mentais consiste em uma teoria cognitiva segundo a qual espaços mentais surgem à medida que o discurso avança. Nas palavras do próprio Fauconnier (2005),

> grande parte do trabalho sobre espaços mentais trata do que acontece nos bastidores da cognição. Em outras palavras, trata do que acontece em nossas mentes, dos processos que não podemos ver ou ouvir. Espaços mentais se referem ao que acontece por detrás das cenas quando falamos ou pensamos; são construções mentais muito complexas, até mesmo para as sentenças mais corriqueiras. São pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós conectamos esses espaços entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Muitas evidências para essas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais são fornecidas através de conhecimentos linguísticos e gramaticais (Fauconnier, 2005, [s.d.]).

Ainda conforme o autor, espaços mentais são pequenos pacotes conceituais construídos dinamicamente na memória de trabalho enquanto as pessoas pensam e falam. Tais estruturas permitem a interação entre cognição e gramática por meio de mapeamentos (ou *mappings*) e projeções entre diferentes domínios, servindo como base para formular hipóteses sobre a linguagem e o pensamento. Em outras palavras, como aponta Tobin (2016) ao aplicar o modelo, trata-se de representações que os indivíduos constroem cognitivamente sobre o próprio modo como estruturam os pensamentos e as interações discursivas.

A abertura e a estruturação desses espaços se dão por *construtores de espaço* (ou *space builders*), que se configuram como elementos linguísticos – tais como sintagmas preposicionais, morfemas modo-temporais, conectivos, anguladores, advérbios e orações temporais e condicionais. Quando acionados no discurso, eles estimulam o surgimento de outro espaço ou realizam o deslocamento do foco cognitivo para um espaço já existente.

A língua, sob essa ótica, não consiste em uma representação verdadeira ou falsa do mundo, mas em um estímulo à experiência cognitiva. Além disso, os sentidos que construímos no contexto de determinado discurso são estruturados não apenas pelo dito mas também, por um lado, por considerações pragmáticas gerais, como relevância, e, por outro, por preferências pessoais, bagagem cultural e demais elementos idiossincráticos concernentes à nossa personalidade e ao estado da mente no momento.

Lançando mão de ilustração de Sweetser (2012), suponhamos que tenhamos lido uma notícia sobre um cantor de rock o qual, tendo se sentido difamado na Itália, decide processar a revista. Construímos, nessa situação, diferentes espaços mentais, todos estruturados por quadros com os quais estamos já familiarizados: *processos judiciais*, *jornalismo*, *difamação*, *estilo de vida de cantores de rock*, *cultura italiana*, entre outros.

> Combinando todos esses elementos, construímos uma representação cognitiva muito mais rica do que aquela que a notícia evocaria sozinha. De fato, [...] as palavras e as construções reais da notícia são apenas estímulos para que os leitores se envolvam na construção de espaços – elas seriam inúteis sem a base de conhecimento do falante e suas habilidades de combinar (ou mesclar) espaços (Sweetser, 2012, p. 4)[82].

Desse modo, ainda com base em Sweetser (2012), na medida em que os espaços mentais são cognitivos, eles diferem de outros construtos como mundos possíveis. Por isso, uma análise pautada por espaços mentais não pressupõe haver alguma realidade à qual a compreensão de um falante possa ser comparada, porque o que nós, humanos, temos são nossos modelos cognitivos do mundo, baseados na experiência incorporada.

A esse propósito, vale destacar que o ponto de partida é sempre o espaço denominado *base*, que contempla falante, ouvinte, local e momento do evento de fala. É a partir dele que outros espaços e informações são gerados, visto que ele é o que contém a interação comunicativa. Espaços mentais, no entanto, nem sempre dependem de sequências oracionais.

Dizer algo como *Meu primeiro carro foi um Honda* estabelece uma relação entre o falante e os carros de que já foi dono, cada automóvel perfilando um espaço mental: o espaço atual pode ser um espaço *Toyota*, o anterior pode ser um espaço *Subaru*, mas o espaço mais antigo da cadeia é o espaço *Honda* – todos eles organizados sequencialmente e diferenciados pelas marcas. Caso, todavia, se diga *Meu primeiro carro era um Honda*, interpretar-se-á na perspectiva da propriedade passada – Honda –, e não na da propriedade posterior – Subaru – ou na da propriedade atual –Toyota (Dancygier, 2017).

Anos depois, com Fauconnier e Turner (2002), a teoria amadurece, ganhando um importante instrumento analítico: *mesclagem* ou *integração conceptual*.

> A mesclagem conceptual é uma operação mental básica que conduz a um novo sentido, a uma compreensão global e a compressões conceituais úteis para a memória e a manipulação de arranjos de significado os quais, de outra forma, seriam difusos. Ela desempenha um papel fundamental na construção de sentido na vida cotidiana,

[82] No original: “Combining these, we build a richer cognitive representation than the news story could possibly evoke alone. Indeed, [...] the news story’s actual words and constructions are only prompts to readers to engage in space-building – they would be useless without the speaker’s knowledge base and space-combining (or blending) abilities”.

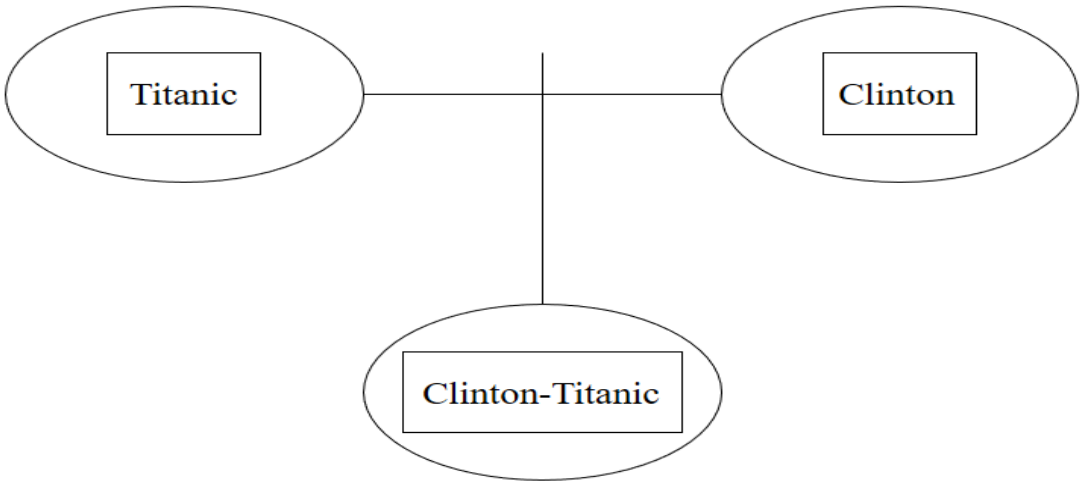
> nas artes e ciências e, especialmente, nas ciências comportamentais e sociais (Fauconnier; Turner, 2002, p. 57)[83].

À guisa de exemplo, tomemos uma piada sobre Bill Clinton. Nela, brinca-se com o aumento da popularidade do ex-presidente dos EUA, não obstante os constantes ataques de que vinha sendo vítima: "Se Clinton fosse o Titanic, o *iceberg* é que teria afundado".

> Clinton foi, então, comparado ao Titanic; o Titanic, quando era o Clinton, era tão forte que, ao chocar-se com o *iceberg*, este é que afundaria, contrariando, assim, as leis da física. Para a compreensão dessa piada, temos de abrir um espaço mental do *iceberg* e do Titanic, no qual nós sabemos o que é o Titanic: um navio enorme que afundou. Temos de construir também um outro espaço mental com o conhecimento que temos sobre o Clinton e sobre todos os ataques que ele sofreu. A partir desses dois espaços mentais, temos de construir um terceiro. Agora, temos uma espécie de Clinton-Titanic tão forte que é capaz de afundar um *iceberg*. Esse é, portanto, um exemplo do que geralmente fazemos quando contamos uma piada ou conversamos (Fauconnier, 2005, [s.d.]).

Esquematicamente, esta seria a representação:

Figura 6 – Esquematização de piada segundo a Teoria da Mesclagem Conceptual



Fonte: elaboração própria.

No tocante à Figura 6, Titanic e Clinton ocupam domínios diferentes, por se tratar de conteúdos diversos, e configuram, cada qual, um espaço-base, que é o espaço do real, do factual, do conhecimento compartilhado, onde os participantes do discurso reconhecem, por exemplo, ser Bill Clinton uma pessoa real e ser o Titanic um navio histórico. O espaço-base constitui,

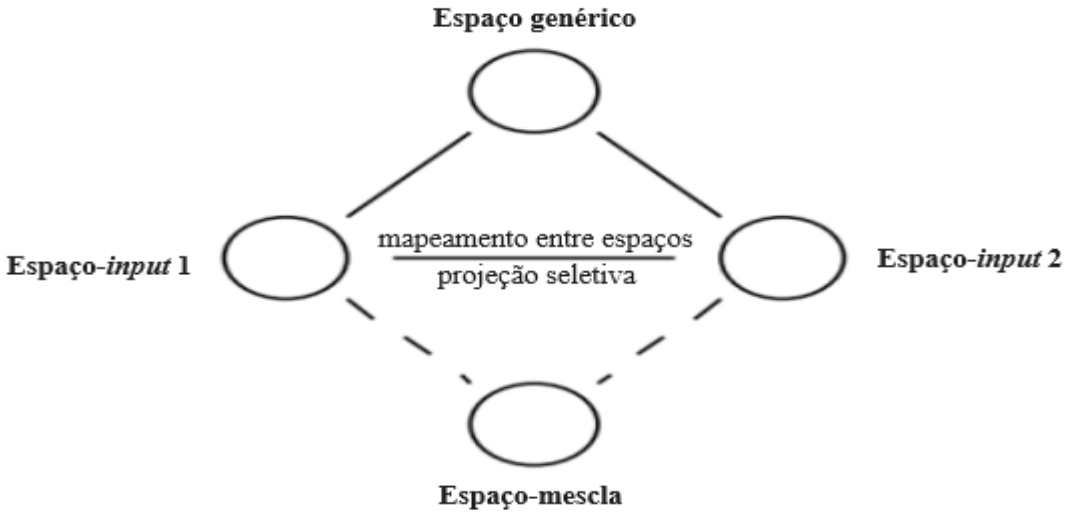
[83] No original: "Conceptual blending is a basic mental operation that leads to new meaning, global insight, and conceptual compressions useful for memory and manipulation of otherwise diffuse ranges of meaning. It plays a fundamental role in the construction of meaning in everyday life, in the arts and sciences, and especially in the social and behavioral sciences".

pois, o responsável por fornecer o conhecimento de mundo pelo qual se é possível interpretar a piada.

O espaço Clinton-Titanic, por seu turno, reúne características de ambos os conteúdos do espaço-base e consiste no espaço-representação, que é o espaço do hipotético, do contrafactual, construído pela condicional. Nele, projeta-se Clinton como Titanic e inverte-se o resultado: o que afunda é o *iceberg*.

Saliente-se que o processo de mesclagem conceptual, ao envolver a projeção de ao menos quatro espaços, aprimora a compreensão de construção de sentidos (Fauconnier; Turner, 2002) e se apresenta da seguinte forma:

Figura 7 – Esquema genérico da mesclagem conceptual



Fonte: adaptada de Fauconnier e Turner (2002, p. 56).

A Figura 7 ilustra, consoante os autores, a estrutura básica e mínima da mesclagem:

- Espaços-*input* 1 e 2, entre os quais existe uma interconexão parcial;
- Espaço genérico, que estabelece uma relação entre as entradas ao projetar sua organização e estruturação;
- Espaço-mescla, que é uma estrutura emergente.

Convém frisar que pode haver mais do que dois espaços-*input* projetados no espaço-mescla e que existe uma projeção seletiva das entradas para a mescla, o que quer dizer que nem todos os elementos e relações dos *inputs* são projetados no espaço-mescla (Ferrari; Avelar; Guedes, 2019). Ademais, com relação à estrutura emergente, que resulta da mesclagem, pode ser gerada de três modos diferentes:

i) Composição: combinam-se elementos dos *inputs* e cria-se outro significado;

ii) Completamento: somam-se dados da memória do falante a elementos de um *input* e completam-se lacunas;

iii) Elaboração: a partir da mescla, projeta-se o pensamento e desenvolvem-se cenários, inferências ou narrativas não presentes nos espaços originais.

> Em suma, para a criação da rede de[I]ntegração [C]onceptual [IC], é necessário que haja, no mínimo, dois espaços de entrada, que fornecem elementos a ser selecionados e projetados na estrutura emergente, por meio dos processos imaginativos de composição, completamento e elaboração, de modo que as inferências e os novos significados ativados na mescla não são previsíveis com base apenas nos espaços de entrada. Por fim, a estruturação do Espaço Genérico (EG), nem sempre representado nos esquemas de IC, decorre de uma projeção dos elementos comuns dos espaços de entrada, informando, assim, que há uma analogia entre os espaços de entrada, o que permite o mapeamento e a projeção dessas estruturas no espaço emergente (Ferrari; Avelar; Guedes, 2019, p. 10).

Ainda segundo Ferrari, Avelar e Guedes (2019), outro exemplo envolve a ferramenta de troca de mensagens *WhatsApp*. Nesse âmbito, são três as entradas: o domínio da fala (*input 1*), representado pelo falante; o da escrita (*input 2*), representado pelo redator; e o da imagem *(input 3)*, representado pelo tipo de comunicação. No espaço da mescla, por sua vez, projetam-se, seletivamente, elementos dos três *inputs*, que acabam se fundindo como *emojis*, recursos gestuais, expressões faciais e representações imagéticas correspondentes. Logo, "a estrutura ativada na mescla é a de que a comunicação escrita e imagética realizada via *WhatsApp* é concebida como interação face a face multimodal (com expressão de emoções e atitudes)" (Ferrari; Avelar; Guedes, 2019, p. 16).

Acrescente-se, por fim, que Fauconnier e Turner (2022) definem três operações como essenciais para a cognição e, consequentemente, para a significação, conhecidas como os três Is da mente humana: (i) Identidade, (ii) Integração e (iii) Imaginação. Tomadas conjuntamente, elas revelam que os significados não são predizíveis com base apenas nas formas que os evocam, sendo necessário também recorrer a *frames*, conhecimento geral, imaginação, contexto e, sobretudo, mesclagem conceptual. Dessa maneira, em um sintagma nominal, não basta saber o significado de uma palavra e o de outra; é preciso que haja uma mesclagem conceptual, o que se dá somente na mescla.

Portanto, em um contexto de imprevisibilidade de significação a partir das formas, a ironia se mostra um caso prototípico. Lehmann e Bergs (2021), no **Capítulo 3. Ironia**, mais especificamente na seção **3.2 Ironia construcional**, já demonstraram que, em determinadas construções, a ironia é tão inerente que seu efeito de sentido[84] suplanta o sentido e extrapola o

[84] Entendemos *sentido* como o conteúdo semântico mais estável de uma construção, estando, portanto, ligado àquilo que pode ser descrito de maneira relativamente convencional, dicionarizada, literal. *Efeito de sentido*, por

que significam suas partes individualmente. Isso porque, de acordo com Coulson (2001 *apud* Neves, 2006), o recurso irônico promove saltos semânticos (*semantic leaps*), que consistem na construção de significados não padrão, aqueles não previstos por dicionários ou gramáticas, por exemplo.

Na significação, exercem papel central, então, o contexto e o conhecimento prévio, estando tanto a mesclagem conceptual quanto a mudança de enquadre envolvidas no reconhecimento de enunciados irônicos. Para Neves (2006), em resumo, a ironia:

- é resultado de mescla, porque parte de estruturas projetadas de um *input* 1 e de um *input* 2 que, mapeados a partir de um espaço genérico comum, culminam na fusão correspondente no espaço-mescla;
- provoca reenquadre, porque o falante, ao proceder à mesclagem, reconfigura a significação a partir de uma nova cena cognitiva;
- promove recategorização, porque o processamento da leitura é redirecionado para a categoria do irônico;
- configura uma tipologia, em que há variação de prototipicidade com relação a um centro agregador que reúne as características mais comuns do fenômeno.

Em tempo,

> como os humanos podem incorporar espaços mentais e manter espaços contraditórios na mente simultaneamente, eles podem produzir não apenas discurso e pensamento representados mas também negação e condicionais contrafactuais. Eles também podem notar discrepâncias entre espaços acessíveis em redes complexas, produzindo efeitos como **ironia** [...] e **humor** (Sweetser, 2012, p. 4, grifos nossos)[85].

Faça-se constar que Tobin e Israel (2012), pautados pela Teoria dos Espaços Mentais, oferecem uma descrição suficientemente detalhada da ironia, apresentando-a como categoria de análise e intitulando-a de Teoria do Ponto de Vista.

4.3.2 Ironia como fenômeno de ponto de vista

Já discutimos, ao longo do **Capítulo 3. Ironia**, quão multifacetada e, por isso mesmo, complexa é a ironia, dado que suas manifestações são inúmeras e suas fronteiras, indefinidas.

---

seu turno, relacionando-se ao discurso e à pragmática, por exemplo, refere-se não apenas ao que se diz mas também ao que se faz ressoar no interlocutor, à não literalidade, a depender do contexto, da situação de enunciação, da entonação, do suporte, etc. Dito de outro modo, *sentido* é a dimensão relativamente estável e previsível, própria do sistema da língua; *efeito de sentido*, a dimensão discursivo-pragmática, emergente de dado uso em determinado contexto, deslocando, ampliando ou ironizando o sentido.

[85] No original: "Because humans can embed mental spaces, and hold contradictory spaces in mind at once, they can produce not only represented speech and thought, but also negation and counterfactual conditionals. They can also notice discrepancies between accessible spaces in complex networks, producing effects such as irony [...] and humor".

A despeito de constituir um desafio dizer com rigor o que ela seja e como se configure, conhecemos, mais particularmente na subseção **3.1.3 Afinal, o que é ironia?**, alguns dos traços que sempre a caracterizam, independentemente da roupagem com que se apresente:

- indica algum tipo de contrário;
- causa mal-entendidos;
- implica ponto de vista;
- promove relação cúmplice entre falante e ouvinte.

Diante desse cenário, Tobin e Israel (2012) afirmam que a ironia incide sobre o modo como uma proposição é acessada e percebida, consistindo, assim, em um ato essencialmente interpretativo. A esse respeito, embora as várias afirmações e situações irônicas se diferenciem pelo tipo de processo interpretativo que cada uma evoca, a interpretação de todas elas requer, obrigatoriamente, a presença de três elementos:

i) configuração em camadas de espaços mentais;
ii) mudança de atenção de uma camada interna para uma externa (afastamento);
iii) construção dinâmica e mista de um evento a partir de dois pontos de vista distintos.

Em linhas gerais, pois, o que se está dizendo é que a ironia é

> um tipo distinto de postura habitada por um intérprete. Essa postura pode ser definida em termos de pontos de vista e espaços mentais (Fauconnier, 1985, 1997): a atenção flui para cima, do espaço mental contendo um ponto de vista ironizado para um ponto de vista superior, a partir do qual esse ponto de vista original é reavaliado [...] (Tobin, 2021, p. 207)[86].

Dessa forma, convém ressaltar que não há, ainda à luz de Tobin e Israel (2012), uma via única de chegar à experiência proporcionada pela ironia. Pode-se construí-la, por exemplo, a partir de uma mudança de perspectiva do ouvinte, que despreza o ponto de vista inicial, julgado inadequado – o ironizado –, para adotar outro, tido como satisfatório – o irônico. Alternativamente, porém, ela pode emergir também quando falante e ouvinte, desde o início, abordam com atitude irônica o próprio ato interpretativo.

A esse propósito, para que esse novo olhar para a ironia seja muito bem articulado, é preciso fazer duas considerações pontuais atinentes à Teoria dos Espaços Mentais.

A primeira é que toda e qualquer rede de espaços mentais inclui, canonicamente, Base, Foco, Evento e Ponto de Vista, apesar de um mesmo espaço poder funcionar como mais de um

---

[86] No original: "[...] It approaches irony not as a special kind of behavior, such as pretense or echoic mention, on the part of a speaker, nor as a special kind of operation on a proposition, such as indirect negation. Instead it treats irony as a distinctive kind of stance inhabited by an interpreter. This stance can be defined in terms of viewpoints and mental spaces (Fauconnier 1985, 1997): attention flows upward from the mental space containing an ironized viewpoint to a higher viewpoint from which that original viewpoint is reassessed […]".

deles ao mesmo tempo (Cutrer, 1994; Fauconnier, 1997 *apud* Tobin; Israel, 2012; Tobin, 2016). Desse modo, o espaço Base serve como base de interpretação subjetivamente construída; o espaço Ponto de Vista é aquele a partir do qual o conteúdo conceptual é acessado, ou seja, a partir do qual outros espaços são avaliados; o espaço Foco, por sua vez, é aquele em que a atenção está concentrada; e o espaço Evento é aquele em que o evento ocorre.

A segunda é que os espaços mentais podem ter diferentes *status* quando comparados uns aos outros. Logo, tais relações se distinguem assim: *hierárquicas*, em que espaços podem ser incorporados a outros; *temporais*, em que exprimem passado ou presente; e *epistêmicas*, em que gozam *status* de fato ou de previsão. Além do mais, esses mesmos espaços são objeto de atenção conjunta à medida que falantes e ouvintes coordenam suas representações mentais e compartilham o foco sobre inúmeros aspectos dessas estruturas. Nesse contexto, os conceptualizadores podem deslocar sua atenção, transferindo seu ponto de vista de um espaço para outro.

Em face disso, no que tange ao processo interpretativo, Tobin e Israel (2012) propõem que a ironia consiste em uma figura de fluxo de atenção fundamentada em três passos mínimos:

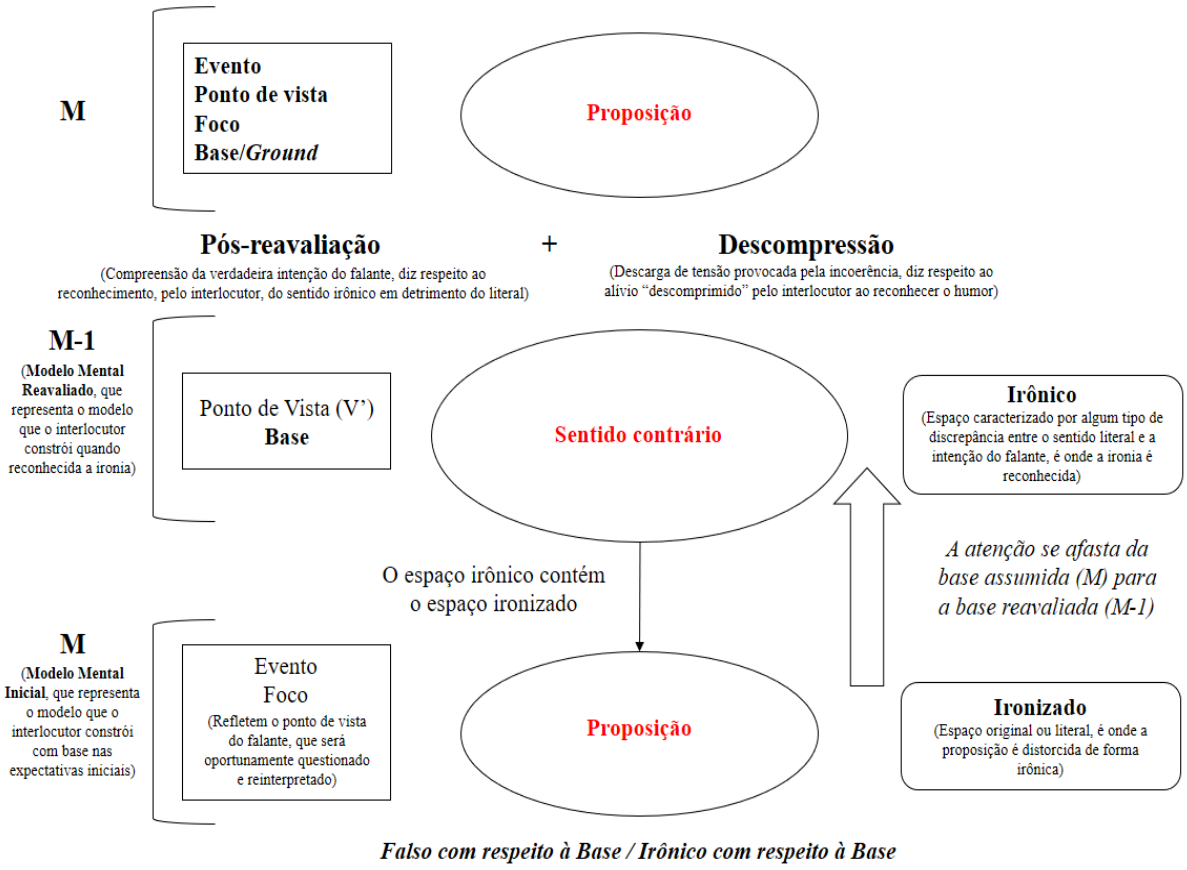
i) apresentação de uma proposição p em um espaço de Foco F a partir de um espaço de Ponto de Vista V (em que F e V podem, mas não precisam ser idênticos);
ii) avaliação de conflito ou incongruência entre p e algum conjunto de pressupostos acessíveis no contexto p;
iii) reconstrução de F, V e p a partir de um espaço de Ponto de Vista mais elevado, V', de uma maneira que resolva quaisquer inconsistências.

Como resultado, uma expressão irônica apresenta uma proposição a partir de, quase que simultaneamente, ao menos dois pontos de vista distintos: um Ponto de Vista ironizado (V) e um Ponto de Vista irônico (V'). Para Tobin (2016), "para constar como irônica, uma proposição expressa em algum espaço focado deve conflitar com o conteúdo de uma proposição implícita ou pressuposta em um ponto de vista mais elevado" (Tobin; 2016, p. 60)[87]. A experiência, portanto, se baseia na apreensão concomitante de dois pontos de vista incompatíveis, sendo um deles, entretanto, rejeitado e tido como inferior.

Na medida em que a ironia verbal envolve uma configuração de espaço mental em que o que se diz se mostra incoerente com as condições do próprio enunciado, a Figura 8 ilustra o esquema básico da ironia.

[87] No original: "In order to be counted as ironic, an expressed proposition in some focused space must conflict with the content of an implicit or presupposed proposition in a higher viewpoint".

Figura 8 – Esquema básico da ironia



Fonte: adaptada de Tobin (2016, p. 61).

Grosso modo, a ironia envolve um tipo especial de arranjo visual: um ponto de vista inserido em uma configuração complexa de espaços mentais. Isso significa que o fenômeno irônico se caracteriza por uma espécie de fusão a qual ocorre não no espaço Foco, em que a proposição é explicitamente expressa, mas no Ponto de Vista, a partir de onde essa proposição é interpretada.

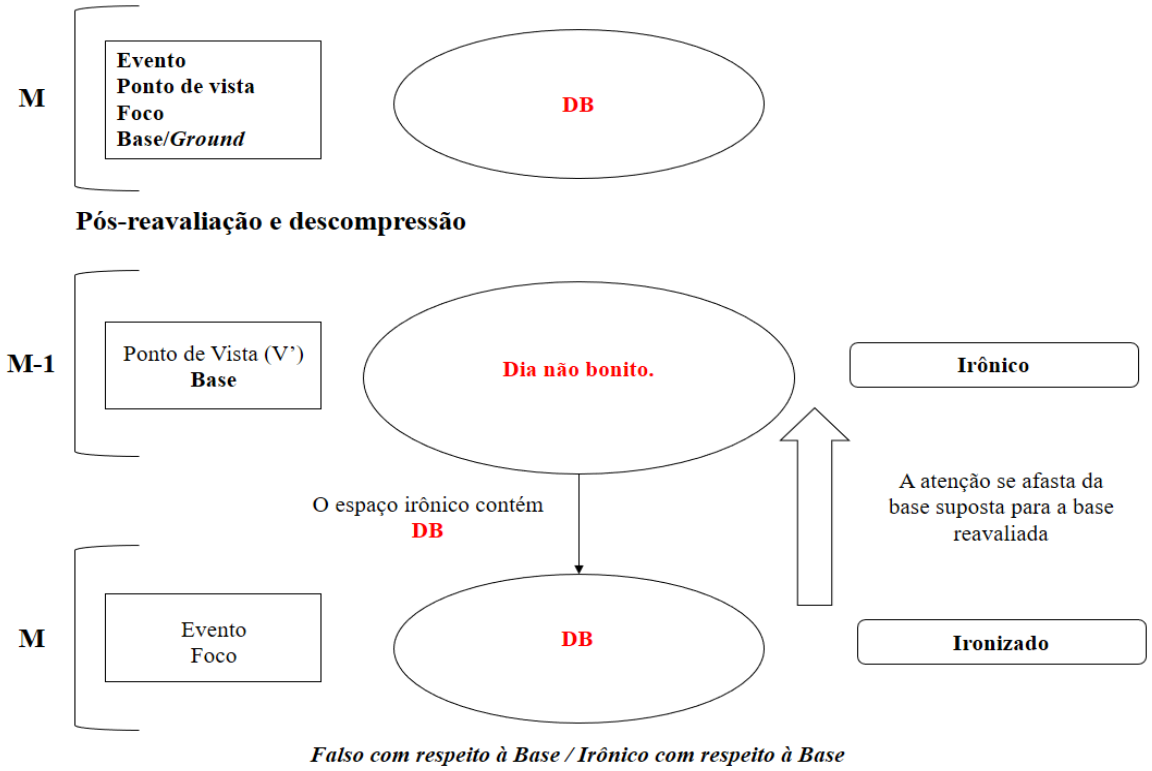
Por assim dizer, a experiência se dá com base em uma pós-reavaliação e em uma descompressão dessa fusão, possibilitando o estabelecimento de um novo ponto de vista, mais elevado, a partir do qual se acessam – de novo e ao mesmo tempo – tanto o espaço anteriormente em foco quanto o ponto de vista correspondente.

Tal afastamento, vale frisar, proporciona a experiência de distância irônica e, ao explorar aspectos da situação discursiva, pode gerar um senso de cumplicidade entre o intérprete e o interlocutor, real ou imaginário. Trata-se do efeito pelo qual muitas ironias evidenciam a distinção "[...] entre um eu que se comporta e um eu que se examina minuciosamente"[88], como assevera Haiman (1980).

[88] No original: "[…] the difference between a behaving and a scrutinizing self".

Também a título de ilustração, consideremos a Figura 9, em que um falante exclama "Que dia bonito!" (Tobin, 2016, p. 61)[89] a seu interlocutor enquanto chove.

Figura 9 – Conceptualização de "Que dia bonito!" – DB



Fonte: adaptada de Tobin (2016, p. 61).

Indiscutivelmente, há uma incompatibilidade entre o Evento e o conjunto de pressupostos tácitos associados à Base/*Ground*. Apesar de o falante afirmar "Que dia bonito!", no Espaço M (Evento/Ponto de Vista/Foco/Base/*Ground*), expressando sua visão momentânea a respeito da realidade, o interlocutor nota uma incoerência entre a proposição e o contexto, porque, na verdade, como está chovendo, o dia não pode estar bonito.

Assim sendo, a interpretação irônica emerge quando o ouvinte reconhece haver uma incongruência e, por conseguinte, não ser verdadeiro o ponto de vista do falante. Nesse âmbito, o reconhecimento da ironia, conforme Tobin e Israel (2012), se dá por inferência. A partir dela, o ouvinte pode, primeiro, considerar e, em seguida, rejeitar a interpretação literal, ou, graças a pistas paralinguísticas – como expressão facial e tom de voz – ou a outros estímulos do discurso em andamento, ser induzido a estabelecer um arranjo mental em que o ponto de vista expresso e o ponto de vista do falante estão, de alguma forma, dissociados.

[89] No original: "What a beautiful day".

Fato é que, para resolver tal incoerência, o interlocutor reconceptualiza a enunciação, construindo, então, outro ponto de vista, a partir de uma Base reavaliada e descomprimida (Espaço M-1, o irônico), que incorpora o espaço de Evento/Foco original (Espaço-M, o ironizado). A atenção, desse modo, se afasta da base assumida para a base reavaliada – espaço de nível superior ao do espaço M, simbolicamente correspondendo ao salto ou à escalada a que Booth (1974 *apud* Tobin, 2016) faz menção.

Consequentemente, verifica-se uma configuração de espaço mental em que o ponto de vista expresso e o ponto de vista do falante estão, de certa forma, desvinculados – desvinculamento que requer a criação de um segundo espaço Base, M-1, funcionando como ponto de observação mais elevado, a partir do qual o espaço M pode ser reconsiderado.

Na figura em questão, a seta fina marca o *status* de M como estando subordinado a M-1, ao passo que a seta larga representa o fluxo de atenção como afastando-se de M para o ponto de observação mais elevado. Na medida em que, no exemplo, a ironia é intencional e entendida como tal, o falante e o ouvinte compartilham essa concepção da configuração irônica completa: M mantém um ponto de vista associado, V, que o falante e o ouvinte "observam de cima", a partir de seu novo ponto de vista compartilhado, V'.

Dessa maneira, o efeito de distanciamento da ironia constitui uma forma de alienação desse ponto de vista de nível inferior e daqueles que o mantêm – razão pela qual, diz-se, a ironia tem sempre uma vítima (Tobin; Israel, 2012).

Em síntese,

> a ironia, nessa abordagem, envolve uma configuração em camadas de espaços mentais, em que uma incongruência mental percebida provoca uma mudança na atenção de uma camada interna para uma externa (afastamento), resultando em uma construção dinâmica e mesclada de um evento a partir de dois pontos de vista incompatíveis, um dos quais é rejeitado e "desprezado" (Vandelanotte, 2018, p. 168)[90].

Um aspecto positivo desse paradigma é que, além de se estender a variedades de ironia as quais extrapolam os exemplos mais frequentemente considerados em estudos de viés linguístico ou cognitivo, é possível contemplar a ironia verbal por meio de sua relação com uma ampla diversidade de elementos não irônicos, como tempo, aspecto, construção condicional, conjunção, correferência e anáfora. Logo, a abordagem aqui proposta pode contribuir para elucidar também a natureza perturbadora e instável das múltiplas manifestações irônicas.

---

[90] No original: "Irony on their account involves a layered configuration of mental spaces, where a perceived incongruity prompts a shift in attention from an inner to an outer layer (zooming out) resulting in a dynamic blended construal of an event from two incompatible viewpoints, one of which is rejected and 'looked down on'".

> Uma vantagem da abordagem do ponto de vista, conforme resumido aqui, é que ela aborda o que a ironia situacional, a ironia dramática, o *camp*[91] e outros fenômenos que se abrigam sob o amplo guarda-chuva da ironia têm em comum com a ironia verbal. Podemos adotar uma postura interpretativa irônica com relação não apenas a enunciados mas também a cenas, situações e até outras posturas interpretativas em si. Os falantes podem, é claro, adotar uma postura irônica quanto aos próprios enunciados quando se veem como "sarcásticos", "fazendo uma brincadeira" e assim por diante. Entretanto, os interlocutores, participantes secundários e observadores também podem ou não adotar posturas interpretativas irônicas. Um falante pode considerar sua observação como irônica, enquanto seu interlocutor ou um observador a consideram como sincera. Porque somos capazes de considerar as próprias perspectivas de fora, podemos adotar diferentes pontos de vista sobre o próprio ponto de vista em momentos distintos ou de maneira instável (Tobin, 2021, p. 209)[92].

Já se sabe, nesse mesmo contexto, que a teoria em questão complementa as demais abordagens existentes, tanto por enxergar a ironia como uma variedade de experiência interpretativa quanto por focar relações entre seus diferentes tipos. Destaque-se também que, à luz desse mesmo paradigma teórico, a ironia, em todas as suas formas, é – muito mais do que uma figura de subjetividade – uma figura de dessubjetivação: os conteúdos conceptuais que são construídos subjetivamente são, posteriormente, reconstruídos como um objeto de conceptualização. A esse respeito, portanto, a ironia surge do fato de que qualquer situação que encontremos estará sujeita à interpretação como algo que acontece e como algo que é representado (Tobin; Israel, 2012).

Consta, aliás, que, nos últimos anos, ainda segundo Tobin e Israel (2012), muitas têm sido as pesquisas que se põem a explicar a ironia verbal inserida na Teoria dos Espaços Mentais e afirmam que sua estrutura subjacente depende, imprescindivelmente, do pensamento contrafactual, tais como Coulson (2005) e Kihara (2005).

Todavia, muito embora essa perspectiva pareça atraente, existem boas razões para não vincular o conceito de ironia à noção de contrafactualidade. Isso porque Kumon-Nakamura, Glucksberg e Brown (1995) esclarecem que há muitos tipos de insinceridade que, apesar de não contrafactuais, são percebidos como irônicos, a exemplo da proposição "Você, com certeza,

---

[91] O termo refere-se a uma interpretação irônica e deliberadamente exagerada ou teatral de objetos, *performances* ou estilos que, sob uma leitura literal, poderiam ser tachados de mau gosto, antiquados ou artificiais. Tais elementos, no entanto, são reavaliados de forma positiva a partir de um ponto de vista metacognitivo e distanciado, que os valoriza justamente pelos excessos.

[92] No original: "One advantage of the viewpoint approach as summarized here is that it addresses what situational irony, dramatic irony, camp, and other phenomena that fall under the wide umbrella of irony have in common with verbal irony. We can take an ironic interpretive stance not only with respect to utterances, but also to scenes, situations, and even other interpretive stances themselves. Speakers can of course adopt an ironic stance with respect to their own utterances when they understand themselves as 'being sarcastic', 'doing a bit', and so on. But addressees, side participants, and bystanders also may or may not take up ironic interpretive stances. A speaker may take her remark to be ironic, while her interlocutor or an observer takes it to be sincere. And, because we are capable of considering our own perspectives from the outside, we can adopt different views of our own viewed viewpoint at different times, or in an unstable way".

sabe muito”[93] (Kumon-Nakamura; Gucksberg; Brown, 1995 *apud* Tobin; Israel, 2012, p. 35), dirigida a alguém de notórios conhecimentos em determinada área, mas arrogante acima de tudo.

Em tempo, reconhecemos as inúmeras contribuições das inúmeras teorias pragmáticas e cognitivas que versam sobre o fenômeno irônico, todas elas já referidas no **Capítulo 3. Ironia**. Há, contudo, claras limitações no que concerne a construções com a ironia como propriedade.

Nesse âmbito, a Teoria do Ponto de Vista (Tobin; Israel, 2012), aqui desenvolvida, se mostra como sendo a mais apropriada. Em outras palavras, na medida em que a Teoria da Mesclagem Conceptual, que lida com a construção de significados através da combinação e integração de espaços mentais, é complementada pela Teoria do Ponto de Vista, que enfatiza as perspectivas individuais do falante e do ouvinte, juntas elas fornecem uma compreensão mais rica e multifacetada de como a significação é construída e interpretada.

Considerando, a esse propósito, que (i) espaços mentais são construídos por construtores de espaço, entre os quais se incluem os conectivos (Fauconnier, 1997); (ii) tais construtores introduzem contexto, cenário ou perspectiva, instauram espaço mental distinto daquele em operação e, assim, promovem deslocamentos no fluxo comunicativo; e (iii) [só que X_{Adv}] demonstra afinidade com a categoria dos conectivos e, evidentemente, se configura como um desses construtores, é ao longo do **Capítulo 6. Análise**, já de posse de nossos dados, que tratamos mais detidamente da construção e demonstramos a pertinência desta discussão.

[93] No original: “You sure know a lot”.

CAPÍTULO 5

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário adotar uma metodologia que leve em conta o uso efetivo da língua no seu registro escrito. No presente capítulo, portanto, evidenciamos o passo a passo metodológico a que recorremos e expomos parte dos dados coletados, para que possamos prosseguir na investigação da ironia como marcador de ponto de vista na construção [só que X_{Adv}].

5.1 Passo a passo metodológico

Tendo em vista ocorrências reais da língua – aquelas de fato empregadas pelos falantes –, procedemos a uma coleta sincrônica[94] de dados para a formação de nosso *corpus*, o que se deu diretamente pela *internet*. Fonte expressiva para trabalhos em Linguística ultimamente (Vandelanotte, 2007; Santana, 2010), a rede mundial de computadores provê material que, segundo Bergh (2005), pode ser usado de duas diferentes maneiras: como recurso puramente textual e como investigador de vários aspectos do uso corrente da língua.

Para tanto, recorreu-se a'O Corpus do Português, desenvolvido por Mark Davis, da Universidade Brigham Young (BYU), e Michael Ferreira, da Universidade Georgetown, que contém três microamostras do português:

- Gênero/Histórico, com 45 milhões de palavras dos anos de 1200 a 1900, permitindo observar a evolução da língua;
- Web/Dialetos, com 1 bilhão de palavras dos anos de 2013 e de 2014 oriundas de textos de quatro países falantes do português, a saber, Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, propiciando analisar a língua comparativamente;
- NOW (*News on the Web*), com 1,1 bilhão de palavras de 2012 a 2019 de revistas e jornais on-line de quatro variedades do português: Brasil, Portugal, Angola e Moçambique, sendo a interface mais recente e robusta da plataforma.

De acordo com Teixeira e Penha (2022),

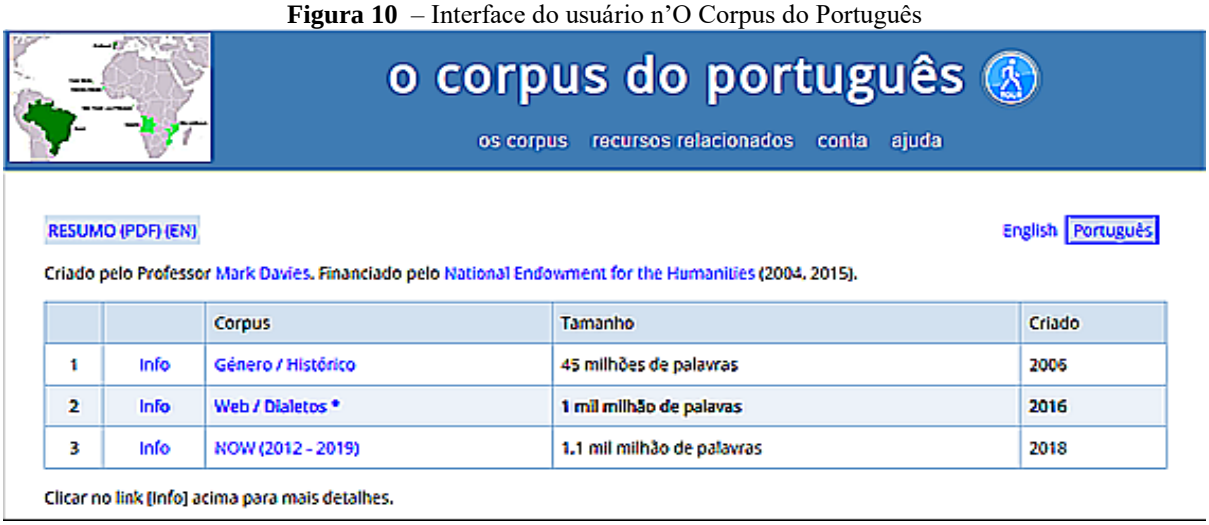
> O Corpus do Português (Davies; [Ferreira], 2016) possibilita aos pesquisadores a realização de investigações em um número diversificado de sincronias, desse modo mostra-se como uma ferramenta relevante para os linguistas que tencionam debruçar-se sobre a análise da língua portuguesa e/ou suas variedades (Teixeira; Penha, 2022, p. 94).

Nesse aspecto, há muito mais elementos positivos do que negativos associados ao uso

[94] Por *sincronia*, entenda-se, nesta pesquisa, conjunto de dados que coincidem em um recorte temporal localizado no presente, sem levar em conta seu processo evolutivo.

de gerenciadores para coletas linguísticas, dentre os quais se destacam “fácil acessibilidade, rápido rastreamento de dados de diversas línguas e variedades, mais agilidade e menos esforço para a obtenção de dados, fácil seleção das fontes ou gêneros dos dados e informações sobre os dados” (Teixeira; Penha, 2022, p. 94 e 95), o que só tem contribuído para o avanço dos estudos linguísticos.

Figura 10 – Interface do usuário n’O Corpus do Português



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

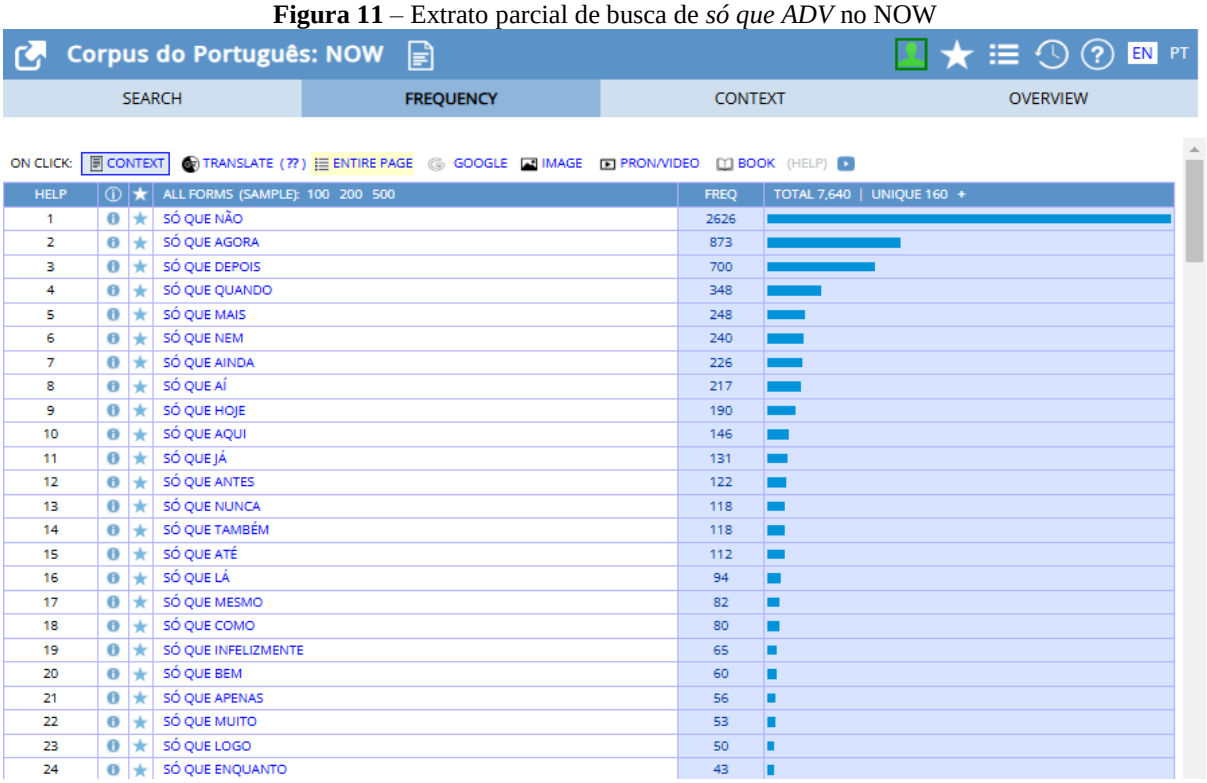
A análise de páginas da *internet* por meio d’O Corpus do Português pode ser considerada mais versátil e completa, uma vez que permite realizar buscas rápidas, de um a dois segundos, a partir de diferentes comandos, como palavra, expressão, lema e sinônimo. Além disso, possibilita perceber variações por gênero, período histórico e dialeto, levando a informações adicionais e externas, como *links*.

Desse modo, entre outubro e dezembro de 2024, realizamos duas grandes rodadas de busca para a constituição de nosso *corpus*, considerando as diferentes configurações formais conhecidas de [só que X_{Adv}], quais sejam, *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*, e possibilidades com outros advérbios, já que se trata de construção esquemática e produtiva, como se sabe.

Por isso, através da etiqueta [só que ADV], pela qual é possível abranger ocorrências com ponto ou vírgula antes ou depois da construção, por exemplo, procedeu-se, na microamostra NOW, à primeira rodada de busca, tendo em vista frequência de ocorrência, padrão de uso, função pragmática e grau de negação irônica.

Ao todo, foram 160 entradas – independentemente da frequência, se alta ou baixa. O extrato a seguir mostra as 24 primeiras.

Figura 11 – Extrato parcial de busca de *só que ADV* no NOW



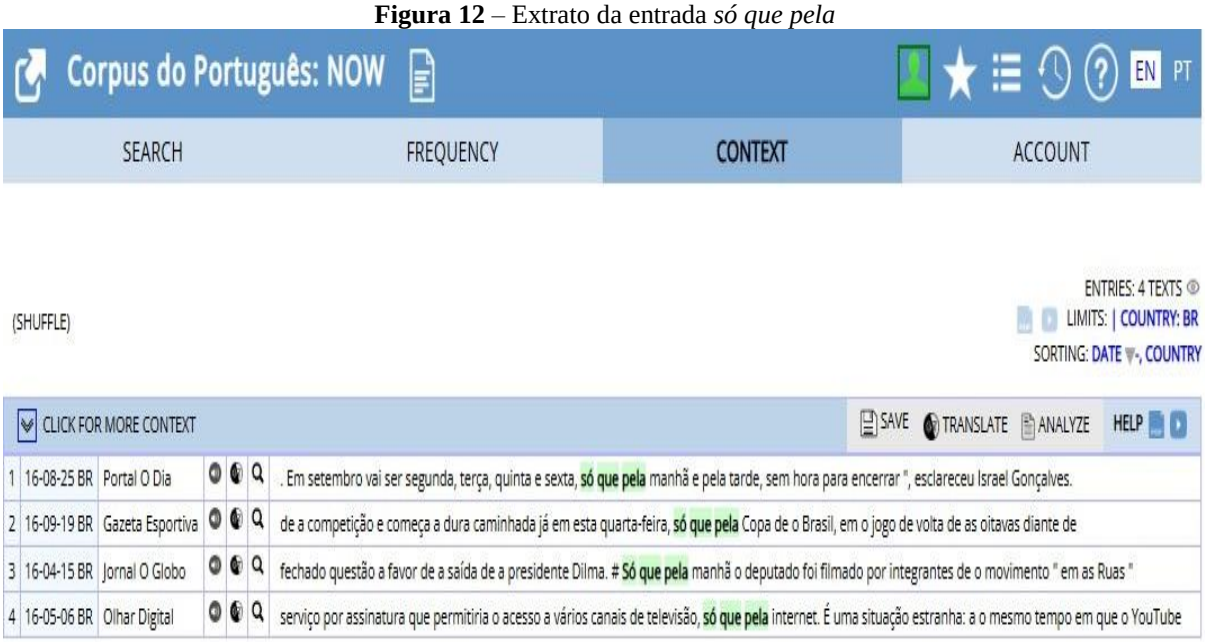
Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Nesse âmbito, na medida em que a microamostra em questão contempla textos de quatro variedades do português, debruçamo-nos apenas sobre fragmentos textuais de falantes brasileiros – daí termos tomado o cuidado de, usando o filtro *Country*, disponibilizado pela plataforma, restringir a busca a páginas do Brasil em cada uma das 160 entradas.

Ressalte-se que, dos resultados obtidos para cada entrada, muitos não constituíam o fenômeno aqui em discussão, em termos de comportamento morfossintático-pragmático. Em virtude disso, por meio da aba *Context*, de posse do contexto das ocorrências para cada um dos padrões identificados, fizemos uma seleção para verificar se havia alguma que se assemelhasse à construção [só que X_{Adv}].

Vale dizer, a bem da verdade, que nosso foco é muito mais qualitativo do que quantitativo, visto que pretendemos atestar a existência de microconstruções da família [só que X_{Adv}], com diferentes advérbios em uso. A esse respeito, a ferramenta de busca retornou resultados que, por não envolver a categoria de advérbio [ADV], não foram avaliados, porque fora do escopo, como ilustra a Figura 12, com uma preposição [PREP].

Figura 12 – Extrato da entrada *só que pela*



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

A esse propósito, embora, nesta pesquisa, nosso interesse resida no português brasileiro, realizou-se, na microamostra NOW, levantamento exploratório da construção *só que não* nas demais variedades do português, por meio dos filtros *Portugal*, *Angola* e *Mozambique* nessa ordem.

Nesse sentido, os dados indicaram que o uso da construção não se restringe ao português brasileiro, ocorrendo também na variedade europeia, possivelmente devido ao intenso contato cultural entre os dois países. Essa distribuição é exemplificada pelas ocorrências (14) a (16), selecionadas para amostragem:

> (14) Tudo isto poderiam ser águas passadas, **só que não**. A rivalidade teve em anos recentes alguns episódios de jogadores a trocar de camisola – Yannick Djaló e Carrillo, por exemplo – mas se algum dos seis futebolistas que agora rescindiram por justa causa (Rui Patrício, William Carvalho, Bruno Fernandes, Daniel Podence, Bruno Fernandes e Bas Dost) viesse a rumar à Luz, representaria uma machadada profunda numa relação já pouco cordial (13, https://www.publico.pt/2018/06/12/desporto/noticia/uma-pequena-loucura-ou-um-novo-verao-quente-1834199#, 2018, grifo nosso).
>
> (15) "Podia ser perfeita e de coração, **só que não**! Veio a descobrir-se agora, através da entrevista do produtora da cerimónia, que o momento era para ser dividido em palco por Adele, Beyoncé e ainda Rihanna numa mistura de temas, só que a diva Adele bateu o pé e quis o momento só para ela. Ninguém sabia de nada. Cantou, foi aplaudida, a Beyoncé desfez-se em lágrimas e agora: Será que Adele fez isto às 'colegas' por medo de rivalidades ou comparações? Porque queria o momento só para ela? Ou porque de facto se acha de outro planeta? E,

> depois disto, o que a terá levado a dedicar a canção à ‘amiga’ que não quis ao seu lado no palco? Mistérios!”, rematou (142, https://www.noticiasaominuto.com/fama/743324/adele-nos-grammy-podia-ser-perfeita-e-de-coracao-so-que-nao, 2017, grifo nosso).
>
> (16) Alentejano licenciado em Comunicação Social e Cultural na FCH-UCP. Redator de cinema no Espalha Factos. Ao fim de muitos anos, ainda não descortinou a totalidade do Mulholland Drive. (Está quase. **Só que não**.) (388, https://espalhafactos.com/2017/05/09/esta-ai-novo-trailer-blade-runner-2049/, 2017, página não mais existente).

Tal constatação nos leva a crer, portanto, que também outras construções do esquema [só que X_{Adv}] possam ser atestadas além-mar – investigação que se sugere como objeto de estudo em eventuais pesquisas futuras.

Com relação, por sua vez, às variedades angolana e moçambicana, a inexistência de dados não quer dizer, entretanto, que esse tipo de uso já não esteja em circulação entre os africanos, diante da vigorosa influência do Brasil também sobre países lusófonos na África. Uma das justificativas, aliás, pode ser o número reduzido de jornais e revistas dos respectivos países no acervo contemplado pel’O Corpus do Português – conquanto saibamos que nenhum *corpus* consegue abarcar a totalidade de uma língua natural, dada sua heterogeneidade constitutiva, suas variações regionais, sociais, estilísticas e históricas e o caráter dinâmico do uso linguístico.

5.2 Resultados obtidos

5.2.1 Microamostra NOW

A microconstrução *só que não* foi, como já esperávamos, a mais recorrente, com, ao todo, 1.929 ocorrências. Dessas, 448, no entanto, se mostraram prototípicas do comportamento em análise.

A seguir, apresentam-se alguns desses casos.

Quadro 2 – Amostra de ocorrências de *só que não*

1	Microconstrução **só que não**	Ocorrência
		Às vezes me parece que a escolha do diretor é um capítulo à parte… **só que não**! Antes mesmo do desmanche jurídico do Museu, Lucenao parecia já estar à frente da instituição. Sob sua coordenação, o MoveINMA conduzia o repasse de bolsas a pesquisadores e estagiários do Museu e instruía a Sociedade de Amigos do Museu (Sambio) sobre a postura a ser tomada em sua negociação com o MCTI (6, https://www.seculodiario.com.br/colunas/inma-e-ruschi-em-rota-

		s-de-colisao/, 2017, grifo nosso).
2		É com muita calma e sutileza – **só que não!** – que o protagonista vivido por Idris Elba volta à ação no primeiro trailer do episódio especial de Luther. Confira as imagens inéditas, cheias de tensão e suspense, acima! Segundo a sinopse oficial divulgada pela BBC, o detetive está afastado do trabalho, mas, após receber uma notícia chocante dos colegas Theo Bloom (Darren Boyd) e Emma Lane (Rose Leslie), ele decide retornar para Londres, onde precisa impedir um perigoso *serial killer* canibal (42, https://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-117581/, notícia, 2015, grifo nosso).
3		E para completar, contou que não é adepta dos exercícios físicos e que, por isso, não se vê tão perfeita assim: "A parte que eu menos gosto no meu corpo é a minha barriga. Por quê? Porque o meu pai deixou de herança para as filhas aqueles pneuzinhos, o culotezinho, e eu sou muito preguiçosa, sabe? Adoro ir na academia, **só que não**", brincou (52, https://www.purepeople.com.br/noticia/camila-queiroz-grava-verdades-secretas-so-de-biquini-em-praia-paradisiaca_a65338/1, 2015, grifo nosso).
4		Aquele período maravilhoso (**só que não**) em que somos afetados pela puberdade desempenha um papel importante nas personalidades que temos hoje. O início da puberdade inflama uma forma de egocentrismo, ou autoconsciência. Algumas crianças se preocupam que eles estão se desenvolvendo muito rapidamente, e outras que estão em desenvolvimento mais lento que a média. Como passamos pela puberdade em diferentes idades, a maturidade é atingida em momentos diferentes também (57, https://hypescience.com/10-teorias-psicologicas-que-provam-que-somos-robos-estupidos/, 2016, grifo nosso).
5		Barato, **só que não** Primeiramente, o valor cobrado pela Fiat vale para a carroceria de duas portas sem nenhum opcional. Ou seja, sem ar-condicionado, travas elétricas ou direção hidráulica. Quer todos esses itens e as portas traseiras? Aí o preço já passa dos R$ 30 mil. O carro das fotos, completo inclusive com rodas de liga leve e rádio com entrada USB custa R$ 31.793. Um Uno Vivace com a mesma configuração custa R$ 33.477 (70, https://www.icarros.com.br/noticias/testes-e-comparativos/fiat-palio-fire:-preco-nao-e-tudo/16186.html, 2014, grifo nosso).
6		Se você está assistindo a um clipe da Rihanna, ou da Madonna, ou da Britney Spears… pare agora tudo o que você está fazendo! É hora de ver a obra-prima (**só que não?**) que é o teaser trailer do

		clipe Beijinho no Ombro, da musa Valesca Popozuda. Isso mesmo, vocês não leram errado: é um teaser trailer, um minuto de pura glória! Um minuto que possivelmente mudará sua vida: as montanhas parecerão mais verdes, o céu mais azul e a sua existência ganhará outro significado! (78, https://vejasp.abril.com.br/coluna/pop/valesca-popozuda-lanca-trecho-do-clipe-de-8216-beijinho-no-ombro-temos-o-hit-do-verao, 2013, 2017, grifo nosso).
7		Na página do Facebook "Moça você é machista" o post dizia: "Evidente né... porque meninos brincam de carrinho e usam azul e meninas brincam de boneca e usam rosa... **só que não**!!!". A acusação foi compartilhada por 593 usuários e curtida por 1.295 pessoas da rede social. Vários consumidores também protestaram na fanpage da marca, acusando-a de "segregação ridícula" (91, https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/03/13/internas_economia,356657/kinder-ovo-lanca-ovos-para-meninos-e-meninas-e-marca-e-chamada-de-sexista.shtml, 2013, grifo nosso).
8		Não ganhamos Palma de Ouro, Urso de Ouro, Leão de Ouro e outros prêmios à toa. Mas ainda insistimos em dizer que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não**. Participações, mesmo que coletivas, somente em sessões periféricas de grandes festivais interacionais anos a fio não é sucesso, é propaganda enganosa para que o povo continue acreditando que esta tudo bem financiar filmes realizados somente por esse grupo social e que só dialogam com eles mesmos (112, https://www.cartacapital.com.br/cultura/faco-filmes-para-as-pessoas-pretas-com-a-cara-do-nosso-pais/, 2017, grifo nosso).
9		Cássio já foi líder duas vezes, mas ao ser o 'rei da casa', ele mais parece o bobo da corte. Sempre com brincadeirinhas de gosto duvidoso, o brother de cabelo de duas cores muitas vezes aporrinha o juízo dos participantes. Ele, que está sendo indiciado pelo Ministério Público do Rio, já chegou até a colocar um biquíni e mergulhar na piscina, mostrando toda a sua boa forma, **só que não**! **#sqn** (182, https://www.purebreak.com.br/noticias/duelo-no-bbb14-qual-o-participante-mais-sem-nocao-cassio-ou-clara/2608, 2014, grifo nosso).
10		Vem logo, **só que não**. O representante da JAC no país, Sergio Habib, afirma que deverá importar em agosto duas ou três unidades do Sol... mas apenas para testes com jornalistas especializados e clientes especiais conhecerem a tecnologia. Vendê-lo em escala comercial, porém, é inviável atualmente, aponta. "Se o IPI cair de 25% para 7%, ainda tem ICMS, Cofins e não tem incentivo. Um T40 elétrico custaria R$ 130 mil mesmo com essa redução",

		explica o executivo (206, https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2018/05/09/jac-descarta-carro-eletrico-no-brasil-porque-eletrico-so-vira-na-china.htm, 2018, grifo nosso).
11		Caros leitores: neste texto, eu resolvi, propositalmente, descomplicar. Ou melhor, facilitar. E o fiz, pensando, especialmente, em meus alunos, que têm sofrido para tentar entender, através dos livros de doutrina, alguns dos novos institutos do Direito Processual, dentre os quais, as tutelas provisórias. Todos nós conhecemos a famosa expressão popular, muito apropriada ao mundo forense, que diz: "Para que facilitar, se podemos complicar?". Pois é, eu decidi me inspirar na frase – "**só que não**". Então, contrariando a regra, vou tentar facilitar, em vez de complicar (435, https://www.conjur.com.br/2016-fev-03/barbara-lupetti-tutelas-urgencia-evidencia-cpc/, 2016, grifo nosso).
12		Vale ressaltar, no entanto, que a publicação pode se tratar apenas de uma brincadeira de Chris. Afinal, ela complementou o texto com várias emoticons bem-humoradas, além da *hashtag #sqn* (**só que não**). "Já foi melhor" Seja como for, o fato é que os seguidores da jornalista não gostaram de nada da nova aparência da musa. "Não gostei, fica bem mais bonita morena!", reclamou um fã. "Deus me livr… Ficou feio… Vocês são tão lindos…", queixou-se outra. "Agora pode tirar essas perucas, hahahaha. Melhor sem", pediu ainda um terceiro, sacando a brincadeira (815, https://observatoriodatv.com.br/noticias/chris-flores-agita-a-internet-com-novo-visual-para-fabrica-de-casamentos, 2019, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

Ainda no caso de *só que não*, destacam-se algumas ocorrências que escapam à configuração mais cristalizada da microconstrução, como *só que não mesmo*, *só que não, né?* e *mas só que não*.

Tais realizações sugerem que a construção já não funciona apenas como bloco formulaico rígido, mas admite processos de expansão, de reforço pragmático e de integração a diferentes enquadramentos discursivos.

Quadro 3 – Ocorrências particulares: *só que não mesmo, só que não, né?* e *mas só que não*

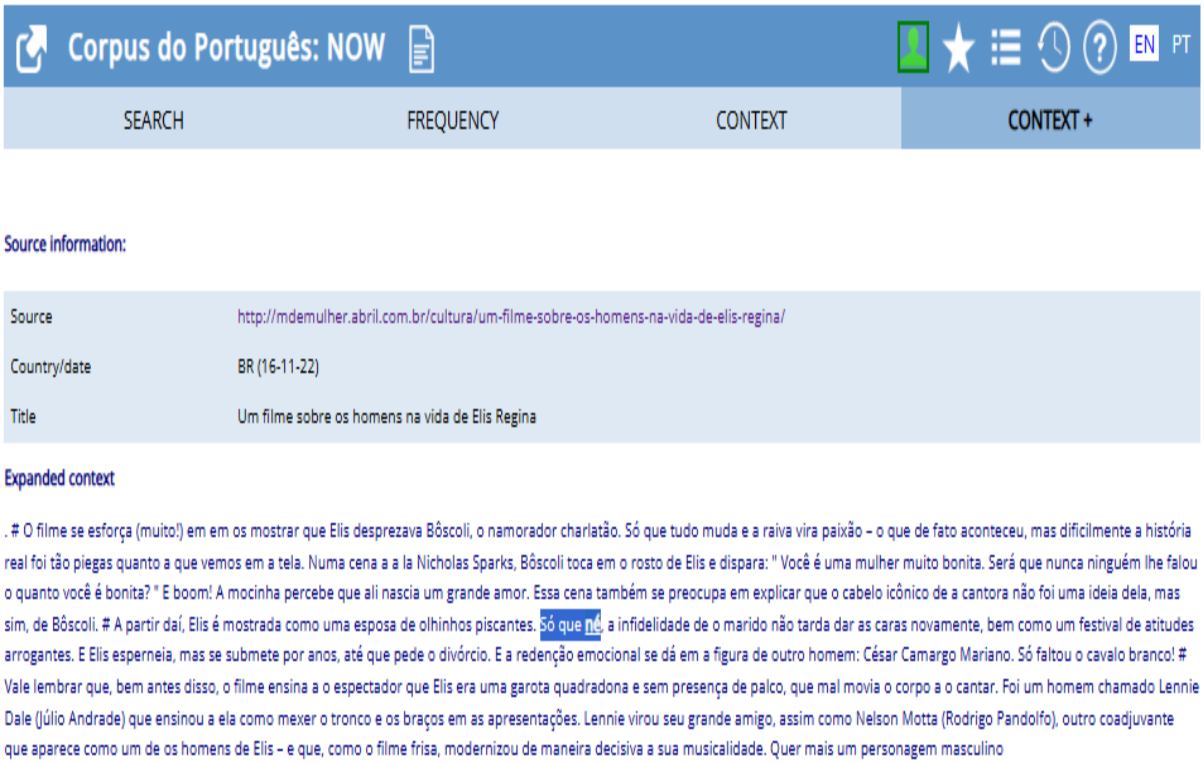
1	Microconstrução **só que não**: outros casos	Ocorrência
	só que não mesmo	O público não teve dúvidas sobre quem foi o pais mais fofo (**só que não mesmo**) da novela. Disputando com Zé Maria e Romero Rômulo, Gibson venceu com 59,3% dos votos. Embora nenhum dos três seja exemplo de paternidade, pelo visto as maldades do ganhador contra a família – especialmente a Kiki, coitada, que ficou sequestrada anos e anos – e à frente da facção (vitória na guerra!!!) botaram medo no público. Pela vontade dos leitores do EGO, sequer uma ligação o Gibson receberia no dia dos pais (439, https://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/03/confira-os-vencedores-das-enquetes-da-zoeira-de-regra-do-jogo.html, 2016, grifo nosso).
2	*só que não, né?*	Mas em entrevista ao programa "Encontro com Fátima Bernardes", Thaila disparou: "Estou cheia de namorados, **só que não, né**? (risos). É normal as pessoas terem interesse na vida pessoal, mas em alguns momentos é desagradável. Por exemplo, quando eu estava em Nova York, tinha acabado de me separar, louca pelo meu espaço, e uma pessoa me fotografou e filmou" (461, https://www.purepeople.com.br/noticia/thaila-ayala-mostra-corpo-em-forma-ao-sair-de-academia-no-rio-com-look-justinho_a34315/1, 2014, grifo nosso).
3	*mas só que não*	Querem fazer reforma? Comecem por quem ganha mais, bando de hipócritas, é fácil consertar o Brasil com o sangue e suor alheio, queria ver algum desses engravatadinhos abrindo mão dos seus benefícios e regalias em prol de um bem maior… **mas só que não né**! (867, https://jornalggn.com.br/congresso/guedes-diz-que-previdencia-e-fabrica-de-privilegios-e-ataca-quem-ganha-menos/, 2019, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

Em *só que não mesmo*, por exemplo, observa-se intensificação da negação irônica; em *só que não, né?*, a partícula final atua na negociação intersubjetiva do enunciado; já em *mas só que não*, percebe-se uma espécie de redobramento conectivo, indicativo de reanálise e acomodação da construção à dinâmica da fala espontânea.

Frise-se que a ferramenta relacionou também a construção *só que né*, como mostra a Figura 13.

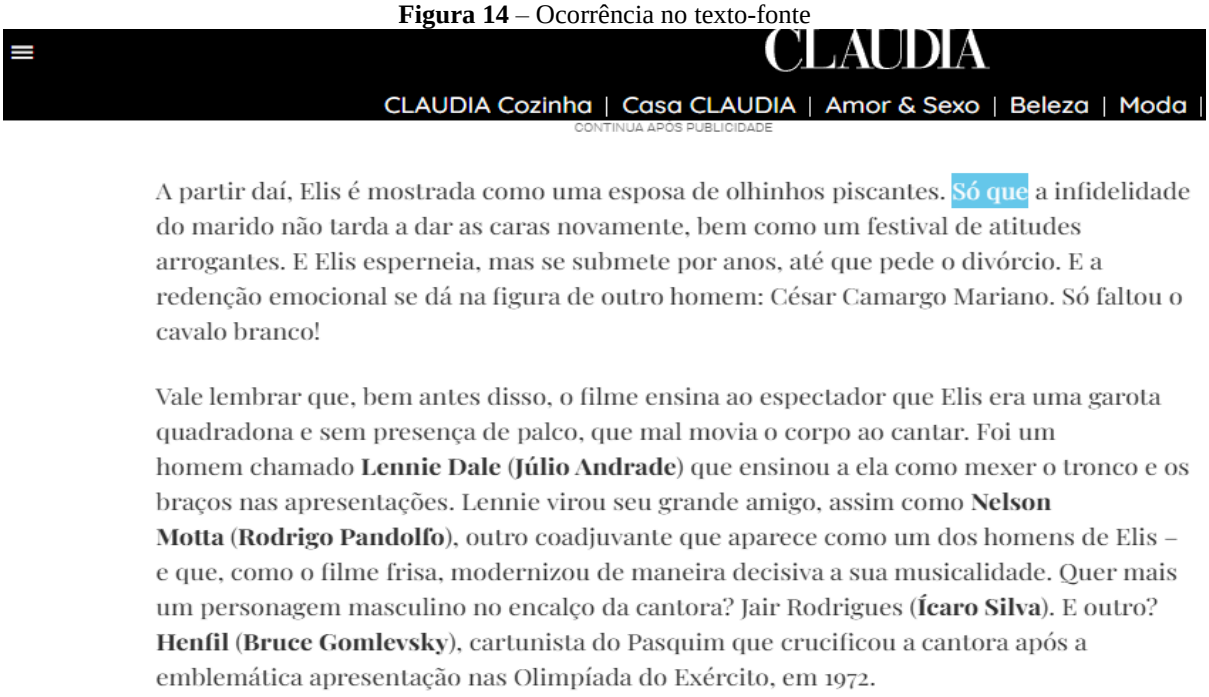
Figura 13 – Ocorrência de *só que né*



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Contudo, quando aberto o texto-fonte para conferência do contexto de ocorrência – uma resenha da revista *Cláudia* –, o uso efetivo se notou outro, com o operador *só que* apenas, e não *só que né*, como evidencia o destaque em azul:

Figura 14 – Ocorrência no texto-fonte



Fonte: Warken (2020).

Fato é que, como não sabemos se se trata de uma falha d'O Corpus do Português ou da própria publicação, o Quadro 3 não considera tal caso. Mais à frente, porém, repetimos a pesquisa, mas na microamostra Web/Dialetos, para atestar ou não a circulação de *só que né* especificamente.

A microconstrução *só que nunca*, por sua vez, apresentou 69 ocorrências, das quais, todavia, 2 se enquadraram no padrão [só que X_{Adv}] em estudo.

Tal frequência talvez se explique pelo fato de, como o NOW contém somente textos circulantes em ambientes mais formais, entre os quais não se incluem os blogues, termos desprezado sua fonte mais rica, a saber, a informalidade.

Quadro 4 – Ocorrências de *só que nunca*

1	Microconstrução **só que nunca**	Ocorrência
		Bruna Marquezine mostrou as curvas em roupas justas na passarela da Coca-Cola Clothing, no Fashion Rio. Durante conversa com a revista "Glamour", a atriz falou sobre os bastidores desfile sobre dieta. "Não faço nenhuma dieta maluca. Durante a semana mantenho uma alimentação boa, controlada, mas nos finais de semana não me seguro e enfio o pé na jaca mesmo", revelou. Recentemente, Bruna publicou fotos durante o seu treino de Crossfit. A atriz está se exercitando com a amiga de cena, Giovanna Antonelli. "Já 'crossfitei' por hoje! Treino fácil porque é domingo! **Só que nunca** (risos)! Morta e enterrada!", escreveu no Instagram. A morena começou a se exercitar após o Carnaval e, segundo o seu personnal trainer, Marcos Vianna, parece estar gostando (57, https://www.purepeople.com.br/noticia/bruna-marquezine-fala-sobre-boa-forma-nos-finais-de-semana-enfio-o-pe-na-jaca_a18815/1, 2014, grifo nosso).
2		Bruna exibe seu muque enquanto Giovanna capricha na elasticidade. # "Cheias de marra... Pura diversão!", escreveu Antonelli, que mostrou ter levado os exercícios com bom humor: "Com essa turma do meu coração, de meninas superpoderosas! Foi puxado hoje, mas demos muita risada. Ela completa 38 anos nesta terça, 18. # Pouco depois, foi a vez de Bruna postar uma montagem de fotos feitas durante a aula. "Já 'crossfitei' por hoje!!!! Treino fácil porque é domingo. **Só que nunca**! Morta feat. Enterrada", divertiu- se. Nos comentários, muitos elogios à sua boa forma: "Olha, as coxas da brumarquezine estão definidíssimas!", "Neymar pira!", "Deusas e lindas" e "Realmente domingo é para os fortes" (60, https://olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Marquezine_e_Giovanna_Antonelli_exibem_marra_e_barrigas_sequinhas_fotos&id=361862, 2014, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

No tocante, por fim, à microconstrução *só que sim*, da totalidade de 2 ocorrências, ambas caracterizaram o fenômeno em discussão.

Diferentemente de *só que não*, que, conforme Camargo (2017), penetrou gêneros afeitos a um uso linguístico mais monitorado, *só que sim* pode não ter encontrado a mesma facilidade, tendo permanecido circunscrito a ambientes de natureza mais informal – razão pela qual talvez tenha apresentado número reduzido de ocorrências prototípicas.

Quadro 5 – Ocorrências de *só que sim*

1	Microconstrução **só que sim**	Ocorrência
		A Uruguaia poderia se chamar "O Argentino", porque é mais sobre o escritor Lucas Pereyra do que sobre Magalí Guerra Zabala, codinome Guerra, a linda moça que ele conheceu e beijou no verão passado, durante um festival literário. Escritor e marido em crise, resta a Lucas viver uma fantasia a pleno vapor. Mas não precisava ter deixado a caixa de mensagens aberta no computador de casa… ir de uma margem a outra é realidade e metáfora: o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que sim**. O país de Luis Suárez, Juan Carlos Onetti, Loco Abreu e Mario Benedetti também sabe ser mau, apesar da paisagem idílica, da calmaria existencial, dos carros antigos e do telefone fixo. Pode morder quando menos se espera (1, https://www.metropoles.com/colunas/gosto-de-ler/a-uruguaia-e-livro-para-ser-lido-em-alta-voltagem, 2018, grifo nosso).
2		Pedra de hyrule (**só que sim**), NÓS (POBRES BRASILEIROS) teremos o Nintendo TVii aqui no BRasil e o que acha sobre o remake de DuckTales (Ooo-Hoo)? \o/ Anônimo "Ooo-Hoo" da Silva (2, https://www.nintendoblast.com.br/2013/04/n-blast-responde-108-quem-quer.html, 2013, grifo nosso).

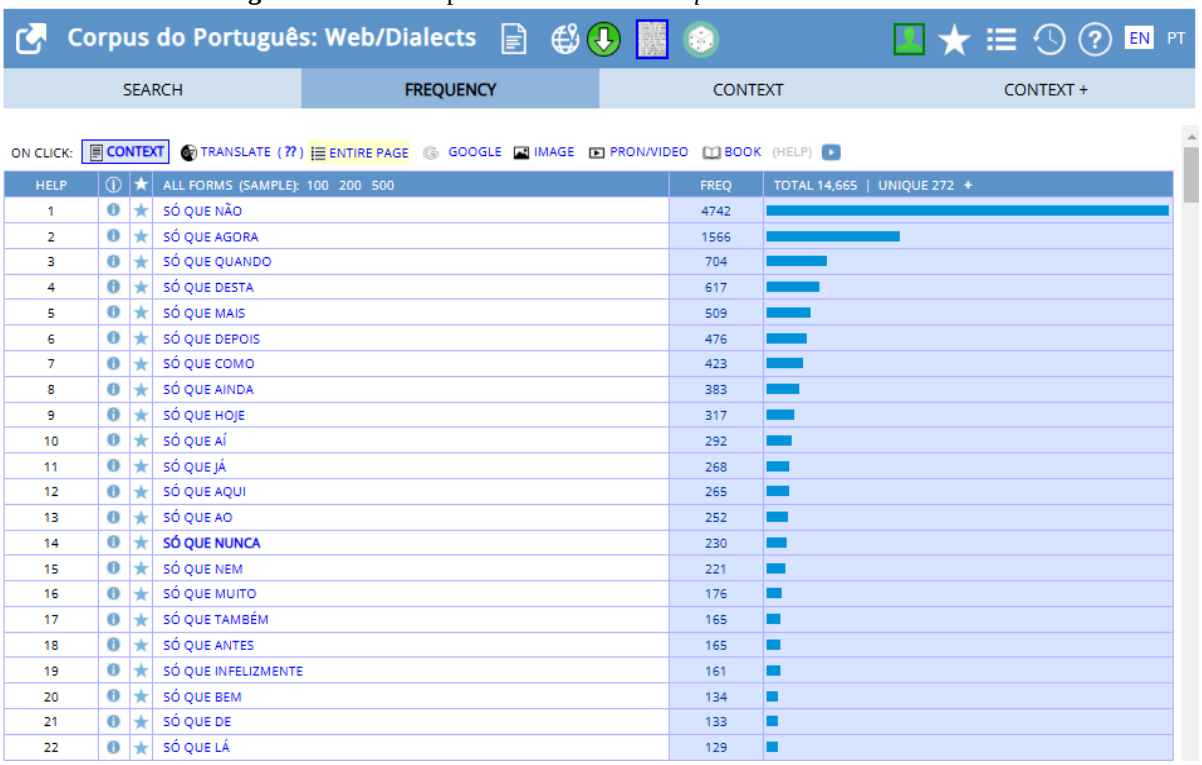
Fonte: elaboração própria.

5.2.2 Microamostra Web/Dialetos

Para complementarmos e refinarmos a coleta, dada a baixa frequência das microconstruções *só que nunca* e *só que sim* no âmbito da microamostra NOW, optamos por fazer uso também do acervo Web/Dialetos, constituindo nossa segunda rodada de busca.

Embora se trate de acervo não tão vasto – por conter 100 milhões de termos a menos que o anterior – nem tão atual – por compreender textos apenas dos anos de 2013 e de 2014 –, mostrou-se produtivo, tendo elencado 272 entradas, das quais destacamos algumas:

Figura 15 – Extrato parcial de busca de *só que ADV* no Web/Dialetos



HELP	ALL FORMS (SAMPLE): 100 200 500	FREQ (TOTAL 14,665 | UNIQUE 272)
1	SÓ QUE NÃO	4742
2	SÓ QUE AGORA	1566
3	SÓ QUE QUANDO	704
4	SÓ QUE DESTA	617
5	SÓ QUE MAIS	509
6	SÓ QUE DEPOIS	476
7	SÓ QUE COMO	423
8	SÓ QUE AINDA	383
9	SÓ QUE HOJE	317
10	SÓ QUE AÍ	292
11	SÓ QUE JÁ	268
12	SÓ QUE AQUI	265
13	SÓ QUE AO	252
14	SÓ QUE NUNCA	230
15	SÓ QUE NEM	221
16	SÓ QUE MUITO	176
17	SÓ QUE TAMBÉM	165
18	SÓ QUE ANTES	165
19	SÓ QUE INFELIZMENTE	161
20	SÓ QUE BEM	134
21	SÓ QUE DE	133
22	SÓ QUE LÁ	129

Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Neste momento, interessamo-nos, sobretudo, por *só que nunca* e *só que sim*, mas também por outras microconstruções que, satisfazendo a prototipia de [só que X_{Adv}], possam ter emergido do padrão. Adotamos, convém fazer constar, os mesmos procedimentos de seleção já descritos, de modo a assegurarmos dados igualmente válidos.

A despeito, no entanto, de casos de *só que não* não serem objeto de pesquisa por ora, uma vez que os dados obtidos na microamostra NOW são representativos, algumas ocorrências desse esquema nos despertaram a atenção – daí merecerem exposição.

Quadro 6 – Outros casos do esquema *só que não*

1	Microconstrução **só que não**: casos com acréscimo	Ocorrência
	só que também não	«Vai ser Mayara... Não, vai ser JoEU... não vai ser JonaX... Hum... Volta pra Mayara”», com SufiXtinho, Porta-voz da Presidência, indo e vindo loucamente para alertar o povo da Selva. Monique estava CERTA que seria ela, mas Rafa conversou com Yuri e o Porta-voz respondeu que não tinha “«nada a ver”» JC, como sempre trabalhado na puxação de saco e alucinação etílica, disse para Fael (sempre ele) que não suporta fofoca, que ouve papos em um determinado grupinho e passa reto. Verdade, JC, SÓ QUE NÃO. JC completou que não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da

		comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vidaaa. Sentimos dó de o JC. **Só que também não**.... Premiação & Pi festa aquário Premiação & Pi também para o outro destaque da noite, o novo cachorrinho da casa, Yuri SurfiXtinho. Antes da festa teve briga, depois reconciliação. Durante a festa teve pegação, conversa e no final briga. É Braseoo, parece que estamos à beira de o casal DR.=ENQUANTO=BAH reclamava que ele só queria criar caso, ele fazia a mulherzinha e muito mimimi. Ela pediu pra ele desistir dela e soltou a seguinte frase: E o cachorrinho ficou puto, e com o rabinho debaixo nas pernas e acabou batendo a porta, e gritando que não levava ordem de mulher e acabou indo para a Selva pegar as coisas dele e voltou para o quarto da líder. E pra fechar a noite do casal DR, vem a melhor cena de todas (20, http://cartasparapi.com.br/memoriabbb/big-brother-brasil/festa-aquarius-bbb12-quarta-festa-do-bbb12/, página não mais existente, grifo nosso).
2	*só que infelizmente, não*	Pessoal, desculpe não ter postado semana passada um novo conto da Ann, estou sofrendo com uma gripe e é semana de provas na Universidade, então já conseguem imaginar como a minha vida está gostosinha nesse momento, **só que infelizmente, não**:/ Desculpem pela falta de Ann semana passada, mas não abandonei vocês, nunca faria isso, juro:) Aguardo comentários de vocês, um beijão! (93, http://www.segredosentreamigas.com.br/2013/06/aleatoriedades-e-um-pouco-de-cafe-por.html, página não mais existente, s/a, grifo nosso).
3	*só que talvez não*	A primeira enquete sobre tendências de moda teve uma participação tão bacana de vocês que resolvi fazer uma dobradinha! Separei mais algumas modinhas tem-que-ter no armário (**só que talvez não**!), e pergunto: entre elas, vocês topam tudo, ou deuzolivre de alguma coisa? Dessa vez pensei em tanta coisa que foi difícil fechar em cinco. Vai ter mais uma edição dessa enquete, certo! rs Pequenos desgastes aqui e acolá fazem parte da vida de um jeans, e há quem não suporte nem isso. Mas e esses rasgos gigantes e intencionais, que muitas vezes deixam a perna toda de fora? Como vocês reagem? Referência setentinha máxima, as franjas estão no comeback há algumas temporadas – e agora viraram item de it girl graças à volta do western nas revistas de moda. Aparecem em calças, jaquetas, botas... e bolsas. O que vocês acham? Usam de boa ou acham too much? Mas será o novo beetlejuice? (16, http://trendytwins.com.br/2013/07/enquete-como-me-sinto-quando-2/, *link* não mais existente, 2013, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

Outro caso de configuração particularmente interessante é *só que né* – já referido algumas páginas atrás. Com a própria construção como etiqueta, repetiu-se a pesquisa, que apresentou 10 ocorrências, dentre as quais se destacam algumas:

Quadro 7 – Ocorrências de *só que né*

1	Microconstrução **só que né**	Ocorrência
		Eu era a louca dos bandaids, que ajudavam a salvar os calcanhares das bolhas horrendas que podem aparecer (ai gente, tenho muito nojo de pé, blergh), mas desde o ano passado comecei a procurar alguma coisa que não ficasse saindo o tempo todo de lugar, e quando fui a NY fiz um mega estoque de palmilhas, protetores e afins, pra poder usar os sapatos que quiser sem sofrer! **Só que né**, continuei comprando sapato igual doida, heheh, e aí sempre preciso renovar o estoque… (1, https://chatadegalocha.com/2011/08/saltao-com-dignidade/, 2011, grifo nosso).
2		Se todos fossem como sua mãe, e soubessem que as pessoas merecem respeito e podem se aceitar, você não teria passado por nada disso. Eu entendo, eu juro que entendo que deve ter sido horrível. Mas eu tenho que dizer, se tem alguém com um problema aqui, é o mundo gordofóbico. É simplesmente inaceitável que uma pessoa passe por todos esses problemas só porque os outros não sabem cuidar do seu próprio umbigo! Aliás, você mesma já disse, o problema é o 'planeta doente'. **Só que né**, ninguém se dá conta disso - todo mundo acha que o que mais faz alguém infeliz é a gordura, quando na verdade o que nos faz infeliz muitas vezes é o tratamento que recebemos por causa dessa gordura (7, https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/08/guest-post-quer-que-eu-emagreca.html, 2012, grifo nosso).
3		A situação realmente não é fácil, só que a vida não é fácil pra ninguém meus nobres, mas que a dificuldade não vem da profissão que você escolheu, ela vem das suas atitudes, não pense que você vai se formar e começar ganhando 15 mil reais por mês com o seu escritório, não pense que certo dia o seu telefone irá tocar e um escritório daqueles bem fudidões e conceituados irá te oferecer uma vaga de advogado júnior com um salário alto e horário de trabalho flexível. As conquistas requerem esforço, é preciso correr atrás do sucesso, **só que né**, é muito mais fácil ficar no facebook reclamando que a vida de advogado tá foda, tentar fazer as pessoas mudarem de curso pra sobrar mais clientes pra você do que correr atrás de se especializar, de buscar conhecimento, como já dizia o ET Bilú (10, https://tudodireito.wordpress.com/2013/02/05/reclamatorio-o-exagero-juridico/, 2013, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

A propósito dessa configuração, cumpre-nos, porém, descartá-la, tendo em vista a finalidade desta investigação. Nesse sentido, consideremos o Exemplo 1 do Quadro 7, aqui citado como (17), em respeito à numeração iniciada na **Introdução**:

> (17) Eu era a louca dos bandaids, que ajudavam a salvar os calcanhares das bolhas horrendas que podem aparecer (ai gente, tenho muito nojo de pé, blergh), mas desde o ano passado comecei a procurar alguma coisa que não ficasse saindo o tempo todo de lugar, e quando fui a NY fiz um mega estoque de palmilhas, protetores e afins, pra poder usar os sapatos que quiser sem sofrer! **Só que né**, continuei comprando sapato igual doida, heheh, e aí sempre preciso renovar o estoque...

Uma blogueira que escreve sobre estilo de vida relata, em um texto publicitário, ser tão fã de sapatos que, quando se apaixona por um par, em liquidação ou não, compra-o, mesmo que menor ou maior que o número dela. Por isso, ela se diz a "louca dos bandeides" e adepta, hoje, de opções que não saiam do pé com tanta facilidade, como palmilhas e protetores – justamente o tipo de produto a que ela se associa para, em seguida, promovê-lo: um kit "salva[dor de] calcanhares" da marca Conforto Online.

Nesse contexto, como demonstra (17a), é possível reconhecer aproximações funcionais entre a construção *só que* e a conjunção adversativa *mas*. Isso, porém, não implica equivalência plena, visto que aquela, frequentemente, aciona nuanças discursivo-pragmáticas específicas, ligadas à focalização, à oralidade e à própria dinâmica argumentativa do enunciado:

> (17a) Eu era a louca dos bandaids, que ajudavam a salvar os calcanhares das bolhas horrendas que podem aparecer (ai gente, tenho muito nojo de pé, blergh), mas desde o ano passado comecei a procurar alguma coisa que não ficasse saindo o tempo todo de lugar, e quando fui a NY fiz um mega estoque de palmilhas, protetores e afins, pra poder usar os sapatos que quiser sem sofrer! **Só que/Mas**, continuei comprando sapato igual doida, heheh, e aí sempre preciso renovar o estoque…

Com a afirmação da falante de que fez "um megaestoque de palmilhas, protetores e afins", espera-se que ela passe a ser mais criteriosa na hora de escolher sapatos, preferindo aqueles que sejam o seu número, para evitar "bolhas horrendas que podem aparecer". Todavia, por meio do conector, ela quebra as expectativas do falante, ao dizer que continua "comprando sapato igual doida".

A partícula "né", pois, se mostra acoplável tanto a *só que* quanto a *mas*, como se verifica em (17b):

> (17b) Eu era a louca dos bandaids, que ajudavam a salvar os calcanhares das bolhas horrendas que podem aparecer (ai gente, tenho muito nojo de pé, blergh), mas desde o ano passado comecei a procurar alguma

> coisa que não ficasse saindo o tempo todo de lugar, e quando fui a NY fiz um mega estoque de palmilhas, protetores e afins, pra poder usar os sapatos que quiser sem sofrer! **Só que né/Mas né**, continuei comprando sapato igual doida, heheh, e aí sempre preciso renovar o estoque…

Uma vez que, na posição em que está, "né" tem a função de explicitar enfaticamente uma verdade que já se supunha de conhecimento geral – daí requisitar do interlocutor uma espécie de concordância –, ressalta-se uma obviedade que a falante pretende valha para todo o seu público: a de que é claro que ela continuará "comprando sapato igual doida", apesar do incômodo provocado pelas bolhas.

Assim, o fato de a contração de "não é?" poder ser deslocada para o fim da ocorrência sem causar nenhum tipo de prejuízo semântico-pragmático, como ilustra (17c), e, muito mais, o de não constituir advérbio – classe gramatical esperada para o *slot* X – provam que a partícula não participa da composição da construção [só que X_{Adv}], levando-nos a desprezar as ocorrências afins coletadas:

> (17c) Eu era a louca dos bandaids, que ajudavam a salvar os calcanhares das bolhas horrendas que podem aparecer (ai gente, tenho muito nojo de pé, blergh), mas desde o ano passado comecei a procurar alguma coisa que não ficasse saindo o tempo todo de lugar, e quando fui a NY fiz um mega estoque de palmilhas, protetores e afins, pra poder usar os sapatos que quiser sem sofrer! **Só que**, continuei comprando sapato igual doida, heheh, e aí sempre preciso renovar o estoque… **[né?]**

Na rodada seguinte da coleta de dados, a análise quantitativa da estrutura *só que nunca* registrou 162 ocorrências totais. Desse universo, entretanto, o padrão investigado manifestou-se em apenas 5 enunciados.

Quadro 8 – Outras ocorrências de *só que nunca*

1	Microconstrução **só que nunca**	Ocorrência
		A outra corneta famosa é aquela: "O Grêmio ganhou um gre-nal de 10×0", mas você sabia que o Internacional já venceu um grê-nal por 11×0? E quem publicou isso foi o próprio David Coimbra, o maior grêmista da imprensa gaúcha (mentira, ele diz que não tem time, compreensível devido sua imparcialidade. **Só que nunca**, haha). O glorioso Rolo Compressor, que destruiu com os segundinos na década de 30~40 ganhou aquele gre-nal de 1º de novembro de 1938 por 6×0, mas aí tu me pergunta "o que isso tem a ver com o grê-nal dos 11×0?!" Pois então, acreditem, o árbitro decidiu que ia anular os outros cinco gols. Ao final do jogo, o indignado presidente do Inter Ildo Meneghetti foi até o árbitro da partida: "Por que anulaste tantos gols?" "Era muito gol para um grenal" respondeu o árbitro. Todas essas informações estão na Wikipédia e no livro "A história dos gre-

		nais” de David Coimbra (14, https://fichacorrida.wordpress.com/2013/04/06/inter-x-grmio/, 2013, grifo nosso).
2		Meu nome é Marlon, sou designer gráfico devido a minha intensa curiosidade em aprender as arte tudo (?), que me perdoem os gradua(n)dos da área. Estudo Publicidade e Propaganda na FBV porque passei no vestibular / prouni mesmo, tenho 20 anos e a minha idade não revelo. Fui louco ao ponto de tatuar o símbolo da paleta CMYK no braço e realmente odeio comic sans. Meu herói preferido é o Batman, porque comprou seus poderes e devo ser o único nerd que ainda não viu Star Wars. Obrigado, Bial. Descolado, avassalador e pegador. **Só que nunca.** Pessoa altamente extrovertida e bem falante. Possuidor de Xbox 360 e não sou um devil. No RPG já consegui ver a proeza de alguém perder HP correndo contra uma parede. Dominei a arte de fazer shoryuken. E estarei preparado para o apocalipse zumbi a qualquer momento (33, http://www.4nerd.com.br/equipe/, página não mais existente, s/a, grifo nosso).
3		eu sim! então so rezo para que um dia toda essa confuzão acabe e LuAr possa estar junto de novo! pow a Lua sabe de isso que ela gosta do Thur mas vive postando coisas para o Fernando, na moral isso dói, mas eu sei que bemmm la no fundo, ela quer que seja igual foi com o Thur e pelos ultimos shows to vendo que não ta conseguindo...:D Força & Te a em a cara que foi feita para a Lua, depois com essas provas, ai que se comprava mesmo, o Arthur ainda ama a Lua tenho certeza, & LuAr pra sempre, amei esse video, e COM CERTEZA a música FOI FEITA SIM para a LUA essa musica feita para a giovaca? **SÓ QUE NUNCA**! a única música q essa ridicula tem é aquela q se chama Dona Gigi, essa musica sim tem tudo haver com ela. LuAr é vida, é pra sempre e ñ é uma vaca nem um lobisomem q vai mudar isso... É LUAR PORRA! Gente essa musica não foi feita para a giovanna! Ele so faz musica para LUA! Ele já fez quatro; perfeito para vc, dificil disfaçar, saudade ea flor e outra se ele não tivesse decepcionado tantos fãs como ele fez saindo da banda, ficando com qualquer uma eu duvido se hoje ele estaria reclamando que ninguem vai em o show do fusca (120, http://portalcsiluar.blogspot.com/2013/04/musica-flor-feita-pra-giovanna-so-que.html, página não mais existente, s/a, grifo nosso).
4		E o F1 Ladies começa com nossa amada (**só que nunca**) Palitoviska! Estavam com saudades da nossa cabide de regime? Bem low profile, a mocinha desfilou de calça restart e vestido de crochê bem basiquinho “semgracinha”... (151, http://www.octetort.com/2013/07/f1-ladies-la-hungara.html, 2013, grifo nosso).

5		Se você estiver em uma mesa com todos os seus amigos contando as maiores piadas do mundo, nem assim você vai conseguir rir com vontade. É que, por mais que esteja tudo em ordem – e não está, a gente sabe que não está –, na sua cabeça só vem a imagem da sua boca com um pedaço de brócolis em um dente, uma casca de feijão presa no outro, grãos de arroz pendurados nos ferrinhos e toda sorte de hortaliças presentes no prato visíveis nos dentes da frente. Comer sem um banheiro por perto vira uma tortura. Comer sem um líquido por perto vira hipótese fora de cogitação. Desde agosto do ano passado que eu uso um belíssimo – só que não – e confortabilíssimo – **só que nunca** – aparelho fixo e, no dia em que eu tirar, ah, no dia em que eu tirar, vou gargalhar por quatro horas seguidas. E vou tirar fotos disso, de todo jeito, em todos os ângulos. Vou rir pra desconhecidos e acho até que vou trabalhar em um quiosque de informações, apenas pra poder ser simpática profissionalmente, das oito às dezoito (153, http://www.ricotanaoderrete.com/2013/04/impossivel-ser-plenamete-simpatica-de.html, página não mais existente, s/a, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

No caso de *só que sim*, das 2 ocorrências, nem sequer uma se mostrou prototípica do nosso fenômeno.

Como, no entanto, um dos objetivos é verificar a existência de outras microconstruções que não as já conhecidas, deparamos com *só que jamais*: de um total de 9 ocorrências da construção, identificamos 1 como representativa de [só que X_{Adv}].

Quadro 9 – Ocorrência de nova microconstrução: *só que jamais*

1	Microconstrução **só que jamais**	Ocorrência
		Na hora, me lembrei de uma amiga que foi fazer intercâmbio em Sidney, na Austrália. Quando os amigos, cada um de uma parte do mundo, peguntavam como se dizia “oi, tudo bem?” em português, minha amiga explicava que era “e aí, o que que tá pegando?”. Obviamente, depois ela passava mal de rir ao recordar eles tentando falar essa expressão que, nossa, a gente usa todo dia... **Só que jamais**. Está um pouco no DNA do brasileiro fazer graça, contar piada de argentino, português e cia. Não acho isso errado e confesso que já contei muita piada (minhas amigas japonesas não me deixam mentir) e morri de rir do o-que-que-tá-pegando da minha amiga. É uma questão cultural, o Brasil é o país da piada fácil, do riso solto, do bom humor. Até aí, ok, tudo certo (8, https://www.cronicadodia.com.br/2013/05/x-toucinho-mariana-scherma.html, 2013, grifo nosso).

Fonte: elaboração própria.

5.2.3 Resultados efetivos

Em resumo, eis, portanto, o quadro de resultados:

Quadro 10 – Quadro-resumo de resultados

Formas já conhecidas	Só que não
	Só que nunca
	Só que sim
Formas reveladas com acréscimo de intensificador/reforçador ou modalizador	Só que não mesmo
	Só que também não
	Só que infelizmente, não
	Só que talvez não
Forma revelada sem acréscimo de intensificador/reforçador	Só que jamais

Fonte: elaboração própria.

Ressalte-se ainda que as rodadas de pesquisa só consideraram a forma inteiriça das microconstruções em questão. Isso porque, na eventualidade de que houvesse microconstruções do tipo de [só que X_{Adv}] diferentes de *só que não*, *só que nunca* e *só que sim* – hipótese que, a propósito, se confirmou, a julgar por *só que não mesmo* (Quadro 3), *só que também não*, *só que infelizmente, não* e *só que talvez não* (Quadro 6) e *só que jamais* (Quadro 9) –, provavelmente elas apareceriam somente por extenso, dado serem pouco difundidas e conhecidas. Grafá-las apenas com iniciais, pois, dificultaria ao leitor sua identificação.

Além disso, casos de *link* corrompido ou não mais existente foram computados normalmente, uma vez que O Corpus do Português permite conhecer o contexto no interior da própria plataforma.

Em face do exposto, mais especialmente no **Capítulo 6. Análise**, centramo-nos, dos pontos de vista formal e funcional, na explicitação das propriedades construcionais de [só que X_{Adv}] e nos mecanismos cognitivos envolvidos na perspectivação acionada pela ironia inerente à construção.

CAPÍTULO 6

ANÁLISE[95]

Neste capítulo, com base no *corpus* constituído, expomos um quadro detalhado do comportamento de [só que X_{Adv}]. À luz da Gramática de Construções, que nos provê do referencial necessário para explorar os parâmetros formais e funcionais da construção, evidencia-se mudança de perspectiva acionada pela ironia.

6.1 Dos pontos de vista formal e funcional

Como já se discutiu no **Capítulo 1. Fundamentação Teórica**, na seção **1.2 Gramática de Construções – GC**, uma vez que construções constituem signos definidos como pareamento forma-função (Goldberb, 2006) e que, nelas, atuam as propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013), [só que X_{Adv}] consiste em construção prototípica, graças a seu comportamento morfossintático-semântico-pragmático.

6.1.1 Propriedade de esquematicidade

Tomemos o exemplo (1):

> (1) Vem logo, **só que não**. O representante da JAC no país, Sergio Habib, afirma que deverá importar em agosto duas ou três unidades do Sol... mas apenas para testes com jornalistas especializados e clientes especiais conhecerem a tecnologia. [...]

Como se observa, *só que não* invalida a porção textual imediatamente anterior, refutando, nesse caso, "Vem logo". Vale fazer constar que, em termos de sentido, bastaria, em um rearranjo, introduzirmos a partícula de negação "não" antes do verbo *vir*, como a seguir:

> (1a) **[Não]** vem logo.

Desse modo, em uma perspectiva estritamente semântica, (1) se mostra equivalente a (1a). Pragmaticamente, contudo, não se deve ignorar um traço muito particular e definidor atinente a *só que não*: a ironia. Apesar de, no nível do sentido, tais sentenças desempenharem papel parelho, no do uso efetivo, só o exemplo (1), justamente pela presença de *só que não*, produz ironia.

Um dado relevante, aliás, reside no fato de *só que não* não admitir nenhum tipo de complemento explícito. A título de ilustração, ao retomar a ocorrência (1), notamos o verbo *vir*

[95] No presente capítulo, a numeração das ocorrências será reiniciada.

presente, na verdade, também na porção introduzida por *só que não*, só que implicitamente, com a construção incidindo sobre esse verbo subentendido, como se verifica em (1b):

(1b) Vem logo, **só que não** [vem].

Em (1b), observa-se que *vir* ocorre duas vezes: na proposição, de maneira explícita, e como complemento de *só que não*, de maneira implícita. Pode-se, então, concluir que, ao mesmo tempo que a construção o requisita, ela faz questão de encapsulá-lo como resultado da ação direta da ironia. Em outras palavras, se também a segunda ocorrência do verbo fosse explícita, teríamos um indicador da ausência de traço irônico.

Para ficar mais claro, consideremos, desta feita, uma ocorrência como (2), em que o espaço de "não" é ocupado pelo advérbio temporal "nunca", que tem polaridade negativa por natureza:

> (2) Bruna exibe seu muque enquanto Giovanna capricha na elasticidade. # "Cheias de marra... Pura diversão!", escreveu Antonelli, que mostrou ter levado os exercícios com bom humor: "Com essa turma do meu coração, de meninas superpoderosas! Foi puxado hoje, mas demos muita risada". Ela completa 38 anos nesta terça, 18. # Pouco depois, foi a vez de Bruna postar uma montagem de fotos feitas durante a aula. "Já 'crossfitei' por hoje!!!! Treino fácil porque é domingo. **Só que nunca!** Morta feat. Enterrada", divertiu- se. [...]

Em (2), a construção opera como negação irônica sobre a afirmação de que treinar, no caso *crossfit*, é fácil por ser domingo, invertendo completamente o valor semântico da proposição. Em termos de sentido, é como se deslocássemos o advérbio "nunca" para antes da afirmação principal, como mostra (2a):

(2a) Treino **[nunca é]** fácil porque é domingo.

Do ponto de vista da GC, o sentido global de *só que nunca* não pode ser reduzido à simples soma dos componentes *só que*, como operador adversativo, e *nunca*, como advérbio temporal. A bem da verdade, o valor semântico-pragmático que emerge da combinação desses elementos depende fortemente do contexto discursivo.

O que se vê é o seguinte: de forma encapsulada, retoma-se o verbo *ser*, na terceira pessoa do singular, da proposição imediatamente anterior sem repeti-lo formalmente, o que revela o caráter elíptico e altamente convencionalizado da construção. Tal fenômeno, denominado de *encapsulamento verbal*, indica que o verbo da porção textual antecedente é reativado cognitivamente na interpretação do falante, mas não chega a se manifestar na superfície linguística, corroborando a autonomia formal da construção, como (2b):

(2b) Treino [é] fácil porque é domingo. **Só que nunca** [é]!

Assim sendo, *só que nunca* também invalida a porção textual anterior, o que implica a refutação da afirmação sobre a qual incide.

Complementarmente, observemos a ocorrência (3), em que se recorre tanto a *só que não* quanto a *só que nunca* no mesmo contexto:

> (3) [...] Comer sem um banheiro por perto vira uma tortura. Comer sem um líquido por perto vira hipótese fora de cogitação. Desde agosto do ano passado que eu uso um belíssimo – **só que não** – e confortabilíssimo – **só que nunca** – aparelho fixo e, no dia em que eu tirar, ah, no dia em que eu tirar, vou gargalhar por quatro horas seguidas. [...]

Sabe-se que o uso de aparelho ortodôntico sempre esteve associado a ideias como feiura, desconforto, enfim a algum tipo de prejuízo pessoal – seja à imagem, seja à funcionalidade da boca, como a mastigação. Isso é tão verdadeiro que, na telenovela colombiana de sucesso mundial *Betty, a feia*, exibida pela rede RCN de 1999 a 2001, com 334 capítulos, e regravada por diferentes países, Betty, a protagonista, é caracterizada com sorriso metálico para contribuir para a construção do jeito desengonçado de ser da recém-contratada como secretária em uma empresa de moda.

Nesse sentido, em (3), considerando a situação específica de um almoço entre amigos, ambos os adjetivos empregados em referência a "aparelho fixo" são negados ironicamente: "belíssimo" e "confortabilíssimo" – saliente-se, entretanto, que cada qual com uma construção.

É indiscutível, portanto, que, de acordo com o juízo de valor do falante, o aparelho ortodôntico compromete tanto a beleza quanto o conforto, mas, como em uma gradação, em diferentes graus: em virtude do emprego de *só que não*, a armação metálica até contempla beleza em algum grau; já em razão de *só que nunca*, não pode contemplar conforto em nenhum grau.

Desse modo, primeiro, o uso de *só que não*, para refutar "belíssimo", e, logo depois, o de *só que nunca*, para refutar "confortabilíssimo", nessa ordem, apontam uma intensidade crescente de negação, da menos enfática à mais enfática, justamente para indicar um grau decrescente de atendimento aos valores de belo e de confortável:

só que não negação menos enfática	**só que nunca** negação mais enfática
belo atende mais	**confortável** atende menos

Caso, no entanto, os usos se invertessem, *só que nunca* incidiria sobre "belíssimo" enquanto *só que não*, sobre "confortabilíssimo", como ilustra (3a):

> (3a) Desde agosto do ano passado que eu uso um belíssimo – **só que nunca** – e confortabilíssimo – **só que não** – aparelho fixo e, no dia em que eu tirar, ah, no dia em que eu tirar, vou gargalhar por quatro horas seguidas.

No cenário postulado por (3a), há uma negação decrescente. Isso porque, com *só que nunca*, esse tipo de aparelho não pode contemplar beleza, mas, com *só que não*, até o faz no que se refere a conforto. É verdade, todavia, que, apesar da diferença no que toca à ênfase da negação, tanto *só que não* quanto *só que nunca* quebram expectativas por meio de refutação irônica.

Levemos em conta, nesse mesmo âmbito, os casos a seguir, (4) e (5):

> (4) O público não teve dúvidas sobre quem foi o pai mais fofo (**só que não mesmo**) da novela. Disputando com Zé Maria e Romero Rômulo, Gibson venceu com 59,3% dos votos. [...]
>
> (5) A primeira enquete sobre tendências de moda teve uma participação tão bacana de vocês que resolvi fazer uma dobradinha! Separei mais algumas modinhas tem-que-ter no armário (**só que talvez não**!), e pergunto: entre elas, vocês topam tudo, ou deuzolivre de alguma coisa? [...]

Ambas as ocorrências vêm acompanhadas: ora de um intensificador/reforçador em posição posterior à do advérbio, como *só que não mesmo*, ora de um modalizador em posição anterior, como *só que talvez não*.

Antes, porém, de dar continuidade à análise dessas microconstruções, é plausível afirmarmos que, embora não se trate de construções (ainda) muito frequentes, elas atestam certa esquematicidade do padrão, dado que *só que não* demonstra mobilidade ao admitir a presença tanto de um intensificador/reforçador quanto de um modalizador – escolha que lhe altera a intensidade do efeito de sentido.

Além disso, tal autonomia e versatilidade talvez sejam um indício de que o emprego da construção de contraexpectativa com valor negativo, a saber, *só que não*, em referência à classificação proposta por Camargo (2017), tem se tornado tão natural aos falantes que elementos próprios de outras construções da língua, como intensificadores/reforçadores e modalizadores, começam a ser com ele combinados.

Em tempo, retomando-se a ocorrência (4), que remete à novela *A regra do jogo*, exibida pela Rede Globo entre 2015 e 2016, e cuja "trama gira em torno dos culpados pelo massacre

praticado por uma facção criminosa no Rio de Janeiro" (Memória Globo, 2021), Zé Maria, Rômulo e Gilson são membros da facção, mas sem que ninguém saiba que o Pai, chefão da organização criminosa, é, na verdade, Gilson. Algumas pistas, capítulos antes do da revelação, são dadas, porém o suspense em torno dessa identidade gera tanta expectativa e especulação que é um dos pontos altos do enredo.

Nesse contexto, a votação a que se faz referência em (4) está diretamente ligada a uma enquete de Dia dos Pais que usa os personagens da novela para a escolha do pior pai ou "[...] pai mais fofo (só que não mesmo)".

Então, *só que não mesmo*, ao incidir sobre a afirmação "quem foi o pai mais fofo", refuta – muito mais do que a atribuição do adjetivo "fofo" a qualquer um dos três personagens envolvidos – qualquer possibilidade, nem mesmo remota, de que eles possam reunir traços que os caracterizem como fofos. Frise-se, pois, que, em (4), o intensificador/reforçador "mesmo", classificado como advérbio de afirmação pela gramática tradicional, confere ênfase à negação.

Em (5), por seu turno, o advérbio de dúvida "talvez" figura como modalizador. Nesse caso, diante da proposição de que alguns itens do vestuário feminino são obrigatórios em qualquer-roupa, *só que talvez não* desconstrói essa "necessidade", visto que se trata de peças de roupa de gosto um tanto duvidoso. Tal desconstrução, contudo, se dá apenas parcialmente, já que, por meio de um advérbio de dúvida, reconhece-se haver quem possa gostar desse tipo de moda ou ocasião na qual seja possível perdoar o uso de um ou outro item.

Dessa forma, ao passo que o intensificador/reforçador deve ser entendido como um potencializador da negação em (4), atribuindo força à negativa, o comportamento é distinto em (5): o modalizador "talvez" se mostra um atenuador lexical, empregado para reduzir a força da crítica assertiva e, como consequência, refutar apenas parcialmente a porção textual anterior.

Com relação a *só que sim*, por sua vez, para tratarmos, agora, de uma construção de contraexpectativa com valor positivo, o que a difere de todos os casos anteriores – de contraexpectativa com valor negativo –, vejamos (6):

> (6) A Uruguaia poderia se chamar "O Argentino", porque é mais sobre o escritor Lucas Pereyra do que sobre Magalí Guerra Zabala, codinome Guerra, a linda moça que ele conheceu e beijou no verão passado, durante um festival literário. Escritor e marido em crise, resta a Lucas viver uma fantasia a pleno vapor. Mas não precisava ter deixado a caixa de mensagens aberta no computador de casa… ir de uma margem a outra é realidade e metáfora: o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que sim**. O país de Luis Suárez, Juan Carlos Onetti, Loco Abreu e Mario Benedetti também sabe ser mau, apesar da paisagem idílica, da calmaria existencial, dos carros antigos e do telefone fixo. Pode morder quando menos se espera. [...]

A uruguaia, romance do argentino Pedro Mairal, retrata a busca pela felicidade. Em uma Argentina de inflação nas alturas, em que o peso perde valor de uma hora para a outra, Lucas, o narrador-escritor, prefere atravessar o Rio da Prata, receber seu adiantamento em Montevidéu e, em seguida, voltar a Buenos Aires – tudo no mesmo dia. Ademais, tem dois encontros marcados em terras uruguaias: com um velho amigo e com a mulher que dá título ao livro, uma uruguaia de nome Magalí Guerra Zabala, com quem vivera um caso no verão passado.

Assim, como escritor e marido em crise, é nessa fuga temporária da realidade em direção ao Uruguai, terra de ares aparentemente mais "amenos", que a construção *só que sim* reitera a qualificação do país vizinho como "bom lugar para ilusões".

Na medida em que, de acordo com o dicionário, *ilusão* tem como significados "erro de percepção ou de entendimento; engano dos sentidos ou da mente; interpretação errônea; confusão de aparência com realidade ou de falso com verdadeiro", entre outros (Ilusão, 2026), *só que sim* reafirma justamente o descompasso entre a expectativa positiva e a realidade negativa que o escritor experiencia: o país sabe seduzir bem como decepcionar.

Consideremos (6a):

(6a) [...] o Uruguai é bom lugar para ilusões. **<u>Só que</u>** [...].

Em (6a), a presença do operador de foco *só que*, já discutido por Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017), "promove a introdução de informação (preferencialmente) nova no discurso e efetua mudanças na informação pragmática do ouvinte" (Longhin-Tomazi, 2003, p. 141 *apud* Camargo, 2017, p. 47), por meio do cancelamento de inferências.

Logo, quando o interlocutor se depara com a construção *só que*, de pronto suas expectativas iniciais são quebradas em algum grau, porque ele passa a esperar a introdução de uma restrição ou até mesmo objeção à afirmação de que "o Uruguai é bom lugar para ilusões". A título de ilustração, tal (primeira) quebra de expectativas é representada pela seta única presente em (6a).

Em seguida, complementada a contraexpectativa com um advérbio de valor positivo, como é o caso de *sim*, a restrição ou objeção sugeridas por *só que* acabam por não se confirmar, havendo nova quebra de expectativas, já que o que se faz é reiterar o mesmo conteúdo ao qual se havia insinuado uma ressalva, como exemplifica (6b):

(6b) [...] o Uruguai é bom lugar para ilusões. Só que **sim**.

Nesse cenário, então, a construção *só que sim*, para operar como gatilho reiterador, promove duas quebras de expectativas, cada qual representada, em (6b), por uma seta: uma em virtude do operador de foco *só que*, o qual sugere restrição ou objeção, e a outra devido ao advérbio *sim* a ele associado, o qual valida o conteúdo imediatamente antecedente.

Assim sendo, *só que* e *sim* parecem constituir gatilhos semi-independentes. Isso porque, embora cada um deles seja responsável por operar uma quebra de expectativas, como já referimos, o efeito final dessa quebra dupla só é alcançado quando combinados, o que demonstra sua interdependência como construção.

6.1.1.1 Rede construcional: versão inicial

Em síntese, tendo em vista que a esquematicidade se refere ao grau de abstração ou generalização de uma construção linguística, observa-se que o aumento dessa propriedade implica mais abstração e menos dependência de elementos lexicais específicos.

Constatamos, pois, certa esquematicidade de [só que X_{Adv}], uma vez que mantém a forma fixa *só que* e um *slot* X preenchível por advérbios de polaridade – o que ilustra sua fixidez. A esse respeito, no caso específico de *só que não*, percebe-se determinada abertura, mas restrita a uma classe de itens, para intensificação/reforço, como *só que não mesmo*, ou modalização, como *só que talvez não*, evidenciando-se que a construção, ao negar ironicamente uma afirmação anterior, pode imprimir-lhe ênfase ou dúvida.

Ademais, como já se sabe, ao mesmo tempo que [só que X_{Adv}] provavelmente tenha se originado do operador de foco *só*, a construção dele se afasta. Ao carregar consigo ironia e, como consequência direta, provocar encapsulamento verbal, o padrão apresenta comportamento bastante idiossincrático.

Em face disso, é imperativo aprimorarmos o esquema de que temos lançado mão, de maneira que sua nova configuração contemple, em se tratando de *só que não*, a mobilidade verificada no que se refere à possibilidade de intensificação/reforço ou modalização.

Nesses termos, apresentam-se os subesquemas (i) e (ii), a seguir:

(i) **[só que não (INT/REF)$_{Adv}$]**

(ii) **[só que (MOD)$_{Adv}$ não]**

Em (i):

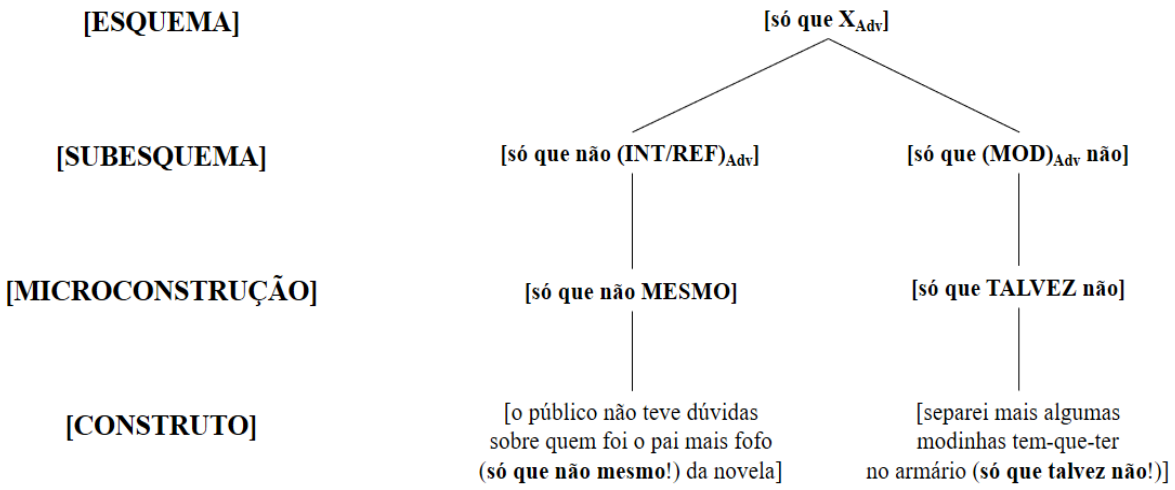
- *só que* funciona como unidade formulaica que introduz contraste;
- *não* é elemento fixo;
- *(INT/REF)*$_{Adv}$, sendo opcional, pode ser ocupado por um intensificador/reforçador da classe dos advérbios, sempre em posição posterior.

Em (ii):

- *só que* funciona como unidade formulaica que introduz contraste;
- *(MOD)*$_{Adv}$, sendo opcional, pode ser ocupado por um modalizador da classe dos advérbios, sempre em posição anterior;
- *não* é elemento fixo.

A esse propósito, a Figura 16 ilustra a rede construcional, com diferentes graus de esquematicidade.

Figura 16 – Níveis de esquematicidade: versão inicial



Fonte: elaboração própria.

6.1.2 Propriedade de produtividade

Proporcional à esquematicidade, pois construções abstratas tendem a ser produtivas, a propriedade de produtividade caracteriza-se pela capacidade de um esquema de dar origem a outras instâncias e variações dentro do sistema linguístico.

A despeito, entretanto, de as ocorrências (7) a (9), a seguir, não contribuírem diretamente para evidenciar a produtividade relativa a [só que X$_{Adv}$], uma vez que a propriedade

se define, em outras palavras, pelo aumento do número de itens passíveis de ocupar o *slot* X, trataremos delas nesta subseção.

Observemos, assim, a ocorrência (7):

> (7) Mas em entrevista ao programa "Encontro com Fátima Bernardes", Thaila disparou: "Estou cheia de namorados, **só que não, né?**" (risos). É normal as pessoas terem interesse na vida pessoal, mas em alguns momentos é desagradável. [...]

O que se vê é uma negação acompanhada de "né?" – marcador discursivo discutido no **Capítulo 5. Metodologia**, na seção **5.2 Resultados obtidos**, cujos dados constam do Quadro 7. Demonstramos, na ocasião, que *só que né* nada mais é que a partícula *né* justaposta ao operador de foco *só que*, constituindo ocorrência que foge à prototipia de [só que X_{Adv}] e, por isso, não interessa ao escopo desta pesquisa.

Na medida em que, de modo geral, se recorre ao marcador "para pedir confirmação do que foi dito, ou para verificar ou pedir concordância ou anuência sobre algo exposto" (Né, 2026), trata-se de estratégia discursiva para chamar a atenção do ouvinte para a óbvia presença de ironia e, portanto, para a óbvia inverdade da afirmação anterior.

Nesse sentido, em (7), a falante, que é atriz e modelo, diante de uma pergunta pessoal a ela feita pela apresentadora do programa, afirma estar cheia de namorados – resposta que se alinha às expectativas do público, que imagina seja natural famosos da televisão terem aos pés de si muitos pretendentes. Logo em seguida, ao fazer uso de *só que não*, passa a ir de encontro às expectativas dos espectadores, desconstruindo a crença segundo a qual uma mulher bonita, talentosa, bem-sucedida e famosa como ela tenha a agenda sempre cheia de "contatinhos", como se diz popularmente.

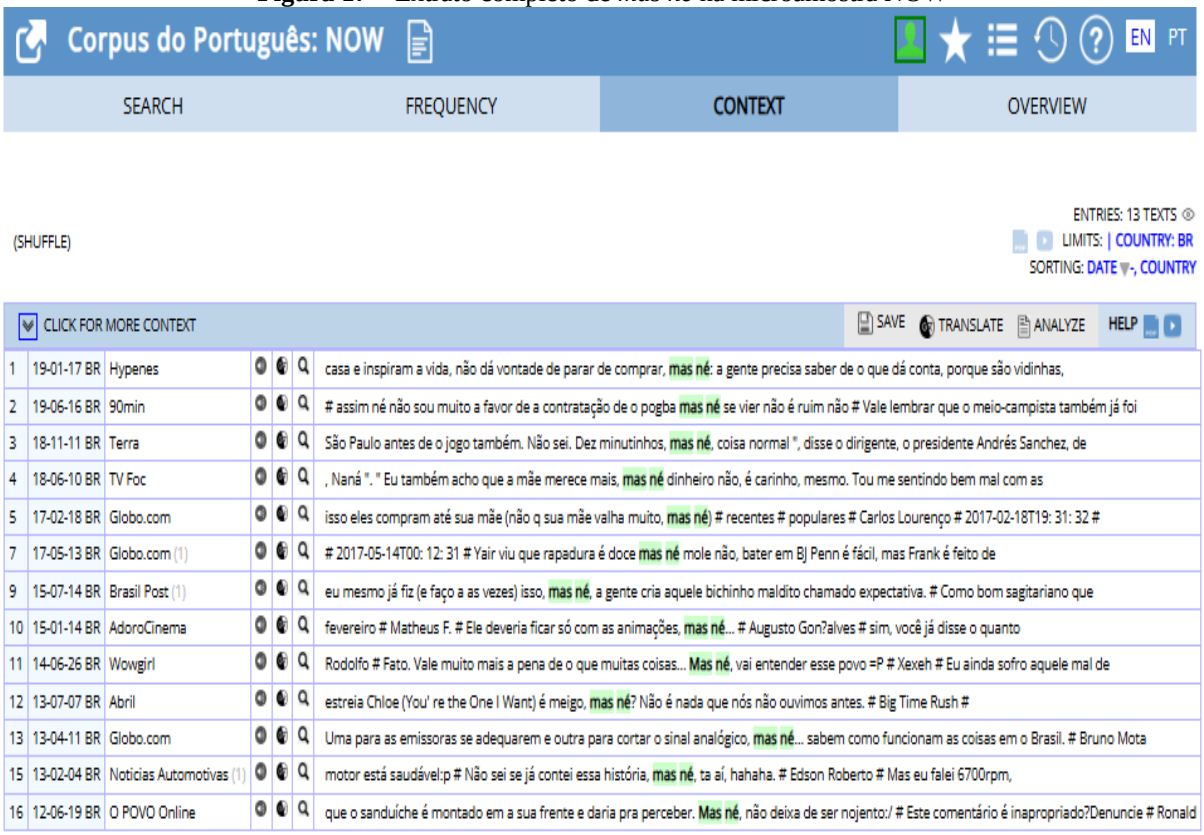
Para reforçar, contudo, a negação irônica operada por *só que não*, a atriz se vale também do marcador "né?", com o qual explicita uma interação direta com o interlocutor, dele esperando concordância com o claro objetivo de manifestar o despropósito da própria afirmação. Nesse aspecto, "né?" poderia ser considerado, então, também um tipo de intensificador/reforçador.

A princípio, quando deparamos com *só que né*, cogitáramos se tratar de um estágio superior ao de *só que não, né?*, como exemplifica (7) – redução bastante comum no âmbito do sistema linguístico, dada a tendência do falante a fazer uso cada vez mais econômico das estruturas oferecidas pela língua. Hipotetizáramos também que, coexistindo *só que não, né?* – forma completa – e *só que né* – forma enxuta –, eventualmente, no futuro, acabaria por

prevalecer a segunda opção, porém apenas o tempo e a adesão dos falantes confirmariam ou não essa preferência.

Por um lado, na microamostra NOW, parece ser pouco comum o deslocamento do marcador discursivo “né?” para perto de um articulador – seja de contraste, como *mas*, seja de causa ou explicação, como *porque* –, como exemplificam as Figuras 17 e 18.

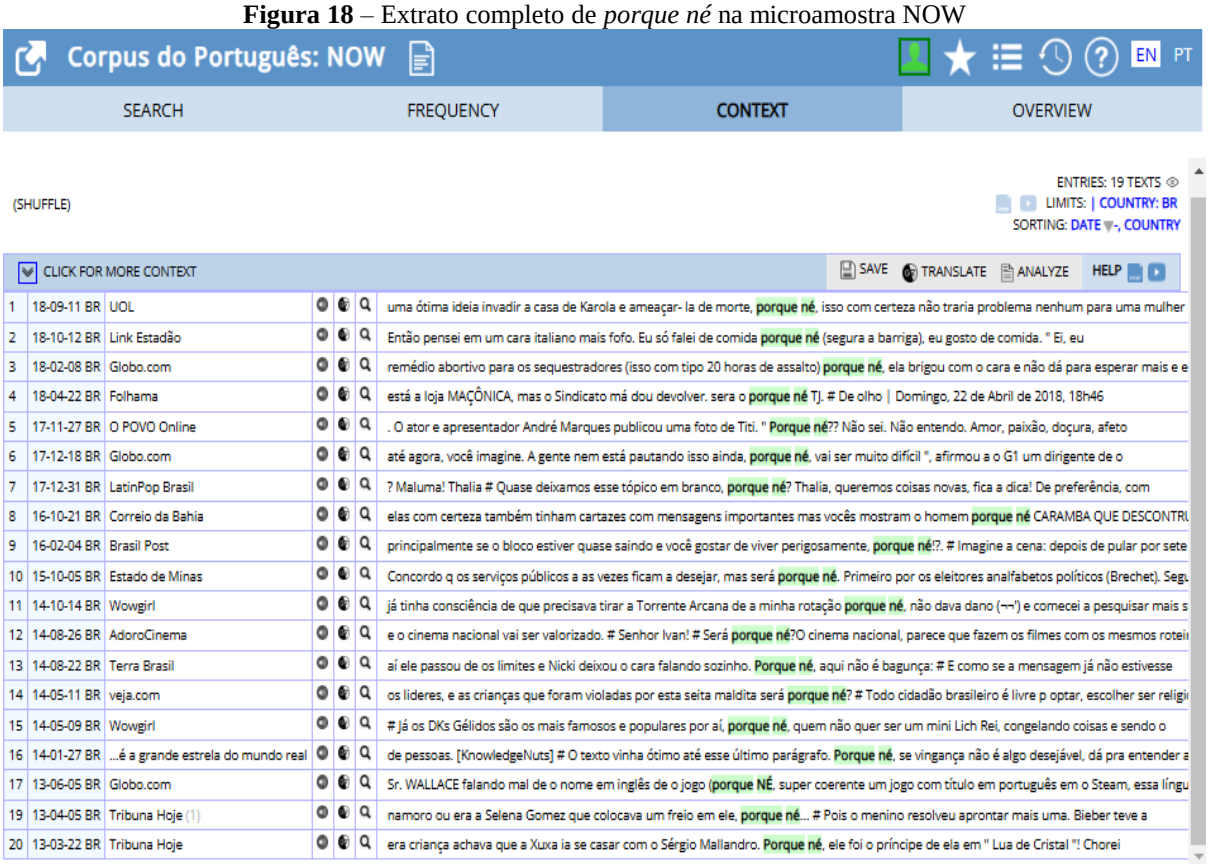
Figura 17 – Extrato completo de *mas né* na microamostra NOW



1	19-01-17 BR	Hypenes	casa e inspiram a vida, não dá vontade de parar de comprar, mas né: a gente precisa saber de o que dá conta, porque são vidinhas,
2	19-06-16 BR	90min	# assim né não sou muito a favor de a contratação de o pogba mas né se vier não é ruim não # Vale lembrar que o meio-campista também já foi
3	18-11-11 BR	Terra	São Paulo antes de o jogo também. Não sei. Dez minutinhos, mas né, coisa normal ", disse o dirigente, o presidente Andrés Sanchez, de
4	18-06-10 BR	TV Foc	, Naná ". " Eu também acho que a mãe merece mais, mas né dinheiro não, é carinho, mesmo. Tou me sentindo bem mal com as
5	17-02-18 BR	Globo.com	isso eles compram até sua mãe (não q sua mãe valha muito, mas né) # recentes # populares # Carlos Lourenço # 2017-02-18T19: 31: 32 #
7	17-05-13 BR	Globo.com (1)	# 2017-05-14T00: 12: 31 # Yair viu que rapadura é doce mas né mole não, bater em BJ Penn é fácil, mas Frank é feito de
9	15-07-14 BR	Brasil Post (1)	eu mesmo já fiz (e faço a as vezes) isso, mas né, a gente cria aquele bichinho maldito chamado expectativa. # Como bom sagitariano que
10	15-01-14 BR	AdoroCinema	fevereiro # Matheus F. # Ele deveria ficar só com as animações, mas né... # Augusto Gon?alves # sim, você já disse o quanto
11	14-06-26 BR	Wowgirl	Rodolfo # Fato. Vale muito mais a pena de o que muitas coisas... Mas né, vai entender esse povo =P # Xexeh # Eu ainda sofro aquele mal de
12	13-07-07 BR	Abril	estreia Chloe (You' re the One I Want) é meigo, mas né? Não é nada que nós não ouvimos antes. # Big Time Rush #
13	13-04-11 BR	Globo.com	Uma para as emissoras se adequarem e outra para cortar o sinal analógico, mas né... sabem como funcionam as coisas em o Brasil. # Bruno Mota
15	13-02-04 BR	Noticias Automotivas (1)	motor está saudável:p # Não sei se já contei essa história, mas né, ta aí, hahaha. # Edson Roberto # Mas eu falei 6700rpm,
16	12-06-19 BR	O POVO Online	que o sanduíche é montado em a sua frente e daria pra perceber. Mas né, não deixa de ser nojento:/ # Este comentário é inapropriado?Denuncie # Ronald

Fonte: Davies e Ferreira (2016).

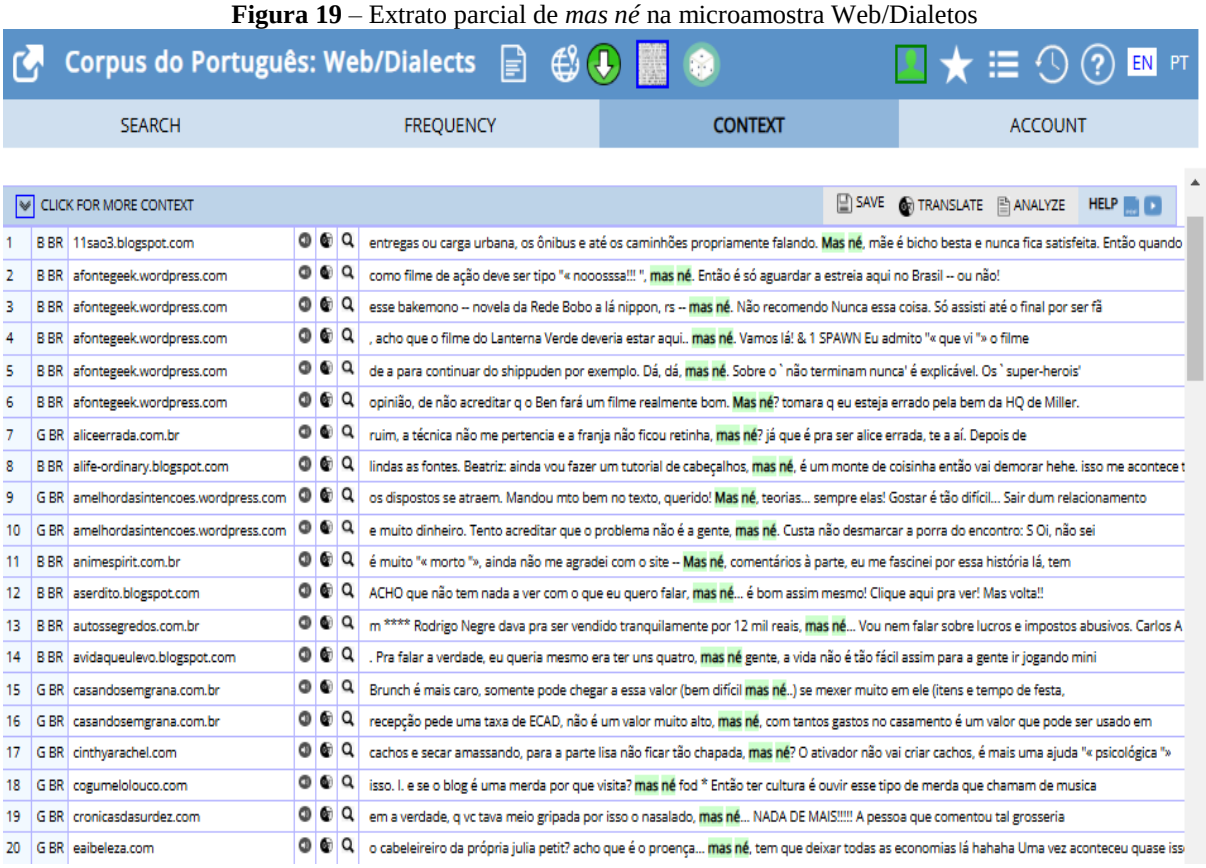
Figura 18 – Extrato completo de *porque né* na microamostra NOW



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

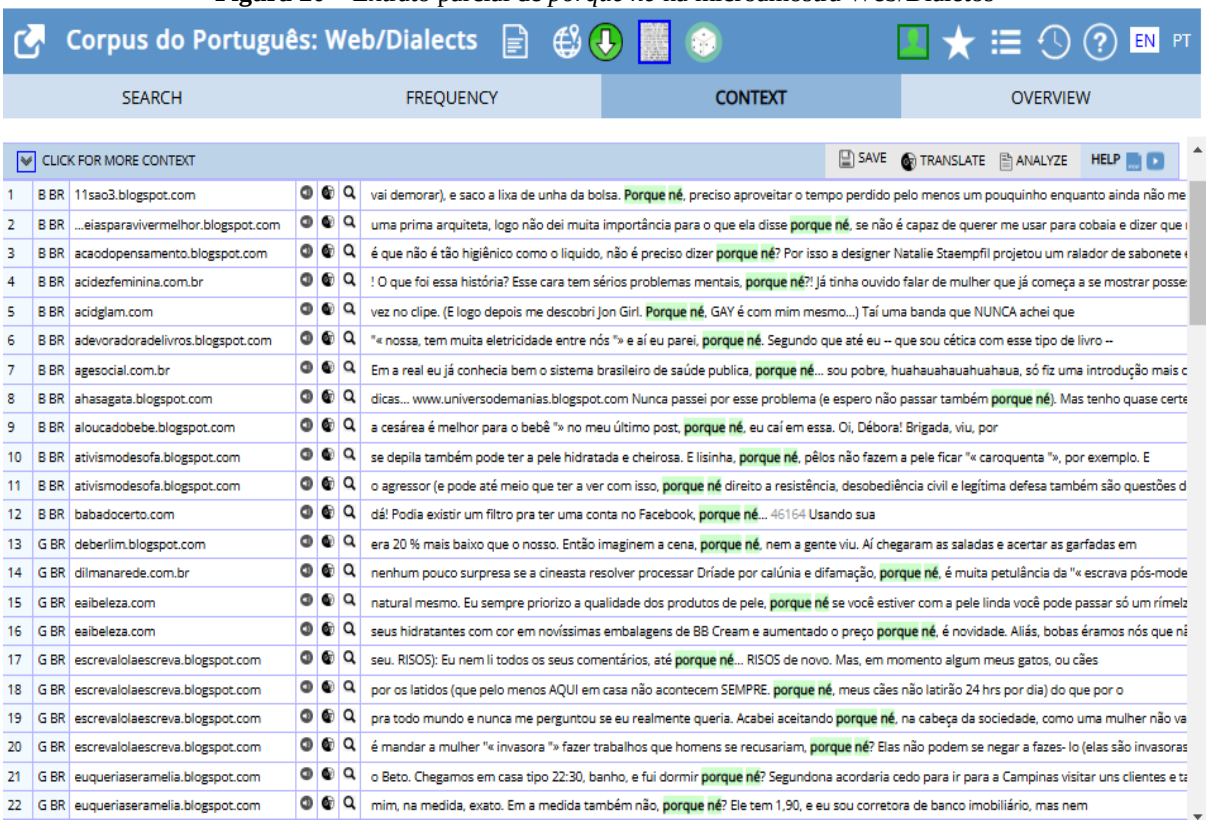
Por outro lado, na microamostra Web/Dialetos, breve pesquisa pel'O Corpus do Português revela justamente o contrário: uma recorrência considerável tanto de *mas né* quanto de *porque né*, como ilustram as Figuras 19 e 20.

Figura 19 – Extrato parcial de *mas né* na microamostra Web/Dialetos



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Figura 20 – Extrato parcial de *porque né* na microamostra Web/Dialetos



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Vale dizer que, aplicado o filtro *Brazil*, como procedemos quando da constituição do *corpus*, ao todo a ferramenta elencou 338 ocorrências de *mas né* e 440 de *porque né* na microamostra Web/Dialetos, sinalizando uso significativo. Desse modo, assim como "né" acompanha e intensifica conectores como *mas* (Figuras 17 e 18) e *porque* (Figuras 19 e 20), presumimos que possa se acoplar a outros articuladores – motivo pelo qual consideramos *só que né* e *só que não, né?* como apenas dois outros exemplos dessa mesma natureza, não consistindo a contração em elemento de nenhuma das composições.

Tal cenário contribuiu, portanto, para desconstruirmos as hipóteses iniciais quanto ao caráter de *só que né* e *só que não, né?* como construções coexistentes e representativas, cada qual, de um estágio da língua em termos de evolução. Ao contrário de *só que né*, porém, que foge ao nosso interesse como objeto de estudo, *só que não, né?* se comporta prototipicamente, de acordo com [só que X_{Adv}].

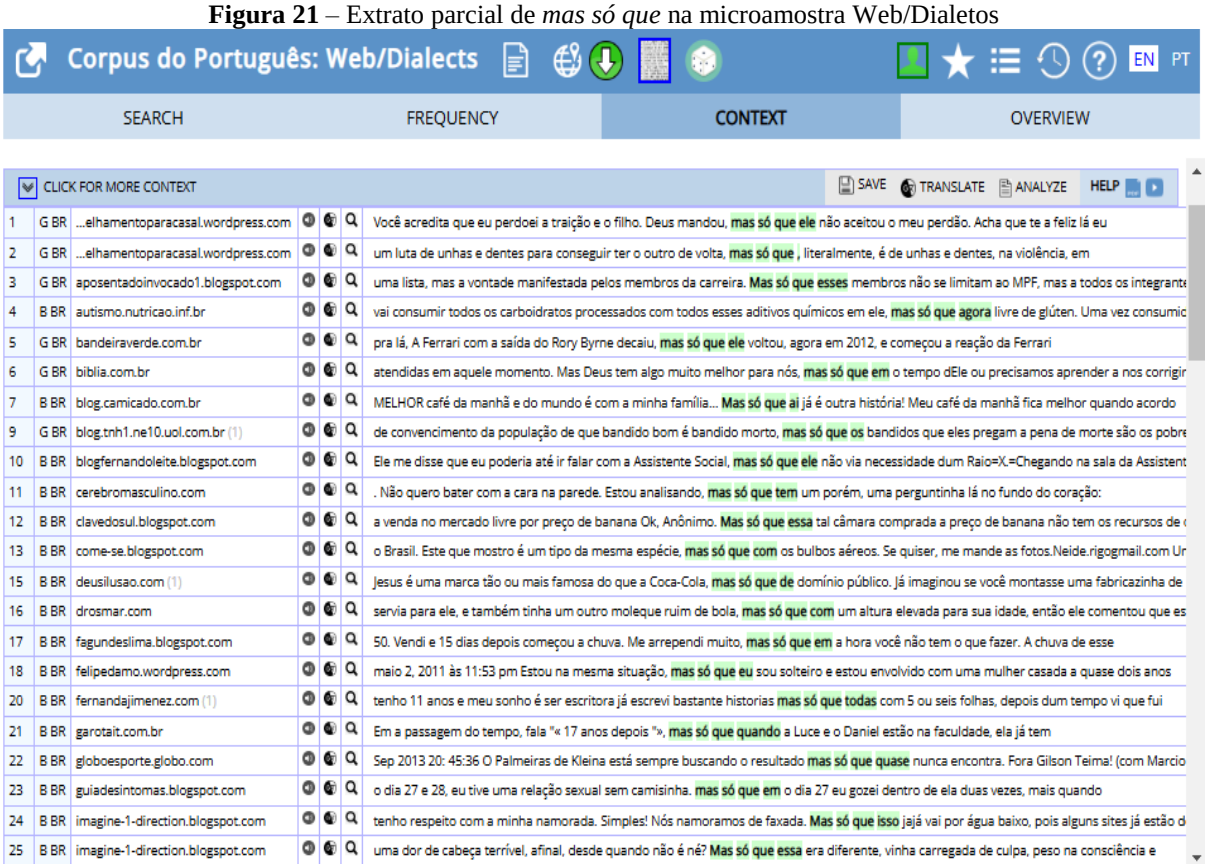
Ainda nesse contexto, vejamos (8), com *mas só que né*:

> (8) Querem fazer reforma? Comecem por quem ganha mais, bando de hipócritas, é fácil consertar o Brasil com o sangue e suor alheio, queria ver algum desses engravatadinhos abrindo mão dos seus benefícios e regalias em prol de um bem maior… **mas só que não né**!

Em (8), o que sobressai é o uso não da contração "né", que já sabemos acompanhar diferentes articuladores e ser estratégia discursiva de intensificação/reforço, mas da conjunção "mas", que antecede *só que não*. Isso porque, conforme já discutido no **Capítulo 2. Construção [só que X_{Adv}]**, na seção **2.1 Do operador de foco *só que***, *só que* e *mas* soam redundantes quando empregados justapostos, como em (8).

A Figura 21, todavia, revela se tratar de uso expressivo no português brasileiro: são 283 ocorrências, segundo a microamostra Web/Dialetos d'O Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2016).

Figura 21 – Extrato parcial de *mas só que* na microamostra Web/Dialetos



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Em outros termos, em uma perspectiva estritamente gramatical, o esquema [só que X_{Adv}], um articulador de contraste, prescinde da anteposição de outro articulador de contraste. Saliente-se, porém, que, linguisticamente, tal justaposição pode consistir em indício de um movimento em ascensão – carente, a bem da verdade, de investigação minuciosa e de corroboração – de esmaecimento do traço articulador inerente ao esquema e, ao mesmo tempo, de intensificação do teor irônico, conforme a percepção do falante.

À luz da GCBU, o que talvez se constate é um enfraquecimento dos *links* horizontais, que vinculam *só que não* à categoria dos marcadores de contraste, e, consequentemente, um fortalecimento dos *links* sequenciais com outras formas. Isso explicaria, então, a perda gradual do papel de marcador de contraste desempenhado pela construção e, por isso mesmo, a adjunção do também marcador de contraste *mas*, que passaria a ser o verdadeiro responsável pela relação adversativa – hipótese que só o tempo ratificará ou não.

Consideremos, desta feita, a ocorrência (9), em que se empregam tanto *só que não* quanto *só que também não*:

> (9) «Vai ser Mayara... Não, vai ser JoEU... não vai ser JonaX... Hum... Volta pra Mayara”», com SufiXtinho, Porta-voz da Presidência, indo e vindo loucamente para alertar o povo da Selva. Monique estava CERTA que seria ela, mas Rafa conversou com Yuri e o Porta-voz respondeu que não tinha “«nada a ver”» JC, como sempre trabalhado na puxação de saco e alucinação etílica, disse para Fael (sempre ele) que não suporta fofoca, que ouve papos em um determinado grupinho e passa reto. Verdade, JC, **SÓ QUE NÃO**. JC completou que não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vidaaa. Sentimos dó do JC. **Só que também não**.... Premiação & Pi festa aquário Premiação & Pi também para o outro destaque da noite, o novo cachorrinho da casa, Yuri SurfiXtinho. [...]

A título de contextualização, (9) remete à edição de 2012 do reality *Big Brother Brasil*, exibido pela rede Globo, e alude a diferentes participantes e situações por eles vividas dentro do programa.

Nosso interesse reside, entretanto, nas construções em negrito, ambas incidindo sobre o participante identificado como JC, cuja participação deve ter sido não menos que polêmica. *Só que não*, ao refutar ironicamente “Verdade, JC”, nega a afirmação por ele feita a outro participante, de apelido Fael, de que “não suporta fofoca, ouve papos em um determinado grupinho e passa reto”. Claramente, consoante o juízo de valor do redator de (9), a declaração de JC não passa de embuste.

Algumas linhas adiante, mais uma vez, em face de outra afirmação do mesmo participante, segundo a qual ele “não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vida”, o resenhista afirma sentir dó de JC para, logo em seguida, negar ironicamente tal proposição – desta vez, porém, ele o faz por meio de *só que também não*.

Observa-se, pois, que *só que não* é acrescido do advérbio “também” – o que já sabemos ser possível, na medida em que este se configura como intensificador/reforçador, como já discutimos na subseção anterior, **6.1.1 Propriedade de esquematicidade**. Tal acréscimo, contudo, se dá somente no segundo uso da construção, justamente para soar coerente com a adição/inclusão de conteúdo que se faz.

Destaque-se, a propósito, que essa variação funciona também como elemento de coesão textual, conectando uma negação à outra e, por conseguinte, contribuindo para a fluência e homogeneidade do texto. Isso é tão verdade que, em (9a), a inversão dos usos comprometeria a lógica interna e que, em (9b), a mera repetição da construção *só que não*, por exemplo, empobreceria a leitura:

> (9a) «Vai ser Mayara... Não, vai ser JoEU... não vai ser JonaX... Hum... Volta pra Mayara”», com SufiXtinho, Porta-voz da Presidência, indo e vindo loucamente para alertar o povo da Selva. Monique estava CERTA que seria ela, mas Rafa conversou com Yuri e o Porta-voz respondeu que não tinha “«nada a ver”» JC, como sempre trabalhado na puxação de saco e alucinação etílica, disse para Fael (sempre ele) que não suporta fofoca, que ouve papos em um determinado grupinho e passa reto. Verdade, JC, **só que também não**. JC completou que não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vidaaa. Sentimos dó do JC. **só que não**.... Premiação & Pi festa aquário Premiação & Pi também para o outro destaque da noite, o novo cachorrinho da casa, Yuri SurfiXtinho. [...]

> (9b) «Vai ser Mayara... Não, vai ser JoEU... não vai ser JonaX... Hum... Volta pra Mayara”», com SufiXtinho, Porta-voz da Presidência, indo e vindo loucamente para alertar o povo da Selva. Monique estava CERTA que seria ela, mas Rafa conversou com Yuri e o Porta-voz respondeu que não tinha “«nada a ver”» JC, como sempre trabalhado na puxação de saco e alucinação etílica, disse para Fael (sempre ele) que não suporta fofoca, que ouve papos em um determinado grupinho e passa reto. Verdade, JC, **só que não**. JC completou que não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vidaaa. Sentimos dó do JC. **só que não**.... Premiação & Pi festa aquário Premiação & Pi também para o outro destaque da noite, o novo cachorrinho da casa, Yuri SurfiXtinho. [...]

Em (9a), compromete-se o encadeamento textual, pois o emprego de *só que também não* pressupõe um uso anterior de *só que não*. Configura-se, portanto, uma falha de ligação. O mesmo raciocínio é válido para *só que não*: na posição em que está, parece deslocado, uma vez que opera uma segunda negação quando, aliás, deveria contar com um intensificador/reforçador que indicasse o acréscimo feito.

Já em (9b), embora a repetição de *só que não* não prejudique a unidade textual, empobrece a leitura, haja vista demonstrar repertório reduzido de mecanismos de coesão textual. Ademais, não é capaz de dar o devido destaque ao participante em questão, que tem sobre si não uma, mas duas negações irônicas – efeito estrategicamente alcançado em (9), graças à incorporação do advérbio de inclusão.

Dessa maneira, (9) ilustra como um falante comum, mesmo inconscientemente, faz, com o instrumental que tem à disposição, usos linguísticos sempre intencionais, com vistas a estabelecer determinado efeito de sentido.

Tomemos, desta feita, o exemplo (10):

> (10) Pedra de hyrule (**só que sim**), NÓS (POBRES BRASILEIROS) teremos o Nintendo TVii aqui no BRasil e o que acha sobre o remake de DuckTales (Ooo-Hoo)? \o/

Em (10), alude-se ao universo dos jogos de videogame, com a chegada ao Brasil, à época, do Nintendo TVii.

Hyrule designa um reino fictício inspirado na Idade Média, que é o cenário principal do mundo de *The legend of Zelda* – série de jogos eletrônicos de ação-aventura com elementos de RPG. Enquanto exploram Hyrule, os jogadores se deparam com diferentes tipos de pedra caindo do céu, cujo objetivo é ajudá-los a fazer a travessia pelo reino, seja revertendo projéteis inimigos, seja facilitando a escalada de montanhas e penhascos (Schulle, 2023).

Duck tales, por seu turno, diz respeito a um jogo cujos protagonistas são Tio Patinhas e seus sobrinhos: Huguinho, Zezinho e Luisinho. Juntos, eles viajam até locais exóticos imbuídos da missão de recuperar os cinco tesouros lendários (DuckTales Remastered, 1989/2013).

Assim sendo, a construção *só que sim* reitera a porção textual "Pedra de hyrule", no sentido de que, finalmente, a tão aguardada e inacreditável – afinal, "nós, pobres brasileiros" – vinda do console de jogos possibilitaria que se jogasse *The legend of Zelda* – daí a referência à pedra em questão. Para tanto, há quebra dupla de expectativas, pela qual, simultaneamente, se contraria e se surpreende o interlocutor. Tais mecanismos, contudo, serão explicitados detalhadamente mais adiante.

Ademais, é fato que o esquema [só que X_{Adv}], dentro do qual figura *só que sim*, aparece sempre posposto a uma afirmação, uma vez que sua função é, retomando-a, refutá-la ou reiterá-la ironicamente. Nessa perspectiva, (10a) exemplifica a lógica hierárquica segundo a qual o esquema opera:

(10a) <u>Pedra de hyrule</u> (**só que sim**)
afirmação + reiteração

Prova disso é (10b), que subverte a lógica referida e leva a construção *só que sim* a agir sobre um conteúdo inexistente:

(10b) (**só que sim**) <u>Pedra de hyrule</u>
(?) reiteração + afirmação

Posto se possa entender, em uma leitura forçada, o sentido pretendido em (10b), trata-se de uma organização frasal contraproducente. Isso porque, para que expectativas possam ser quebradas pela construção em questão, é preciso que, primeiro, elas tenham sido criadas, o que só é possível quando *só que sim* tem um conteúdo sobre o qual operar. Em outros termos, a

anteposição não constar de nem sequer um dos dados do *corpus* é revelador não de uma preferência arbitrária pela posposição, mas do caráter articulador e anafórico de todo o esquema.

6.1.2.1 Rede construcional: versão intermediária

Em resumo, no que tange à propriedade de produtividade, quanto mais produtivo um esquema, maior o número de padrões construcionais sancionados.

Nesse mesmo contexto, convém dizer que Cunha Lacerda (2018), em trabalho sobre as contribuições da abordagem construcional da mudança a partir do estudo de *só que [X]*, atestou, em *corpus* sincrônico constituído de revistas, blogues e redes sociais, a microconstrução *só que never*, exemplificada em (11), que se soma às demais de valor negativo:

> (11) A blogueira mais glamourosa sou eu, **só que never** (Blog, 2016 *apud* Cunha Lacerda, 2018, p. 193, grifo do autor).

Acerca dela, afirma-se o seguinte:

> [...] é constituída pela forma *só que + never*, indicando uma alternância de códigos – neste caso, língua portuguesa e língua inglesa –, o que Labov (1971) intitula de *code-switching*. Quanto à função, expressa uma avaliação negativa, com valor irônico, direcionada à informação previamente apresentada [...]. Neste caso, percebe-se que a crítica negativa e o caráter irônico expressos pelo falante são mais expressivos e veementes (Cunha Lacerda, 2018, p. 193).

Logo, conquanto nosso *corpus* não tenha arrolado *só que never*, a construção em questão constitui mais uma considerável evidência da produtividade do esquema [só que X_{Adv}], dado que instancia as já conhecidas *só que não*, *só que nunca* e *só que sim* bem como *só que never* e *só que jamais*[96] – diferentes advérbios para o *slot* X.

Não basta, no entanto, apenas expor a diversidade de advérbios e combinações que já preenchem o *slot*, tais como *só que não mesmo* (com intensificador/reforçador posterior), *só que também não* (com intensificador/reforçador anterior) e *só que talvez não* (com modalizador) – cenário o qual, muito mais do que ressaltar a produtividade decorrente da esquematicidade da construção, ilustra a criatividade com que o falante o reconhece e o robustece para atender a determinados propósitos comunicativos. É preciso também demonstrar se o esquema mantém a capacidade de, sistemática e eficientemente, licenciar novas instâncias compatíveis com seu pareamento forma-função, contribuindo para a inovação linguística.

[96]A microconstrução em questão será apresentada e discutida na subseção seguinte, a saber, **6.1.3 Propriedade de composicionalidade**.

Nesse sentido, é plenamente possível que o padrão admita, ainda que de modo marginal, inúmeros outros preenchimentos, a exemplo de formas potenciais como *só que óbvio* e *só que certamente*, desde que preservem o contraste irônico característico da construção.

Em tempo, acrescente-se que os números a seguir totalizam as ocorrências coletadas via NOW (N) e aquelas coletadas via Web/Dialetos (W/D), mostrando os usos prototípicos – aqueles cuja ironia é traço característico – em relação ao universo de ocorrências das microconstruções-fonte:

Tabela 1 – Frequência de *só que* X_{Adv}[97]

Microconstrução	Usos totais	Usos prototípicos
só que não (desprezam-se, neste cômputo, suas variações, com intensificador/reforçador e modalizador)	1.929	448
só que nunca	69 (N) + 162 (W/D) = 231	2 (N) + 5 (W/D) = 7
só que sim	2 (N) + 2 (W/D) = 4	2
só que jamais	9	1
Total	**2.173**	**458**

Fonte: elaboração própria.

Ao relacionar as colunas numéricas, verificamos, sobretudo no que se refere a *só que não*, à guisa de exemplo, que pouco mais de 23% das ocorrências constituem o uso irônico em estudo e que, por conseguinte, pouco mais de 76% delas consistem em simples oposição, à maneira do que faz a conjunção *mas*.

Tomemos nota de alguns casos:

> (12) Victor Alcazar, funcionário do ramo hoteleiro, corrobora o discurso. "Ganso tem arte, classe, mas o ritmo de jogo não é o adequado ao que acontece na Europa. Deveriam ter dado a ele mais oportunidades e minutos em campo, **só que não** houve muita margem para testes no Sevilla nessa temporada. Todos os jogos são muito importantes" (104, https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2018/03/16/canhota-magnifica-mas-muito-lento-torcedores-do-sevilla-avaliam-ganso.htm?cmpid=copiaecola, 2016, grifo nosso).
>
> (13) De acordo com a polícia, a vítima e o atirador chegaram a entrar em luta corporal. "Ele estava sentado, cortando o cabelo, e o rapaz já

[97] Registra-se sem colchetes a sequência *só que* X_{Adv}, porque os casos desprovidos de ironia se distinguem daqueles cujo componente irônico é intrínseco à construção – real objeto de interesse desta investigação.

> chegou atirando. Ele tentou ainda tirar a arma do atirador, segundo informações de quem estava no salão, **só que não** deu tempo. Ele tomou um tiro na região da costela e depois mais dois na cabeça. Veio a óbito na hora", contou o soldado Manuel, da Polícia Militar, que atendeu a ocorrência (237, https://www.folhavitoria.com.br/policia/cliente-e-morto-a-tiros-quando-cortava-o-cabelo-em-salao-de-beleza-em-vila-velha/, 2016, grifo nosso).

Em (12) e (13), não há ironia nem encapsulamento verbal, visto que, nesses dados, como já se disse, o que se tem é apenas o operador de foco *só que* acrescido da partícula *não* e, por isso, um comportamento distinto do de [só que X_{Adv}].

Revisitando-se, pois, a rede construída em **6.1.1.1 Rede construcional: versão inicial**, faz-se necessário refiná-la, a fim de que reflita a realidade atual do fenômeno que vimos descrevendo. Isso não quer dizer, porém, que a configuração da rede seja irrevogável, justamente porque novas combinações podem emergir ao longo do tempo.

A esse respeito, observemos a relação de variações coletadas:

Quadro 11 – Microconstrução *só que não* e suas variações: com intensificador/reforçador ou modalizador

Microconstrução-fonte	**Variação com intensificador/reforçador ou modalizador em posição anterior**	**Variação com intensificador/reforçador em posição posterior**
só que não	só que talvez não	só que não mesmo
	só que também não	
	só que infelizmente não[98]	

Fonte: elaboração própria.

Já se sabe que somente *só que não* parece admitir, hoje, algum tipo de intensificação/reforço ou modalização. O *slot* de intensificador/reforçador ou modalizador anterior é ocupado por advérbios de dúvida (*talvez*), de inclusão (*também*) e de avaliação subjetiva (*infelizmente*); já o de intensificador/reforçador posterior, por advérbio de afirmação (*mesmo*). Vale fazer constar mais uma vez, contudo, que o rol de advérbios e suas combinações pode, eventualmente, sofrer redução ou ampliação, a depender do tempo e da adesão dos falantes.

[98] A microconstrução em questão será apresentada e discutida na subseção seguinte, a saber, **6.1.3 Propriedade de composicionalidade**.

Desse modo, uma representação esquemática válida e fidedigna ao presente como recorte temporal para *só que não* e para as microconstruções dele advindas é a seguinte:

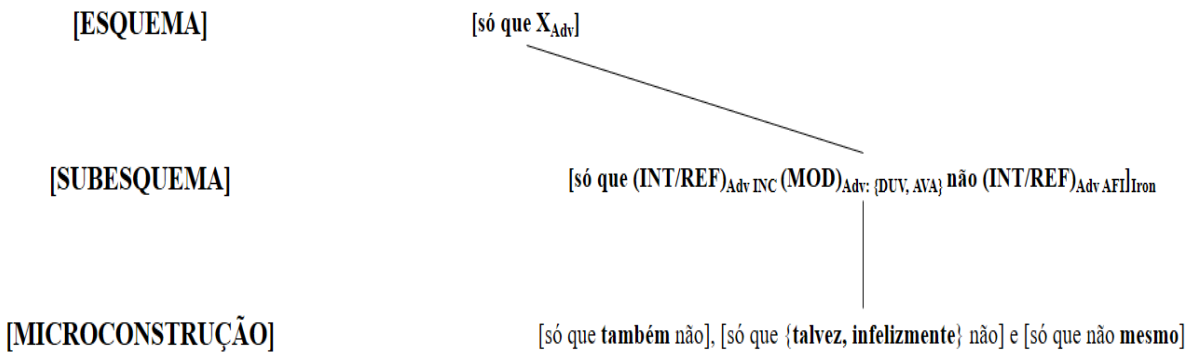
[só que (INT/REF)$_{\text{Adv INC}}$ (MOD)$_{\text{Adv: \{DUV, AVA\}}}$ não (INT/REF)$_{\text{Adv AFI}}$]$_{\text{Iron}}$

No subesquema em questão:

- *só que* funciona como unidade formulaica que introduz contraste;
- *(INT/REF)*$_{Adv\ INC}$, sendo opcional, é ocupado por um intensificador/reforçador da classe dos advérbios com o valor de inclusão, sempre em posição anterior;
- *(MOD)*$_{Adv:\ \{DUV,\ AVA\}}$, sendo opcional, é ocupado por um modalizador da classe dos advérbios com os valores de dúvida ou de avaliação subjetiva, sempre em posição anterior;
- *não* é elemento fixo;
- *(INT/REF)*$_{Adv\ AFI}$, sendo opcional, é ocupado por um advérbio com valor de afirmação, sempre em posição posterior;
- $_{Iron}$ indica a presença de componente irônico.

A título de ilustração, a Figura 22 atualiza parte dessa rede construcional.

Figura 22 – Níveis de esquematicidade: versão intermediária



Fonte: elaboração própria.

6.1.3 Propriedade de composicionalidade

Construções composicionais são aquelas cujo significado global pode ser deduzido diretamente do significado de seus componentes e de sua estrutura sintática.

Todavia, muitas são as instâncias que não contemplam essa propriedade, pois podem desenvolver um significado não completamente previsível a partir de suas partes. Dessa maneira, embora se trate de aspecto básico da linguagem, a composicionalidade pode ser

atenuada ou enfraquecida em diferentes graus, sobretudo em razão de fatores como a gramaticalização, conforme aponta Camargo (2017).

Consideremos, por ora, o exemplo (14):

> (14) Pessoal, desculpe não ter postado semana passada um novo conto da Ann, estou sofrendo com uma gripe e é semana de provas na Universidade, então já conseguem imaginar como a minha vida está gostosinha nesse momento, **só que infelizmente, não**:/ Desculpem pela falta de Ann semana passada, mas não abandonei vocês, nunca faria isso, juro:) Aguardo comentários de vocês, um beijão!

A página em questão não se encontra mais no ar, por isso ficamos limitados às informações fornecidas pela própria ocorrência.

O que se subentende é que a autora do comentário, em virtude de uma gripe e da correria típica de um estudante universitário em semana de provas, se desculpa com seus leitores pelo fato de, na semana anterior à do comentário, não ter conseguido publicar um novo conto – lapso que pode ter feito sua audiência pensar que ela a tivesse abandonado. Em outros termos, a contista parece ter uma rotina semanal de publicação, motivo pelo qual a impossibilidade de não o ter feito em dada semana a leva a se justificar.

Só que infelizmente não é construção que obedece ao subesquema **[só que (MOD)$_{\text{Adv: \{DUV, AVA\}}}$ não]$_{\text{Iron}}$**. Mais do que negar ironicamente, o advérbio "infelizmente" revela, nesse caso, um juízo de valor da falante com relação à própria situação. Dito de outro modo, ao incorporar esse advérbio à construção *só que não*, a falante, de forma simultânea, refuta ironicamente a afirmação de que sua "vida está gostosinha nesse momento" e emite uma atitude de desaprovação à sua realidade naquele momento, deixando claro, pois, que gostaria que estivesse mesmo em uma fase "gostosinha".

Ainda nesse âmbito, cabe notar que a vírgula posposta ao advérbio *infelizmente*, como se verifica em (14), pressuporia, a bem da verdade, uma vírgula também anteposta ao mesmo advérbio, isolando-o da construção e, em decorrência disso, confirmando a natureza acessória do sinal de pontuação, como em (14a):

> (14a) Pessoal, desculpe não ter postado semana passada um novo conto da Ann, estou sofrendo com uma gripe e é semana de provas na Universidade, então já conseguem imaginar como a minha vida está gostosinha nesse momento, **só que[,] infelizmente, não**:/ [...]

Posto que pareça se tratar, porém, de uso pouco natural na língua – a julgar por construção de estrutura parelha, como *só que talvez não*, em que o advérbio é igualmente entremeado e desprovido de vírgulas –, sob uma ótica funcional, tal recurso de pontuação

chamaria a atenção para o intensificador/reforçador, conferindo destaque ainda maior ao caráter volitivo de *infelizmente*.

Comparemos, desta feita, (14) com (14b):

> (14b) Pessoal, desculpe não ter postado semana passada um novo conto da Ann, estou sofrendo com uma gripe e é semana de provas na Universidade, então já conseguem imaginar <u>como a minha vida está gostosinha nesse momento</u>, **só que não**:/ [...]

Em (14b), em que se opta pela omissão do advérbio com valor avaliativo, permanece a negação irônica da proposição imediatamente anterior, como revela o trecho sublinhado, mas se apaga o lamento, antes verbal e intencionalmente manifesto, da falante. Assim sendo, *só que infelizmente não* constitui um uso volitivo, distinguindo-se das demais microconstruções aqui relacionadas.

Embora, a propósito, a construção *só que não* também demonstre uma insatisfação, o desejo de que a afirmação antecedente fosse mesmo verdadeira, ela o faz de maneira velada. Vejamos (15):

> (15) Aquele período maravilhoso (**só que não**) em que somos afetados pela puberdade desempenha um papel importante nas personalidades que temos hoje. O início da puberdade inflama uma forma de egocentrismo, ou autoconsciência. Algumas crianças se preocupam que eles estão se desenvolvendo muito rapidamente, e outras que estão em desenvolvimento mais lento que a média. Como passamos pela puberdade em diferentes idades, a maturidade é atingida em momentos diferentes também.

Elementos extralinguísticos como entonação, contexto e gestualidade contribuem para que, mesmo na ausência de palavra específica proferida pelo falante, tenha lugar a expressão de um juízo de valor. Entretanto, quando do texto escrito, como é o caso, em que não se tem acesso à linguagem não verbal, tal manifestação tende a se dar menos explicitamente.

Em uma reportagem que questiona a crença universal de acordo com a qual cada um de nós tenha controle sobre a construção da própria personalidade, uma vez que “várias teorias psicológicas sugerem que nossas personalidades, nossas progressões de pensamento e até mesmo os nossos sentimentos são o produto de processos corporais descontrolados” (Mateos, 2015), somos comparados a robôs estúpidos. Isso porque, apesar de fadados a processos sobre os quais não detemos nenhum controle, achamos ter algum domínio sobre nós mesmos.

Nesse contexto, já em referência direta à ocorrência (15), uma das teorias que desmentem nossa (falsa) autonomia diz respeito, justamente, à puberdade. Além disso, segundo estudos,

> [...] os meninos que amadurecem sexualmente mais cedo do que os seus pares, muitas vezes, desenvolvem maturidade social antes também e são percebidos como líderes de seu grupo. Meninos do outro lado da moeda tendem a se tornar mais hostis, socialmente retirados e propensos a desenvolver problemas de comportamento (Mateos, 2015, [s.p.]).

Dessa forma, em (15), *só que não*, ao incidir diretamente sobre a afirmação de que a puberdade constitui um período maravilhoso, refuta a existência de qualquer traço positivo presente nessa fase da vida – negação que é reforçada pelo conhecimento de mundo do interlocutor, que sabe se tratar de fase de não poucas turbulências. No entanto, ainda que não expresso verbalmente, o desejo do falante (e também o do interlocutor) é o de que a "aborrescência" – trocadilho bastante conhecido – constituísse dias menos conturbados. De fato, poderia ser "aquele período maravilhoso", como se refere.

A esse aspecto, (15a) deixa mais claro o raciocínio apresentado:

> (15a) Aquele período maravilhoso (**só que [infelizmente] não**) em que somos afetados pela puberdade desempenha um papel importante nas personalidades que temos hoje.

Ao passo que a atitude do falante quanto à própria afirmação existe, mas é implícita verbalmente em (15), o juízo de valor deixa de ser velado e passa a ser verbalmente manifesto em (15a), graças à incorporação factível de um advérbio como *infelizmente*. Logo, o que se pretende fazer notar é a possibilidade de um modalizador, marcando verbalmente o ponto de vista assumido pelo falante[99].

Em (16), por sua vez, o comportamento é semelhante, com *só que não* acrescido de um ponto de interrogação:

> (16) Se você está assistindo a um clipe da Rihanna, ou da Madonna, ou da Britney Spears… pare agora tudo o que você está fazendo! É hora de ver a obra-prima (**só que não?**) que é o teaser trailer do clipe Beijinho no Ombro, da musa Valesca Popozuda. Isso mesmo, vocês não leram errado: é um teaser trailer, um minuto de pura glória! Um minuto que possivelmente mudará sua vida: as montanhas parecerão mais verdes, o céu mais azul e a sua existência ganhará outro significado!

---

[99] Embora *só que não*, a depender do contexto, tenha a capacidade de expressar um desejo do falante, não se trata de uma associação convencional e intrínseca. É verdade que a volitividade não corresponde a nenhum componente semântico e, portanto, não pode ser calculada a partir da soma das partes, o que contribuiria para a noção de perda de composicionalidade da microconstrução, mas tal raciocínio, justamente porque nem sempre válido, não é o que se intenta postular na subseção em questão.

Aqui, faz-se alusão a um *teaser-trailer* da cantora de funk Valesca Popozuda para tornar conhecido seu mais novo lançamento à época: a faixa *Beijinho no ombro*. Em um cenário toscamente medieval, Valesca, caracterizada como rainha, mas à brasileira, com indumentária curta e justa – o que é comum em clipes sensuais –, aparece acompanhada de dois cavaleiros paramentados com sunga, capa, bota e lança. A letra, com alguns desvios gramaticais, ressalta vocábulos do campo semântico bélico, como "tiro", "porrada", "bomba", "inimigas" e "vitória", em consonância com o clima belicoso proposto pelo vídeo.

Em (16), compara-se, então, essa produção com a de grandes cantoras internacionais, como Rihanna, Madonna e Britney Spears, cujos clipes, sabidamente, são sempre hollywoodianos. Portanto, ao chamar de "obra-prima" o *teaser-trailer* da cantora brasileira, a reportagem tem a óbvia intenção de fazer graça, como se, em termos de qualidade e de relevância, *Beijinho no ombro* estivesse em pé de igualdade com grandes lançamentos internacionais e, por isso, fosse imperdível.

Nesse âmbito, *só que não?*, em vez de expressamente refutar com ironia a proposição de que "É hora de ver a obra-prima", comunica certa isenção, deixando a critério do interlocutor julgar por si mesmo sua disposição a assistir ou não ao clipe e tirar as próprias conclusões. Isso não quer dizer, porém, que não desempenhe seu papel: negar ironicamente, mesmo que de maneira sugestiva.

Desse modo, também esse uso parece configurar uma tentativa discursiva de modalização: não tanto para explicitar um julgamento do próprio falante, como no caso de (14), mas para fazê-lo soar imparcial, a despeito de o contexto e a construção *só que não* exprimirem, intencionalmente, a parcialidade do redator.

A esse mesmo respeito, destaque-se a variação *só que talvez não*, discutida, como exemplo (5), na subseção **6.1.1 Propriedade de esquematicidade**. Ela apresenta postura similar à observada em (16), mas por meio do acréscimo de um modalizador adverbial:

> (5) A primeira enquete sobre tendências de moda teve uma participação tão bacana de vocês que resolvi fazer uma dobradinha! Separei mais algumas modinhas tem-que-ter no armário (**só que talvez não**!), e pergunto: entre elas, vocês topam tudo, ou deuzolivre de alguma coisa? [...]

Em (5), como já se afirmou, o modalizador "talvez" confere suavidade à negação, refutando apenas parcialmente a proposição sobre a qual incide. De forma símile, em (16), por meio do sinal de interrogação, elucida-se também uma tentativa de modalização, na medida em que se objetiva revelar um posicionamento veladamente.

Outra construção, aliás, que merece destaque quanto às diferentes possibilidades demonstradas por [só que X_{Adv}] é *só que jamais*. Tomemos (17):

> (17) Na hora, me lembrei de uma amiga que foi fazer intercâmbio em Sidney, na Austrália. Quando os amigos, cada um de uma parte do mundo, perguntavam como se dizia "oi, tudo bem?" em português, minha amiga explicava que era "e aí, o que que tá pegando?". Obviamente, depois ela passava mal de rir ao recordar eles tentando falar essa expressão que, nossa, a gente usa todo dia... **Só que jamais**. [...]

Se recorrermos ao dicionário (Jamais, 2026), constataremos o advérbio "jamais" como sinônimo de "nunca", já discutido, na subseção **6.1.1 Propriedade de esquematicidade**, como advérbio temporal com valor negativo, cujo papel é negar – seja no passado, seja no presente, seja no futuro – qualquer possibilidade, ainda que remota, de realização da situação a ele vinculada.

Por isso, ao que parece, explicita-se, em (17), a exata negação enfática de *só que nunca*. Na ocorrência em questão, o falante conta que, tendo entrado em uma livraria e deparado com um livro intitulado *300 palavras em português para estrangeiros*, se lembra de uma história engraçada envolvendo uma amiga, à época intercambista.

Ao ensinar a amigos estrangeiros como se saúda alguém no Brasil, a intercambista apresenta-lhes um cumprimento próprio de jovens de determinadas regiões do país em contextos extremamente informais: "E aí, o que que tá pegando?" – razão pela qual, sempre que ouvia os novos amigos tentando reproduzir tal cumprimento, caía na risada.

O falante, então, finaliza o relato ao dizer "[...] expressão que, nossa, a gente usa todo dia… Só que jamais". Trata-se, pois, de uma negação que deixa clara a absurdidade do cumprimento ensinado, não restando dúvida alguma de que não constitui expressão de uso tão corrente.

Assim, *só que jamais* refuta enfaticamente e evidencia certa absurdidade da declaração, à semelhança do que faz *só que nunca*, como mostra (17a):

> (17a) Na hora, me lembrei de uma amiga que foi fazer intercâmbio em Sidney, na Austrália. Quando os amigos, cada um de uma parte do mundo, peguntavam como se dizia "oi, tudo bem?" em português, minha amiga explicava que era "e aí, o que que tá pegando?". Obviamente, depois ela passava mal de rir ao recordar eles tentando falar essa expressão que, nossa, a gente usa todo dia... **Só que nunca**. [...]

Se se tivesse optado por *só que não mesmo*, a exemplo de (17b), a presença do intensificador/reforçador "mesmo" também teria conferido ênfase à negação; perder-se-ia, entretanto, o tom absurdo provocado pelo uso de *jamais*, o que joga luz sobre a existência de estratégias discursivas específicas por trás de cada escolha construcional:

> (17b) Na hora, me lembrei de uma amiga que foi fazer intercâmbio em Sidney, na Austrália. Quando os amigos, cada um de uma parte do mundo, peguntavam como se dizia "oi, tudo bem?" em português, minha amiga explicava que era "e aí, o que que tá pegando?". Obviamente, depois ela passava mal de rir ao recordar eles tentando falar essa expressão que, nossa, a gente usa todo dia... **Só que não mesmo**. [...]

Frise-se ainda que, em (17c), com *só que não*, a refutação irônica continuaria se fazendo presente, porém com menos vigor, sem o mesmo caráter absurdo atribuído por *jamais*:

> (17c) Na hora, me lembrei de uma amiga que foi fazer intercâmbio em Sidney, na Austrália. Quando os amigos, cada um de uma parte do mundo, peguntavam como se dizia "oi, tudo bem?" em português, minha amiga explicava que era "e aí, o que que tá pegando?". Obviamente, depois ela passava mal de rir ao recordar eles tentando falar essa expressão que, nossa, a gente usa todo dia... **Só que não**. [...]

Acrescente-se que tanto *nunca* quanto *jamais*, muito provavelmente pela natureza adverbial de temporalidade, refutam de modo categórico e permanente, porque incidem sobre qualquer possibilidade de verdade contida na declaração a eles associada. Isso explicaria, dessa forma, o efeito de absurdidade provocado por ambos. Dito de outro modo, a absurdidade que parece constar de (17) e de (17a) talvez possa ser elucidada pelo tipo dos advérbios *jamais* e *nunca*, que, gramaticalmente indicando tempo, são capazes de negar de forma veemente.

É verdade, dessa maneira, que cada construção, devido às suas idiossincrasias, tende a se mostrar mais adequada a um contexto e menos a outro. Mais do que isso, para que um uso pelo outro preserve o sentido e o efeito de sentido originais, ele deve ocorrer apenas se os dois forem um par de mesma constituição adverbial, sob pena de haver algum tipo de comprometimento em algum grau.

6.1.3.1 Rede construcional: versão final

Em suma, com relação à análise construcional, [só que X_{Adv}] apresenta menos composicionalidade, visto que a simples soma das partes a compor as construções instanciadas pelo esquema desprezaria, forçosamente, o componente pragmático.

A esse propósito, por exemplo, *só que não* opera muito mais do que simples quebra de expectativas, porque o faz por meio de negação irônica, o que extrapola o caráter adversativo

provindo de *só que*. Tal raciocínio, portanto, se estende a todas as demais microconstruções da família, cujas partículas justapostas funcionam como unidades pragmáticas com significado sobremaneira específico.

Consideremos, nesse sentido, o quadro a seguir:

Quadro 12 – Construções e respectivas funções

Microconstrução	**Função**
só que não	negação irônica
só que talvez não	negação irônica com modalizador de valor de dúvida
só que infelizmente não	negação irônica com modalizador de valor avaliativo
só que também não	negação irônica com intensificador/reforçador de valor somatório-coesivo
só que não mesmo	negação irônica com intensificador/reforçador de valor enfático
só que nunca	negação irônica categórica/permanente
só que jamais	negação irônica categórica/permanente
só que sim	reiteração irônica

Fonte: elaboração própria.

Como se vê, forma e função são claramente definidas; todas as microconstruções relacionadas quebram expectativas e veiculam ironia, mas cada qual à sua maneira. Mais particularmente no que concerne àquelas com intensificador/reforçador ou modalizador, cumpre atentar para a atestada circulação de ao menos três tipos de valor, arrolados no Quadro 13:

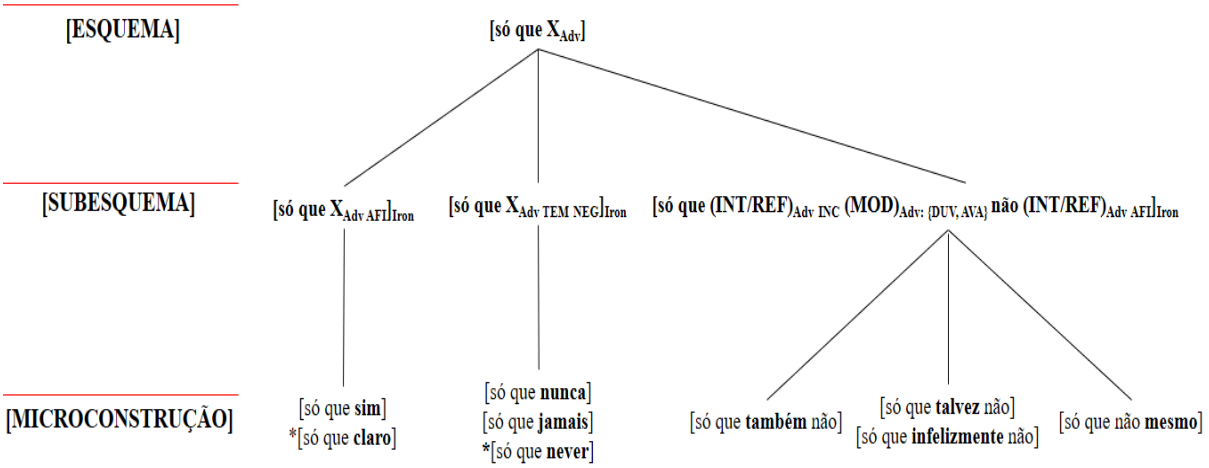
Quadro 13 – Construções com intensificador/reforçador ou modalizador

	Valor	**Microconstrução**
Intensificador/Reforçador	somatório-coesivo	*só que <u>também</u> não*
	enfático	*só que não <u>mesmo</u>*
Modalizador	de dúvida	*só que <u>talvez</u> não*
	avaliativo	*só que <u>infelizmente</u> não*

Fonte: elaboração própria.

Neste momento, com a finalidade de abarcar tanto a diversidade quanto as especificidades demonstradas ao longo do capítulo, a rede construcional deve sofrer nova atualização:

Figura 23 – Níveis de esquematicidade: versão final



***As construções em questão foram atestadas por Cunha Lacerda (2018).**

Fonte: elaboração própria.

A Figura 23 ilustra a extensão e a riqueza do fenômeno. O esquema [só que X_{Adv}] dá origem a pelo menos três subesquemas. Da direita à esquerda, o primeiro, já conhecido, porque apresentado em **6.1.2.1 Rede construcional: versão intermediária**, consiste em:

i)	**[só que (INT/REF)$_{Adv\ INC}$ (MOD)$_{Adv:\ \{DUV,\ AVA\}}$ não (INT/REF)$_{Adv\ AFI}$]$_{Iron}$**

O segundo, por sua vez, diz respeito a:

ii)	**[só que $X_{Adv\ TEM\ NEG}$]$_{Iron}$**

Nele:

- *só que* funciona como unidade formulaica que introduz contraste;
- $X_{Adv\ TEM\ NEG}$ é ocupado por advérbio temporal com valor negativo, como *nunca*, *jamais* e *never*;
- $_{Iron}$ indica a presença de componente irônico.

Sabe-se, aliás, que, para a derivação de um (sub)esquema, que é mera abstração, devem existir ao menos duas instâncias afins, a compartilhar forma e função.

No que se refere a *só que sim*, entretanto, não se encontrou, ao longo das rodadas de busca de ocorrências, construção parelha, de valor afirmativo. Assim sendo, em razão da

impossibilidade de um (sub)esquema emergir de microconstrução de exemplar único, não deveria haver, na rede construcional ilustrada pela Figura 23, subesquema associado à construção. Nesse caso, ir-se-ia em linha reta da construção ao esquema, sem estágio intermediário.

Cunha Lacerda (2018), contudo, atestou a forma *só que claro*, também de valor afirmativo:

> (18) Aquela atitude que se observa no dia a dia **só que claro** (Rede Social, 2016 *apud* Cunha Lacerda, 2018, p. 194, grifo do autor).

Com essa construção, "[...] o falante expressa sua total concordância em relação à informação apresentada anteriormente por meio de *só que + claro*, já que a confirma ao dizer que, com certeza, se trata de uma atitude que é observada no dia a dia" (Cunha Lacerda, 2018, p. 194).

Portanto, na medida em que se corrobora a circulação de ao menos duas construções de mesma natureza, tais quais *só que sim* e *só que claro*, fica coerente a explicitação do terceiro e último subesquema proposto pela Figura 23, a saber:

iii) **[só que $X_{Adv\ AFI}$]$_{Iron}$**

Nele:

- *só que* funciona como unidade formulaica que introduz contraste;
- $X_{Adv\ AFI}$ é ocupado por advérbio afirmativo, como *sim* e *claro*;
- $_{Iron}$ indica a presença de componente irônico.

6.2 A ironia construcional [só que X_{Adv}]

É inconteste o estatuto de [só que X_{Adv}] como construção, conforme já se discutiu. Indo, no entanto, além, poderíamos classificá-la, também com base em Traugott e Trousdale (2013), como construção:

- *complexa*, porque articula mais de um elemento. Conquanto *só que* funcione como um conector adversativo equivalente a *mas* (Longhin-Tomazi, 2003), quando combinado com advérbios de negação, de tempo ou de afirmação e também com encapsulamento verbal, forma estrutura convencionalizada. Seu significado e sua função vão além de quebra de expectativas por refutação mais ou menos enfática, ou por reiteração, pois há nuanças pragmáticas envolvidas, como a ironia.

- *esquemática*, porque possui estrutura formulaica recorrente. Tal construção obedece a um esquema fixo, reconhecível e geral determinado por *slots* que podem ser preenchidos por diferentes elementos sem comprometer, todavia, a lógica irônica global.
- *procedural*, porque porta aspecto procedimental. Seu foco é instruir interpretativamente o interlocutor, e não representar um objeto no mundo. Ora pelo significado dos itens constitutivos do esquema, ora pelo efeito pragmático de refutação ou reiteração irônicas, [só que $X_{Adv}]_{Iron}$ tem seu valor contido não na soma de suas partes, mas na orientação irônica que fornece, conduzindo o interlocutor rumo à interpretação pretendida pelo falante.

Ainda mais precisamente, agora valendo-nos de Lehmann e Bergs (2021), trata-se de uma forma especializada na marcação de ironia e, por isso mesmo, de uma ironia construcional. Isso porque, como já demonstramos, o esquema é produtivo, somando ao menos três possibilidades de subesquema verificadas, como evidencia a Figura 23, em **6.1.3.1 Rede construcional: versão final**.

Sabe-se também que, forçosamente, o esquema [só que $X_{Adv}]_{Iron}$:

i) quebra expectativas;

ii) refuta, em diferentes graus de intensidade, ou reitera a porção textual imediatamente anterior;

iii) veicula ironia.

Sob essa mesma ótica, sobretudo em se tratando de *só que não*, acrescente-se que é frequente, como já se referiu, o uso das iniciais *sqn* (acompanhadas ou não de *hashtag*), o que sugere, assim, uma convencionalização tão apurada da construção que, muitas vezes, ela se manifesta como o *chunk #sqn* em contextos informais. Vejamos (19):

> (19) Cássio já foi líder duas vezes, mas ao ser o “rei da casa”, ele mais parece o bobo da corte. Sempre com brincadeirinhas de gosto duvidoso, o brother de cabelo de duas cores muitas vezes aporrinha o juízo dos participantes. Ele, que está sendo indiciado pelo Ministério Público do Rio, já chegou até a colocar um biquíni e mergulhar na piscina, mostrando toda a sua boa forma, **só que não**! **#sqn**.

Como já esclarecemos, cumpre perceber que, a despeito de não termos nos preocupado com incluir eventuais formas sintéticas das construções em estudo, mas apenas suas formas por extenso, há, no exemplário, inúmeros tipos de reforço gráfico do traço irônico intrínseco às ocorrências, o que é próprio do que conhecemos como ciberlinguagem. Ei-los:

- reticências, para sugerir lacuna a ser preenchida pelo interlocutor, como exemplifica (9), discutido na subseção **6.1.2 Propriedade de produtividade**:

> (9) «Vai ser Mayara... Não, vai ser JoEU... não vai ser JonaX... Hum... Volta pra Mayara”», com SufiXtinho, Porta-voz da Presidência, indo e vindo loucamente para alertar o povo da Selva. Monique estava CERTA que seria ela, mas Rafa conversou com Yuri e o Porta-voz respondeu que não tinha “«nada a ver”» JC, como sempre trabalhado na puxação de saco e alucinação etílica, disse para Fael (sempre ele) que não suporta fofoca, que ouve papos em um determinado grupinho e passa reto. Verdade, JC, **SÓ QUE NÃO**. JC completou que não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vidaaa. Sentimos dó do JC. **Só que também não**.... Premiação & Pi festa aquário Premiação & Pi também para o outro destaque da noite, o novo cachorrinho da casa, Yuri SurfiXtinho. [...]

- *emoticons* como *://* ou seus equivalentes atuais, os *emojis*, para indicar estado de espírito, conforme (14), cuja análise consta da subseção **6.1.3 Propriedade de composicionalidade**:

> (14) Pessoal, desculpe não ter postado semana passada um novo conto da Ann, estou sofrendo com uma gripe e é semana de provas na Universidade, então já conseguem imaginar como a minha vida está gostosinha nesse momento, **só que infelizmente, não**:/ Desculpem pela falta de Ann semana passada, mas não abandonei vocês, nunca faria isso, juro:) Aguardo comentários de vocês, um beijão!

- indicações como *risos* e *haha*, para representar gracejo, como ilustram (20) e (21) respectivamente:

> (20) Bruna Marquezine mostrou as curvas em roupas justas na passarela da Coca-Cola Clothing, no Fashion Rio. Durante conversa com a revista “Glamour”, a atriz falou sobre os bastidores desfile sobre dieta. “Não faço nenhuma dieta maluca. Durante a semana mantenho uma alimentação boa, controlada, mas nos finais de semana não me seguro e enfio o pé na jaca mesmo”, revelou. Recentemente, Bruna publicou fotos durante o seu treino de Crossfit. A atriz está se exercitando com a amiga de cena, Giovanna Antonelli. “Já ‘crossfitei’ por hoje! Treino fácil porque é domingo! **Só que nunca** (risos)! Morta e enterrada!”, escreveu no Instagram. [...]

> (21) A outra corneta famosa é aquela: “O Grêmio ganhou um gre-nal de 10×0”, mas você sabia que o Internacional já venceu um grê-nal por 11×0? E quem publicou isso foi o próprio David Coimbra, o maior grêmista da imprensa gaúcha (mentira, ele diz que não tem time, compreensível devido sua imparcialidade. **Só que nunca**, haha). O glorioso Rolo Compressor, que destruiu com os segundinos na década de 30~40 ganhou aquele gre-nal de 1º de novembro de 1938 por 6×0, mas aí tu me pergunta “o que isso tem a ver com o grê-nal dos 11×0?!” [...]

- exclamações justapostas, para assinalar exagero, a exemplo de (22):

> (22) Na página do Facebook "Moça você é machista" o post dizia: "Evidente né... porque meninos brincam de carrinho e usam azul e meninas brincam de boneca e usam rosa... **só que não**!!!". A acusação foi compartilhada por 593 usuários e curtida por 1.295 pessoas da rede social. [...]

Independentemente, porém, da existência de marcação gráfica a reforçar a ironia presente na construção [só que X_{Adv}], é indiscutível a convencionalização do significado irônico associado à forma – tanto é que são escassos os casos, a julgar pelo *corpus* aqui composto, que apresentam tal configuração. Logo, [só que X_{Adv}] prescinde de qualquer espécie de reforço gráfico para ser o marcador irônico que é.

Isso posto, tendo em vista que, segundo Lehmann e Bergs (2021), a ironia construcional envolve (i) uma estrutura formal esquemática, (ii) uma associação convencional com efeito irônico e (iii) um desvio interpretativo em relação ao sentido literal, [só que X_{Adv}] satisfaz todos os critérios elegíveis de uma ironia construcional, haja vista consistir em construção esquemática com valor pragmático fixo que opera como marcador de ironia reconhecível pela comunidade linguística.

6.2.1 Graus de intensidade de negação da ironia construcional [só que X_{Adv}]

Uma vez que [só que X_{Adv}] pode ativar diferentes intensidades de negação, como vimos elucidando ao longo do **Capítulo 6. Análise**, faz-se oportuno que proponhamos uma escala para o fenômeno, indo da refutação mais fraca e modulada à mais forte e categórica – gradação que, necessariamente, é não apenas semântica mas também pragmática.

Para tanto, no Quadro 14, a seguir, elencam-se todas as construções de valor negativo reveladas pelo *corpus*, cada qual acompanhada de uma ocorrência já referida em algum momento do presente capítulo e de breve observação acerca do tipo de função semântico-pragmática correspondente. Desprezar-se-ão, entretanto, duas microconstruções: *só que sim* e *só que infelizmente não*:

> (6) A Uruguaia poderia se chamar "O Argentino", porque é mais sobre o escritor Lucas Pereyra do que sobre Magalí Guerra Zabala, codinome Guerra, a linda moça que ele conheceu e beijou no verão passado, durante um festival literário. Escritor e marido em crise, resta a Lucas viver uma fantasia a pleno vapor. Mas não precisava ter deixado a caixa de mensagens aberta no computador de casa… ir de uma margem a outra é realidade e metáfora: o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que sim**. [...]

> (14) Pessoal, desculpe não ter postado semana passada um novo conto da Ann, estou sofrendo com uma gripe e é semana de provas na Universidade, então já conseguem imaginar como a minha vida está gostosinha nesse momento, **só que infelizmente, não**:/ [...]

Isso porque, em (6), o que há é reiteração irônica, e não negação, dado que *só que sim* se configura como construção de contraexpectativa com valor positivo. Assim, seria desarrazoado incluí-la em uma gradação de força da negação[100].

Já em (13), claramente há negação, mas, destoando de todas as demais construções de contraexpectativa com valor negativo, *só que infelizmente não* revela muito mais uma atitude da falante acerca da situação por ela descrita e vivida. Em outras palavras, o modalizador "infelizmente", nessa ocorrência, não incide sobre a refutação, modificando-a em algum grau, para menos ou para mais; manifesta, a bem da verdade, uma avaliação subjetiva – no caso, indesejada – no que concerne ao fato de a "vida [da falante] não estar gostosinha nesse momento". Por essa razão, ela também não consta da classificação a ser proposta, tendo em vista que consideramos o critério de realização do evento vinculado à negação.

Quadro 14 – Construções e funções: quadro geral

Construção	Ocorrência	Observação
só que não mesmo	(4) O público não teve dúvidas sobre quem foi o pai mais fofo (**só que não mesmo**) da novela. Disputando com Zé Maria e Romero Rômulo, Gibson venceu com 59,3% dos votos. [...]	Negação irônica com intensificador/reforçador de valor enfático, o que a fortalece. <u>Negação total</u>
só que talvez não	(5) A primeira enquete sobre tendências de moda teve uma participação tão bacana de vocês que resolvi fazer uma dobradinha! Separei mais algumas modinhas tem-que-ter no armário (**só que talvez não**!), e pergunto: entre elas,	Negação irônica com modalizador de valor de dúvida, o que a enfraquece. <u>Negação parcial</u>

[100] Como já referido, Cunha Lacerda (2018) atestou *só que claro* – microconstrução que se junta a *só que sim* na reiteração irônica. Nesse caso, em termos de intensidade de reiteração, fazemos nossas as palavras da pesquisadora: "[...] este padrão microconstrucional [em referência a *só que claro*] é [+intersubjetivo] do que o anterior [em referência a *só que sim*]" (Cunha Lacerda, 2018, p. 194). Em outros termos, tendo em vista que, quanto maior a intersubjetividade envolvida, mais expressivo e veemente se é, *só que sim* parece reiterar com menos vigor que *só que claro*, pelo que poderíamos estabelecer a seguinte gradação: **só que sim < só que claro**. Entretanto, como se trata de construção carente de subsídios mais robustos, tal escalaridade de afirmação não será considerada no âmbito da presente investigação.

	vocês topam tudo, ou deuzolivre de alguma coisa? [...]	
só que também não	(9) [...] Verdade, JC, **SÓ QUE NÃO**. JC completou que não aceitava ganhar menos de mil estalecas na prova da comida, porque nunca mais ia passar necessidade na vidaaa. Sentimos dó do JC. **Só que também não**… [...]	Negação irônica com intensificador/reforçador de valor somatório-coesivo, o que conecta negações e promove coesão. <u>Negação total</u>
só que jamais	(17) Na hora, me lembrei de uma amiga que foi fazer intercâmbio em Sidney, na Austrália. Quando os amigos, cada um de uma parte do mundo, peguntavam como se dizia "oi, tudo bem?" em português, minha amiga explicava que era "e aí, o que que tá pegando?". Obviamente, depois ela passava mal de rir ao recordar eles tentando falar essa expressão que, nossa, a gente usa todo dia... **Só que jamais**. [...]	Negação irônica categórica, o que potencializa a impossibilidade permanente de um evento. <u>Negação total e permanente</u>
só que nunca	(21) A outra corneta famosa é aquela: "O Grêmio ganhou um gre-nal de 10×0", mas você sabia que o Internacional já venceu um grê-nal por 11×0? E quem publicou isso foi o próprio David Coimbra, o maior grêmista da imprensa gaúcha (mentira, ele diz que não tem time, compreensível devido sua imparcialidade. **Só que nunca**, haha). [...]	Negação irônica categórica, o que potencializa a impossibilidade permanente de um evento. <u>Negação total e permanente</u>
só que não	(22) Na página do Facebook "Moça você é machista" o post dizia: "Evidente né... porque meninos brincam de carrinho e usam azul e meninas brincam de boneca e usam rosa... **só que não**!!!". [...]	Negação irônica prototípica. <u>Negação total</u>

Fonte: elaboração própria.

Com base no Quadro 14, teçamos algumas considerações.

A primeira diz respeito ao fato de que, se, por um lado, classificamos como *negação total* toda e qualquer negação que, desprovida de modalizador de valor de dúvida, não sofre suavização em nenhum grau, por outro toda e qualquer negação que, provida de modalizador de valor de dúvida, veicula refutação suavizada implica *negação parcial*.

Ademais, um intensificador/reforçador de valor enfático, a exemplo de "mesmo" em *só que não mesmo*, intensifica a refutação, enquanto um modalizador de valor de dúvida, como "talvez" em *só que talvez não*, a ameniza, mas nem sempre um intensificador/reforçador exercerá o papel de potencializar a negação e o modalizador, o de modalizá-la, justamente porque há uma multiplicidade de valores por eles expressos.

Em caráter ilustrativo, esse parece ser o caso de *só que também não*. Trata-se de ironia construcional acompanhada de intensificador/reforçador, mas cujo papel não é fortalecer a negação, como seria de esperar. Aqui, o advérbio "também", apesar de incidir diretamente sobre a refutação, o que faz é apenas conectar duas ou mais negações e, em decorrência disso, funcionar como elemento coesivo, contribuindo para conferir uniformidade ao texto – daí o valor somatório-coesivo. Poderíamos dizer, portanto, que configura construção coadjuvante, no sentido de não carregar consigo força própria por depender de uso anterior de *só que não* para soar adequada.

Convém frisar, nesse aspecto, que *só que também não*, a despeito da presença de intensificador/reforçador, consiste, assim como *só que não*, em negação irônica prototípica, estando as duas construções em grau de igualdade em termos de força de negação e, por isso, sendo ambas nossa referência inicial para a classificação.

Assim, o Quadro 15 apresenta parte dessa escala, no tocante à força de negação.

Quadro 15 – Classificação de *só que não mesmo*, *só que também não* e *só que talvez não* em relação a *só que não* quanto à força de negação

Construção	Tipo de negação	Intensidade de negação
só que não mesmo	Intensificada	1
só que também não	Prototípica	0
só que não	**Prototípica**	**0**
só que talvez não	Enfraquecida	-1

Fonte: elaboração própria.

Ressalte-se que atribuímos a intensidade numérica 0 a *só que não* e a *só que também não* apenas por constituírem ponto de partida e consistirem na negação-padrão. Dito de outro modo, não se está, com essa representação, aventando a possibilidade de que não haja refutação.

Ainda a esse respeito, conferimos a *só que talvez não* intensidade abaixo de 0, porque seu grau de refutação é inferior ao de *só que não* – e não porque inexista negação. Por fim, a *só que não mesmo*, designamos intensidade acima de 0, porque dotado de advérbio que reforça a negação.

No Quadro 16, dando continuidade à classificação iniciada no quadro anterior, dispomos o restante das ironias construcionais em estudo.

Quadro 16 – Classificação de *só que nunca* e *só que jamais* em relação às demais ironias construcionais quanto à força de negação

Construção	Tipo de negação	Intensidade de negação
só que jamais	Enfática	2
só que nunca	Enfática	2
só que não mesmo	**Intensificada**	**1**
só que também não	**Prototípica**	**0**
só que não	**Prototípica**	**0**
só que talvez não	**Enfraquecida**	**-1**

Fonte: elaboração própria.

Atentemos, desta feita, para *só que nunca* e *só que jamais*.

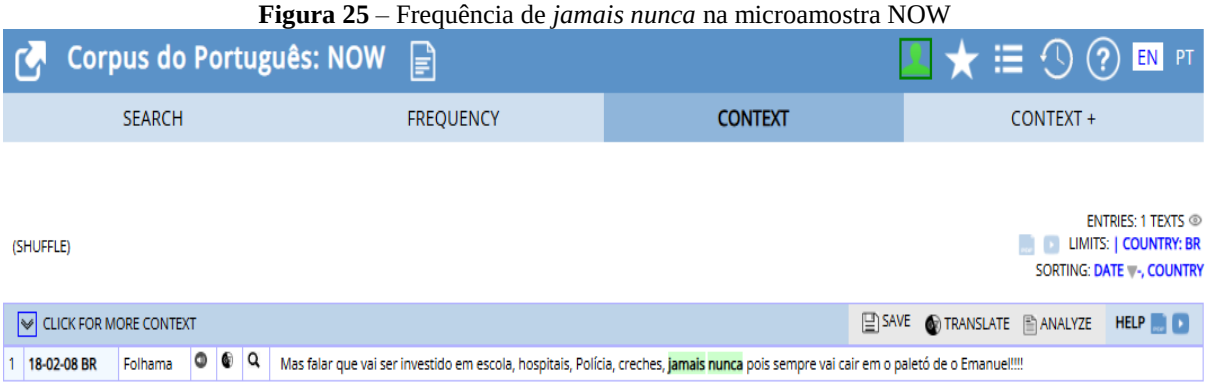
Tanto "nunca" quanto "jamais" são temporais, o que lhes imprime uma negação categórica e permanente – alcance temporal que nenhum dos demais advérbios a ocupar o *slot* X se mostra capaz de reverberar. Nessa mesma direção, verificam-se também, segundo O Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2016), aplicados os mesmos cuidados já explicitados no **Capítulo 5. Metodologia**, construções em que tais advérbios aparecem combinados, como *nunca jamais*, mais recorrente, e *jamais nunca*, menos frequente.

Na microamostra NOW, por exemplo, consoante as Figuras 24 e 25, são 14 entradas para *nunca jamais* e 1 para *jamais nunca*.

Figura 24 – Frequência de *nunca jamais* na microamostra NOW

Fonte: Davies e Ferreira (2016).

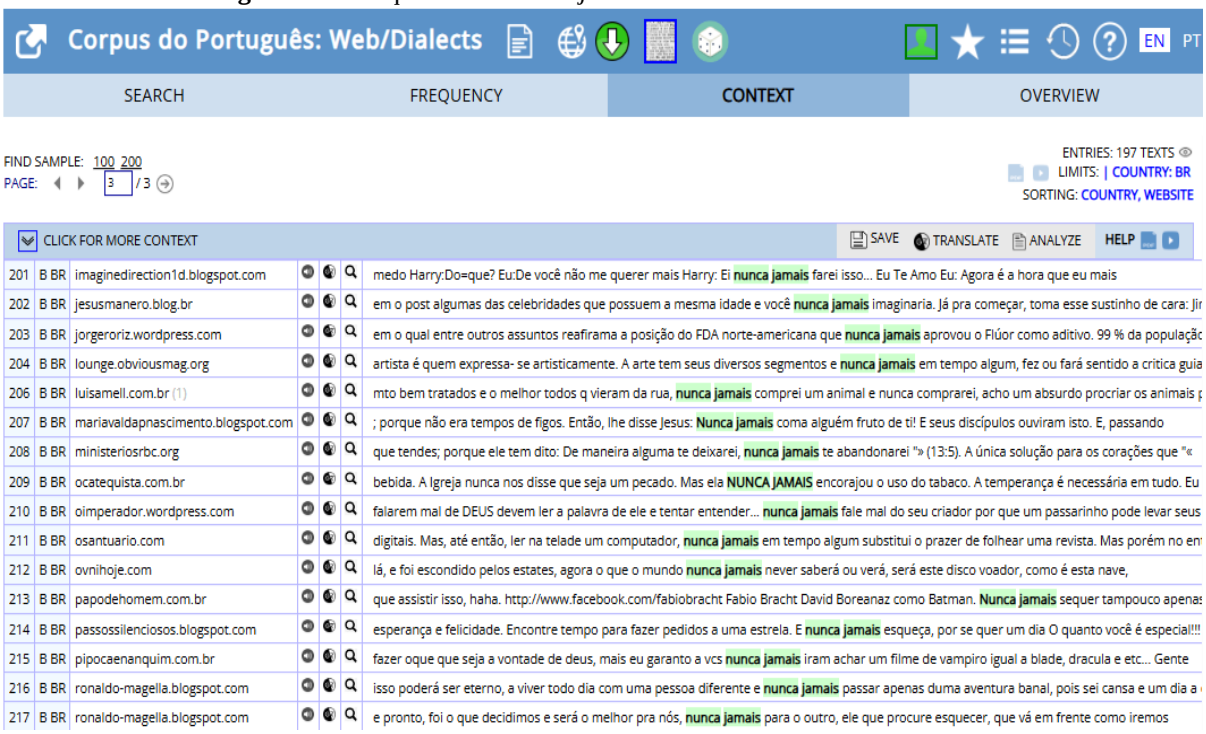
Figura 25 – Frequência de *jamais nunca* na microamostra NOW



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

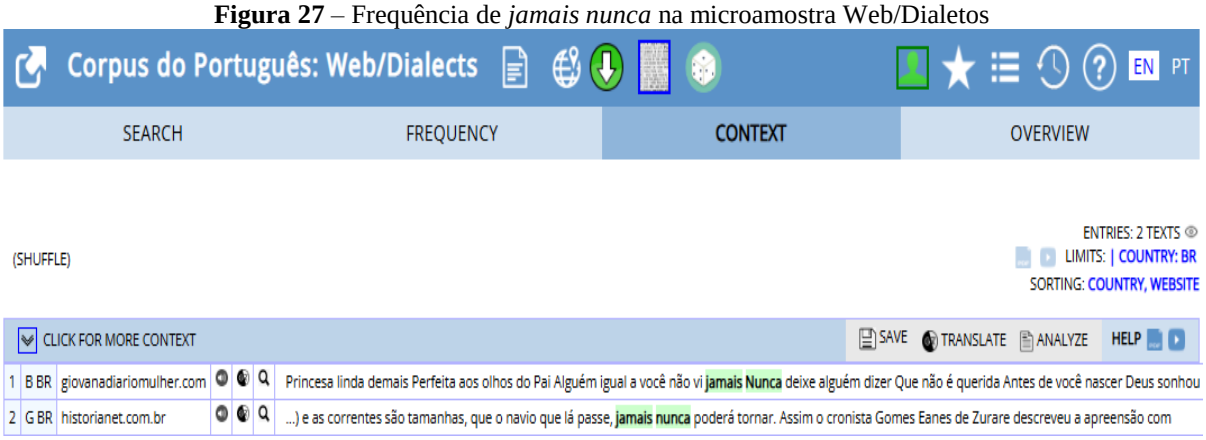
Já no tocante à microamostra Web/Dialetos, são 217 entradas para *nunca jamais* e 3 para *jamais nunca*, como expõem as figuras a seguir.

Figura 26 – Frequência de *nunca jamais* na microamostra Web/Dialetos



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Figura 27 – Frequência de *jamais nunca* na microamostra Web/Dialetos



Fonte: Davies e Ferreira (2016).

Faça-se constar, a esse propósito, que tais construções têm registro até mesmo no cânone literário brasileiro, representado por escritores como Machado de Assis e Guimarães Rosa:

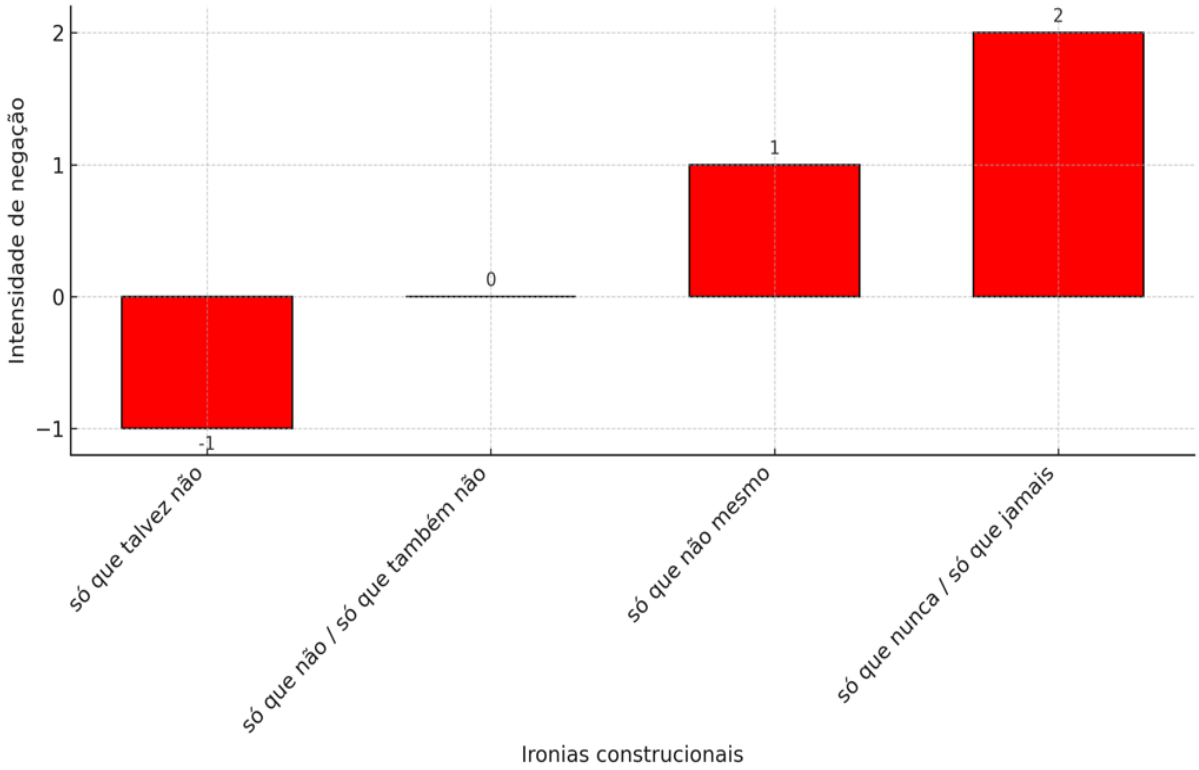
> Marcela juntava-as todas dentro de uma caixinha de ferro, cuja chave ninguém **nunca jamais** soube onde ficava; escondia-a por medo dos escravos. A casa em que morava, nos Cajueiros, era própria. Eram sólidos e bons os móveis, de jacarandá lavrado, e todas as demais alfaias, espelhos, jarras, baixela, – uma linda baixela da Índia, que lhe doara um desembargador (Assis, p. 17, 1881, grifo nosso).

> Só, e no mais: sem ti, **jamais nunca** – Minas, Minas Gerais, inconfidente, brasileira, paulista, emboaba, lírica e sábia, lendária, épica, mágica, diamantina, aurífera, ferrífera, ferrosa, férrica, balneária, hidromineral, jê, puri, acroá, goitacá, goianá, cafeeira, agrária, barroca, luzia, árcade, alpestre, rupestre, campestre [...] (Rosa, np, 2019, grifo nosso).

Assim sendo, tal cenário só corrobora a igualdade dos advérbios *nunca* e *jamais* como construções de negativa absoluta. O fato de, quando combinados em qualquer que seja a ordem, eles intensificarem um ao outro, como vimos há pouco, revela que ambos tanto encerram a mesma força de negação quanto se atrelam ao mesmo tipo de refutação, conforme o Quadro 16 – motivo pelo qual representam a negação irônica máxima.

Dessa maneira, tomemos o gráfico a seguir, que evidencia, em ordem crescente, como a negação se intensifica desde *só que talvez não* até *só que nunca* e *só que jamais*.

Figura 28 – Escalaridade de negação das ironias construcionais [só que X_{Adv}]



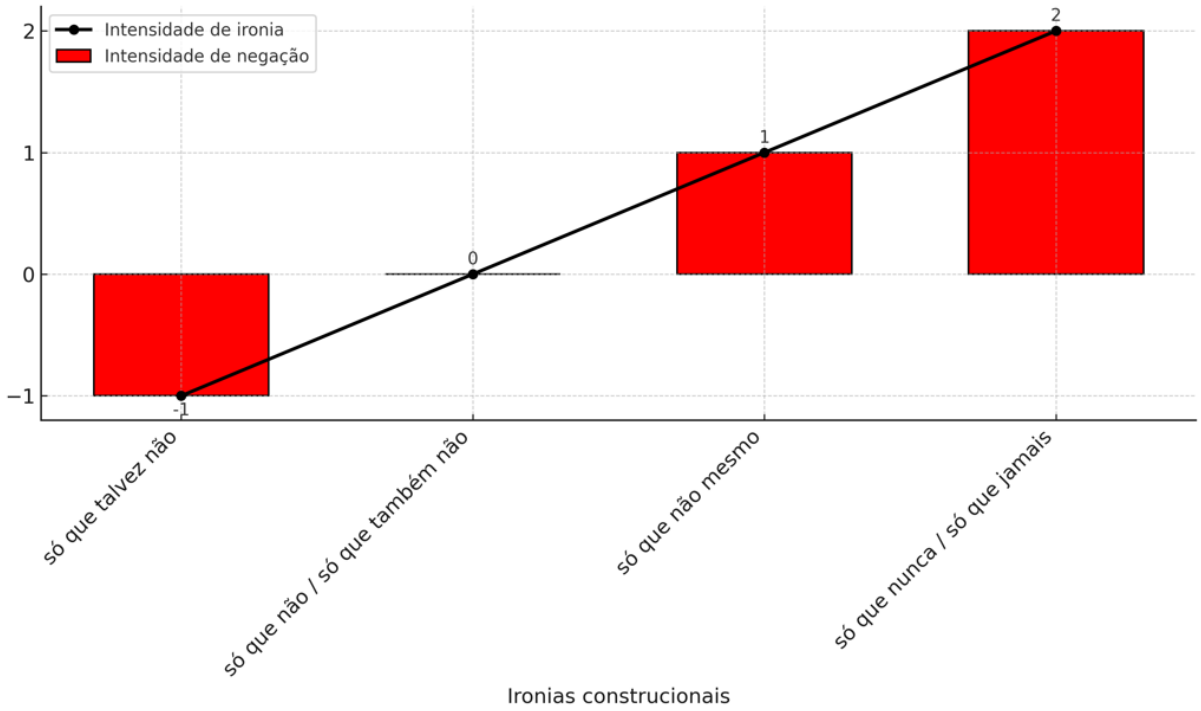
Fonte: elaboração própria.

Temos ciência, nesse sentido, da relação existente entre o grau de negação e o grau de ironia das construções em questão, visto que se mostram grandezas diretamente proporcionais. Isso se deve ao fato de o efeito irônico emergir justamente do descompasso entre uma afirmação e a refutação que a segue. Em outros termos, a ironia é capaz de amenizar a negação – "um ato ameaçador da face" (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, 2017, p. 6) – e, concomitantemente, de fortalecer-lhe o sentido e ampliar-lhe o alcance; graças a isso, quanto mais força o operador de negação encerra, mais incisiva é a recusa da proposição anterior e mais potente é o efeito irônico.

Em face do exposto, é coerente que, retomando a Figura 28, a intensificação da refutação seja explicitamente acompanhada pela da ironia, o que significa que, à medida que a

negação ganha força, a ironia também o faz. Nesse âmbito, a Figura 29, a seguir, ilustra esse movimento coordenado, em que a linha pontilhada descreve a ascendência do componente irônico.

Figura 29 – Relação entre negação e ironia



Fonte: elaboração própria.

Conclui-se, pois, que a gradação tanto dos advérbios de negação em estudo quanto do efeito irônico correspondente possibilita posicionar as construções ao longo de um contínuo escalar, de *só que talvez não*, de valor enfraquecido, a *só que nunca* e *só que jamais*, de negação categórica e permanente. Como já se ressaltou, parte-se de -1 por mera representação; a negação e a ironia são aspectos irrefutavelmente sempre presentes.

Logo, do ponto de vista de realização do evento sobre o qual incide a refutação, a escala que se estabelece é a seguinte:

só que talvez não < só que não = só que também não < só que não mesmo < só que nunca = só que jamais[101]

[101] Já conhecemos a microconstrução *só que never*, atestada por Cunha Lacerda (2018). De acordo com a pesquisadora, ela seria mais intersubjetiva do que *só que nunca* e menos do que *só que jamais* e, por isso, se situaria entre uma e a outra em um contínuo escalar de força de refutação: **só que nunca < só que never < só que jamais**. Divergimos de Cunha Lacerda (2018) nesse aspecto. Isso, porque, embora concordemos em que *só que never* implique crítica negativa e caráter irônico "mais expressivos e veementes" (Cunha Lacerda, 2018, p. 193) do que *só que nunca*, entendemos *só que jamais*, conforme o exposto, em igualdade de força de negação com *só que nunca* – razão pela qual consistem em construções intercambiáveis. Assim, considerando-se *só que never*, nossa gradação teria a mesma configuração já apresentada no corpo do texto, mas com o acréscimo da microconstrução como grau máximo de refutação irônica: **só que talvez não < só que não = só que também não < só que não**

6.3 A ironia construcional como fenômeno de ponto de vista

6.3.1 Perspectivação de [só que X_{Adv}] com valor negativo

Consideremos o exemplo (23):

> (23) E o F1 Ladies começa com nossa amada (**só que nunca**) Palitoviska! Estavam com saudades da nossa cabide de regime? Bem low profile, a mocinha desfilou de calça restart e vestido de crochê bem basiquinho "semgracinha"...

A ocorrência em questão constitui um dos textos do blogue *Octeto Racing Team*, que, segundo as idealizadoras, nasceu logo depois do Grande Prêmio de Fórmula 1 de Nürburging, na Alemanha: "[...] sempre brincávamos que deveríamos formar a nossa equipe dos sonhos, com nossos pilotos favoritos, para que estes tivessem todos os privilégios possíveis e impossíveis. Uma vez criada a equipe, só faltava um nome [...]" (Octeto Racing Team, 2025, [s.p.]).

A disputa alemã, a propósito, foi marcada por uma série de acidentes que fortes chuvas provocaram. Lewis Hamilton, líder do campeonato até então, se envolveu em um deles; tendo, contudo, podido voltar a correr na mesma prova, terminou em nono lugar e, pela primeira vez, deixou de pontuar na F1.

Com "diversão, crítica e informação" (Octeto Racing Team, 2025, [s.p.]), o objetivo do blogue é tratar do universo do automobilismo em uma perspectiva unicamente feminina, justamente o que faz (23), ao avaliar, em duas fotos, o vestuário da acompanhante de um dos pilotos, apelidada pelas blogueiras de Palitoviska: uma clara junção de *palito*, em referência ao corpo esguio da mulher, e *-viska*, terminação comum de nomes próprios do Leste Europeu.

Primeiro, evoca-se o adjetivo "amada", como se assim ela de fato o fosse tanto pelas responsáveis pelo blogue quanto pelas leitoras, supostas simpatizantes do conteúdo ali abordado. Em seguida, porém, por força de *só que nunca*, a admiração é refutada irônica e veementemente – contraste que provoca uma mudança de perspectiva.

Se, entretanto, (23) fugisse à exemplaridade do nosso fenômeno e apresentasse complemento explícito – no caso, a repetição do verbo *ser*, como já sabemos –, teríamos (23a):

> (23a) E o F1 Ladies começa com nossa amada (**só que nunca** [será]) Palitoviska!

Em (23a), percebe-se que a ironia esmaece, em decorrência de explicitação verbal logo depois da construção *só que nunca*. Nesse sentido, de acordo com Lehmann e Bergs (2021),

---

mesmo < só que nunca = só que jamais < só que never. Entretanto, por se tratar de construção carente de subsídios mais robustos, sua inclusão não será contemplada no âmbito da presente investigação.

não pode ocorrer mudança de perspectiva, porque se muda a ordem das partes constituintes da ironia construcional, o que, considerando as idiossincrasias de [só que X_{Adv}], poderia ser entendido, por exemplo, como quando há a apresentação de complemento não encapsulado.

Vale frisar, no entanto, que não se está dizendo que (23a) não possa soar irônico, mas que, para isso, seria preciso explorar outros recursos, para além de arranjos de ordem sintático-gramatical.

Tendo em vista, pois, que ironias construcionais, quando convencionalmente irônicas, ativam múltiplos pontos de vista e provocam mudança de perspectiva, sua existência significa algumas implicações. No nosso caso, nenhuma das construções advindas de [só que X_{Adv}] apresenta concorrente literal relevante; assim, o único sentido interpretativo possível, em face de qualquer uma delas, é o irônico.

Ainda a esse respeito, fato é que a interpretação de uma ironia construcional, como já vimos, parece ser processo de uma só etapa, por ser o sentido irônico preferível ao literal ou o único existente, o que faz dela um desafio às teorias mais influentes sobre ironia. Claramente incapazes de elucidar o fenômeno das ironias construcionais, conforme já expusemos no **Capítulo 3. Ironia**, mais especificamente ao longo da seção **3.1 Definição**, tais teorias, tanto nas suas premissas quanto nos seus entraves, são brevemente retomadas, para maior clareza, no quadro a seguir.

Quadro 17 – Síntese das teorias mais influentes sobre ironia

Proponente(s)	**Premissa**	**Entrave**
Attardo (2000) *Teoria da inadequação*	A ironia se relaciona tematicamente ao discurso anterior, mas, de certa forma, é inadequada ao contexto. É válida no caso de ironias inéditas e, em um primeiro contato, no de ironias construcionais.	Assim que o significado irônico se enraíza, passa a ser adequado, no sentido de que suas condições contextuais são atendidas. Consequentemente, considerar a ironia como contextualmente inadequada se torna incoerente.
Giora (1995) e Giora, Fein e Schwartz (1998) *Teoria da negação indireta*	No caso de ironias inéditas, acessa-se, primeiro, o sentido literal e, depois, o não literal; a diferença entre ambos é, então, computada. Complementarmente, a hipótese da saliência graduada prevê que, em se tratando de expressões idiomáticas irônicas, o significado literal e o não literal são acessados simultaneamente, e não de forma	No caso de ironias construcionais, não há a ativação concomitante de dois significados.

	sequencial, ou seja, ambos os significados são mantidos até que se chegue à interpretação irônica.	
Wilson e Sperber (2012) *Teoria da menção ecoica*	A ironia alude a alguma proposição anterior (implícita ou explícita), à qual o falante responde com distanciamento, expressando crítica, escárnio, reprovação, etc. Centra-se, portanto, na dimensão pragmática do fenômeno irônico, isto é, no modo como o significado irônico emerge do contexto comunicativo, da intenção do falante e do reconhecimento dessa intenção. Pode abarcar ironias construcionais, mas com lacunas.	Ao descrever o que a ironia faz (alude a algo e expressa distanciamento), mas não explicar por que certas construções se tornam veículos preferenciais para isso nem como a forma gramatical/fonológica contribui diretamente para o efeito irônico, atesta-se a ausência de uma ligação forma-função.
Ruiz de Mendoza Ibáñez (2017) e Ruiz de Mendoza Ibáñez e Lozano-Palacio (2019) *Teoria da modelagem cognitiva*	A ironia ativa tanto um cenário observado/irônico quanto um ecoado/literal; no processamento desses cenários, as pressuposições do cenário ecoado/literal são canceladas, devido ao conflito entre eles. Tal processo implica, pois, uma ativação e um cancelamento.	Apesar de associar forma a função, preenchendo lacuna da teoria anterior, falha-se ao pressupor que ironias construcionais dependam de um processo de cancelamento. Uma vez enraizado e imediatamente ativado o significado irônico, não há, na verdade, cenário ecoado.

Fonte: elaboração própria.

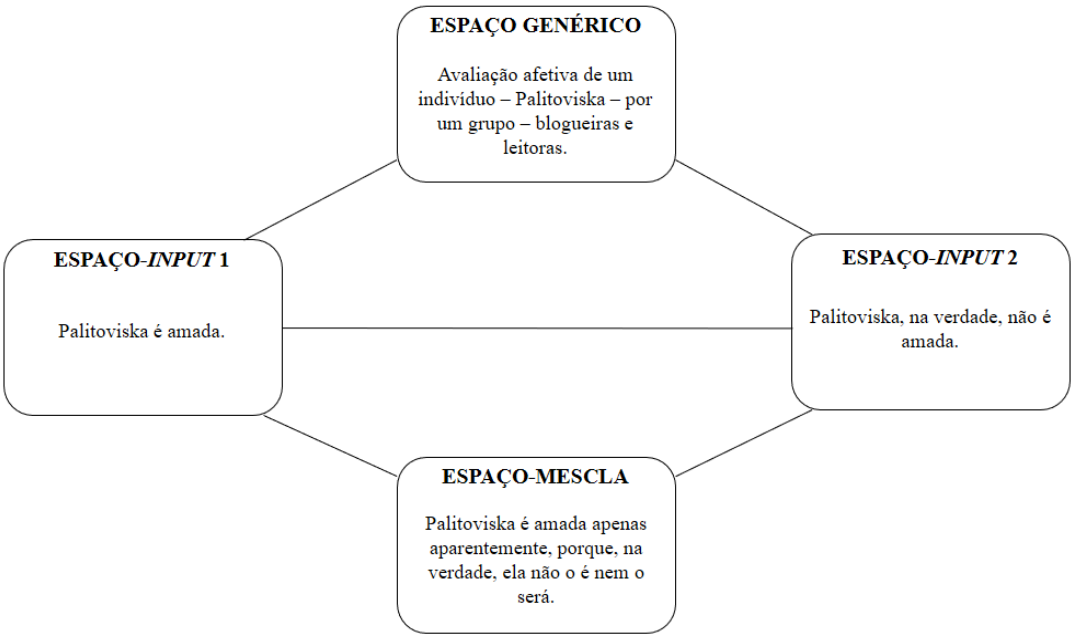
Diante do exposto, reitere-se que nenhum desses paradigmas entenderia de maneira satisfatória o fenômeno irônico manifesto por meio de ironias construcionais.

Isso porque, à luz de Attardo, por exemplo, como tratar como inadequado ao contexto o único sentido possível veiculado por (23), claramente irônico? No que se refere a Giora (1995) e Giora, Fein e Schwartz (1998), qual seria o sentido literal de (23) para que, coexistindo com o irônico, ao fim se chegasse à interpretação irônica como prevalente? Quanto a Wilson e Sperber (2012), por sua vez, como explicar que (23) ativa uma leitura já irônica mesmo isolado ou descontextualizado? Por fim, no que tange a Ruiz de Mendoza-Ibáñez (2017) e Ruiz de Mendoza-Ibáñez e Lozano-Palacio (2019), o que configuraria o cenário ecoado/literal de (23) para que fosse ativado e, em seguida, cancelado?

Nesse âmbito, embora reconheçamos as inúmeras contribuições dessas diferentes teorias, há flagrantes limitações no que toca a construções com forma e função já convencionalizadas como marcadoras de ironia, como já expusemos. Logo, (23) e exemplos afins só podem ser explicados a contento quando sua ironia é entendida como fenômeno de ponto de vista, consoante Tobin e Israel (2012) – modelo teórico que, já se sabe, é complementado pela Teoria da Mesclagem Conceptual.

Sob a Mesclagem Conceptual, portanto, o que existe é a seguinte dinâmica para (23):

Figura 30 – Esquema da integração conceptual de (23)



Fonte: elaboração própria.

Com vistas a entendermos essa rede de integração conceptual da ironia, o espaço-base ancora a situação discursiva, a partir da qual se estabelecem os espaços coordenados. O espaço-*input* 1 representa o enunciado em sua superfície, em seu conteúdo factual/literal: retratando-se um ambiente de glamur associado a corridas de Fórmula 1, a acompanhante de um dos pilotos, apelidada de Palitoviska, parece ser conhecida do público e é referida como amada, o que conceptualiza um tom elogioso de aparente sinceridade.

Já o espaço-*input* 2 introduz o contraexame da situação, trazendo as informações que descontroem abruptamente a caracterização afirmativa anterior. Uma vez que, na verdade, tanto o blogue quanto o público desaprovam a mulher, evidencia-se o julgamento real acerca de Palitoviska: ela não é amada. Cumpre dizer, então, que *só que nunca* constitui um construtor de espaço, porque atua como gatilho linguístico que evoca o *input* 2 e conduz o processamento cognitivo.

No que concerne ao espaço genérico, oferece-se a estrutura abstrata necessária para que os espaços-*input* sejam contrastados e combinados em seus elementos comuns, a fim de expor um contrato de comunicação entre quem fala e quem ouve. No caso em questão, determinado grupo – as blogueiras e suas simpatizantes – compartilha uma avaliação de natureza afetiva cujo alvo é Palitoviska.

Desse modo, a partir de um mapeamento entre os espaços-*input*, emerge o espaço-mescla – produto do processo de mesclagem conceptual. Ao fundir seletivamente as informações contidas nos espaços anteriores, constrói-se um sentido emergente, diferente do conteúdo já existente: o desprezo ironicamente manifesto pela mulher. Dito de outra forma, o espaço-mescla faz emergir a ironia justamente do conflito insolúvel entre a expectativa de ser ela amada (*input* 1) e a realidade de ser odiada (*input* 2). Graças a um reenquadre – responsável por reorganizar cognitivamente a interpretação da situação para gerar mudança de perspectiva –, esse novo espaço passa a abrigar o conteúdo recém-combinado e processado, ou seja, a negação irônica e categórica da proposição.

Nessa mesma direção, faça-se constar que, resultado do processamento cognitivo de mesclagem (Neves, 2006), a ironia consiste em uma operação elementar na construção de sentido (Fauconnier; Turner, 2002). Isso se deve ao fato de que, ao estabelecer novas correspondências semânticas, tal operação potencializa a criatividade e a eficiência do falante, propiciando um entendimento dinâmico das interações humanas.

Já se sabe, aliás, que, no arcabouço da Teoria do Ponto de Vista, pressupõem-se dois espaços contrastivos: o da expectativa ou crença e o da avaliação real.

Nesse cenário, ao interlocutor caberia deduzir o segundo espaço, e não o primeiro, como sendo o do falante, o que acabaria por revelar a ironia em caráter de dependência tanto de inferência pragmática quanto de processamento cognitivo ativo. Em outras palavras, ao interlocutor, com base em pistas contextuais (linguísticas, prosódicas, visuais, etc.), assistiria rejeitar o ponto de vista literal e adotar o irônico, experienciando uma mudança de perspectiva. Assim sendo, a ironia, nos termos da Teoria do Ponto de Vista, se apresenta como resultado da inferência de perspectivação entre dois espaços mentais contrastivos.

Segundo Tobin e Israel (2012), a Figura 31 ilustra simplificadamente parte do processo que se daria quando o interlocutor se visse diante da ironia construcional própria do contexto de (23):

Figura 31 – Representação de afastamento de foco e adoção de perspectiva de nível mais alto em (23)

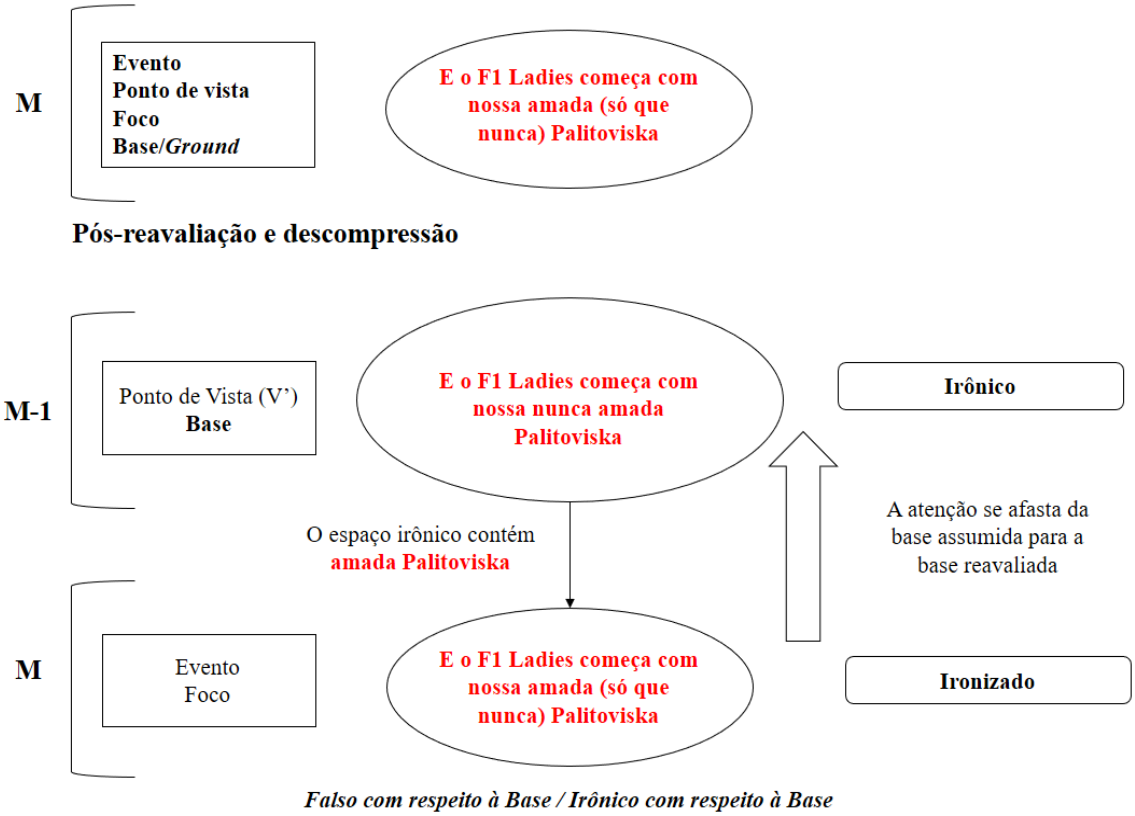
Fonte: elaboração própria.

Metaforicamente, é como se o alcance de visão – antes restrito ao círculo menor e, como consequência, focado no nível semântico – se ampliasse à medida que, ao mesmo tempo, se eleva e se afasta do foco cada vez mais, a ponto de passar a enxergar a totalidade da área – agora circunscrita ao círculo maior.

Como em uma foto aérea, é no momento em que o interlocutor adota a perspectiva de nível mais alto, relativa à pragmática, que a informação inicial é por ele reavaliada e a interpretação irônica, estabelecida. A essa mudança de perspectiva, pois, corresponde o reconhecimento da ironia.

A Figura 32, por seu turno, apresenta o todo da conceptualização de (23):

Figura 32 – Conceptualização de (23) com base na Teoria do Ponto de Vista



Fonte: adaptada de Tobin (2016, p. 61).

Na base assumida (M), o interlocutor, de acordo com as informações fornecidas pelo falante, estabelece como sentido "E o F1 começa com nossa amada Palitoviska". Quando a ironia, todavia, não apenas se faz presente como também é reconhecida ("só que nunca"), o que ocorre pós-reavaliação e descompressão, o interlocutor é forçado a reavaliar suas expectativas iniciais, chegando ao sentido pretendido pelo falante: "E o F1 começa com nossa nunca amada Palitoviska". A essa altura, então, a base reavaliada (M-1) passa a ser sua nova compreensão.

Em outras palavras, resgatando-se a definição de Dancygier (2017) de que perspectiva consiste em uma rede subjacente de pontos de vista, responsáveis por levar o interlocutor a uma interpretação específica, a ironia, quando notada, se torna gatilho para uma mudança de perspectiva: passa-se do ponto de vista de admiração, sustentado pela proposição de que é "nossa amada", para o de desprezo, veiculado pela construção "só que nunca" – processo que, a bem da verdade, não seria possível não fosse a coexistência de múltiplos pontos de vista.

Tal reavaliação requer, pois, que a atenção do interlocutor se desloque da base assumida para a reavaliada, o que significa que o interlocutor precisa ajustar seu foco e reconsiderar detalhes anteriormente percebidos.

Vale ressaltar, porém, que, em se tratando de uma ironia construcional, como é o caso aqui, que deixa de ser apenas efeito pragmático puramente contextual e se torna parte do sistema

gramatical como um padrão estável, reconhecível e produtivo, os processos cognitivos exigidos para sua compreensão (integração conceptual, mudança de perspectiva e distanciamento avaliativo) são inerentes à própria construção e, em virtude disso, ocorrem de modo automatizado. Dessa forma, o reconhecimento do componente irônico dispensa esforço inferencial extra, isto é, a inferência é disparada tão veloz e automatizadamente que o esforço cognitivo despendido é mínimo.

É nesse tocante que a aplicação clássica da Teoria do Ponto de Vista demonstra limitações escopais. Sob sua ótica, caso o interlocutor, por alguma razão, não aperceba o teor irônico presente em um exemplo como (23), muito claramente não haverá mudança de perspectiva nem sucesso na interação pretendida. Esse modelo, então, tende a considerar a ironia como um efeito pragmático dependente do sucesso inferencial do ouvinte em face do contexto.

Justamente por isso, Lehmann e Bergs (2021) propõem um refinamento do paradigma para que ele, incorporando as especificidades de uma ironia construcional, ganhe configuração mais apropriada. Evidenciando que o valor irônico pode estar convencionalizado na própria estrutura formal, os autores oferecem uma abordagem que explica como a rota de perspectivação é linguisticamente direcionada.

Ilustrativamente, a propósito, no quadro a seguir, destacam-se os deslocamentos epistemológicos entre Tobin e Israel (2012) e Lehmann e Bergs (2021).

Quadro 18 – Divergências epistemológicas entre Tobin e Israel (2012) e Lehmann e Bergs (2021)

Aspecto	**Tobin e Israel (2012)**	**Lehmann e Bergs (2021)**
Natureza da ironia	Pragmática, inferencial, contextual (dependente do enunciado)	Convencionalizada (inerente à construção)
Processamento	Exige esforço inferencial e mudança ativa de ponto de vista.	Atua de modo automatizado, por meio de rotas inferenciais rotinizadas.
Local do fenômeno	No uso discursivo	Na gramática
Status cognitivo	Atividade interpretativa	Conhecimento linguístico já armazenado no imaginário coletivo

Fonte: elaboração própria.

Como já se sugeriu, não se trata de perspectivas distintas, mas complementares. Cada qual, portanto, tem seu lugar, a depender da ênfase teórica, conforme se esclarece a seguir.

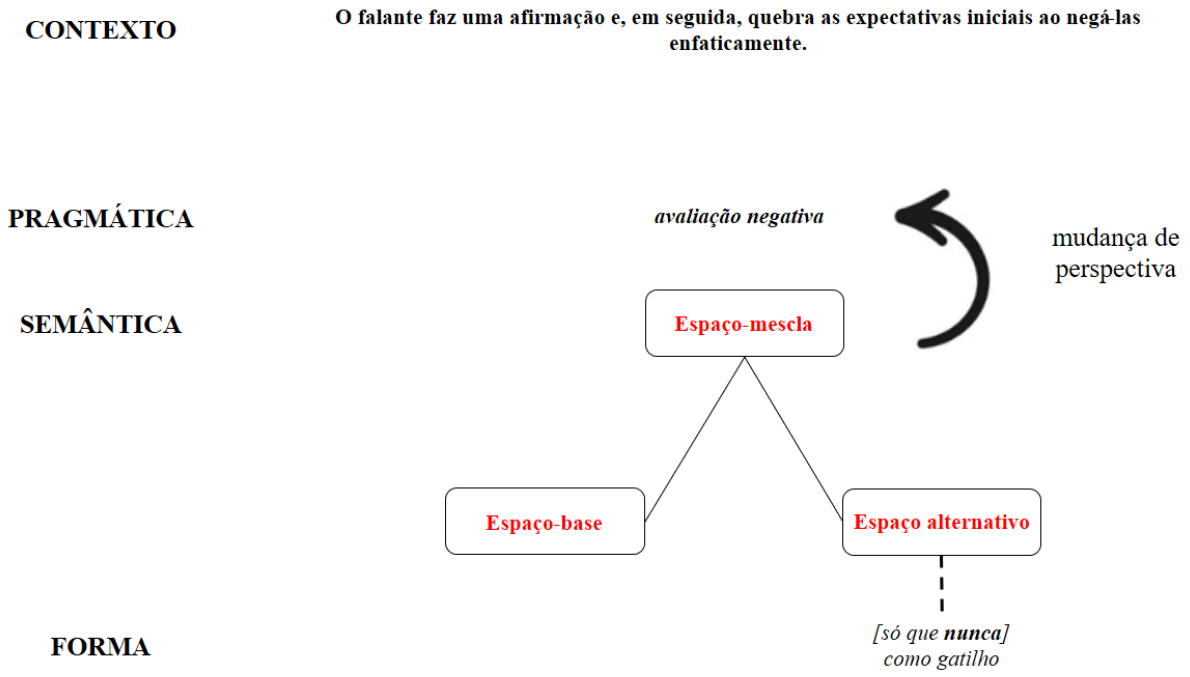
Se, por um lado, o foco for a origem cognitiva da ironia, a teoria do Ponto de Vista se manterá inteiramente pertinente. Conquanto, no processamento sincrônico imediato, a inferência não mais exija o mesmo esforço contextual, ela se operou ao longo de toda a linha de uso até a sedimentação do padrão, o que quer dizer que a rede de pontos de vista funda o padrão construcional. Dito de outro modo, o modelo é capaz de elucidar como a unidade se formou diacronicamente, ainda que não possa fazê-lo no que se refere a como é processada hoje.

Se, por outro, a ênfase recair sobre o processamento sincrônico, então a Teoria do Ponto de Vista perderá espaço. Isso porque o reconhecimento da ironia passa a ser resultado não mais de inferência adicional pelo interlocutor, mas de ativação imediata de um pareamento forma-função irônico, o que demanda uma descrição não só pragmática como também construcional. Nesse contexto, em que a inferência de mudança de ponto de vista, antes computada individualmente a cada uso, se cristaliza na construção e, por isso mesmo, se rotiniza, o refinamento de Lehmann e Bergs (2021) pode conceder tratamento mais satisfatoriamente adequado ao fenômeno.

Isso posto, tendo em vista que [só que X_{Adv}] configura ironia construcional e que nos interessa atestar seu processamento cognitivo no estado atual da língua – logo, em uma perspectiva sincrônica –, reconhecemos o aperfeiçoamento delineado por Lehmann e Bergs (2021) como indispensável para apreendermos a contento a natureza desse objeto de estudo.

Nesse âmbito, à luz de Lehmann e Bergs (2021), a Figura 33 exibe, ao relacionar forma e função, a perspectivação intrínseca que *só que nunca* desencadeia.

Figura 33 – Configuração da ironia construcional *só que nunca*



Fonte: adaptada de Lehmann e Bergs (2021, p. 334).

Em resumo, *só que nunca* ocorre sempre em contextos nos quais uma proposição, geralmente afirmativa, é negada, o que quebra as expectativas iniciais – conhecimento contextual que integra a construção e é armazenado como *frame*. Em (23), por exemplo, há a mesclagem de um espaço-base ("Palitoviska é amada") e um espaço alternativo ("Palitoviska, na verdade, não é amada"), que é disparado por *só que nunca* – daí a linha tracejada; do descompasso e da fusão seletiva entre ambos, emerge o espaço-mescla, em que o aparente elogio é descartado e ressignificado.

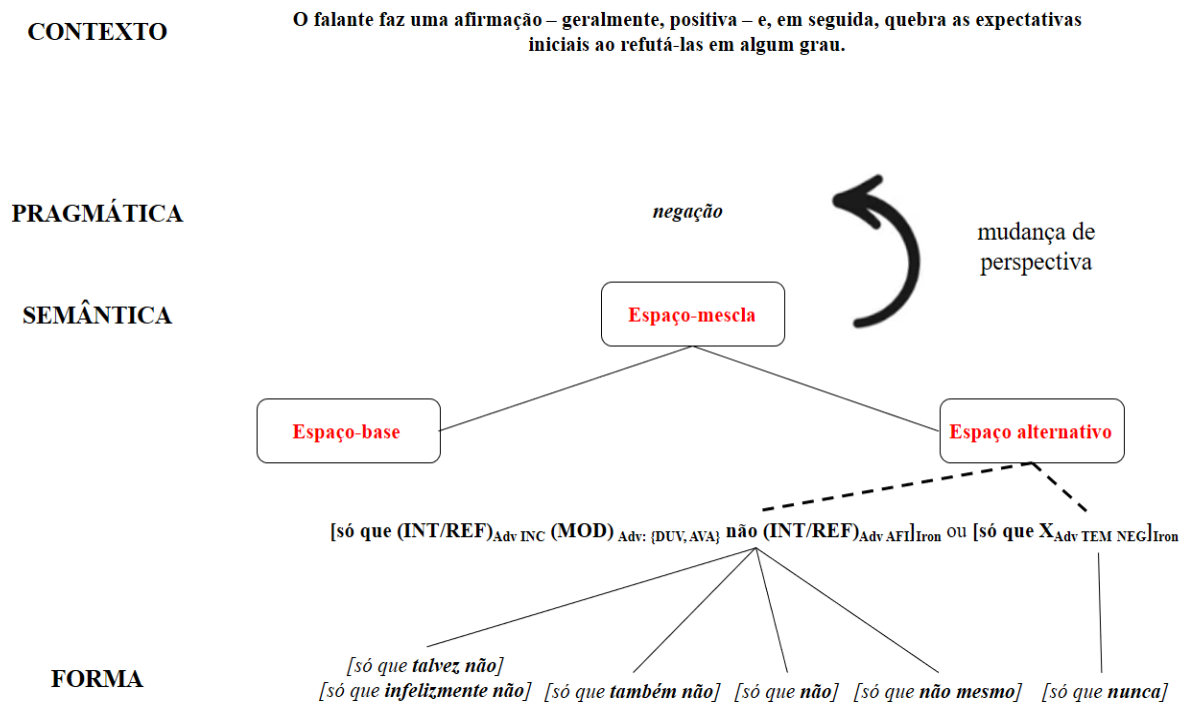
Ainda nesse sentido, como a construção é sintática e pragmaticamente independente, não exigindo estar embutida em contexto concessivo, o acesso à interpretação irônica se dá de modo direto e automatizado, sem que o interlocutor tenha a necessidade de, primeiro, recorrer ao sentido composicional para, em seguida, derivar a ironia.

Essa engenharia cognitiva só reforça a ironia como informação armazenada na própria construção, e não como processo de interpretação extra. Isso porque, uma vez enraizada, a ironia construcional é mecanismo cognitivo que, ao atuar como gatilho formal para a ativação do espaço alternativo, orienta a integração conceptual e faz surgir o efeito irônico emergente. No caso de *só que nunca* mais especificamente, essa estrutura não apenas leva à reinterpretação da afirmação inicial mas também promove uma inversão categórica, ancorando a mudança de perspectiva em um grau máximo de refutação.

Nesse cenário, justifica-se, pois, a representação da construção *só que nunca* em consonância com a Figura 33 e afirma-se que o mesmo raciocínio é aplicável às demais ironias construcionais de contraexpectativa com valor negativo, dado que o conjunto delas opera de igual forma, como vimos em **6.2.1 Graus de intensidade de negação da ironia construcional [só que X_{Adv}]**: quebram-se as expectativas iniciais por meio de advérbio de polaridade negativa com variação tão somente da intensidade.

Nessa mesma direção, então, a Figura 34 esquematiza a totalidade dessas ironias construcionais.

Figura 34 – Esquematização das ironias construcionais de contraexpectativa com valor negativo



Fonte: adaptada de Lehmann e Bergs (2021, p. 334).

6.3.2 Perspectivação de [só que X_{Adv}] com valor positivo

Com relação a *só que sim*, por sua vez, já fizemos conhecido seu *modus operandi*, na subseção **6.1.1 Propriedade de esquematicidade**. Por isso, retomemos o exemplo (6):

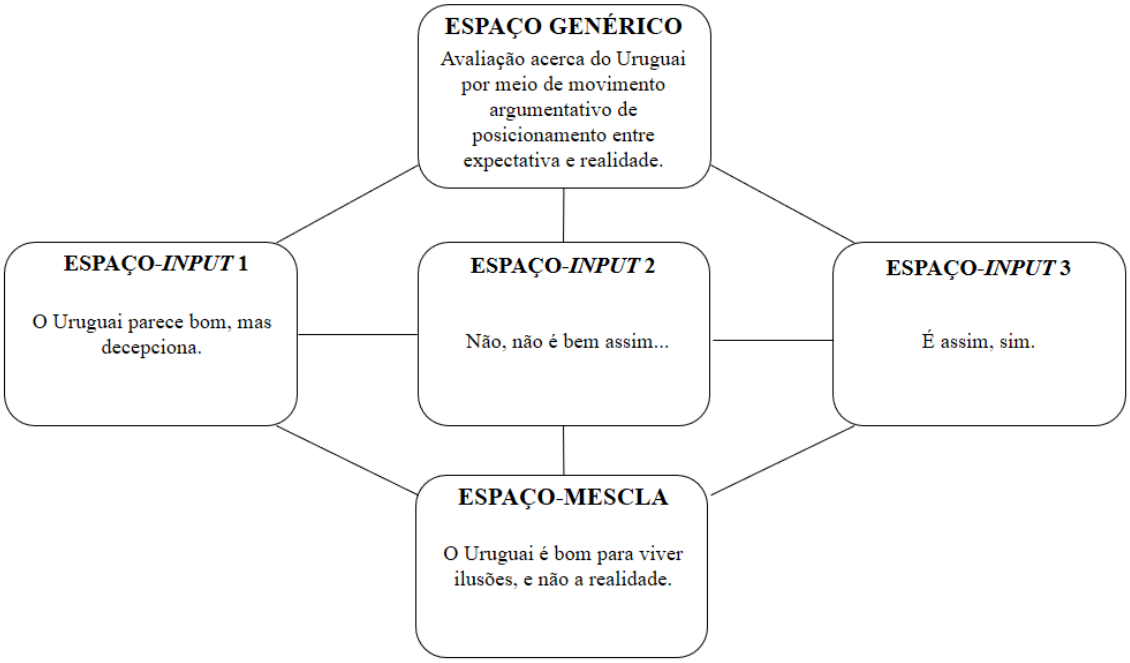
> (6) A Uruguaia poderia se chamar "O Argentino", porque é mais sobre o escritor Lucas Pereyra do que sobre Magalí Guerra Zabala, codinome Guerra, a linda moça que ele conheceu e beijou no verão passado, durante um festival literário. Escritor e marido em crise, resta a Lucas viver uma fantasia a pleno vapor. Mas não precisava ter deixado a caixa de mensagens aberta no computador de casa… ir de uma margem a outra é realidade e metáfora: o Uruguai é bom lugar para ilusões. **Só que sim**. [...]

Como já se discutiu, diferentemente das ironias construcionais de contraexpectativa com valor negativo, *só que sim* configura um reiterador de conteúdo, porque o papel que desempenha é o de reiterar a porção textual imediatamente anterior.

Apesar de o contexto preparar o interlocutor para uma condição restritiva ou objeção, a construção em questão não só contraria suas expectativas como também o surpreende ao mesmo tempo. Nesse aspecto, a incongruência entre a expectativa de restrição em algum grau e a reafirmação do conteúdo provoca uma mudança de perspectiva.

A título de ilustração, consideremos a Figura 35.

Figura 35 – Esquema da integração conceptual de (6)



Fonte: elaboração própria.

O *input* 1 diz respeito à ideia de o Uruguai parecer bom, mas não passar de ilusão e, por extensão, decepcionar; prevalece, então, um valor negativo.

Por seu turno, o *input* 2, disparado por *só que*, projeta um espaço de contraexpectativa, mesmo não tendo ainda recebido conteúdo dessa natureza. Desse modo, sugere-se uma restrição ou objeção, do tipo de "Não é bem assim" ou "Há poréns", como se, em seguida, o interlocutor esperasse ver de fato corroboradas suas expectativas de oposição.

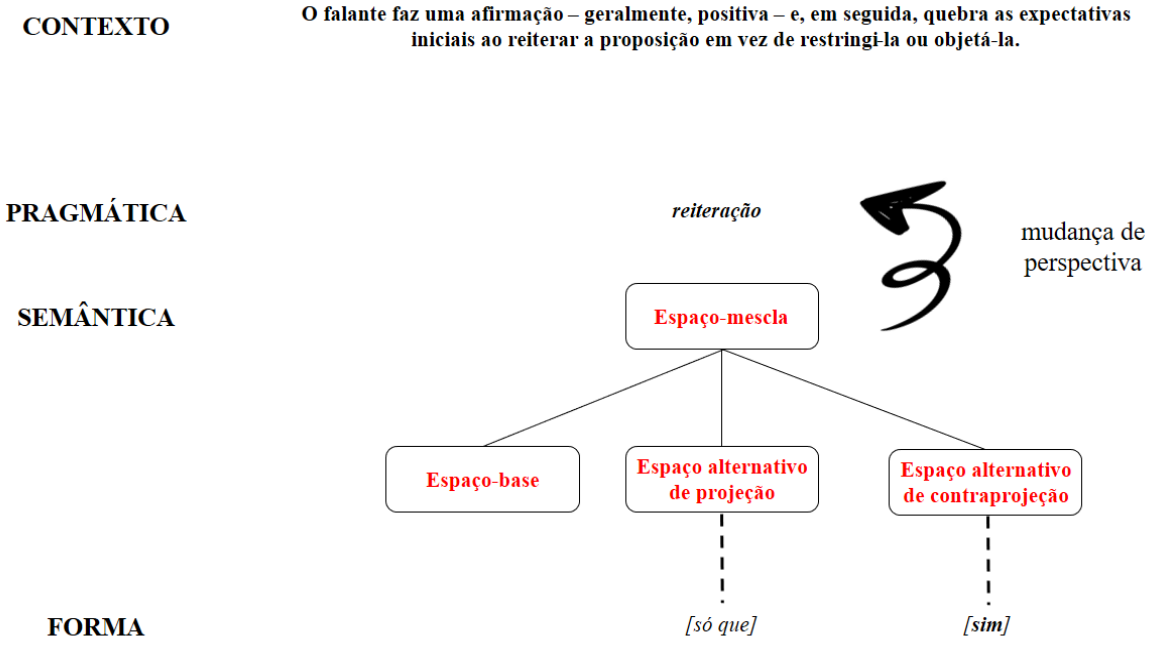
Já o *input* 3, disparado por *sim*, consiste em um espaço de confirmação enfática: não das expectativas recém-alimentadas, referentes ao *input 2*, mas do conteúdo do *input 1*, (i) cancelando a objeção esperada, (ii) reiterando, com carga pragmática nova, o espaço afirmativo inicial e, por fim, (iii) contrariando e, ao mesmo tempo, surpreendendo o interlocutor.

Como se verifica, portanto, *só que sim* constitui um *space builder* não prototípico, justamente por se fragmentar como gatilho. A despeito de não introduzir conteúdo novo, ele reorganiza cognitivamente a interpretação.

No processo de mesclagem, aliás, pode-se dizer que, do *input* 1, herda-se a avaliação negativa; do 2, a expectativa de restrição; e, do 3, a confirmação enfática. O espaço-mescla tem como resultado, então, uma tensão entre o que se projetara e o que se entregou: "[...] o Uruguai é bom lugar para viver ilusões, e não a realidade" – descompasso que, ironicamente, reforça a proposição inicial, por ter sobrevivido a uma tentativa fictícia de contestação, e que promove a mudança de perspectiva operada.

Assim, de acordo com Lehmann e Bergs (2021), observemos a configuração de *só que sim* como ironia construcional de contraexpectativa com valor positivo, em oposição à dinâmica estabelecida pelas ironias construcionais de valor negativo.

Figura 36 – Configuração da ironia construcional de contraexpectativa com valor positivo



Fonte: adaptada de Lehmann e Bergs (2021, p. 334).

No diagrama em questão, o *contexto* se refere a um cenário em que o falante faz uma afirmação sugestiva de objeção, mas, em seguida, quebra as expectativas do interlocutor ao, na verdade, reiterar a asserção, o que implica mudança de perspectiva. No *nível pragmático*, há uma reiteração irônica. Isso porque, utilizando-se de estrutura de oposição para, em alguma medida, invalidar a proposição anterior, a construção "brinca" com o interlocutor ao fazer o exato contrário e levá-lo a "tropeçar no caminho". Por sua vez, *semanticamente*, a informação

é separada em diferentes camadas de significado, representadas por três espaços-*input*, dois dois quais são disparados por *só que sim* fragmentado – daí a noção de *forma*.

Ainda nesse âmbito, cumpre acrescentar que, em relação a *só que nunca* e às demais microconstruções de contraexpectativa com valor negativo, em que a quebra de expectativas é única e o salto perspectival é igualmente único, *só que sim* tende a apresentar mais complexidade em termos de manobra cognitiva, uma vez que, como a quebra de expectativas é dupla, o salto perspectival é também duplo – razão pela qual, simbolicamente, a seta presente na Figura 36 é espiralada.

No entanto, ressalvadas essas diferenças de operação cognitiva, todas as possibilidades aqui estudadas, constantes do esquema [só que X_{Adv}], configuram ironias que são construtoras de espaço e acionadoras de perspectiva, demonstrando pareamento forma-função estável. Dessa maneira, encerramos, nesses termos, a análise construcional segundo o que propuséramos.

CAPÍTULO 7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, retomando os objetivos específicos e o geral, sintetizamos nossos resultados e propomos encaminhamentos.

7.1 Síntese dos achados

Esta pesquisa visou a, sincrônica e qualitativamente, evidenciar, sob a ótica cognitivo-funcional, a ironia presente em [só que X_{Adv}] como gatilho para a mudança de perspectiva experienciada pelo interlocutor e, como objetivo geral, estabelecer uma rede de construções que marcasse o ponto de vista irônico do falante no que se refere ao conteúdo expresso no enunciado. Para isso, contudo, perseguimos alguns objetivos específicos.

Nesse sentido, à luz das propriedades de Traugott e Trousdale (2013), demonstramos consistir em pareamento forma-função que configura construção cuja função pragmática vai além do sentido de suas partes componentes, o que corresponde ao nosso primeiro objetivo específico. Em resumo, observaram-se:

i) ganho de esquematicidade, uma vez que a abstração do esquema permite generalização e maior aplicabilidade, possibilitando a formação sistemática de construções e promovendo inovação linguística;

ii) ganho de produtividade, pois tanto a diversidade de itens já existentes, com diferentes advérbios a ocupar o *slot* X, quanto a capacidade de o esquema continuar licenciando padrões são flagrantes;

iii) perda de composicionalidade, já que a soma das partes individuais não é suficiente para que se estabeleça o real sentido dos pareamentos.

A propósito do objetivo de reunir evidências acerca do estatuto de ironia construcional, atestou-se que [só que X_{Adv}], muito mais do que uma construção empregada ironicamente, constitui uma forma especializada na marcação irônica. Dito de outro modo, dado que ironias construcionais se caracterizam por estrutura formal esquemática, efeito irônico convencionalizado e distanciamento da interpretação literal, [só que X_{Adv}] consolida-se como padrão esquemático de valor fixo que atua como marcador irônico plenamente compartilhado pela comunidade de fala.

Assim, a ironia se mostra gatilho para a mudança de perspectiva experienciada pelo interlocutor – nosso terceiro e último objetivo. Isso porque o componente irônico, sendo informação armazenada na própria construção, e não processo de interpretação extra, é ativado automatizadamente, sem que seja necessário esforço inferencial adicional do interlocutor para

seu reconhecimento. Em outros termos, a ironia construcional, ao atuar como gatilho formal para a ativação do espaço alternativo, deflagra e direciona a inferência irônica de maneira imediata.

Ainda nesse âmbito, dadas as claras limitações das teorias mais influentes sobre ironia, mesmo a Teoria do Ponto de Vista (Tobin; Israel, 2012) só apresenta plena capacidade de entender a manifestação irônica como fenômeno de ponto de vista quando refinada por Lehmann e Bergs (2021), em quem nos baseamos, pois, para afirmar a convencionalização do sentido irônico da construção.

A esse respeito, ao passo que as microconstruções de contraexpectiva com valor negativo promovem quebra única e, portanto, salto perspectival único, *só que sim* mostra maior complexidade em termos de operação de ordem cognitiva, já que tanto sua quebra de expectativas quanto seu salto perspectival são duplos.

Ademais, assumida a hipótese de que variações menos conhecidas de [só que X_{Adv}] pudessem ser identificadas, revelaram-se construções com intensificador/reforçador, como *só que também não* e *só que não mesmo*, e outras com modalizador, como *só que infelizmente não* e *só que talvez não*, além de *só que jamais*.

Nesse aspecto, sabe-se que o esquema evoca sempre uma afirmação a qual, posteriormente, pode ser tanto negada em diferentes graus de intensidade quanto reiterada. Considerando-se, porém, as construções de contraexpectativa com valor negativo mais especialmente, pôde-se organizar um contínuo escalar de força de negação.

O ponto inicial dessa gradação seria *só que talvez não* – como detentor do grau mínimo de negação – e o ponto final seriam *só que nunca* e *só que jamais* – como igualmente veiculadores do grau máximo de refutação irônica. Em ponto intermediário, estariam, em caráter de igualdade, *só que não* e *só que também não* seguidos de *só que não mesmo*. Nesse mesmo contexto, cabe frisar que tal classificação despreza a construção *só que infelizmente não*, visto que seu intensificador/reforçador não incide sobre a negação, como se pressuporia, mas emite juízo de valor do falante.

Além disso, na medida em que negação e ironia são grandezas diretamente proporcionais, manifestando-se de forma articulada, o mesmo contínuo é válido para a ironia.

Então, como resultado, com base na rede construcional pretendida como objetivo geral, grosso modo pudemos dela extrair o seguinte:

- Há ao menos três esquemas produtivos, a saber,

  (i) **[só que (INT/REF)$_{\text{Adv INC}}$ (MOD)$_{\text{Adv: \{DUV, AVA\}}}$ não (INT/REF)$_{\text{Adv AFI}}$]$_{\text{Iron}}$;**

  (ii) **[só que X$_{\text{Adv TEM NEG}}$]$_{\text{Iron}}$;**

  (iii) **[só que X$_{\text{Adv AFI}}$]$_{\text{Iron}}$.**
- Os advérbios atestados no *slot* X são próximos semanticamente, constituindo categoria coesa, haja vista todos eles dizerem respeito ou à negação, ou à reiteração de determinado conteúdo.
- Ainda que algumas microconstruções sejam pouco frequentes, seu grau de enraizamento é alto, porque seus advérbios demonstram ser relevantes para os propósitos comunicativos do momento ou estão associados a um forte componente emocional.

Saliente-se, por fim, que não tivemos a pretensão de esgotar o assunto. Por esse motivo, esperamos que nossas contribuições sejam somente incipientes, despertando interesse, fomentando reflexões e, quiçá, ganhando extensão. Nessa perspectiva, sugestões de aprofundamento, não obstante já deixadas ao longo do texto, são aqui retomadas como perguntas norteadoras:

- Tendo em vista que [só que X$_{\text{Adv}}$] organiza a interpretação discursiva, em que medida a construção poderia ser interpretada como operador metalinguístico?
- A rede construcional proposta para o português brasileiro se repetiria nas demais comunidades lusófonas? Quais seriam as semelhanças e as dessemelhanças?
- Diacronicamente, seria possível apresentar uma linha cronológica para a emergência de cada uma das ironias construcionais do fenômeno em questão?

Assim sendo, buscamos que nossa compreensão acerca do português brasileiro – e, mais especificamente, acerca da ironia como estratégia linguística enraizada nas interações cotidianas – seja cada vez mais apurada, em virtude do sempre novo “tempo e necessidades dos usos e costumes”, a que bem alude nosso Bruxo do Cosme Velho na epígrafe que dita o tom deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1881. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000167.pdf. Acesso em: 11 abr. 2025.

ATTARDO, S. **Irony markers and functions**: towards a goal-oriented theory of irony and its processing. 2000.

BAR-HILLEL, J. **Aspects of Language**. Jerusalém: Magnes Press; Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1970.

BASSO, R. M. **Descrição do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2019.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BERGH, G. Min(d)ing english language data on the Web: what can Google tell us? **I came Journal**, v. 29, p. 25-46, p. 2005.

BERGS, A. From constructional innovation to linguistic change. **Functions of language**, v. 32, n. 1., 2025.

BERGS, A.; PENTREL, M. Extravagant much? Syntatic creativity because Wayne's World. **English language and linguistics**, v. 29, n. 2, 2025.

BORGES NETO, J. Um capítulo da história da linguística: a semântica gerativa. In: NEGRI, E. V.; FOLTRAN, M. J.; R. P. OLIVEIRA. **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

BRAGA, H.; MÓDOLO, M. "Alto em ironia": no Brasil do absurdo, mais um golpe na linguagem. **Jornal da USP**, São Paulo, 18 set. 2024. Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/alto-em-ironia-no-brasil-do-absurdo-mais-um-golpe-na-linguagem/. Acesso em: 22 jun. 2026.

BURGERS, C. **Verbal irony**: use and effects in written discourse. 2010.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (Eds.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, J. **Frequency of use and the organization of language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford handbook of Construction Grammar**. Cambridge: Oxford University Press, 2013.

CÂMARA JR., J. M. **Ensaios machadianos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CAMARGO, D. W. F. **Uma investigação funcional da construção *só que não* no português escrito.** 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CAMP, E. Sarcasm, pretense, and the semantics/pragmatics distinction. **Nous**, v. 46, n. 4, p. 587-634, 2012.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 44, jan./jun. 2003.

CEZARIO, B.; FERRARI, L. Evidenciais e ponto de vista em uma narrativa wa'ikhana (tukano oriental). **Contexto**, Vitória, n. 39, 2021/1.

CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, 2009.

CLARK, H. H. **Using language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CLARK, H. H.; GERRIG, R. J. On the pretense theory of irony. **Journal of Experimental Psychology**: General, v. 113, n. 1, 1984.

COLEBROOK, C. **Irony**: the new critical idiom. Londres/Nova York: Routledge, 2004.

CONZ, J. **Ironia verbal**: teorias e considerações. 2010. 50 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

COULSON, S. Sarcasm and the space structuring model. In: COULSON, S.; LEWANDOWSKA-TOMASCZYK. (Eds.). **The literal and nonliteral in language and thought**. Lausanne: Peter Lang, 2005.

CUNHA LACERDA, P. F. A. As principais contribuições da abordagem construcional da mudança no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso – evidências a partir de um estudo de caso. In: TENUTA, A. M. T.; COELHO, S. M. (Org.). **Uma abordagem cognitiva da linguagem**: perspectivas teóricas e descritivas. 1 ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2018. p. 181-200.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (Org.). **Funcionalismo linguístico**: diálogos e vertentes. 1. ed. Niterói: Eduff, 2017.

CUTRER, M. **Time and tense in narratives and in everyday language**. 1994. 446 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade da Califórnia, San Diego, 1994.

DANCYGIER, B. **The language of stories**: a cognitive approach. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DANCYGIER, B. Viewpoint phenomena in constructions and discourse. **Glossa**: a journal of general linguistics, Londres, v. 2, n. 37, 2017.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Figurative language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DANCYGIER, B.; VANDELANOTTE, L. Discourse viewpoint as network. In: DANCYGIER, B.; LU, W.; VERHAGEN, A. (Eds.). **Viewpoint and the fabric of meaning**: form and use of viewpoint tools across languages and modalities. Berlim: De Gruyter, 2016.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **O Corpus do Português**: Web/Dialects. 2016.

DUCKTALES REMASTERED. **Steam**, 1989/2013. Disponível em: https://store.steampowered.com/app/237630/DuckTales_Remastered/?l=portuguese. Acesso em: 5 set. 2025.

EMPSON, W. **Seven types of ambiguity**. Londres: Chatto & Windus, 1947.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**: aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge: University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. Spaces, worlds and grammars. **Canadian Journal of Linguistics**, Cambridge, v. 43, n. 2, 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **Conceptual blending and the mind's hidden complexities**. Nova York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G. Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, 2005.

FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FERRARI, L.; AVELAR, M.; GUEDES, G. *WhatsApp*: uma mesclagem multimodal contemporânea. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v. 2, n. 23, 2019.

FERRARI, L; AVELAR, M.; PINHEIRO, D. **Linguística Cognitiva:** O que é? Para onde vai? *[Live]*. Abralin, 25 jun. 2020.

FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. Origins and evolution of language and speech. **Annals New York Academy of Sciences**, Nova York, v. 280, n. 1, 1976.

FILLMORE, C. J. **Frame semantics**. Linguistics in the morning calm. Seul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, Alessandria, v. 6, 1985.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. 1988. **Language**, Nova York, v. 64, n. 3, 1988.

FOOLEN, A.; YAMAGUCHI, T. Perspective: Kawabata's "Beauty and sadness" and its translations into English, German, and Dutch. In: DANCYGIER, B.; LU, W.; VERHAGEN, A. (Eds.). **Viewpoint and the fabric of meaning**: form and use of viewpoint tools across languages and modalities. Berlim: De Gruyter, 2016.

GEERAERTS, D. Where does prototypicality come from? In: RUDZKA-OSTYN, B. (Ed.) **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1988.

GERVASIO, T. L. **Construções #SóQueNão, #SóQueSim e #SóQueNunca à luz da linguística cognitiva.** 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GHOSH, D.; MUSI, E.; UPASANI, K.; MURESA, S. Interpreting verbal irony: linguistic strategies and the connection to the type of semantic incongruity. **Scil**, 2020.

GIBBS, R. W. Jr. **The poetics of mind: Figurative thought, language, and understanding**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

GIBBS, J. C.; POTTER, G.; GOLDSTEIN, A. P. **The EQUIP program**: teaching youth to think and act responsibly through a peer-helping approach. Champaign: Research Press, 1995.

GIORA, R. On irony and negation. **Discourse Processes**, v. 19, 1995.

GIORA, R., FEIN, O.; SCHWARTZ, T. Irony: graded salience and indirect negation. **Metaphor and Symbol**, v. 13, n. 2, p. 83-101, 1998.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S. C. L. Posição de sujeito e objeto em construções complexas subjetivas. **Revista LinguíStica**, Volume Especial, 2016, p. 192-215.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. Tradução de João Wanderley Geraldy. Campinas: Mercado de Letras, 1982.

HAIMAN, J. **Talk is cheap**: sarcasm, alienation, and the evolution of language. Nova York: Oxford University Press, 1998.

HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

HOROWITZ, M. C. **New dictionary of the history of ideas**. Charles Scribner's Sons, 2004.

ILUSÃO. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: UOL, 2026. Disponível em: https://houaiss.online/houaisson/apps/www2/v9-2/html/index.php. Acesso em: 24 jun 2026.

IRANDOUST, H. The past perfect: moving across conceptual spaces. **Cognitive Linguistics**, v. 10, n. 3, p. 279-302, 1999.

IRONIA. In*:* **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: UOL, 2026. Disponível em: https://houaiss.online/houaisson/apps/www2/v9-2/html/index.phpportuguesa. Acesso em: 24 jun 2026.

ISRAEL, M. The way constructions grow. In: GOLDBERG, A. (Ed.). **Conceptual structure, discourse and language**. Stanford: CSLI, 1996.

JAMAIS. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: UOL, 2026. Disponível em: https://houaiss.online/houaisson/apps/www2/v9-2/html/index.php. Acesso em: 25 jun. 2026.

JANZEN, T. Shared spaces, shared mind: connecting past and present viewpoints in American Sign Language narratives. **Cognitive Linguistics**, v. 30, n. 2, 2019.

JOHNSON, M. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

JOHNSON, M. **The meaning of the body**: aesthetics of human understanding. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 2007.

KAROUI, J.; BENAMARA, F.; MORICEAU, V.; PATTI, V.; BOSCO, C.; AUSSENNAC-GILLES, N. Exploring the impact of pragmatic phenomena on irony detection in tweets: a multilingual corpus study. In: **Proceedings of the 15th Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics**: Volume 1, Long Papers, pages 262-272. Valência: Association for Computational Linguistics, 2017.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. **Language**, v. 75, n. 1, 1999.

KIERKEGAARD, S. A. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

KIHARA, Y. The mental space structure of verbal irony. **Cognitive Linguistics**, 2005.

KREUZ, R. J.; GLUCKSBERG, S. How to be sarcastic: the echoic reminder theory of verbal irony. **Journal of Experimental Psychology**: General, v. 118, n. 4, 1989.

KREUZ, R. J.; ROBERTS, R. M. The empirical study of figurative language in literature. **Poetics**, v. 22, n. 1-2, 1993.

KUMON-NAKAMURA, S., GLUCKSBERG, S.; BROWN, M. How about another piece of pie: The allusional pretense theory of discourse irony. **Journal of Experimental Psychology**: General, v. 124, p. 3-21, 1995.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Londres: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought. Nova York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G; TURNER, M. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphor. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. I: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987a.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol. II: Descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1987b.

LANGACKER, R. W. An overview of Cognitive Grammar. In: RUDZKA-OSTYN, B. (Ed.). **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdã: John Benjamins, 1988.

LANGACKER, R. W. Subjetification. **Cognitive linguistics**, v. 1, n. 1, 1990.

LEHMANN, C. About as boring as flossing sharks: cognitive accounts of irony and the family of approximate comparison constructions in American English. **Cognitive linguistics**, v. 32, n. 1, 2021.

LEHMANN, C.; BERGS, A. As if irony was in stock. The case of constructional ironies. **Constructions and Frames**, v. 13, n. 2, 2021.

LONGHIN-TOMAZI, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional "só que"**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MARIAN, J. **Jakub Marian's**. Language learning, science and art, 2024. Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/2684677. Acesso em: 24 jul. 2024.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2018.

MATEOS, G. 10 teorias psicológicas que provam que somos robôs estúpidos. **Hypescience**, 16 de abril de 2015. Disponível em: https://hypescience.com/10-teorias-psicologicas-que-provam-que-somos-robos-estupidos/. Acesso em: 28 fev. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. A regra do jogo. **Globo**, 29 de outubro de 2021. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/a-regra-do-jogo/noticia/a-regra-do-jogo.ghtml. Acesso em: 28 fev. 2025.

MICHAELIS, L. A.; FENG, H. What is this, sarcastic syntax? **Constructions and Frames**, v. 7, n. 2, 148-180, 2015.

NÉ. In: **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: UOL, 2026. Disponível em: https://houaiss.online/houaisson/apps/www2/v9-2/html/index.php. Acesso em: 24 jun. 2026.

NEVES, M. A. G. **Aspectos cognitivos na constituição da ironia.** 2006. 194 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NIEDERHOFF, B. Perspective – Point of view. In: HÜHN, P.; PIER, J.; SCHMID W.; SCHÖNERT, J. (Eds.). **The living handbook of narratology**. Hamburgo: Hamburg University, 2013.

NIKIFORIDOU, K. The constructional underpinnings of viewpoint blends. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Viewpoint in language**: a multimodal perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

OCTETO RACING TEAM, Como surgiu o Octeto Racing Team?. **Octeto Racing Team**. Disponível em: http://www.octetort.com/p/blog-do-octeto.html. Acesso em: 16 abr. 2025.

PEDRO, G. W. **ComentCorpus**: identificação e pistas linguísticas para detecção de ironia no português do Brasil. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

PEREK, F. Recent change in the productivity and schematicity of the *way* construction: a distributional semantic analysis. **Corpus Linguistics and Linguistic Theory**, Berlim, 2016.

PINHEIRO, D. **Curso básico de Gramática de Construções**. São Paulo: Contexto, 2025. 208 p.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, Linguística cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, 2020.

PUTNAM, H. **Reason, truth and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROSA, G. A declaração de amor de Guimarães Rosa a Minas Gerais. **Revista Bula**, mar/2019. Disponível em: https://www.revistabula.com/21511-a-declaracao-de-amor-de-guimaraes-rosa-a-minas-gerais/. Acesso em: 11 abr. 2025.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology**: General, v. 104, n 3, 1975.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: ROSCH, L. (Ed.). **Cognition and Categorization**. Hilsdale: Lawrence Erlbaum, 1978.

ROSCH, E.; MERVIS, C. B. Family resemblances: studies in the internal structure of categories. **Cognitive Psychology**, v. 7. n. 4, 1975.

RUIZ DE MENDOZA, F. J. Cognitive modeling and irony. In: ATHANASIADOU, A.; COLSTON, H. L. (Eds.). **Irony in language use and communication**. Amsterdã: Johns Benjamins Publishing Company, 2017.

RUIZ DE MENDOZA, F. J.; LOZANO-PALACIO, I. A cognitive-linguistic approach to complexity in irony: dissecting the ironic echo. **Metaphor and Symbol**, v. 34, n. 2, 2019a.

RUIZ DE MENDOZA, F. J.; LOZANO-PALACIO, I. Unraveling irony: from linguistics to literary criticism and back. **Cognitive Semantics**, v. 5, n. 1, 2019b.

SANDERS, J. Intertwined voices. Journalists' representation modes of source information in journalistic subgenres. **English Text Construction**, v. 3, n. 2, 2010.

SANTANA, L. **Motivações funcionais da gradação entre construções encaixadas nominais e verbais.** 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

SCHULLE, M. Zelda: Tears of the Kingdom – O que são as rochas que caem do céu. **Critical hits**, 8 jun. 2023. Disponível em: https://criticalhits.com.br/dicas/zelda-tears-of-the-kingdom-o-que-sao-as-rochas-que-caem-do-ceu/. Acesso em: 5 set. 2025.

SEQUEIROS, X. R. **On irony on pragmatics**. [s.d.]. Disponível em: https://semanticsarchive.net/Archive/2Y3Y2VhZ/SequeirosXR.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

SOUZA, E. R. F.; PREZOTTO JÚNIOR, J. R. Graus de esquematicidade das construções verbo-nominais com o verbo "deixar" no português brasileiro. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 34-56, jan./jun. 2017.

SPRONCK, S.; VAN LINDEN, A.; GENTENS, C.; SANSIÑEMA, M.S. Perspective persistence an irregular perspective shift: mismatches in form-function pairings. **Functions of language**, v. 27, ed. 1, 2020.

SWEETSER, E. **Introduction**: viewpoint and perspective in language and gesture, from the Ground down. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Viewpoint in language: a multimodal perspective. New York: Cambridge, 2012.

SWEETSER, E. Creativity across modalities in viewpoint construction. In: BORKENT, M.; DANCYGIER, B.; HINNELL, J. (Eds.). **Language and the creative mind**. Stanford: CSLI Publications, 2013.

SWIFT, J. Modesta proposta. In: SWIFT, J. **Modesta proposta e outros textos satíricos**. São Paulo: Unesp, 2005.

TALMY, R. Lexicalization patterns; semantic structure in lexical form. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**. Cambridge: University Press, 1985. v. 3.

TALMY, R. Force dynamics in language and cognition. **Cognitive Science**, v. 2, p. 49-100, 1998.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Londres: Clarendon Press; Nova York: Oxford University Press, 1995.

TAYLOR, J. **The mental corpus**: how language is represented in the mind. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TEIXEIRA, R. B. S.; PENHA, J. N. Coleta e tratamento de dados n'O Corpus do Português. In: VIERA, M. S. M. (Org.). **Predicar**: uma rede de perspectivas metodológicas. Rio de Janeiro: Blucher Open Access, 2022.

TOBIN, V. Performance, irony and viewpoint in language. In: BLAIR, R.; COOK, A. **Theatre, performance and cognition**: languages, bodies and ecologies. Londres: Bloomsbury Methuen, 2016.

TOBIN, V. Where irony goes: routinization and the collapse of viewpoint configurations. **Chinese Semiotic Studies**, Berlim, 2021, v. 17, n. 2, p. 199-227.

TOBIN, V.; ISRAEL, M. Irony as a viewpoint phenomenon. In: DANCYGIER, B; SWEETSER, E. **Viewpont in language**: a multimodal perspective. Cambridge: University Press, 2012, p. 25-46.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. The MIT Press, 2008.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TURNER, M. Conceptual integration. In: GEERAERTS, D. (Ed.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. Cambridge: Oxford University Press, 2012.

VANDELANOTTE, L. Mister so-called X. Discourse functions and subjectification of so-called. In: BUTLER, C.; HIDALGO DOWNING, R.; LAVID, J. (Ed.). **Functional perspectives on grammar and discourse**. Amsterdã: Johan Benjamins, 2007. p. 359-394.

VANDELANOTTE, L. Changing perspectives: something old, something new. **Pragmatics**, v. 29, n. 2, 2019.

VAN KRIEKEN, K.; SANDERS, J. Diachronic changes in forms and functions of reported discourse in news narratives. **Journal of Pragmatics**, v. 91, 2016, p. 45-59.

VAN KRIEKEN K.; SANDERS, J.; HOEKEN, H. Blended viewpoints, mediated witnesses: a cognitive linguistic approach to news narratives. In: DANCYGIER, B.; LU W-L, V. A. (Ed.). **Viewpoint and the fabric of meaning**: form and use of viewpoint tools across languages and modalities. Berlim: Mouton de Gruyter, 2016, p. 145-168.

VAN KRIEKEN, K.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. **Linguistic and cognitive representation of time and viewpoint in narrative discourse**. Berlim: De Gruyter, 2019.

VEALE, T.; HAO, Y. *Detecting ironic intent in creative comparisons*. In: Coelho, H.; Studer, R.; Wooldridge, M. (Ed.). **Ecai 2010**. 19th European Conference on Artificial Intelligence. Amsterdam: IOS Press BV, 2010.

VIRDEE, D. Backwards time: causal catachresis and its influence on viewpoint flow. **Cognitive Linguistics**, v. 30, n. 2, 2019.

WARKEN, J. Um filme sobre os homens na vida de Elis Regina. **Claudia**, 21 jan. 2020. Disponível em: https://claudia.abril.com.br/cultura/um-filme-sobre-os-homens-na-vida-de-elis-regina/. Acesso em: 13 dez. 2024.

WILSON, D.; SPERBER, D. Teoria da relevância. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 5, n. Especial, p. 221-268, 2005.

WILSON, D.; SPERBER, D. Explaining irony. In: WILSON, D.; SPERBER, D. (Ed). **Meaning and relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 123-145.

ZAZZLE. **Said no one ever**: “Math is fun” poster. 2024.

APÊNDICE A – Extrato completo de busca de *só que ADV* no NOW

A seguir, complementando-se a Figura 11, apresentam-se as telas restantes da busca, que totaliza 160 entradas.

25			SÓ QUE MUITAS	37
26			SÓ QUE SÓ	33
27			SÓ QUE ASSIM	30
28			SÓ QUE DAÍ	27
29			SÓ QUE SEMPRE	26
30			SÓ QUE ENTRETANTO	23
31			SÓ QUE MELHOR	22
32			SÓ QUE MENOS	19
33			SÓ QUE MAL	19
34			SÓ QUE ALI	18
35			SÓ QUE NOVAMENTE	15
36			SÓ QUE TALVEZ	13
37			SÓ QUE QUANTO	13
38			SÓ QUE RAPIDAMENTE	13
39			SÓ QUE NAO	12
40			SÓ QUE ONTEM	11
41			SÓ QUE ATUALMENTE	11
42			SÓ QUE ENTÃO	10
43			SÓ QUE QUASE	9
44			SÓ QUE POUCO	9
45			SÓ QUE NORMALMENTE	9
46			SÓ QUE JUSTAMENTE	8
47			SÓ QUE ULTIMAMENTE	8
48			SÓ QUE AMANHÃ	8
49			SÓ QUE ANTIGAMENTE	7
50			SÓ QUE DAQUI	7
51			SÓ QUE TANTO	7
52			SÓ QUE PROVAVELMENTE	7
53			SÓ QUE ATRAVÉS	7
54			SÓ QUE ONDE	6
55			SÓ QUE REALMENTE	6
56			SÓ QUE SIMPLESMENTE	6
57			SÓ QUE DIFERENTEMENTE	6
58			SÓ QUE JAMAIS	6
59			SÓ QUE AFINAL	6
60			SÓ QUE APARENTEMENTE	6
61			SÓ QUE GERALMENTE	5
62			SÓ QUE PELA	5
63			SÓ QUE JUNTO	5
64			SÓ QUE LONGE	5
65			SÓ QUE PRATICAMENTE	4
66			SÓ QUE TÃO	4
67			SÓ QUE GRAÇAS	4
68			SÓ QUE DIFICILMENTE	4
69			SÓ QUE ATRÁS	4
70			SÓ QUE CEDO	4
71			SÓ QUE CERCA	4
72			SÓ QUE DEPRESSA	3
73			SÓ QUE IGUALMENTE	3
74			SÓ QUE PRIMEIRO	3
75			SÓ QUE RARAMENTE	3
76			SÓ QUE MEIO	3
77			SÓ QUE VERBALMENTE	3
78			SÓ QUE TOTALMENTE	3
79			SÓ QUE PÉSSIMO	2
80			SÓ QUE TARDE	2
81			SÓ QUE SIM	2
82			SÓ QUE SOMENTE	2
83			SÓ QUE RECENTEMENTE	2
84			SÓ QUE REITERADAMENTE	2
85			SÓ QUE FELIZMENTE	2
86			SÓ QUE INFINITAMENTE	2
87			SÓ QUE DEMAIS	2
88			SÓ QUE COMPLETAMENTE	2
89			SÓ QUE ABSOLUTAMENTE	2
90			SÓ QUE ACIDENTALMENTE	1
91			SÓ QUE ACTUALMENTE	1
92			SÓ QUE ABAIXO	1
93			SÓ QUE ALEGADAMENTE	1
94			SÓ QUE ANUALMENTE	1
95			SÓ QUE APROXIMADAMENTE	1
96			SÓ QUE ANTERIORMENTE	1
97			SÓ QUE ALTAMENTE	1
98			SÓ QUE CURIOSAMENTE	1
99			SÓ QUE CÁ	1
100			SÓ QUE CAPRICHOSAMENTE	1
101			SÓ QUE CIENTIFICAMENTE	1
102			SÓ QUE COMERCIALMENTE	1
103			SÓ QUE BASTANTE	1

104			SÓ QUE ARTIFICIALMENTE	1	
105			SÓ QUE DEMASIADO	1	
106			SÓ QUE DEFINITIVAMENTE	1	
107			SÓ QUE DISSO	1	
108			SÓ QUE ENFELIZMENTE	1	
109			SÓ QUE DIARIAMENTE	1	
110			SÓ QUE ESTRANHAMENTE	1	
111			SÓ QUE EVENTUALMENTE	1	
112			SÓ QUE EVIDENTEMENTE	1	
113			SÓ QUE EXCLUSIVAMENTE	1	
114			SÓ QUE EXEMPLARMENTE	1	
115			SÓ QUE EXTERNAMENTE	1	
116			SÓ QUE INFORMALMENTE	1	
117			SÓ QUE INICIALMENTE	1	
118			SÓ QUE INTEGRALMENTE	1	
119			SÓ QUE INTERNAMENTE	1	
120			SÓ QUE INVERSAMENTE	1	
121			SÓ QUE GRADUALMENTE	1	
122			SÓ QUE JUNTAMENTE	1	
123			SÓ QUE FISICAMENTE	1	
124			SÓ QUE FUNDAMENTALMENTE	1	
125			SÓ QUE GLOBALMENTE	1	
126			SÓ QUE IMPRUDENTEMENTE	1	
127			SÓ QUE INCLUSIVE	1	
128			SÓ QUE INDIRETAMENTE	1	
129			SÓ QUE INESPERADAMENTE	1	
130			SÓ QUE SEPARADAMENTE	1	
131			SÓ QUE SERIAMENTE	1	
132			SÓ QUE SUBSTANCIALMENTE	1	
133			SÓ QUE SIMULTANEAMENTE	1	
134			SÓ QUE SINCERAMENTE	1	
135			SÓ QUE ULTRA	1	
136			SÓ QUE PONTO	1	
137			SÓ QUE POSITIVAMENTE	1	
138			SÓ QUE POSTERIORMENTE	1	
139			SÓ QUE PERMANENTEMENTE	1	
140			SÓ QUE OPERACIONALMENTE	1	
141			SÓ QUE PARADOXALMENTE	1	
142			SÓ QUE NÃO	1	
143			SÓ QUE NESSA	1	
144			SÓ QUE NESTE	1	
145			SÓ QUE NON	1	
146			SÓ QUE NATURALMENTE	1	
147			SÓ QUE NÉ	1	
148			SÓ QUE OBJETIVAMENTE	1	
149			SÓ QUE OFICIALMENTE	1	
150			SÓ QUE OFICIOSAMENTE	1	
151			SÓ QUE MATEMATICAMENTE	1	
152			SÓ QUE MODESTAMENTE	1	
153			SÓ QUE MORALMENTE	1	
154			SÓ QUE JURIDICAMENTE	1	
155			SÓ QUE LAMENTAVELMENTE	1	
156			SÓ QUE LEGALMENTE	1	
157			SÓ QUE LENTAMENTE	1	
158			SÓ QUE LITERALMENTE	1	
159			SÓ QUE LOGICAMENTE	1	
160			SÓ QUE VERDADEIRAMENTE	1	
			TOTAL	7640	

1.375 seconds

Fonte: Davies e Ferreira (2016).

APÊNDICE B – Extrato completo de busca de *só que ADV* no Web/Dialetos

A seguir, complementando-se a Figura 15, apresentam-se as telas restantes da busca, que totaliza 272 entradas.

23	SÓ QUE SEMPRE	115		
24	SÓ QUE SÓ	113		
25	SÓ QUE ÀS	105		
26	SÓ QUE MESMO	95		
27	SÓ QUE ASSIM	92		
28	SÓ QUE UM	86		
29	SÓ QUE ENQUANTO	80		
30	SÓ QUE MAL	77		
31	SÓ QUE POR	75		
32	SÓ QUE MUITAS	68		
33	SÓ QUE ONTEM	62		
34	SÓ QUE EM	57		
35	SÓ QUE LOGO	49		
36	SÓ QUE ATÉ	48		
37	SÓ QUE MENOS	46		
38	SÓ QUE APENAS	41		
39	SÓ QUE ENTRETANTO	38		
40	SÓ QUE JA	36		
41	SÓ QUE ULTIMAMENTE	31		
42	SÓ QUE TALVEZ	31		
43	SÓ QUE TANTO	25		
44	SÓ QUE TODA	25		
45	SÓ QUE REALMENTE	25		
46	SÓ QUE ENTÃO	25		
47	SÓ QUE CADA	25		
48	SÓ QUE ALI	22		
49	SÓ QUE NO	22		
50	SÓ QUE PIOR	19		
51	SÓ QUE ATUALMENTE	19		
52	SÓ QUE QUASE	18		
53	SÓ QUE MELHOR	18		
54	SÓ QUE NESSA	17		
55	SÓ QUE ONDE	15		
56	SÓ QUE RECENTEMENTE	15		
57	SÓ QUE ATRAVÉS	15		
58	SÓ QUE AOS	14		
59	SÓ QUE NORMALMENTE	14		
60	SÓ QUE TÃO	14		
61	SÓ QUE SIMPLESMENTE	13		
62	SÓ QUE QUANTO	13		
63	SÓ QUE PRIMEIRO	13		
64	SÓ QUE PELO	12		
65	SÓ QUE A	12		
66	SÓ QUE GERALMENTE	12		
67	SÓ QUE GRAÇAS	11		
68	SÓ QUE DIFERENTEMENTE	11		
69	SÓ QUE OBVIAMENTE	11		
70	SÓ QUE NÉ	11		
71	SÓ QUE SOMENTE	10		
72	SÓ QUE UMA	10		
73	SÓ QUE JAMAIS	10		
74	SÓ QUE CLARO	10		
75	SÓ QUE LONGE	9		
76	SÓ QUE DESDE	9		
77	SÓ QUE PROVAVELMENTE	9		
78	SÓ QUE TAL	8		
79	SÓ QUE FELIZMENTE	8		
80	SÓ QUE COM	8		
81	SÓ QUE À	8		
82	SÓ QUE AFINAL	8		
83	SÓ QUE CÁ	7		
84	SÓ QUE DIFICILMENTE	7		
85	SÓ QUE SIMULTANEAMENTE	7		
86	SÓ QUE SINCERAMENTE	7		
87	SÓ QUE TOTALMENTE	7		
88	SÓ QUE TAMBEM	7		
89	SÓ QUE NA	7		
90	SÓ QUE NESSE	6		
91	SÓ QUE NAO	6		
92	SÓ QUE NOVAMENTE	6		
93	SÓ QUE POUCO	6		
94	SÓ QUE TODO	6		
95	SÓ QUE SE	6		

96			SÓ QUE É	6	I
97			SÓ QUE EXATAMENTE	6	I
98			SÓ QUE CONFORME	6	I
99			SÓ QUE ALÉM	6	I
100			SÓ QUE ACTUALMENTE	6	I
101			SÓ QUE APARENTEMENTE	6	I
102			SÓ QUE ANTIGAMENTE	6	I
103			SÓ QUE AMANHÃ	6	I
104			SÓ QUE ENFIM	5	I
105			SÓ QUE NADA	5	I
106			SÓ QUE ONLINE	4	I
107			SÓ QUE PARA	4	I
108			SÓ QUE POLITICAMENTE	4	I
109			SÓ QUE NEGATIVAMENTE	4	I
110			SÓ QUE PELA	4	I
111			SÓ QUE PESSOALMENTE	4	I
112			SÓ QUE RADICALMENTE	4	I
113			SÓ QUE RARAMENTE	4	I
114			SÓ QUE SUPER	4	I
115			SÓ QUE JUNTO	4	I
116			SÓ QUE JUSTAMENTE	4	I
117			SÓ QUE ALEM	4	I
118			SÓ QUE CERTAMENTE	4	I
119			SÓ QUE DENTRO	4	I
120			SÓ QUE DEFINITIVAMENTE	3	I
121			SÓ QUE APOS	3	I
122			SÓ QUE ATRÁS	3	I
123			SÓ QUE LAMENTAVELMENTE	3	I
124			SÓ QUE INVERSAMENTE	3	I
125			SÓ QUE MEIO	3	I
126			SÓ QUE IMEDIATAMENTE	3	I
127			SÓ QUE INICIALMENTE	3	I
128			SÓ QUE INFELIZEMENTE	3	I
129			SÓ QUE SO	3	I
130			SÓ QUE PRINCIPALMENTE	3	I
131			SÓ QUE PELOS	3	I
132			SÓ QUE PRATICAMENTE	3	I
133			SÓ QUE PORÉM	3	I
134			SÓ QUE PORQUE	3	I
135			SÓ QUE NUM	3	I
136			SÓ QUE NATURALMENTE	3	I
137			SÓ QUE NESTA	3	I
138			SÓ QUE ORIGINALMENTE	2	I
139			SÓ QUE POSITIVAMENTE	2	I
140			SÓ QUE PRECISAMENTE	2	I
141			SÓ QUE PRIMEIRAMENTE	2	I
142			SÓ QUE RAPIDAMENTE	2	I
143			SÓ QUE SEGUNDO	2	I
144			SÓ QUE SIM	2	I
145			SÓ QUE TODOS	2	I
146			SÓ QUE TEORICAMENTE	2	I
147			SÓ QUE TAMPOUCO	2	I
148			SÓ QUE VOLTA	2	I
149			SÓ QUE INVARIAVELMENTE	2	I
150			SÓ QUE INDIRETAMENTE	2	I
151			SÓ QUE INDIVIDUALMENTE	2	I
152			SÓ QUE IGUALMENTE	2	I
153			SÓ QUE INVERTIDAMENTE	2	I
154			SÓ QUE DISFARÇADAMENTE	2	I
155			SÓ QUE DIRETAMENTE	2	I
156			SÓ QUE ESTRANHAMENTE	2	I
157			SÓ QUE FINALMENTE	2	I
158			SÓ QUE ESPECIALMENTE	2	I
159			SÓ QUE ALTAMENTE	2	I
160			SÓ QUE ADICIONALMENTE	2	I
161			SÓ QUE DA	2	I
162			SÓ QUE DAÍ	2	I
163			SÓ QUE DEPRESSA	2	I
164			SÓ QUE DEVIDAMENTE	2	I
165			SÓ QUE DIARIAMENTE	2	I
166			SÓ QUE COINCIDENTEMENTE	2	I
167			SÓ QUE CEDO	2	I
168			SÓ QUE CONTRA	2	I

169			SÓ QUE CRONOLOGICAMENTE	1	I
170			SÓ QUE CONSECUTIVAMENTE	1	I
171			SÓ QUE CONSTANTEMENTE	1	I
172			SÓ QUE CONCERTEZA	1	I
173			SÓ QUE CERCA	1	I
174			SÓ QUE CLARAMENTE	1	I
175			SÓ QUE DEVAGARINHO	1	I
176			SÓ QUE DEPÓIS	1	I
177			SÓ QUE DAQUELE	1	I
178			SÓ QUE DAQUI	1	I
179			SÓ QUE DELICADAMENTE	1	I
180			SÓ QUE DEMAIS	1	I
181			SÓ QUE DECERTO	1	I
182			SÓ QUE AGÓRA	1	I
183			SÓ QUE ABERTAMENTE	1	I
184			SÓ QUE ACIDENTALMENTE	1	I
185			SÓ QUE ALTERNATIVAMENTE	1	I
186			SÓ QUE ALGO	1	I
187			SÓ QUE ALGURES	1	I
188			SÓ QUE ATRAVES	1	I
189			SÓ QUE BAIXO	1	I
190			SÓ QUE BASTANTE	1	I
191			SÓ QUE ATABALHOADAMENTE	1	I
192			SÓ QUE ANTERIORMENTE	1	I
193			SÓ QUE ANUALMENTE	1	I
194			SÓ QUE ESPECIFICAMENTE	1	I
195			SÓ QUE ESTATISTICAMENTE	1	I
196			SÓ QUE GRATUITAMENTE	1	I
197			SÓ QUE FINANCEIRAMENTE	1	I
198			SÓ QUE FLAGRANTEMENTE	1	I
199			SÓ QUE FOI	1	I
200			SÓ QUE FUTURAMENTE	1	I
201			SÓ QUE ESTRATOSFÉRICAMENTE	1	I
202			SÓ QUE ETERICAMENTE	1	I
203			SÓ QUE EVENTUALMENTE	1	I
204			SÓ QUE EVIDENTEMENTE	1	I
205			SÓ QUE EXCLUSIVAMENTE	1	I
206			SÓ QUE EXTREMAMENTE	1	I
207			SÓ QUE FAVORAVELMENTE	1	I
208			SÓ QUE DISCRETAMENTE	1	I
209			SÓ QUE DIGNAMENTE	1	I
210			SÓ QUE ECONOMICAMENTE	1	I
211			SÓ QUE EFECTIVAMENTE	1	I
212			SÓ QUE EIS	1	I
213			SÓ QUE ELETRONICAMENTE	1	I
214			SÓ QUE DORAVANTE	1	I
215			SÓ QUE ESPACIALMENTE	1	I
216			SÓ QUE LOUCAMENTE	1	I
217			SÓ QUE MATEMATICAMENTE	1	I
218			SÓ QUE LEGALMENTE	1	I
219			SÓ QUE LENTAMENTE	1	I
220			SÓ QUE LEVEMENTE	1	I
221			SÓ QUE LIGEIRAMENTE	1	I
222			SÓ QUE LOGICAMENTE	1	I
223			SÓ QUE HOLOGRAFICAMENTE	1	I
224			SÓ QUE HUMANAMENTE	1	I
225			SÓ QUE IMPLICITAMENTE	1	I
226			SÓ QUE INCOMPREENSIVELMENTE	1	I
227			SÓ QUE INCONSCIENTEMENTE	1	I
228			SÓ QUE INCOSCIENTEMENTE	1	I
229			SÓ QUE INCURAVELMENTE	1	I
230			SÓ QUE INEXPLICAVELMENTE	1	I
231			SÓ QUE INFINITAMENTE	1	I
232			SÓ QUE INTELECTUALMENTE	1	I
233			SÓ QUE VERBALMENTE	1	I
234			SÓ QUE VERDADEIRAMENTE	1	I
235			SÓ QUE VERTICALMENTE	1	I
236			SÓ QUE VEZ	1	I
237			SÓ QUE VIRTUALMENTE	1	I
238			SÓ QUE TAM	1	I
239			SÓ QUE TARDE	1	I
240			SÓ QUE TECNOLOGICAMENTE	1	I
241			SÓ QUE TEMPORARIAMENTE	1	I

242			SÓ QUE TIMIDAMENTE	1	
243			SÓ QUE TODAS	1	
244			SÓ QUE TRISTEMENTE	1	
245			SÓ QUE SUPERFICIALMENTE	1	
246			SÓ QUE SOCIALMENTE	1	
247			SÓ QUE SEPARADAMENTE	1	
248			SÓ QUE SEQUER	1	
249			SÓ QUE SEJA	1	
250			SÓ QUE RECEM	1	
251			SÓ QUE REALISTICAMENTE	1	
252			SÓ QUE RELATIVAMENTE	1	
253			SÓ QUE RESERVADAMENTE	1	
254			SÓ QUE RETROACTIVAMENTE	1	
255			SÓ QUE SABIDAMENTE	1	
256			SÓ QUE PROPORCIONALMENTE	1	
257			SÓ QUE QUALITATIVAMENTE	1	
258			SÓ QUE PRESENTEMENTE	1	
259			SÓ QUE PREVIAMENTE	1	
260			SÓ QUE POUCAS	1	
261			SÓ QUE PERMANENTEMENTE	1	
262			SÓ QUE PÉSSIMA	1	
263			SÓ QUE PÉSSIMO	1	
264			SÓ QUE PACIFICAMENTE	1	
265			SÓ QUE PARADOXALMENTE	1	
266			SÓ QUE PARCIALMENTE	1	
267			SÓ QUE PARTICULARMENTE	1	
268			SÓ QUE NECESSARIAMENTE	1	
269			SÓ QUE OFENSIVAMENTE	1	
270			SÓ QUE NATIVAMENTE	1	
271			SÓ QUE MENTALMENTE	1	
272			SÓ QUE MODESTAMENTE	1	
			TOTAL	14665	
					0.906 seconds

Fonte: Davies e Ferreira (2016).